

**CARLA PONTES DONNAMARIA**

**EXPERIÊNCIAS DE ATENDIMENTO  
PSICOLÓGICO GRUPAL VIA INTERNET:  
UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

**PUC-CAMPINAS**

**2013**

**CARLA PONTES DONNAMARIA**

**EXPERIÊNCIAS DE ATENDIMENTO  
PSICOLÓGICO GRUPAL VIA INTERNET:  
UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Antonios Terzis

**PUC-CAMPINAS**

**2013**

## Ficha Catalográfica

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

t157.9  
D685e

Donnamaria, Carla Pontes.  
Experiências de atendimento psicológico grupal via Internet: uma perspectiva psicanalítica / Carla Pontes Donnamaria. – Campinas: PUC-Campinas, 2013.  
198p.

Orientador: Antonio Terzis.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicologia clínica. 2. Internet na psicoterapia. 3. Internet (Redes de computação) - Aspectos psicológicos. 4. Psicoterapia. I. Terzis, Antonio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

**CARLA PONTES DONNAMARIA**

**EXPERIÊNCIAS DE ATENDIMENTO  
PSICOLÓGICO GRUPAL VIA INTERNET:  
UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof. Dr. Antonios Terzis



Prof. Dra. Maria Adelina Biondi Guanais



Prof. Dra. Sonia Regina Fiorim Emuno



Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos



Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

**PUC-CAMPINAS**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

*Quero expressar meus profundos agradecimentos a todos aqueles que contribuíram de formas variadas e em diferentes níveis ao longo do desenvolvimento dos trabalhos que culminaram na conclusão deste Doutorado. Agradeço ao meu orientador, Antonios Terzis, pela disposição em compartilhar sua sabedoria e inteligência e pela confiança que depositou em mim desde o Mestrado.*

*Um agradecimento especial à minha querida amiga Fátima Regina Mibach do Nascimento, pelas palavras serenas nos momentos certos, e pela excepcional ajuda na leitura e revisão do texto, contribuindo, e muito, para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível.*

*Aos Professores Manoel Antônio dos Santos, Leopoldo Fulgêncio e Carmen Fabriani, pelos valiosos questionamentos e contribuições na ocasião do Exame de Qualificação.*

*Aos meus colegas do grupo de pesquisa Psicanálise e Grupalidade, pelos momentos e conhecimentos partilhados, em especial às amigas Cybele Carolina Moretto, pelo apoio mútuo e incentivo, e Letícia Kancelkis Porta, pela experiência que me transmitiu e pela ajuda sempre disponível.*

*Aos Professores Isabel Cristina Dib Bariani e Nilton Júlio de Faria, por permitirem que eu pudesse cumprir o meu estágio de docência em suas disciplinas.*

*À Dra. Vania Alves por me ajudar a compreender o turbilhão de emoções que este desafio despertou em mim e me possibilitou um espaço para reflexão e ressignificação desse momento, não só acadêmico e profissional, mas, sobretudo de crescimento pessoal.*

*Ao meu amado esposo, Celso Henrique Pereira, pessoa que me inspira com sua disposição e perseverança na superação dos desafios, e por toda sua paciência, compreensão e incentivo durante todo esse percurso.*

*À minha filha, Caroline, estímulo constante para este e outros trabalhos.*

*Aos meus pais, Maria Aparecida Pontes Donnamaria e Pasqualino Donnamaria, por todo apoio, desde sempre.*

*Aos meus irmãos, Lino, Sérgio e Celina; aos meus cunhados, Ivete e Manoel, por toda ajuda, e ao meu sobrinho, João, com a sua alegria.*

*Aos demais familiares e amigos, por compreenderem minhas ausências.*

*À Eliane, Elaine e Amélia, Secretárias da Pós-Graduação da PUC-Campinas, pela colaboração.*

*À CAPES, pelo apoio financeiro.*

*Um agradecimento mais que especial às pessoas que participaram deste estudo, compartilhando uma parcela da imensa riqueza de seu mundo interior, e tornando essa tese possível.*

*Aos membros da banca examinadora, por aceitarem o convite, como também pelas críticas e sugestões que contribuirão para o enriquecimento deste trabalho.*

*“DAS UTOPIAS*

*Se as coisas são inatingíveis... ora!*

*Não é motivo para não querê-las...*

*Que tristes os caminhos, se não fora*

*A presença distante das estrelas”*

*(Mário Quintana)*

## SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
Resumen	iii
Apresentação	iv
<b>1 – Introdução</b>	<b>01</b>
1. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores.	02
2. Contextualizando o atendimento psicológico online.	09
3. Aspectos éticos e legais do atendimento psicológico realizado por meios tecnológicos de comunicação à distância.	23
4. A questão do grupo.	29
<b>2 – Objetivos</b>	<b>38</b>
<b>3 – Método</b>	<b>40</b>
1. Participantes	42
2. Instrumento	43
3. Suporte Material	44
4. Procedimento	44
5. Análise do Material	46
<b>4 – Resultados e Discussão</b>	<b>51</b>
<b>4.1. Da divulgação do estudo à composição dos grupos</b>	<b>50</b>
<b>4.2. Grupo A</b>	<b>52</b>
Primeira Sessão	53
Segunda Sessão	61
Terceira Sessão	71
Quarta Sessão	75
Quinta Sessão	85
Sexta Sessão	95
Sétima Sessão	101
Oitava Sessão	111
Nona Sessão	122
Décima Sessão	136
Vigésima quarta Sessão	143
<b>4.3. Grupo B</b>	<b>149</b>
Primeira Sessão	150
Segunda Sessão	155
Terceira Sessão	156
Oitava Sessão	160
Nona Sessão	163

Impressões Pessoais da Pesquisadora	171
<b>Conclusões</b>	173
<b>Referências</b>	176
<b>Apêndices</b>	188
Apêndice A	189
Apêndice B	190
Apêndice C	191



## RESUMO

DONNAMARIA, C.P. *Experiências de atendimento psicológico grupal via internet: uma perspectiva psicanalítica*. 2013. 198 f Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, SP, 2013.

O emprego das novas tecnologias, sobretudo da Internet, na oferta de atendimento psicológico à distância tem se expandido aceleradamente nos últimos anos. Não havendo uma expansão correlata de estudos sobre o assunto, a prática é regulamentada no país com restrições. A presente pesquisa teve por objetivo investigar e analisar, sob uma perspectiva psicanalítica, experiências de atendimento psicológico à distância na modalidade de grupo, em comunicação via Internet, em tempo real, por vídeo e voz. Dentre os objetivos específicos: descrever, a partir do enunciado da regra psicanalítica fundamental (associação livre), as incidências da configuração de grupo à distância sobre as associações e os seus processos psíquicos, e alcançar uma compreensão acerca das potencialidades do grupo online de se constituir em um dispositivo terapêutico efetivo para sensibilizá-lo de seus processos psíquicos inconscientes. Foram compostos dois grupos, reunindo até cinco participantes cada um, para a realização de vinte e quatro sessões, em frequência semanal de uma hora e trinta minutos, que aconteceram entre os meses de abril a outubro de 2011. O quadro geral evidencia que a dinâmica grupal online reproduz muitas das vicissitudes da dinâmica grupal presencial, incluindo a mobilização de seus participantes pela busca de uma identidade inicialmente indiferenciada, pelo reinvestimento nesse estado cada vez que o grupo lidava com alterações em sua configuração, pelos incômodos diante dos silêncios mais constantes, pela transformação de problemas pessoais em problemas de grupo, instaurando e fortalecendo sentimentos de vínculo, e pela abertura de um espaço para a ressignificação dos problemas vividos. Concluiu-se que o grupo online pode constituir um espaço terapêutico efetivo, não obstante algumas limitações e diferenciações, igualmente discutidas neste trabalho.

Termos de indexação: Psicologia e Informática; Terapia online; Grupos; Psicanálise.

## ABSTRACT

DONNAMARIA, C.P. *Experiences of psychological group via internet: a psychoanalytic perspective*. 2013. 198 f Thesis (Doctorate in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, SP, 2013.

The use of new technologies, especially the Internet, in the provision of psychological service at a distance has expanded rapidly in recent years. Since there is not a similar expansion of studies related to this subject, the practice is recognized with restrictions in Brazil. The aim of the present study was to investigate and analyze, under a psychoanalytic perspective, experiences in online psychological service in group modality via Internet in real-time using voice and video. The specific objectives are: to describe from the application of the fundamental psychoanalytic rule (free association), the effect of setting group at a distance over the associations and their psychic processes, and achieve an understanding of the potential of the online group to constitute an effective therapeutic device to sensitize them of their unconscious psychic processes. Two groups were formed, each group brought together up to five participants to conduct twenty four weekly sessions of one hour and thirty minutes, which took place between the months of April to October 2011. The results show that the online group dynamics reproduces many of the vicissitudes of presential group dynamics, including the mobilization of its members for the search for an initially undifferentiated identity, for reinvestment in this state every time the group suffered with changes on its configuration, the nuisances with more constant silences, by transforming personal problems into group problems, establishing and reinforcing bond feelings, and by opening up a space to reframe the problems experienced. It was concluded that the online group can be an effective therapeutic space, despite some limitations and differences, also discussed in this work.

Indexing terms: Psychology and Computing; Therapy online; Groups; Psychoanalysis.

## RESUMEN

DONNAMARIA, C.P. *Experiencias de atención psicológica grupal por Internet: una perspectiva psicoanalítica*. 2013. 198 f Thesis (Doctorate in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, S.P., 2013.

El uso de las nuevas tecnologías, y especialmente Internet, en la oferta de atención psicológica a distancia se ha expandido rápidamente en los últimos años. Debido a la ausencia de una ampliación de estudios relacionados con el tema, la práctica es reconocida en Brasil con restricciones. El presente estudio tuvo como objetivo investigar y analizar, desde una perspectiva psicoanalítica, experiencias de atención psicológica en la modalidad grupal por Internet en tiempo real por voz e video. Entre los objetivos específicos: describir, desde la aplicación de la regla fundamental psicoanalítica (asociación libre), el efecto de la configuración de grupo a distancia en las asociaciones y sus procesos psíquicos, y lograr una comprensión de la posibilidad del grupo online constituir un dispositivo terapéutico eficaz para sensibilizarlo de sus procesos psíquicos inconscientes. Se formaron dos grupos, que reunieron hasta cinco participantes cada uno para llevar a cabo sesiones semanales de una hora y treinta minutos, que tuvo lugar entre los meses de abril a octubre de 2011. El panorama general muestra que la dinámica de grupo online reproduce muchas de las vicisitudes del grupo cara a cara, incluyendo la movilización de sus miembros por la búsqueda de una identidad inicialmente no diferenciada, por la la reinversión en este estado cada vez que el grupo enfrentaba cambios en su configuración, por el malestar con los silencios más constantes, por la transformación de los problemas personales en problemas de grupo, por lo establecimiento y fortalecimiento de los sentimientos de vínculo, y por la apertura de un espacio para la re-significación de los problemas vividos. Se concluyó que el grupo online puede ser un espacio terapéutico eficaz, a pesar de algunas limitaciones y diferencias, también analizadas en este trabajo.

Términos para indexación: Psicología e Informática; Terapia online; Grupos; Psicoanálisis.

## APRESENTAÇÃO

A despeito da carência de literatura ou pesquisas sobre a temática dos atendimentos psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância no país, e das conseqüentes restrições à modalidade, promulgadas pelo Conselho Federal de Psicologia, é grande a quantidade de serviços de finalidade terapêutica ofertados na Web. Queiramos ou não incorporá-los à nossa prática profissional, não cabe mais ignorarmos o assunto nem refutarmos essa realidade com base em concepções adquiridas em outro contexto. Foi com esse pensamento que cheguei à escolha desse tema.

Devo dizer que não é a primeira vez que me volto às questões sobre os relacionamentos humanos mediados por computadores. No Mestrado (Donnamaria, 2008), tive a oportunidade de entrevistar casais cujos vínculos originaram-se de relacionamentos virtuais, sob o intuito de mostrar à comunidade científica que a ideia de irrealidade e de efemeridade dos relacionamentos originados do ciberespaço, defendida por alguns intelectuais à época, não podia ser generalizada. Durante esse percurso, deparei-me com o tema da terapia online por meio de artigos que versavam sobre os relacionamentos virtuais de maneira mais ampla. Minha primeira reação foi de estranhamento. Como conceber a ideia de que um encontro terapêutico poderia prescindir da presença física? Os primeiros resultados da minha pesquisa com os casais indicavam, afinal, que a constituição do vínculo culminava com a presença física. De todo modo, eu quis ainda buscar outras referências mais específicas sobre este novo assunto. Constatei a predominância das produções internacionais, todas apresentando resultados favoráveis, e quase nenhuma de natureza qualitativa. Estava, assim, definido meu novo objeto de pesquisa.

A partir da escolha da modalidade grupal para esta realização, encontrei outro semelhante trabalho que estava prestes a ser introduzido na Argentina, sob a coordenação do psicanalista Carlos Pachuk. Tornei-me voluntária no projeto, tendo o privilégio, durante todo o período da pesquisa, de ocupar os dois lados da experiência. Não tenho dúvidas da importância que isso teve para as minhas reflexões a respeito do tema.

Apresento a pesquisa da seguinte forma:

Inicialmente exponho algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores, trazendo um panorama geral sobre o desenvolvimento da Internet e do seu uso nesse âmbito. Em seguida, apresento uma contextualização do atendimento psicológico à distância, as questões legais e éticas envolvidas e uma explanação acerca das peculiaridades do trabalho terapêutico de grupo. Na sequência, exponho os objetivos do trabalho, apresento a metodologia utilizada e a maneira como o material produzido foi analisado. Apresento, então, o grupo A, suas dez primeiras sessões e a última, com suas respectivas análises. Após, apresento o grupo B, destacando algumas formulações psíquicas que marcam a evolução desse grupo. A seguir, apresento as minhas impressões. Finalizo formulando as conclusões obtidas.

## 1. INTRODUÇÃO

---

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores

Após quase duas décadas da inauguração da Internet comercial no Brasil, os seus efeitos sobre os relacionamentos humanos continuam a ser alvo de muitas discussões. O presente capítulo tece algumas considerações sobre o desenvolvimento da Internet e das relações mediadas por computadores.

A *Interconnected Networks*, ou Internet, surgiu na década de 1960 pelas forças militares americanas, a partir de um projeto que visava a criação de um tipo de comunicação descentralizada e com múltiplas direções. Na década seguinte, ainda sob caráter militar, o governo norte-americano investiu no desenvolvimento do novo sistema em meios acadêmicos. Nos anos oitenta, a comunidade científica criou uma rede própria e a Internet se estendeu a âmbitos extramilitares. Passou ao uso comum na década de 1990, expandindo-se para outras partes do mundo de maneira rápida e progressiva (Guillén et al., 2001).

É o ano de 1995, entretanto, que marcou a origem da Internet tal como a conhecemos hoje. Como diz Vieira (2003):

O ano de 1995 pode ser considerado o marco-zero da Internet comercial no Brasil e no mundo. Foi quando surgiram nos Estados Unidos alguns dos mais importantes nomes da Internet, como o site de busca *Yahoo!* e a livraria *Amazon.com*, além dos primeiros protagonistas da Web brasileira (p. 11).

As possibilidades que a Internet traz para o campo da comunicação e das relações humanas não chegam a ser uma novidade absoluta. Como diz Lévy (2005), “a comunicação continua, com o digital, um movimento de virtualização iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, a televisão e o telefone” (p. 49). Por outro lado:

Apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que membros de um grupo humano (que podem ser tantos quanto se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em

tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários (Lévy, 2005, p. 49).

A rapidez e a facilidade de acesso a qualquer tipo de informação, bem como a velocidade na emissão e recepção de mensagens e documentos impulsionou a venda de computadores no país, acompanhada pelo aumento de consumo de linhas telefônicas – meio de conexão da Internet nos seus primeiros anos. Imediatamente, instituições financeiras, os diferentes meios de comunicação impressa, e uma diversidade de negócios e serviços foram adotando suas versões digitais, acelerando “uma virtualização geral da economia e da sociedade” (Lévy, 2005, p. 49).

Fazer compras, cursos, divertir-se, reconectar-se com velhos amigos, fazer amizades e até namorar estão entre as ações envolvendo contato humano que ganharam suas versões online. Conforme constatam Otero e Fuks (2012), a rede mundial de computadores traz inovações que “penetram de forma contundente a cultura e a subjetividade dos que vivem no século XXI” (p. 194). De fato, mais do que uma simples ferramenta, a Internet se transforma em um novo espaço para realizações, um espaço não territorial, projetado na tela do computador, dissipando as distâncias físicas e sociais e contando com um número cada vez maior de internautas<sup>1</sup>.

Tanta inovação trouxe dúvidas e suscitou diferentes reações, variando entre uma postura de aceitação entusiástica e a sua contrapartida conservadora, que chegou a apostar no desaparecimento dos espaços de diálogo e no fim da vida comunitária clássica (Marcondes Filho, 2001). Pessoas que já teriam optado por evitar os computadores por acreditarem que essas máquinas fossem investidas de algum tipo de animismo, teriam se voltado também contra a Internet (Asch, 1991; Brottman, 2012).

Dentre as projeções mais pessimistas, acreditou-se que, com a Internet, as publicações de papel diminuiriam e os livros ficariam inacessíveis de tão caros, o que resultaria num aumento da massa de ignorantes. Pessoas se afastariam do convívio social e familiar para se dedicar a uma Internet viciante, produtora de uma realidade falsa e ilusória (Nogueira, 1998).

---

<sup>1</sup> Segundo dados publicados no IDGNow (2012), o número total de internautas no Brasil atingiu 79,9 milhões no quarto trimestre de 2011, sendo que o crescimento foi de 2% sobre o mesmo período de 2010 e de 19% em relação a 2009.



Os primeiros intelectuais dedicados a refletir sobre as possíveis consequências subjetivas do uso da Internet concentraram-se especialmente sobre os possíveis efeitos nocivos de seu uso, no que dizia respeito aos relacionamentos humanos.

Para Baudrillard (1997), por exemplo, a Internet cria uma realidade falsa, que cega e confunde os sujeitos, que ficam imersos em um mundo caótico e sem sentido. Birman (1997), considerando que a comunicação a distância contribui para a ausência do contato físico, alerta para o risco do uso solitário e patológico da Rede, capaz de incentivar formas maquínicas e desafetadas de relacionamentos. Seguindo uma linha similar de pensamento, Bauman (2004) enfatiza a contribuição da Internet para a fragilidade e volatilidade dos relacionamentos interpessoais, argumentando que os relacionamentos “descartáveis”, “frágeis” e “superficiais” no mundo pós-moderno seriam decorrentes de modelos frívolos dos relacionamentos virtuais.

Infelizmente, a Internet também pode trazer prejuízos. Abreu et al. (2008) mostram o quão algumas pessoas se tornam dependentes da tecnologia, ao ponto de abandonarem a vida social pela necessidade de se manterem conectadas, e experimentarem intenso sofrimento quando o acesso é dificultado. No entanto, compartilhamos da opinião de Nicolaci-da-Costa (2003) de que a mídia se excedeu nos primeiros anos na ênfase dada ao uso nocivo da Internet, como se comportamentos patológicos, depressão, isolamento, sequestros, prostituição de menores, pornografia, invasão de privacidade e outros, não existissem antes da nova tecnologia, e fossem por ela criados. Como diz Bettini (2002), “a forma de se vincular e de se ter atitudes na Internet pode ser um reflexo de como o homem experimenta seu dia-a-dia” (p. 164).

E ainda que a preocupação com os prejuízos que sua utilização pode trazer para o sujeito seja pertinente, Nicolaci-da-Costa (2006) ressalta que sentimentos de estranheza à Internet deveram-se ao medo daquilo que é novo. Segundo a autora, quando surgiu a telefonia fixa houve semelhante temor de que o telefone pudesse gerar rupturas na vida familiar e social, que causaria afastamento físico e tornaria as pessoas preguiçosas. A mesma comoção não ocorreu com o advento dos celulares pelo fato de estes serem usados “dentro do modelo dialógico que sempre caracterizou o uso da telefonia fixa”. Além

disso, “tal como no caso dos telefones fixos, os celulares são maciçamente utilizados para interações (de voz ou texto) entre familiares, amigos e conhecidos” (p. 24).

Existem, ainda, registros de que, no século XV, o advento da imprensa por Gutenberg teria suscitado pressentimentos de que a facilidade de acesso aos livros promoveria a preguiça intelectual. Marcondes Filho (2001) também lembra que na construção das primeiras estradas de ferro não faltavam aqueles que teorizavam sobre os perigos da fumaça nos túneis, que iria pôr em risco a saúde das pessoas. Hoje podemos constatar que nenhum dos prenúncios se confirmou, assim como podemos observar que, passadas quase duas décadas, a Internet não acabou com os livros nem com a imprensa de papel e nem todas as pessoas se tornaram dependentes da Rede.

Vale comentar outro importante equívoco até hoje muito presente na argumentação daqueles que refutam o uso da Internet para o estabelecimento de relações humanas. Trata-se da noção de virtual, como algo necessariamente irreal. De fato, a palavra virtual pode ser usada para falar daquilo que existe apenas em potência ou como faculdade, e não como realidade ou como efeito real (Houaiss, 2011). O virtual da Internet, entretanto, provém do sentido técnico do termo aplicado à informática. Explica Lévy (2005):

Os códigos de computador inscritos nos disquetes ou discos rígidos dos computadores – invisíveis, facilmente copiáveis ou transferíveis, de um nó a outro da rede – são quase virtuais, visto que são quase independentes de coordenadas espaço-temporais determinadas. No centro das redes digitais, **a informação certamente se encontra fisicamente situada** [negrito nosso] em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está *virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida*. A informação digital (traduzida para 0 e 1) pode também ser qualificada de virtual na medida em que é inacessível enquanto tal ao ser humano. Só podemos tomar conhecimento direto de *sua atualização* por meio de alguma forma de exibição (p. 48).

A partir desse sentido técnico, o termo virtual passou a ser empregado para referir tudo o que passa na Internet. Dessa forma, qualquer relacionamento entre dois ou mais humanos que tivesse um computador como

mediador, passou a ser chamado de relacionamento virtual. E a partir daí, as críticas embasadas em um conceito equivocado.

Ainda que falsos e mentirosos também circulem pela Internet, nenhum relacionamento é falso ou ilusório apenas pelo fato de se realizar via Internet. Como diz Lévy (2005) “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (p. 47).

Em acordo com essa concepção, é possível dizer que um sistema de comunicação gera uma *virtualidade real* quando:

Esse sistema captura a realidade (a existência material/simbólica das pessoas) e a submerge a um enquadre virtual, no qual as experiências não são somente imagens ou símbolos na tela através dos quais se comunica a experiência se não que vem da experiência mesma (Finquelievich, 1998, p. 2).

Não por acaso, o termo virtual parece vir caindo em desuso nas referências aos relacionamentos mediados pela Internet, sendo substituído pelas expressões *on-line* e *à distância*. Isso, a nosso ver, expressa uma conscientização de que pessoas reais se encontram e se afetam no ciberespaço, cada qual com seu computador, independentemente do lugar físico onde cada uma delas esteja.

Um relacionamento mediado pelo computador poderá ainda ser chamado de virtual desde que se tenha em conta a concepção de que “o virtual existe sem estar presente” (Lévy, 2005, p. 49), aceitando a ideia do relacionamento virtual como aquele que diz do encontro entre duas ou mais pessoas por meios tecnológicos de comunicação, sem confundi-lo com o sentido do irreal, esse mais adequadamente aplicado aos jogos eletrônicos e a outros simuladores de realidade, igualmente presentes na Internet.

Existe um senso comum de que a Internet desinibe as pessoas, e há quem acredite que isso poderia, inclusive, favorecer a terapia mediada pelo computador. Sugerindo esse efeito de desinibição, Suler (2001b) comenta uma experiência online com um grupo de supervisão clínica, na qual os terapeutas teriam discutido os seus trabalhos assim como as suas reações contratransferenciais de forma mais livre, comparando com outras supervisões presenciais.

Para Suler (2004), o *anonimato*, a *assincronicidade* na comunicação, e a *minimização da autoridade* – decorrente da ausência dos indícios de *status*, favorecendo um sentimento de igualdade entre os internautas - estão entre os fatores que contribuem para a desinibição online. Para Weinberg (2001), estar no próprio ambiente, na própria casa, pode ser um fator de desinibição, favorecida pela sensação de proteção e de controle sobre o instrumento de mediação.

Justiça (2005) refere a experiência em que alunos de um curso regular de Ensino Médio, para os quais ela lecionava as disciplinas de Filosofia e Psicologia, teriam aproveitado um canal de comunicação online, de natureza assíncrona, disponibilizado por ela, para discutir assuntos privados não diretamente relacionados às disciplinas. Para ela, o fato de os adolescentes se sentirem protegidos dos possíveis olhares reprovadores, das críticas dos colegas, dos risos de fundo e de outras variáveis de um ambiente físico constrangedor, teria favorecido a entrada em outros assuntos.

Na pesquisa em que entrevistamos casais originados da Internet (Donnamaria, 2009), um dos participantes relatou que, durante certo período do relacionamento já transformado em relacionamento presencial, optava ainda pela Rede para a exposição de alguns sentimentos sobre os quais não teria adquirido coragem para dizer em presença.

Ressalta-se que, nas três experiências destacadas, a comunicação online realizava-se através de mensagens via texto, síncronas ou assíncronas. Em experiências por vídeo e voz, conforme observam Omodei e McLennan (1998) e Simpson (2009), o efeito da desinibição pode não ocorrer; ou até pelo contrário, o uso da máquina pode ser um fator de inibição para o sujeito. Aproximando-se da mesma questão, mas pelo lado dos terapeutas que oferecem atendimento à distância, Kaplan (2000) afirma existir uma preferência desses por não ser visto. Apesar da argumentação dos profissionais de que a ausência do rosto do terapeuta poderia resultar em vantagens, Kaplan acredita que tal escolha seja principalmente motivada por fatores de ansiedade nessa modalidade de atendimento.

Um resultado diferente em relação ao efeito da desinibição online é apresentado por Dias e Teixeira (2008). Nesse estudo, um grupo de estudantes universitários teria apresentado resultados mais favoráveis de autorrevelação

em situações face a face com amigos, em comparação a conversas via chat com estranhos. A nosso ver, essa diferença de variáveis entre amigos e estranhos teria enviesado o resultado desse estudo. A preferência pode ter sido pelos laços de amizade preexistentes, e não pelo fato de a comunicação ser, ou não, pela Internet.

Afirma-se que na Internet, a comunicação é prejudicada em virtude da ausência, parcial ou total, das pistas não verbais. Na verdade, trata-se mais de uma comunicação diferenciada do que propriamente prejudicada. Essa diferenciação é evidente nas comunicações escritas, para as quais os usuários criam uma linguagem própria em que convencionam, informalmente, códigos voltados a tentar suprir a ausência do não verbal. Ainda que possamos supor que tais códigos não supram todas nuances de uma comunicação não verbal, é preciso que outros estudos se concentrem sobre essas questões, a fim de elucidar as reais consequências dessa diferenciação. Em nosso estudo, optamos especificamente pelos recursos de vídeo e voz por acreditarmos que esses são os que mais se aproximam das condições de uma conversa presencial.

Uma diferença importante a ser destacada entre a Internet e os demais meios de comunicação à distância está na existência de um espaço, não territorial, que é compartilhado na tela do computador. De acordo com Tantom (2006), o compartilhamento desse espaço proporciona ao internauta o sentido de uma “presença incorpórea”, como se ele estivesse projetado naquele espaço – o ciberespaço – sem seu corpo objetivo. Talvez por isso, como diz Carlino (2010), a noção de encontro deixe de ser considerada em termos de distância, para ser considerada em termos de tempo.

Em referência a esse espaço, Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012) retomam a analogia proposta por Turkle (1997) da Internet como um espaço potencial, no sentido winnicottiano dessa ideia. A proposta das autoras é suscitar debates sobre os efeitos enriquecedores da Internet. Para elas, usar a Internet para interagir com o outro é muito diferente de interagir com a máquina:

Se, por um lado, a Internet possibilita uma conexão mais tênue com a realidade externa, por outro, a fantasia tem um freio a partir do contato com o outro. Por isso, defendemos que a Internet pode gerar este estado intermediário que é o

espaço potencial. O sujeito nem está na realidade externa, nem em seu devaneio. Talvez se sinta no espaço neutro do qual fala Winnicott (p. 95).

Às vezes o sujeito usa a Internet para ensaiar um movimento que gostaria de realizar no mundo físico. Pode ser um movimento para a busca de um parceiro, conforme constatamos na pesquisa em que entrevistamos casais originados da Internet (Donnamaria, 2009), ou para buscar por terapia.

A popularização crescente dos recursos que tentam recuperar ao máximo possível os elementos da realidade presente no contato mostra a Internet como um instrumento mais de aproximação do que de evitação da realidade. Atualmente, nas frequentadas Redes Sociais do ambiente online, os usuários demonstram-se mais dispostos a se expor do que interessados em se esconder detrás de um *nickname*, usados em salas de bate-papo virtuais disponíveis desde o começo da Internet, através dos seus provedores.

Conforme afirma Turkle (1997), “a virtualidade não tem que ser uma prisão. Pode ser uma jangada, a escada, o espaço transicional” (p. 393-4). Uma das grandes questões, e a que tentamos responder em nossa pesquisa, é saber se, neste espaço da virtualidade, é possível utilizar os mesmos modelos e procedimentos do atendimento psicológico convencional, ou quais são as diferenças e que adaptações ou inovações precisam ser feitas a partir dessas diferenças.

## **1.2. Contextualizando o atendimento psicológico à distância**

Profissionais da Psicologia e de áreas afins do mundo todo buscam alternativas para a ampliação do atendimento à população nas suas mais variadas condições e demandas. O atendimento via Internet pode significar, por exemplo, a disponibilização dos serviços em circunstâncias em que o encontro presencial está impossibilitado. Os principais beneficiários seriam os emigrados não familiarizados com a cultura ou com o idioma do novo país, ou que desejam serem atendidos em sua língua materna; moradores de centros carentes de serviços de Psicologia; pessoas impedidas de manter a frequência regular às sessões devido a rotina de viagens; pessoas com doenças infectocontagiosas; pessoas com indisponibilidade real de tempo para manter

frequência nos horários convencionais de funcionamento dos serviços presenciais; pacientes que teriam o atendimento interrompido devido a mudanças de cidade ou viagens; e, ainda pessoas que encontram na Internet a oportunidade para expor questões pessoais que jamais teriam sido expostas no contato face a face (Barnett & Scheetz, 2003; Esparza, 2008; Farah, 2004; Fortim & Cosentino, 2007; Haug et al., 2008; Pachuk & Zadunaisky 2010; Rochlen, Zack & Speyer, 2004; Scharff, 2012; Simpson, 2009).

A Internet não é a única ferramenta utilizada nesses atendimentos. Simpson (2009), Carlino (2010) e Scharff (2012) comentam experiências de atendimento por telefone<sup>2</sup>, algumas delas introduzidas muito antes do advento da nova tecnologia. Simpson (2009) cita também um trabalho envolvendo atendimento por carta. De todo modo, é a partir da Internet que a prática e as discussões em torno desse tema se ampliam, sendo o atendimento online uma novidade no campo da ciência. No entanto, os escassos estudos justificam as restrições ao formato promulgadas pelo Conselho Federal de Psicologia desde 2000<sup>3</sup>.

As primeiras experiências mediadas por tecnologia de comunicação com propósitos terapêuticos ocorreram quando Wittson, Affleck e Johnson (1961) empregaram um sistema de videoconferência, com a proposta de um atendimento grupal. É citado também o software ELIZA, desenvolvido por Weizembaum (1966), que simulava respostas não diretivas a partir de palavras chave das frases de entrada, como que imitando uma terapia de orientação rogeriana, mas sem o envolvimento de qualquer interação humana. Posteriormente, alguns terapeutas passaram a incorporar em suas atividades o uso de programas de realidade virtual (Baños, Botella & Perpiña, 1998). Atualmente, é possível encontrar uma variedade de serviços de Psicologia via Internet sendo regularmente exercidos em vários países, dentre os quais: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Rússia, Argentina, Holanda e Israel (Barak et al., 2008; Simpson, 2009; Soto-Pérez et al., 2010).

No Brasil, as primeiras experiências de atendimento psicológico mediado por computadores remetem ao serviço de orientação psicológica do NPPI –

---

<sup>2</sup> No Brasil, a prestação de serviços psicológicos por telefone foi vedada pela Resolução CFP nº 002/95.

<sup>3</sup> Os aspectos legais e éticos no atendimento online serão retomados no próximo item desta Introdução.

Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, criado em 1995 e coordenado pela professora Rosa Maria Farah. Segundo Farah (2004; 2011), a proposta inicial do grupo era tentar entender o “fenômeno da Internet”, não havendo qualquer intenção, à época, de oferecer atendimento psicológico à população. No entanto, através do site do núcleo e de maneira espontânea as pessoas começaram a encaminhar mensagens eletrônicas à equipe contendo pedidos de ajuda psicológica. Apesar da falta de respaldo quanto à melhor forma de proceder diante desses pedidos, aos poucos a equipe desenvolveu o seu serviço de orientação psicológica via e-mail. Farah (2011) afirma que, mantido há mais de dez anos e atendendo desde então a uma crescente demanda, a proposta do serviço não é a de substituir a psicoterapia, mas suprir uma lacuna dentro das limitações do formato convencional de atendimento psicológico.

Fortim e Cosentino (2007) explicitam o objetivo da orientação psicológica:

A orientação visa tornar a problemática passível de uma reflexão mais ampla pelo remetente, ou seja, procura lançar luz sobre pontos obscuros e apontar algumas conexões que, eventualmente, se tornaram impossíveis ou pouco claras, pela própria condição vivida por aqueles que procuram o serviço. Assim, as respostas enviadas podem ter como objetivo possibilitar que o indivíduo reflita sobre a situação, ou, se for um caso mais grave, se sensibilize a procurar ajuda presencial. Nesse sentido, o serviço de orientação contribui para transformar a “queixa” em “demanda”, tornando o espaço virtual, possivelmente um espaço terapêutico, ou pelo menos, parte dele (p. 168).

Diversos termos têm sido utilizados na designação dos serviços psicológicos mediados por computadores: *terapia online*, *e-terapia*, *terapia via Internet*, *cyberterapia*, entre outros. Não obstante tentativas para associar cada atividade a um termo específico (por exemplo, *cyberterapia* para o uso de simuladores de realidade), a alternância no uso das nomenclaturas é ainda o mais comum (Barak et al., 2008). Neste trabalho, *terapia online* designará a proposta de utilizar computadores conectados à Rede com o propósito único de viabilizar a comunicação entre terapeutas e pacientes fisicamente distantes.

A dúvida central em torno da concepção da psicoterapia por meios tecnológicos de comunicação à distância recai sobre a possibilidade real da



relação terapêutica, sem que haja qualquer tipo de contato presencial entre terapeutas e pacientes. A aliança terapêutica é, como lembra Simpson (2009), o fator essencial para haver mudança e *insight* num processo terapêutico. “[A aliança terapêutica] é considerada mais potente do que a técnica e não importa qual técnica” (Bechelli & Santos, 2002, p. 387).

A primeira e até o momento única pesquisa nacional voltada ao tema da terapia online objetivou verificar a questão da aliança terapêutica. Prado e Meyer (2006), autores da referida pesquisa, realizaram a investigação com a participação de psicólogos de diferentes abordagens teóricas na realização de um sistema de psicoterapia breve, através de mensagens eletrônicas em formato de comunicação assíncrona. Todos os participantes da experiência – terapeutas e pacientes – responderam a inventário de aliança terapêutica, no início, durante e ao final dos atendimentos. Ao verificar que os resultados se mostraram similares aos descritos na literatura sobre avaliação da relação terapêutica nos atendimentos presenciais, os autores concluem que “sendo a relação terapêutica um aspecto central da psicoterapia, a possibilidade de essa estabelecer-se via *Internet* indica que é possível existir psicoterapia por tal via” (p. 256).

Dentre as pesquisas internacionais, semelhante estudo, realizado nos Estados Unidos por Cook e Doyle (2002), alcançou o mesmo resultado. O estudo de Hanley (2009), em comunicações ainda no formato de texto, porém, já em tempo real, e a pesquisa de Germain et al. (2010) utilizando-se da videoconferência, apresentam resultados igualmente favoráveis na mesma questão.

O único estudo encontrado com resultados desfavoráveis na questão da aliança terapêutica foi a pesquisa de Leibert et al. (2006). Os autores levantam, no entanto, a hipótese de que o fato de a maioria dos participantes do estudo ser pessoas que já tinham experiência prévia de terapia presencial seria um fator que teria dificultado o estabelecimento de uma aliança terapêutica online. Essa hipótese é corroborada por Simpson (2009), citando um estudo que teria apontado maiores níveis de resistência diante do *setting* online entre pessoas com experiências prévias de terapia.

Sobre a eficácia da psicoterapia mediada por computadores, a literatura traz resultados positivos envolvendo o tratamento de questões como

dificuldades conjugais (Jedlicka & Jennings, 2001), problemas sexuais (Hall, 2004), transtornos alimentares (Simpson et al., 2006; Tate, Jackvony & Wing, 2006), ansiedade e depressão (Barak et al., 2008; Holmes et al., 2009), fobia social (Titov et al., 2009) e estresse pós-traumático (Knaevelsrud & Maercker, 2007). Kopel, Nunn e Dossetor (2011) referem também resultados favoráveis envolvendo crianças e adolescentes.

O artigo de revisão de Barak et al. (2008) reuniu mais de sessenta pesquisas envolvendo intervenção terapêutica através da Internet, com foco na aliança ou na eficácia terapêutica. De maneira geral, os resultados obtidos mostraram-se comparáveis aos dos serviços realizados na forma presencial. Os autores salientam que mesmo as práticas que se mostraram menos eficazes apresentaram semelhanças com os tratamentos convencionais.

Com tais resultados, Barak et al. (2008) sugerem ainda que a terapia cognitivo comportamental seria a mais eficaz na modalidade online. No entanto, os autores chamam a atenção ao fato de a maior parte dos estudos pesquisados terem sido realizados no formato de comunicação escrita, não havendo estudos suficientes nos demais formatos para a sustentação desse resultado.

A idade dos pacientes foi outro fator diferencial no sucesso dos tratamentos online, segundo Barak et al. (2008). Pessoas com idades entre 19 e 39 anos responderam melhor aos tratamentos em comparação aos demais, mais jovens ou mais idosos. Os autores acreditam, no entanto, que essa diferença pode ser decorrente de uma questão de hábito. Com uma penetração maior dos computadores e da Internet nas residências, escolas e locais de trabalho, é possível que essas diferenças já tenham desaparecido.

Barak et al. (2008) ponderam, entretanto, que é preciso considerar as diferenças quanto às modalidades de comunicação utilizadas (síncronas ou assíncronas), assim como o formato da comunicação, se realizada por texto, por áudio, ou por áudio e vídeo, e, por fim, quanto à modalidade de atendimento, individual ou grupal. Seguem-se algumas peculiaridades em torno das ferramentas atualmente disponíveis na Internet.

O **correio eletrônico (e-mail)**, a ferramenta mais simples da Internet, pode ser acessado a partir de qualquer aparelho conectado à Rede. A redação da mensagem não requer conexão simultânea da pessoa que irá recebê-la.

São facilmente editáveis, podendo ser encaminhadas ao seu receptor de maneira imediata, ou arquivadas para posterior envio. Não possui uma limitação pré-programada quanto ao limite de palavras. E uma vez encaminhada a mensagem, é comum que, em segundos, ela já se encontre na caixa de seu destinatário.

Dentre as vantagens do e-mail tendo em vista a finalidade terapêutica, Fortim e Cosentino (2007) afirmam que “por e-mail, o usuário expressa o que deseja, quando, onde, o quanto e como quiser, não havendo certos limites, como os que geralmente se encontram no atendimento presencial” (p. 173). Marot e Ferreira (2008) acrescentam que “o cliente passa a se ver como se estivesse constantemente em terapia, podendo manifestar-se na hora em que os acontecimentos ocorrem ou na hora que lhe for mais adequada, sem ter de esperar a hora da sessão” (p. 318).

Para Tantam (2006), o fato de as mensagens escritas exigirem formulações mais elaboradas, quando comparadas à fala, favorece um efeito terapêutico imediato. Em acordo com essa ideia, Barak (1999) e Suler (2001b) acrescentam que a oportunidade de releitura das mensagens pode desencadear novas elaborações ou discussões a respeito dos temas abordados. Para Suler (2001b), ainda, o lapso de tempo que separa o envio e a resposta às mensagens pode favorecer uma *zona de reflexão* por vezes capaz de suscitar no sujeito o reconhecimento de sua capacidade de elaboração.

A psicanalista Marta (2005) refuta a ideia do atendimento via e-mail por acreditar que somente a palavra falada permite “trazer à superfície os aspectos escondidos... Aliás, seria um absurdo fazer psicanálise por e-mail!”. Isso porque “a chave dos tratamentos psicanalíticos é a livre associação de ideias, só possível através do discurso verbal, que sem esforço consciente traz à superfície os afectos [sic] escondidos... Pensamos antes de escrever, mas pensamos ao mesmo tempo em que falamos...” (p.29).

Apresentando uma posição diferente, a também psicanalista Furtado (2001) afirma ter realizado, com sucesso, um processo de atendimento via e-mail utilizando-se igualmente do método psicanalítico. Após um período de nove meses de trocas regulares de mensagens eletrônicas, o paciente, com quem a psicanalista nunca tivera qualquer outra forma de contato, relatou melhora na qualidade de seus vínculos, aliviando-se de antigos sintomas de

agorafobia e até parado de fumar. A autora não apresenta qualquer outra informação ou fundamentação para a experiência relatada.

Em uma contribuição recente, Brottman (2012) relata a experiência de ter transformado um atendimento psicanalítico presencial em atendimento via e-mail a partir da própria solicitação de uma paciente que, pessoalmente, não conseguia expressar pensamentos, sentimentos e um passado histórico que veio a revelar no novo formato logo nos primeiros contatos. Após três anos atendendo a essa paciente apenas por e-mail, Brottman acredita que a utilização do computador proporcionou a geração de um espaço intermediário, um espaço neutro do qual fala Winnicott, o mesmo efeito notado por Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2012).

Farah (2004) pontua alguns dos possíveis motivos que levam uma pessoa a procurar atendimento por e-mail: pelo anonimato, às vezes em decorrência da influência do antigo estigma popular de que “quem procura psicólogo é louco”; pela “fantasia de que, tão velozmente quanto a pessoa nos enviou o e-mail, ela receberá a sua resposta (...) uma solução rápida do problema” (p. 38); pelo o uso da máquina “como um anteparo para que se possa realizar uma verdadeira catarse afetiva” (p. 39); e, considerando o teor de depoimento ou de desabafo encontrado em muitas das mensagens eletrônicas recebidas por sua equipe, pela certeza de que a mesma será lida por alguém capaz de compreendê-la.

Dentre outras variáveis decorrentes da proposição de um enquadre de trabalho tão diferenciado, é preciso considerar o risco de o e-mail não chegar ao seu destinatário. Por mínima que seja essa chance, é uma possibilidade que deve ser antevista pelo terapeuta.

Outra ferramenta, os **mensageiros instantâneos**, do inglês *Instant Messaging*, são aplicativos que permitem o envio e o recebimento de mensagens de texto em tempo real. Comparado ao e-mail, os mensageiros instantâneos ganham pela tendência de preservar a espontaneidade da comunicação, “especialmente no que diz respeito à revelação de ideias censuradas”, (Marot & Ferreira, 2008, p.318), e a fluidez de uma conversa.

Para Turkle (1999) e para Tantam (2006), o imediatismo da comunicação por mensagens instantâneas favorece a sensação de presença – uma telepresença – e o desenvolvimento de um vínculo emocional entre os

interlocutores. Para Marot e Ferreira (2008), a mesma característica possibilita “a sensação de que o terapeuta, apesar de não se encontrar visível, está, naquele momento, presente e disponível exclusivamente para o cliente” (p. 318).

Apesar do nome (instantâneas), as mensagens permanecem invisíveis enquanto são digitadas. E enquanto o emissor as digita, o destinatário recebe o aviso “(nome do emissor) está digitando”. Se o emissor para de escrever ou apaga a mensagem antes de enviá-la, um sinal gráfico também avisa o destinatário. Desse modo, o receptor da mensagem pode saber se o emissor está, ou não, redigindo uma nova mensagem, ou talvez a editando.

Em tese, nesse formato de comunicação, a ausência de mensagens ou dos avisos de redação corresponderia ao silêncio. No entanto, é importante ter em conta a ressalva feita por Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Di Luccio (2009) quanto ao costume de muitos usuários de mensagens instantâneas se engajarem em atividades ou mesmo conversas paralelas, alternando o foco de atenção durante as trocas de mensagens. É uma questão que deve ser abordada no momento de se estabelecer o enquadre.

Pachuk e Zadunaisky (2010) alertam sobre a importância da implantação de condutas terapêuticas apropriadas ao atendimento realizado via *chat*<sup>4</sup>. É necessário decidir, por exemplo, se enquanto o paciente escreve, o terapeuta - numa conduta clínica equivalente ao silêncio respeitoso - deve seguir sem escrever, ou fazer assinalamentos e perguntas, que indicariam a sua presença.

Pachuk e Zadunaisky (2010), que experimentaram o atendimento psicológico via Internet por *chat* e por vídeo e voz, observam que *chateando* o paciente, refugiado no anonimato (ausência do rosto) pode ser capaz de contar segredos que teriam sido inconfessáveis em outras terapias. Uma paciente voluntária teria lhes relatado que se encorajou a revelar um trauma de infância por saber que os outros (de uma terapia de grupo online) não a veriam. Dessa forma, a carência da entonação das palavras, das expressões faciais e dos gestos pôde ser compensada pela liberação do reprimido.

A **videoconferência**, ferramenta escolhida para a realização do presente trabalho, possibilitando aos sujeitos verem suas expressões faciais,

---

<sup>4</sup> Mensageiros instantâneos que permitem comunicações textuais em grupo.

suas posturas, ouvir os tons de voz, risos, choros, e outros possíveis elementos de uma comunicação não verbal, é a ferramenta que oferece as condições mais similares a de uma conversa presencial.

Pachuk e Zadunaisky (2010) comparam a disposição dos rostos na tela às imagens de primeiro plano dos filmes de Ingmar Bergman, onde, paradoxalmente, as expressões faciais são percebidas com maior evidência, em relação às condições presenciais. Os autores propõem designar esse dispositivo de “terapia por espelho”, dado o fato de o usuário ver também a própria imagem projetada na tela durante todo o processo terapêutico.

É o aplicativo mais vulnerável às condições de estabilidade da conexão do computador à Internet. Como dizem Pachuk e Zadunaisky (2010), “pode haver problemas tecnológicos ou ambientais para a comunicação que impeçam a sessão, muito mais frequentemente do que ocorre com uma terapia de grupo normal, que somente se suspende ante um temporal ou feriado” (p. 222). Um risco que, entretanto, vem diminuindo à proporção dos avanços da tecnologia.

Simpson (2009) cita as experiências nas quais a videoconferência teria sido utilizada para finalidade de terapia familiar e até mesmo para vídeo hipnose. Cita também o caso de uma paciente que, ao ver-se no vídeo durante o processo terapêutico adquiriu maior consciência de sua imagem corporal.

Evidentemente, restam diferenças. Na Internet, não há o prévio encontro na recepção, não existe a possibilidade de oferecer um lenço ao paciente que chora, as *webcams* não permitem o chamado “olho no olho”, dentre outras limitações da condição de distância física. Ainda assim, além de recuperar a imagem, para Tantam (2006), a pessoa que é atendida por essa via pode perceber um olhar de atenção. As restrições que a Internet impõe aos gestos, olhares, mímicas e outras atitudes corporais podem resultar não em meras limitações, mas especialmente em diferenciações na fala, tal como observa Carlino (2010) e tal como observou Kaës (2005) na sua peculiar experiência com um grupo de costas, experiência que retomaremos no item 1.4 (“A questão do grupo”). O melhor a ser feito, portanto, não é propriamente comparar as modalidades, mas poder dizer o quanto e de que maneira os recursos tecnológicos podem nos ajudar.

Compartilhando a observação de Farah (2004):

Os limites se evidenciam na medida em que esta modalidade de prestação de serviço em Psicologia é avaliada em comparação às modalidades convencionais já consagradas (...). Pode ser que nossa tarefa, ora ainda em início, venha a ser ampliada: pode ser que nosso real desafio frente às novas demandas surgidas na Era das comunicações seja a criação de novas modalidades de escuta, acolhimento, e intervenção em Psicologia (p. 41).

Há certo consenso entre os autores de que o atendimento online, de uma maneira geral, seria contraindicado para casos de abuso sexual, relações violentas, transtornos psiquiátricos envolvendo distorções da realidade, agitação psicomotora e suicida, dada a dificuldade de avaliar a periculosidade numa comunicação midiaticizada (Esparcia, 2002; Ragusea & Vandecreek, 2003; Shaw & Shaw, 2006).

Entretanto, é preciso discernir as formulações que são baseadas em hipóteses. No caso, por exemplo, de pacientes suicidas, Gilat e Shahar (2009) apresentam um estudo israelense que teria obtido sucesso na intervenção online em crises e na prevenção ao suicídio. O estudo em questão remete à Organização Samaritana do Reino Unido<sup>5</sup>, que oferece atendimento à distância ao suicida. Citam também um serviço gratuito de Israel de prevenção ao suicídio, denominado SAHAR<sup>6</sup> e apontam, ainda, os grupos de apoio online como meios eficientes de intervenção nesses casos, oferecendo também um impacto positivo sobre pessoas com doenças psicossomáticas, depressão, problemas de relacionamento, entre outros tipos de dificuldades.

Para a modalidade grupal, King e Moreggi (1998) propõem que as práticas online ampliam as oportunidades para a realização de grupos até então pouco comuns. Comentam um grupo de autoajuda de mães solteiras para as quais a vivência grupal online teria contribuído para a diminuição nos níveis de estresse. Observam também os *chats* favorecendo uma exposição mais igualitária entre os gêneros.

Outros autores que também experimentaram a modalidade grupal online compartilham da percepção de que um processo grupal conduzido via Internet não difere substancialmente da experiência tradicional do face a face. Dentre eles, Barak e Wander-Schwartz (1999) se interessaram em avaliar o impacto

---

<sup>5</sup> [www.samaritans.co.uk](http://www.samaritans.co.uk)

<sup>6</sup> [www.sahar.org.il](http://www.sahar.org.il)

do grupo online sobre as condições das relações sociais e da autoestima de seus integrantes. Para isso, compararam os resultados de um grupo de terapia realizado via *chat* com outro grupo realizado face a face. Não encontrando diferenças significativas, os autores concluem com cautela (devido ao tamanho reduzido da amostra) que o *chat* pode ser usado para finalidades terapêuticas.

Weinberg (2001) apresenta a experiência que realizou com um grupo formado através de uma *lista de discussão*<sup>7</sup> na Internet e cujos integrantes eram igualmente terapeutas de grupo. Dentre os resultados, o autor percebeu o desenvolvimento de um estado de coesão grupal, sentimentos de pertencimento ao grupo, incluindo os incômodos que o grupo é capaz de experimentar frente à inconstância de alguns integrantes, de maneira similar aos silêncios nos grupos presenciais, evocando emoções como raiva ou a sensação em alguns membros de estarem sendo explorados, como se os “silenciosos” estivessem apenas espreitando a vida dos outros. Weinberg observa ainda manifestações de desconforto com as entradas e saídas do grupo sem prévio aviso, fenômeno também pontuado por Eidelwein e Maraschin (2003).

McKenna e Green (2002) referem que após dois anos experimentando processos grupais online, contando com a participação de seiscentos participantes, os resultados indicavam que essa técnica contribuía para o alívio da ansiedade e para a conquista de um papel mais ativo nas relações sociais de seus sujeitos. Os autores concluem, assim, que os grupos online têm potencialidades similares às de um grupo presencial, e “como na ‘vida real’, se o grupo permanece ou se desfaz depende das motivações individuais e das necessidades de seus membros” (p. 125).

Haug et al. (2008) relatam uma experiência grupal via *chat* com pacientes recém-egressos de um tratamento hospitalar especializado em medicina psicossomática e psicoterapia de grupo. O objetivo era estabilizar os benefícios do tratamento hospitalar que pareciam se perder no curto prazo. Nos casos em que paciente e terapeuta não tivessem se conhecido no hospital, cumpria-se uma sessão prévia presencial. Cada grupo era composto por oito a dez participantes, tendo todos participado de quatro a seis sessões grupais

---

<sup>7</sup> As listas de discussão assemelham-se ao e-mail, diferenciando-se apenas no aspecto das mensagens serem compartilhadas pelas pessoas participantes da lista.



presenciais, e de doze a quinze sessões via *chat*, de noventa minutos cada, não se repetindo o mesmo grupo. Os autores destacam que o senso de pertencimento aos grupos teria se estabelecido de forma mais rápida nos tratamentos presenciais. Ponderam, no entanto, que o fato de o tratamento presencial ter sido concomitante à internação, a convivência diária dos participantes nas refeições e demais atividades de lazer teria contribuído para essa diferença de resultados.

Lieberman et al. (2005) comentam a experiência de terem realizado mais de oitenta grupos de apoio online, via *chat*, para pacientes portadores de Parkinson. O resultado que se destaca é a melhora nos níveis de depressão desses pacientes, ao longo da experiência.

O trabalho encontrado que mais se aproxima do presente estudo foi elaborado por Pachuk e Zadunaisky (2010)<sup>8</sup>. Partindo dos conceitos e procedimentos do campo grupal já conhecidos e comprovados, a pesquisa desses autores tem como objetivo verificar as possibilidades técnicas e psicanalíticas de se utilizar a Internet como uma nova ferramenta terapêutica. Em acordo com o pensamento dos demais autores que se propuseram estudar o tema da terapia online, Pachuk e Zadunaisky ressaltam que o intuito não é substituir as terapias tradicionais, mas obter uma alternativa àqueles que estão distantes de seu âmbito cultural.

Na análise dos primeiros resultados, Pachuk e Zadunaisky (2010), com base nas concepções de Bion (1975), observam que:

O suposto básico da dependência estaria localizado no computador, enquanto que o terapeuta seria nesse aspecto um integrante a mais do grupo submetido às leis da tecnologia. Lembremos que a continuidade da comunicação não depende apenas das regras do grupo, pois qualquer imprevisto (falha no sistema webcam, cortes de luz, etc) podem produzir a interrupção abrupta da sessão. Fica claro, então, que se trata de uma terapia cujo mediador é a máquina (p. 223).

Para Pachuk e Zadunaisky (2010), neste original enquadre, são mantidas algumas equivalências simbólicas como a do “corpo-mãe-corpo” e a capacidade de o grupo exercer o que Bion denominou “função alfa” e o que

---

<sup>8</sup> A autora da presente pesquisa é voluntária em um dos grupos coordenados por Pachuk.

Bleger denominou como “depósito”.<sup>9</sup> Por outro lado, não existe, por exemplo, o encontro prévio na recepção ou a “sessão” posterior do café, que às vezes se transforma num grupo paralelo.

Fenichel et al. (2002) concluem que a terapia online quebra três premissas básicas da interação terapêutica convencional, onde a corporeidade é sempre visível, o recurso de expressão é sempre a fala, e a interação sempre em tempo real. Por conta disso, Rochlen et al. (2004) e Tantam (2006) entendem que a qualificação de um profissional para a prática do atendimento via Internet vai muito além do seu domínio em métodos convencionais de tratamento ou da familiaridade no uso das ferramentas de comunicação a distância; em especial, a nosso ver, para os atendimentos no formato de texto. O psicólogo, afinal, não é um especialista em comunicação não verbal. Todas as abordagens terapêuticas foram desenvolvidas para serem implementadas em situações face a face e através da fala.

Em acordo com essa ideia, Fortim (2011) chama a atenção para o descompasso existente no país entre a formação e a prática profissional. Segundo ela, professores e alunos desconhecem essa nova área de atuação, notando uma minimização da importância desse assunto na formação do psicólogo, apesar do crescimento da oferta e da demanda pelo atendimento online.

Marot e Ferreira (2008), interessados em conhecer as atitudes sobre a aprovação da psicoterapia online no Brasil, desenvolveram um estudo embasado na teoria da ação racional para investigar o que profissionais e leigos consideravam vantajoso e desvantajoso na terapia online. Os autores revelaram que as crenças mais relacionadas às atitudes favoráveis à terapia online foram associadas à continuidade da terapia no caso de viagens ou de doenças, bem como a possibilidade de enviar mensagens ao terapeuta a qualquer hora. Em contrapartida, as crenças que menos se relacionaram às atitudes sobre a terapia online foram a facilidade de se dispensar o deslocamento até o serviço e a dificuldade de diagnóstico nesse contexto.

Em outro estudo voltado a compreender como psicoterapeutas de diferentes vertentes terapêuticas avaliam, no contexto atual, o oferecimento da

---

<sup>9</sup> Especificidades do grupo compõem o item 1.4 desta Introdução.

psicoterapia pela Internet, Pinhatti e Pieta (2011) destacam a existência de um desconhecimento e uma preocupação quanto aos possíveis prejuízos decorrentes da falta do contato físico. Em razão desses mesmos fatores, os profissionais alegaram preferir não abrir mão do contato presencial, mas admitindo poder mudar de ideia caso pesquisas demonstrem os benefícios da terapia online.

Tal como pensa Muriel (2012), acreditamos que a necessidade de revisão de conceitos até então sequer discutidos no âmbito da Psicologia Clínica esteja contribuindo para a ambivalência com que os profissionais da área estariam recebendo a inserção da Internet na oferta do atendimento psicológico à distância. Antes da Internet, não fazia sentido discutir conceitos como distância, presença, real, virtual, encontro, aqui e agora.

Para Carlino (2010) - psicanalista atuante em atendimentos online há mais de dez anos - a distância e a presença não são mais entendidas como o espaço que separa dois corpos, mas como o nível de empatia e disponibilidade que um psicoterapeuta tem para seu paciente. Carlino é, a propósito, um autor que se diferencia de um consenso que Brottman (2012) acusa existir entre os psicanalistas, de que a psicanálise pouco teria a ganhar com o mundo da tecnologia.

Para Carlino (2010), a transferência, um dos elementos-chave de um processo psicanalítico, pode ter seu leque de possibilidade de produção e emergência potencialmente ampliado na Internet. Isso porque, diz o autor: “o paciente, ao não ter ao seu lado o analista, desprende-se mais facilmente da ancoragem da realidade concreta que ele implica” (p. 133). Ainda que venhamos a encontrar outras explicações para esse fenômeno, o que importa dessa observação é saber que a transferência pode prescindir da presença física.

Ludmer (2008) acredita que a necessidade de conhecer pessoalmente o paciente se trata de uma questão geracional, e que “possivelmente os analistas, dentro de alguns anos, não estarão tão impregnados desse estilo” (p. 605). Consoante a essa visão, Muriel (2012) alerta para o fato de que:

Os psicólogos de hoje foram formados a partir de paradigmas criados antes da Internet, mesmo que como indivíduos, pertençam a esse período. Mas os tempos mudam, e como o tempo passa, novas coortes de universitários

ingressam nas faculdades de psicologia, estudantes que, por serem mais jovens, integraram as tecnologias de comunicação em sua vida cotidiana. Por isso, os psicólogos se encontram numa conjuntura entre seus paradigmas e as novas exigências do meio. Em consequência, estão obrigados a avaliar as teorias, técnicas e modelos relacionais sobre os quais foi construído o conhecimento. Essa avaliação é o reflexo da posição ética profissional que propõe modificação, construção de explicações e aplicações de acordo com o meio (p. 362).

A nova modalidade de atendimento tem refletido também em novas modalidades de treinamento dos novos profissionais. Fischkin et al. (2011) descrevem um programa de treinamento e supervisão em psicoterapia psicodinâmica que a CAPA – Aliança Psicanalítica Americana da China – tem proporcionado para os profissionais de saúde mental chineses, desde 2001. A falta de analistas chineses e a baixa oferta de cursos presenciais nessa área de atuação naquele país tem gerado, segundo os autores, uma intensa procura por essa modalidade de treinamento.

Carlino (2010) e Soto-Pérez et al. (2010) preveem que, num futuro próximo, as modalidades online serão oferecidas sem hesitações, e da mesma forma como atualmente são oferecidos os serviços convencionais: de acordo com a expectativa e as possibilidades do solicitante. Soto-Pérez et al. ainda fazem uma instigante constatação, reiterada por Brottmann (2012): de que é melhor uma intervenção online do que a ausência de tratamento.

Encerraremos este capítulo com um pensamento de Freud (1924/1988) a respeito da dificuldade que uma experiência tão nova é capaz de deflagrar:

A fim de não se enganar, ela [a ciência] procede bem em armar-se de ceticismo e não aceitar nada novo, a menos que tenha sofrido o mais estrito exame. Às vezes, porém, esse ceticismo apresenta dois aspectos inesperados; ele pode dirigir-se nitidamente contra o que é novo, enquanto poupa o que é familiar e aceito, e pode contentar-se com rejeitar as coisas antes de tê-la examinado (p. 239).

### **1.3. Questões éticas e legais do atendimento psicológico realizado por meios tecnológicos de comunicação à distância**

Inicialmente, vale lembrar que *ética* provém do grego *ethos*, e diz respeito ao conjunto de hábitos e ações que buscam o bem comum de determinada comunidade, e que se converte no conjunto de regras e princípios que guiam a conduta dos seres humanos (Aristóteles, 2010<sup>10</sup>). Ética também pode ser definida como “o conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável” (Boff, 1999, p. 195). Transposta para o campo profissional, ética torna-se um código de conduta baseado em valores relevantes para a sociedade e para as práticas desenvolvidas, portanto sujeito a transformações no tempo e devendo ser rediscutido cada vez que uma prática nova é proposta (Conselho Federal de Psicologia, 2005a).

O surgimento dos serviços de psicologia online, quebrando as premissas básicas de um atendimento convencional, conforme já explicitado no capítulo anterior, mobilizou o Sistema Conselhos de Psicologia para discutir o assunto. Em setembro de 2000 foi promulgada a primeira regulamentação referente ao atendimento psicológico mediado por computador, a Resolução CFP n° 003/2000.

Naquele momento, tornavam-se reconhecidos os serviços psicológicos mediados por computador, desde que não psicoterapêuticos – salvo para a finalidade de pesquisa – e desde que pontuais e informativos. Apesar das restrições, a abertura para o campo da pesquisa deixava subentendida a possibilidade de mudanças nessas regras, diferindo da posição que o Conselho Federal de Psicologia havia tomado em relação aos serviços psicológicos por telefone, esses vedados pela Resolução CFP n° 002/95.

Logo a seguir à primeira normatização, foi promulgada a Resolução CFP n° 006/2000, instituindo a Comissão Nacional de Credenciamento e Fiscalização dos Serviços de Psicologia pela Internet, “responsável pela

---

<sup>10</sup> A referência consultada não faz menção à data original da obra, situada entre os anos de 384 a 322 a.C., período em que viveu o referido filósofo grego.

validação, acompanhamento e fiscalização dos sites” (Conselho Federal de Psicologia, 2000b).

Não obstante a primeira normatização sobre o atendimento online ter sido revogada pela Resolução CFP nº 012/2005, os mesmos preceitos foram preservados em sua essência. Dentre os serviços autorizáveis destacavam-se a orientação psicológica e afetivo-sexual, orientação de aprendizagem e Psicologia Escolar, orientação ergonômica, consultoria a empresas e processos prévios de seleção de pessoal.

Além dessas condições e o seguimento às demais normas da categoria, o serviço de atendimento psicológico oferecido teria que ser identificado através de credencial de autenticação eletrônica concedida pelo Conselho Federal de Psicologia, a partir de um processo de credenciamento de website do profissional responsável, destinado a sua oferta.

Para a finalidade de pesquisa, a proposta devia fazer parte de um projeto aprovado por Comitê de Ética reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, com o consentimento do usuário, que precisava ser informado quanto ao caráter experimental do atendimento, em formulário de Consentimento Livre Esclarecido no qual constasse o texto integral da Resolução, a possibilidade de desistência a qualquer momento, o sigilo quanto a sua identidade, a inexistência de qualquer forma de remuneração ao pesquisador ou ao pesquisado, as condições de segurança e a obrigação do pesquisador de avisar ao pesquisado a respeito de qualquer forma de violação que porventura ocorresse ao sistema (Conselho Federal de Psicologia, 2005a).

Em 2011, considerando o aumento do número de websites credenciados<sup>11</sup> e o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, o Sistema Conselhos reabriu a discussão através da promoção de eventos na área. Assim foi publicada recentemente a Resolução CFP nº 011/2012, que entrou em vigor em dezembro desse mesmo ano.

É importante salientar que à época da coleta de dados, ainda não vigorava a atual Resolução. Por isso, o presente estudo pautou-se nas normas estabelecidas pela Resolução nº 012/2005.

---

<sup>11</sup> Vide: <http://selo.cfp.org.br/credenciamento/siteAprovado.cfm>.

Em virtude da prevalecte carência de pesquisas sobre o tema, a Resolução CFP nº 011/2012 mantém os serviços psicoterapêuticos realizados por meios tecnológicos de comunicação reservados ao campo da investigação científica. Em outros aspectos, traz inovações. A nova regulamentação explicita e amplia o número limite autorizado de sessões, de 10 para 20; especifica a orientação como sendo o atendimento realizado em até 20 encontros ou contatos virtuais, síncronos ou assíncronos; introduz a possibilidade de supervisão do trabalho de psicólogos, realizada de forma eventual ou complementar ao processo de sua formação profissional presencial; também o atendimento eventual de clientes em trânsito ou que se encontram momentaneamente impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial, e mantém a obrigatoriedade de cadastramento dos serviços referidos na Resolução quando os mesmos forem regularmente prestados pelo profissional.

Em Parágrafo Único, a nova Resolução destaca que “em quaisquer modalidades destes serviços a(o) psicóloga(o) estará obrigada(o) a especificar quais são os recursos tecnológicos utilizados para garantir o sigilo das informações e esclarecer o cliente sobre isso” (Conselho Federal de Psicologia, 2012).

A questão da privacidade no contato é, sem dúvida, um dos pontos mais delicados dessa discussão. Brottman (2012) não acredita que o perigo de um acesso indevido às mensagens trocadas via Internet seja maior do que o risco de anotações de terapia cair em mãos erradas, ou de vozes serem ouvidas da sala de espera. Entretanto, independentemente dessa probabilidade, compartilhamos da ideia de Tantam (2006) de que, em matéria de segurança e confidencialidade de comunicação, ter um *hacker* é provavelmente mais grave do que ter alguém a escutar do outro lado da porta. Seja como for, da mesma forma como o ambiente presencial deve ser preservado, é indiscutível a necessidade de se proteger o computador, e as comunicações por ele processadas, do acesso de pessoas desautorizadas.

Da literatura internacional, diversos autores já propuseram diretrizes para o comportamento ético nos atendimentos online. No tocante à preservação do sigilo, é recomendado, dentre outras providências: limitar o acesso ao computador utilizado para o atendimento a pessoas treinadas aos cuidados éticos necessários; orientar o cliente quanto à importância da

atualização dos programas de proteção do computador, como antivírus, antispam e *firewall* (aplicativos que evitam a invasão dos denominados *hackers*), e sobre as demais condutas envolvidas na proteção do computador, como não abrir mensagens de origem desconhecida, não utilizar senhas que remetam a datas, nomes ou apelidos, além de verificar a segurança de um site antes da digitação de dados pessoais; utilizar assinaturas digitais no caso de comunicações assíncronas; transferir todas as informações de identificação para mídia externa e protegida; combinar a utilização de uma expressão ou palavra-chave conhecida apenas pelo terapeuta e cliente, cada vez que a conversa via texto é iniciada, e orientar o cliente para que acesse a Internet num ambiente privado, onde as outras pessoas, incluso os familiares não circulem durante a sessão (Barnett & Scheetz, 2003; Esparza, 2008; Ludmar, 2008; Ragusea & Vandecreek, 2003; Shaw & Shaw, 2006).

Aplicando essas sugestões na realização deste trabalho, acrescentamos a conduta de guardar em mídia externa todos os conteúdos ou arquivos gerados no contato com os participantes, como as mensagens eletrônicas e os arquivos de áudio que estiveram preservados para a transcrição e análise dos dados.

Além das recomendações relacionadas ao sigilo, é proposto ao profissional: orientar-se pelas leis do próprio país ou estado dentro do qual ele é reconhecido no seu exercício profissional; conhecer os riscos e os benefícios do método e saber a quem e em quês condições a terapia online poderá beneficiar; ter estratégias e estar preparado para lidar com eventuais problemas associados ao uso da tecnologia, como queda de energia, queda na velocidade de navegação, atraso no som, falta de sincronia entre imagem e voz, problemas na resolução da imagem, entre outros da mesma natureza; considerar as questões interculturais; levantar informações atualizadas sobre as condições da cidade ou país onde se encontra o cliente, que estariam impactando em sua vida e refletindo no seu comportamento e reações; explicitar de qual país oferece sua prática; orientar-se por valores e formas de cobrança recomendadas pelas organizações profissionais; manter um site próprio onde o profissional divulgue as políticas e demais informações sobre os serviços que oferece na Internet, suas credenciais, os dados de contato e a



indicação do código de ética ao qual está sujeito<sup>12</sup>; verificar se a pessoa a ser assistida está motivada para o atendimento por esta via de comunicação; incentivar o cliente à busca do atendimento convencional caso perceba que problemas pessoais para lidar com vínculos presenciais seriam o motivo para a opção pela Internet; no caso do atendimento assíncrono, oferecer um plano de trabalho com limite de tempo razoável para a resposta, com a frequência e a duração dos intercâmbios pautados de antemão; informar as alternativas para as eventuais situações de emergência; obter o nome e o número telefônico de um prestador de serviços psicológicos próximo ao cliente; solicitar do cliente informações como nome completo, o endereço, a idade, o telefone e os contatos de emergência; utilizar a ferramenta de comunicação de acordo com a preferência da pessoa que será atendida; esclarecer sobre a importância de o cliente ter conhecimento prévio sobre os recursos de comunicação online que utilizará para ser atendido, e, por fim, fornecer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, detalhando as informações sobre as condições de atendimento, de confiabilidade e de privacidade (Barnett & Scheetz, 2003; Carlino, 2010; Fenichel et al., 2002 Jarne, 2001; ; King & Moreggi, 1998; Leibert et al., 2006; Leroux, 2008; Ludmer, 2008; Pachuk & Zadunaisky, 2010; Ragusea & Vandecreek, 2003; Simpson, 2009; Suler, 2001a; Zur, 2007).

Em nosso estudo apropriamo-nos da maior parte dessas recomendações, com exceção àquelas específicas do atendimento assíncrono, da escolha da ferramenta de acordo com a preferência da pessoa assistida, e também no que tange à cobrança de honorários, visto tratar-se de um trabalho com fim de pesquisa.

A Sociedade Internacional para Saúde Mental Online (ISMHO, 2000) mantém um fórum de discussão reunindo, via Internet, profissionais e estudantes de diferentes países interessados nas questões do atendimento à distância. Essa organização foi fundada em 1997 por Suler (2001; 2004) e Fenichel (2002), com a missão de produzir conhecimentos e formas responsáveis de utilização da Internet tendo em vista o objetivo da promoção de saúde.

---

<sup>12</sup> O que é previsto no Brasil desde a promulgação da primeira Resolução do Conselho Federal de Psicologia, conforme já descrito.

Do mesmo modo, a Associação Americana de Psicologia (1997), passou a desenvolver investigações quanto ao possível impacto da mídia e das novas tecnologias sobre o desenvolvimento humano, estimulando a realização de estudos que explorem as vantagens e as limitações do atendimento a distância e reiterando a recomendação de que o profissional, atuando nos limites de sua competência, forneça ao usuário um termo de consentimento na introdução de sua proposta online.

Interessados nas mesmas questões éticas, Shaw e Shaw (2006) visitaram, aleatoriamente, mais de oitenta sites de psicoterapia online. Os autores constataram que menos da metade dos sites visitados solicitavam o nome completo, a idade ou a data de nascimento, e o endereço eletrônico de seus clientes; muitos não forneciam um meio alternativo de contato em situação de emergência, e apenas um terço esclarecia que os clientes deveriam ser maiores de dezoito anos de idade ou ter a autorização por escrito do responsável legal.

No Brasil, a despeito da regulamentação do sistema Conselhos de Psicologia, é expressivo o número de profissionais psicólogos e não psicólogos, oferecendo atendimento online sem qualquer referência aos preceitos estabelecidos na Resolução em vigor. Em 2011, contra os 204 websites cadastrados, existiam mais de vinte mil oferecendo terapia online, conforme constatamos através de pesquisa livre em sites de buscas da Internet, a partir do unitermo “psicoterapia online”.

A nosso ver, esses dados reforçam a urgência de novas pesquisas. Queiramos ou não exercer o atendimento online, conhecermos o que de fato concerne a essa temática é uma forma de nos prepararmos para os esclarecimentos a respeito dessa nova realidade no campo da Psicologia. Já estamos sendo demandados para isso.

#### **1. 4. A questão do grupo**

A oportunidade de assistência a um maior número de pessoas e a consequente redução dos custos de tratamento são vantagens notáveis da técnica grupal. No entanto, não são as únicas nem as mais importantes. O

objetivo do presente capítulo é apresentar algumas das peculiaridades deste campo.

A vida humana sempre se processou em grupos. “O indivíduo não subsiste psicologicamente sem que se tenha uma acolhida e um reconhecimento das demais pessoas dos seus diversos grupos de convívio” (Zimerman, 2000, p. 100). Como diz Ávila (2007):

É o grupo o verdadeiro sujeito da realidade humana. O indivíduo é apenas uma criação sua. Uma criação originalíssima, tão dotada que chega a ponto de proclamar sua própria autonomia. Mas o indivíduo não existe por si mesmo, ou em si mesmo (. . .) Sua existência individual é tributária de sua existência grupal (p. 18).

E qual a razão de tantas objeções ao trabalho de grupos? Kaës (2011) aponta à confrontação do pensamento ocidental com a ascensão das massas urbanizadas e industriais na segunda metade do século XIX, que conduziu pensadores europeus a desenvolverem concepções em torno da ideia de que a massa enlouquecia o indivíduo. Diz o autor que “os efeitos de ruptura introduzidos pela modernidade nas continuidades entre o grupo, a sociedade global e os indivíduos se traduziram essencialmente numa oposição do indivíduo à massa, às instituições e ao grupo” (p. 25).

Para Anzieu e Martin (1971), os homens sempre pensaram segundo a oposição indivíduo-sociedade, “não pensam naturalmente em função do grupo” (p. 16). Dizem os autores que as línguas antigas sequer dispunham de um termo para designar esse grau concreto da realidade social. No final do século XVII, o vocábulo grupo teria surgido como um termo técnico italiano das belas artes para designar um conjunto de indivíduos, pintado ou esculpido; passando a significar uma reunião de pessoas apenas na metade do século XVIII.

Como diz Anzieu (1993), “o grupo tem de se haver, como o sonho, com as mesmas pulsões fundamentais: as pulsões libidinais, as pulsões agressivas, inclusive, cremos, a pulsão de morte” (p. 56). Tudo isso contribui para que os grupos, por vezes, representem uma ameaça ao Eu e, em especial, os novos grupos.

Sarmiento (2006) lista alguns dos preconceitos mais frequentemente encontrados na clínica privada, quando é apresentada ao paciente a proposta de um trabalho grupal: a ideia de que receberá menos atenção do terapeuta;

de que terá dificuldade de falar à frente dos outros; de que o próprio problema seja ridículo aos olhos dos outros, e o receio acerca do sigilo. O fato é que depois de vencidas as barreiras iniciais, é comum a verbalização dentro do grupo do quanto pode ser útil e gratificante participar de um grupo terapêutico.

O trabalho com grupos, no entanto, requer alguns conhecimentos específicos. Antes de tudo, é preciso saber que um grupo não é a soma de seus indivíduos. No campo da psicanálise, isso é percebido desde Freud (1921/1996). Ainda que esse autor jamais tenha trabalhado com grupos, Freud buscou conhecer a influência que um grande número de pessoas reunidas é capaz de exercer num indivíduo. Em referência aos estudos de Le Bon sobre a mente coletiva, citados em sua obra, Freud parece concordar com o fato de que quando uma reunião de pessoas se torna um grupo, este se configura como uma unidade diferente da soma de cada uma das pessoas que o compõem.

Freud (1921/1996) chega a afirmar que, no grupo, as dessemelhanças, e também a razão, desaparecem, restando uma massa vulnerável, portadora de desejos imperiosos e urgentes, com grande sensação de onipotência, e pronta a seguir um líder sem críticas. Ressalta a característica de sugestibilidade do grupo, sua capacidade de fazer com que os seus integrantes ajam todos da mesma forma. Entretanto, é preciso ter em conta que os assinalamentos feitos pelo pai da psicanálise a respeito dos grupos, por mais valiosos que tenham sido para os posteriores desdobramentos dos estudos e trabalhos nesse campo, tratavam eminentemente das grandes massas, e não dos pequenos grupos, e jamais dos pequenos grupos terapêuticos. Enquanto Freud (1921/1996) percebeu nos grandes grupos o domínio da impulsividade, Bion (1975) percebeu que, não obstante a interferência de fatores inconscientes, no longo prazo, nos grupos reduzidos tende a triunfar os *grupos de trabalho*, esses regidos pelo princípio da realidade.

Bion (1975) é o autor que contribui para uma forte expansão da técnica, na década de 1940. Para ele, o grupo foi, em princípio, uma opção para viabilizar o atendimento a um grande número de militares acometidos por transtornos mentais em tempos de guerra. Ainda que não fosse sua intenção, suas experiências culminaram em algumas das contribuições mais relevantes para a compreensão dos fenômenos de grupo.

Bion (1975) acredita que quando um grupo se reúne para desenvolver um trabalho, seja de que natureza for, está sujeito ao surgimento de certos estados mentais compartilhados que se opõem ao cumprimento da tarefa à qual o grupo se propõe. São os denominados *pressupostos básicos* (ou suposições básicas).

No estado mental do pressuposto básico denominado *dependência*, o grupo se comporta como se estivesse à espera dos cuidados e da liderança de alguém (geralmente o terapeuta ou o coordenador, ou mesmo de algum dos participantes do grupo). No pressuposto básico de *luta e fuga*, há um movimento de confronto ou de evitamento das situações de ansiedade, podendo ser também a forma do grupo lidar com frustrações. No pressuposto básico do *acasalamento* há uma expectativa messiânica com relação às soluções que possam ser trazidas por algo que ainda não chegou ao grupo e que será gerado pelo pareamento de elementos do mesmo, predominando sentimentos de esperança.

Para Bion (1975), entrar na atividade de suposição básica é instintivo e inevitável. Está ligado à capacidade de combinação imediata e involuntária dos indivíduos de partilharem e atuarem segundo uma mesma ideia. Sua função é a de controlar as angústias persecutórias e depressivas primitivas que circulam no grupo.

No nível da intencionalidade, encontra-se o denominado *grupo de trabalho*, regido pelo princípio da realidade, conforme já explicitado, quando, então, predomina o estado racional, colaborativo e de prontidão para a realização da tarefa. Como as funções de trabalho estão, segundo Bion (1975), sempre de alguma forma influenciadas pelos pressupostos básicos, ignorá-los pode conduzir a uma compreensão equivocada a respeito do funcionamento do grupo.

Foulkes (1976) descreve outros fenômenos específicos do campo grupal, denominados por ele de *reações-G*. Afirma que a mais generalizada dessas reações são as *transferências cruzadas*, que são transferências que se processam entre as pessoas do grupo, uma em relação às outras. Em virtude desse fenômeno, no grupo os modelos interacionais de cada componente são reavivados, permitindo seu exame e sua modificação para vínculos mais

gratificantes e sadios, talvez o maior dos préstimos desta modalidade em tempos de extremado investimento narcísico.

Ele compara o grupo a uma sala de espelhos, onde cada pessoa pode entrar em contato com seus próprios aspectos psicológicos e sociais até então ignorados refletidos nas demais pessoas do grupo, fenômeno denominado por ele de *espelho*. Toma de empréstimo da Física a designação de *ressonância* para referir a possibilidade de determinada manifestação de uma pessoa do grupo encontrar uma equivalência afetiva e despertar emoções similares em outro participante.

Para Foulkes (1976), a simples observação dos outros no grupo pode ter efeitos terapêuticos importantes:

O impacto cumulativo de várias pessoas observando repetidamente que um paciente lida com certas situações mediante o uso repetitivo de determinado padrão de reação, tem probabilidade de exercer, por fim, profundo efeito sobre o membro do grupo. Este efeito é um importante componente do processo terapêutico. (p. 114).

Além disso, conforme observam Foulkes e Anthony (1967), no grupo os próprios participantes também analisam e interpretam o material, ou seja, contribuem na construção de novos sentidos, significados e na nomeação das experiências emocionais, tanto em seu conteúdo manifesto quanto latente, ainda que muitas vezes sequer se apercebam disso, deixando a interpretação de ser prerrogativa do terapeuta. A esse respeito Pachuk (2008) comenta que, em certas, ocasiões a palavra do companheiro pode até gerar maiores efeitos que a intervenção do terapeuta, ocorrendo mudanças por identificação na escuta, pelas associações que o relato de outra pessoa despertou.

Neri (1999) denomina a capacidade do grupo de metabolizar as ansiedades e angústias que o indivíduo não pode elaborar sozinho de *função terapêutica do pensamento de grupo*. “Em outras palavras, o grupo tem a capacidade de desintoxicar a mente do indivíduo, eliminando as tensões excessivas que podem ter se acumulado, ocupando a sua mente” (p. 125). Para Neri, essa função é análoga à *função alfa*<sup>13</sup> do indivíduo.

---

<sup>13</sup> “Termo com o qual Bion designa aquela imprescindível função da mãe (ou do terapeuta na situação psicanalítica) de emprestar as suas funções de ego – como são as de perceber, conhecer, pensar, discriminar, significar, nomear, etc. – durante algum tempo, até que a

Neri (1999) chama de *presença de grupo* a condição mais importante para que o pensamento de grupo consiga operar de modo eficaz. Essa presença, conforme esclarece o próprio autor, não diz respeito à presença física e mental das pessoas do grupo, mas da criação, no grupo, de “um ponto de referência, que certa qualidade nas emoções tenha se firmado e que uma determinada fantasia relativa à existência do grupo tenha se apresentado” (p. 129).

Quando trabalhamos com grupos artificiais, isto é, quando reunimos pessoas até então desconhecidas entre si, “a ausência de laços anteriores dentre os participantes possibilita fenômenos que raramente aparecem entre parentes ou pessoas acostumadas a trabalhar juntas” (Anzieu & Martin, 1971, p. 89). Já os grupos terapêuticos não diretivos, sejam eles naturais ou artificiais, são todos reveladores de uma angústia latente, defende Anzieu (1993), que é a angústia de fragmentação despertada por todo grupo.

Conforme afirma Anzieu (1993), “o medo de ser grupo, de perder sua identidade no grupo é sem dúvida a primeira dificuldade encontrada” (p. 61). Nas palavras de Kaës (2011), “o encontro com uma pluralidade de outros, estranhos e ainda não suficientemente familiares, suscita, em cada um, turbulências e incertezas que eles terão de reduzir sob o efeito de vários fatores” (p. 123).

Como forma de defesa contra esse estado inicial, o grupo se articula com as semelhanças e evita as diferenças. Do ponto de vista dos Organizadores Psíquicos descritos por Anzieu (1993), isso significa que o grupo começa regido pelo *princípio da indiferenciação*; ou pelo polo *isomórfico*, conforme o denomina Kaës (1997; 2011).

Posteriormente a esse estágio inicial, espera-se que o grupo alcance a homeomorfia. Isomorfia e homeomorfia são conceitos matemáticos que Kaës (1997; 2011) aplicou aos grupos. A isomorfia refere-se a uma correspondência biunívoca entre os elementos, enquanto que a homeomorfia refere-se a uma correspondência que assimila a diferença e o conflito. A passagem da *isomorfia* à *homeomorfia* significa o espaço psíquico individual identificado com o espaço

---

criança (ou o paciente) tenha condições de utilizá-las de forma autônoma” (Zimmerman, 2004, p. 185).

psíquico grupal ceder lugar a um predomínio do reconhecimento e aceitação das diferenças e dos conflitos que podem existir entre o indivíduo e o grupo.

Quando o grupo funciona homeomorficamente significa que, embora haja identificações parcialmente comuns entre o sujeito e o grupo, a relação que ambos mantêm, permite que se admita que para cada um deles existem diferentes leis de funcionamento. O *regime homeomórfico* permite “as relações de complementariedade e antagonismo” (Kaës, 1997, p. 212), e abre caminho para o acesso às versões subjetivas das fantasias produzidas na experiência grupal.

Kaës (2000) classifica as formações psíquicas que estariam na base do funcionamento grupal entre Organizadores Psíquicos e Socioculturais. O primeiro remete às formações inconscientes de caráter grupal, no modo como cada membro tem representado em sua mente o objeto grupo, utilizadas para estabelecer as relações com os demais componentes do próprio grupo, ou desse com outros grupos. O autor descreve quatro Organizadores Psíquicos:

*A imagem do corpo*: ser corpo é existir. Assim este organizador é o que dá forma e existência ao grupo. Diante da ameaça de fragmentação e perda de individualidade que o grupo suscita, é necessário que se faça “corpo de grupo”.

*A fantasia original*: está associada a questões e preocupações ligadas à origem e ao destino. Ela remete o indivíduo às origens, através das fantasias da vida intrauterina, capaz de despertar no sujeito o desejo de regressar ao ventre materno para fugir da realidade exterior. Remete-o também à origem da sexualidade, através das fantasias de sedução, e à diferença dos sexos, através das fantasias de castração.

*Complexos familiares e imagos*: o grupo mobiliza-se na repetição das relações do grupo primário, que é a família; na sua estrutura libidinal, nas identificações, nos conflitos e nas angústias. Atuam nas temáticas referentes ao desmame, a chegada do outro (o intruso), ao grupo de iguais (irmãos) e nas situações de cooperação e rivalidade.

Já os Organizadores Socioculturais, os quais resultam, segundo Kaës (2000), da elaboração social da experiência das diferentes formas de grupalidade, cumprem a função psíquica de proporcionar modelos de relações interpessoais, grupais ou coletivas identificatórios, funcionando como um código cultural.



De acordo com Kaës (2000), o grupo faz uso dos diferentes recursos de organização conforme a necessidade ou conveniência do momento. Nenhum grupo apresenta um desenvolvimento linear ou se mostra preso somente a um tipo de organizador. Ele tende a ser flexível no seu relacionamento com a realidade.

Pelo exposto, se o sujeito singular parecia dissolvido no grupo, então vale a observação de Ávila (2007) de que “é preciso dissolver o indivíduo, se quisermos perceber o que está além do indivíduo” (p. 18). E não haverá melhor lugar para isso ser feito se não na grupalidade, onde “o sujeito do grupo é sujeito de seus grupos internos” (Kaës, 2005, p. 218).

Vale também dizer da experiência peculiar de Kaës (2005) com um grupo de costas, sobre a qual chegamos a fazer menção no segundo capítulo. O que nos parece relevante dessa experiência para a discussão sobre a terapia online está no limite que foi imposto aos aspectos não verbais da comunicação na realização desse grupo. O objetivo do autor foi explorar uma situação que neutralizasse o efeito impactante do agrupamento face a face. Para tanto, ele reuniu cinco pessoas, sentadas em círculo e de costas umas para as outras, de tal maneira que não pudessem se tocar e sem que soubessem de antemão a disposição de cada uma delas, incluindo o próprio pesquisador. Ao grupo assim formado, Kaës propôs a associação livre. Dentre os resultados dessa experiência, o autor afirma que as manifestações do corpo (ações, mímicas, olhares, posturas), que não podiam ser visualizadas naquele momento, refletiram em diferenciações na fala. Não acreditamos que esses dados sejam suficientes para afirmar que haveria, por certo, uma compensação dos elementos não verbais nas comunicações à distância. De todo modo, eles ameaçam a tese comum de que a comunicação à distância é necessariamente uma comunicação prejudicada.

Ressalta-se, ainda, que para Kaës (2005), mesmo nas situações tradicionais de terapia de grupo, caracterizadas pela presença física simultânea de várias pessoas em um enquadre espaço-temporal comum, a multicanalidade habitual da comunicação (verbalidade, vocalidade e gestualidade) se reduz à verbalidade e à vocalidade. São os canais que recuperamos quando utilizamos a *webcam*.

A possibilidade de reunir pessoas de qualquer parte geográfica facilita a realização dos mais diferentes tipos de grupos. Yalom e Leszcz (2006) registram um crescimento exponencial dos grupos de apoio pela Internet, funcionando com ou sem a participação de um profissional moderador. Muitos deles com a composição correspondente aos chamados *grupos homogêneos*, grupos que reúnem pessoas com a mesma categoria diagnóstica (cardíacos, depressivos, diabéticos, alcoolistas, etc.), ou que são agrupados em função de um “sofrimento compartilhado” (Osório, 2007).

A respeito dos grupos homogêneos, Osório (2007) afirma:

O fator terapêutico prevaemente nesses grupos advém da possibilidade de os pacientes identificarem-se uns com o sofrimento similar dos outros, superarem juntos preconceitos e eventuais rejeições sociais e apoiarem-se na busca da continuidade de suas trajetórias existenciais com a maior redução de danos possível” (p. 109).

Não menos importantes são os *grupos heterogêneos*, cujos componentes não compartilham de um diagnóstico ou de uma queixa comum. Conforme observa Bach (1958), esses grupos oferecem a oportunidade de ampliar o horizonte de experiência de seus integrantes.

Na prática clínica, parece ser consensual entre os terapeutas que, em um trabalho de grupo, seja de composição homogênea ou heterogênea, deva prevalecer certa homogeneidade quanto à força de ego e quanto ao nível intelectual e sócio-cultural.

Pachuk e Zadunaisky (2010) estimam que grupos heterogêneos na Internet ainda possam reunir sujeitos de diferentes etnias, religiões e nações. Da mesma maneira, acreditam que com a terapia virtual, a geografia perderá sua importância já que será possível conectar-se com qualquer cidadão do mundo. Será bastante útil para as terapias familiares, quando as famílias vivem separadas em distintos pontos do planeta.

Por fim, encontramos em Yalom e Leszcz (2006) as palavras que traduzem um dos pensamentos que impulsionaram esta pesquisa:

Estamos apenas começando a usar a tecnologia eletrônica na provisão de cuidados de saúde mental. Se isso nos ajudar a nos conectarmos de maneira significativa, será uma surpresa agradável e bem-vinda – um caso bastante

raro de a tecnologia aumentar o envolvimento humano, em vez de reduzi-lo (p. 407).

## **2. OBJETIVOS**

---

## 2. OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é descrever experiências de atendimento psicológico à distância, na modalidade de grupo em comunicação via Internet em tempo real por vídeo e voz. Analisar essas experiências a partir do aporte teórico-metodológico da Psicanálise aplicada aos grupos, tendo em vista os seguintes objetivos específicos:

- Descrever, a partir do enunciado da regra psicanalítica fundamental (associação livre), as incidências da configuração de grupo à distância sobre as associações, os seus processos psíquicos e demais manifestações da grupalidade online que pudessem ser registrados;
- Analisar a evolução do grupo e caracterizar a realidade psíquica dos grupos online estudados;
- Compreender as potencialidades do grupo online de se constituir em um dispositivo terapêutico efetivo para sensibilizá-lo de seus processos psíquicos inconscientes.

### **3. MÉTODO**

---

### 3. MÉTODO

Esta pesquisa qualitativa foi orientada com base no aporte teórico-metodológico da psicanálise e, mais notadamente, da psicanálise aplicada aos grupos; neste caso, grupos em atendimento psicológico via Internet.

Este método se caracteriza por ser “aquele que quer entender *como* o objeto de estudo acontece ou se manifesta; e não aquele que almeja o *produto*, isto é, os resultados finais matematicamente trabalhados” (Turato, 2005, p. 509).

De acordo com Anzieu (1993), havendo manifestação do inconsciente, não há, em princípio, nenhum campo ao qual o método psicanalítico não possa ser aplicado. Entretanto, para que o dispositivo possa tolerar variações, alguns critérios teóricos e metodológicos precisam ser considerados.

A esse respeito, Kaës (2005) propõe quatro critérios, sem os quais, o método ficaria descaracterizado. São eles: a *exigência em dizer* (com base no pressuposto de um inconsciente susceptível de ser dito); o *desejo humano se dirigindo ao outro* (considerando a transferência como a verdadeira dimensão epistemológica da psicanálise); a *consistência da realidade psíquica*, correspondendo à consistência, à resistência e à insistência de certas manifestações do inconsciente, tratando-se, em essência, das fantasias e dos sintomas; e, por último critério, a *historização*, envolvendo a noção de uma reestruturação recorrente, via associação livre, de acontecimentos anteriores que, em seu momento, não puderam ser integrados a um contexto significante.

Sendo este um trabalho de *psicanálise aplicada*, caracterizada pelo propósito de “descobrir os efeitos específicos do inconsciente num dado campo” (Anzieu, 1993, p. 2), foi igualmente considerado o critério de cientificidade preconizado por Anzieu (1993) de que a cada fato clínico observado deveria corresponder uma hipótese que o justificasse, e cada hipótese apoiada num material clínico significativo e preciso.

Ressalta-se que o presente estudo não teve como alvo o tratamento psicoterápico no sentido estrito do termo, o que envolveria - de acordo com a conceituação encontrada na Resolução CFP 010/00 (Conselho Federal de Psicologia, 2000) - a aplicação sistematizada e controlada de métodos e

técnicas psicológicas reconhecidas, tendo em vista propiciar condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos.

Não obstante, foram preservadas as duas constantes de uma psicoterapia: um modo de gerir a relação terapeuta/paciente (neste caso, psicóloga/participante), e a aplicação de um dispositivo espaço-temporal fixo (neste caso, um endereço eletrônico fixo) (Gilliéron, 2004). Contribuições em aspectos vitais não necessariamente de natureza clínica ou psicopatológica, dentro desse contexto, definiria o que se convencionou chamar de *efeito terapêutico*.

### 3.1. Participantes

Participaram deste estudo 11<sup>1</sup> pessoas, além da pesquisadora/psicóloga. Com elas, foram compostos dois grupos<sup>2</sup>, integrando cinco<sup>3</sup> participantes cada um. Ainda que não tenha havido qualquer restrição quanto ao gênero, todas as participantes eram mulheres, com idades entre 23 e 47 anos, residentes no país ou no exterior (Argentina e Estados Unidos), com níveis de escolaridade entre superior incompleto e doutorado.

Para que pudessem ser incluídas no estudo, foram considerados os seguintes requisitos: a idade mínima de 18 anos, nacionalidade brasileira, declarada experiência prévia no uso do computador, pleno acesso à Rede, possuir, além do computador, os acessórios necessários para a comunicação por vídeo e voz (microfone, fones de ouvido e *webcam*), a disposição de um espaço físico preservado da presença de terceiros a partir do qual faria a conexão com o grupo, não ser pessoa do convívio da psicóloga ou das demais participantes, ter sido previamente entrevistado pela psicóloga – entrevista

---

<sup>1</sup> O número total de 11 participantes considera uma entrada posterior ao início da experiência, após uma desistência, conforme explicitado adiante, em “Procedimentos” (item 3.4).

<sup>2</sup> Como comentado adiante, a opção pela composição do segundo grupo foi motivada pela variedade de perfis das pessoas que vieram a integrá-lo, visto que no primeiro grupo predominaram participantes com formação em Psicologia.

<sup>3</sup> Os grupos convencionais são formados habitualmente por até oito integrantes devido ao limite reconhecido para as boas condições de visão, audição e comunicação entre seus membros (Anzieu e Martin, 1971). Cinco foi o número máximo de quadros a nosso ver adequado à visualização das expressões faciais dos participantes em uma tela de computador de dezenove polegadas.



realizada em comunicação síncrona por vídeo e voz - e, por fim, ter aceitado espontaneamente participar da pesquisa.

A seguir, informações mais específicas sobre cada participante, tendo em conta que os nomes são fictícios e que alguns dados foram omitidos, respeitando o sigilo ético:

### 3.1.1. Grupo A

**Márcia:** 46 anos, casada, dois filhos, de 15 e 11 anos. Psicóloga de formação. Residente em São Paulo. Trabalhou 25 anos no serviço público, de onde se aposentara fazia dois meses. A adaptação à nova fase de vida já tinha lhe despertado desejo de retornar à terapia, referindo ter visto nesta proposta também uma oportunidade de conhecer a terapia mediada pelo computador. Teve conhecimento da pesquisa através de sua rede de contatos.

**Aline:** 47 anos, casada, um filho de 4 anos. Psicóloga clínica. Residente no Estado do Espírito Santo. Afirma ter se interessado pela pesquisa por curiosidade e também “como mais uma possibilidade para estar em contato com pessoas” (sic), em um período ainda de adaptação a uma nova cidade. Soube da proposta através de sua rede de contatos.

**Felícia:** 23 anos, solteira. Recém-formada em Psicologia. Mudara-se do Brasil fazia 15 dias, na ocasião do início da pesquisa, em busca de novas oportunidades de estudo e também de “experiência de vida” (sic). A oportunidade de participação atenderia ao seu desejo por terapia nesse momento de adaptação ao novo país. Recebera a divulgação da pesquisa através de sua rede de contatos.

**Karina:** 28 anos, casada, sem filhos. Publicitária e professora. Residente no interior de São Paulo. Demonstrou inicialmente também seu interesse em participar pela curiosidade de ver como funcionaria a terapia online, pelo desejo de colaborar, dizendo ser “a favor de que todas as profissões tenham presença na Internet” (sic), e como uma oportunidade de terapia em um momento de adaptação a uma nova rotina de trabalho. Desistiu após a primeira sessão, justificando motivos profissionais.

**Paula:** 24 anos, solteira. Estudante de Psicologia. Residente no interior de Goiás. Apresenta-se referindo curiosidade de ver como funcionaria uma terapia online e também uma terapia de grupo, e como uma oportunidade de terapia em um momento de decisões. Soube da pesquisa através de divulgação na faculdade. Desistiu após a segunda sessão, justificando compromissos acadêmicos.

**Luana:** 27 anos, casada, uma filha de 8 meses. Buscava por terapia online através de portal de buscas da Internet quando encontrou o site<sup>4</sup> onde divulgávamos a proposta. Refere sua opção pelo atendimento a distância por morar numa cidade “muito pequena” (sic), e que isso dificultaria sua “abertura” (sic) numa terapia presencial. Seu primeiro contato ocorre duas semanas após o início da experiência. É incorporada ao grupo na sétima sessão.

### 3.1.2. Grupo B

**Fabíola:** 27 anos, solteira, funcionária pública. Residente no interior de São Paulo. Afirma ter se interessado pela pesquisa como uma oportunidade para trabalhar o autoconhecimento e enfrentar a timidez.

**Regina:** 41 anos, solteira, analista de sistemas, autônoma em tecnologia da comunicação. Residente na cidade de São Paulo. Diz ter se interessado pelo grupo como alternativa para terapia presencial que interrompera poucas semanas antes, devido a dificuldade de horário.

**Débora:** 43 anos, casada, três filhos (dois meninos gêmeos de 10 anos e uma menina, de 6 anos), doutora em Ciências Sociais, sem atuação profissional desde sua mudança para o exterior há seis anos, em virtude da oportunidade de carreira do marido. Residente nos Estados Unidos. Débora tomou conhecimento da pesquisa ao consultar, voluntariamente, a lista de sites credenciados pelo Conselho Federal de Psicologia. Diz ter buscado pela terapia online em virtude do desejo de ser atendida em sua língua materna. Sentia-se deprimida e desadaptada ao novo país.

---

<sup>4</sup> Que foi credenciado junto ao Conselho Federal de Psicologia.

**Vânia:** 30 anos, solteira. Residente em uma área periférica da cidade do Rio de Janeiro. Estava em tratamento de um câncer de intestino, com dificuldade de locomoção em função da utilização de uma sonda. Encontrou a divulgação desta pesquisa em um site de notícias, vendo-a como uma oportunidade de colocar em prática o desejo de fazer terapia, para o autoconhecimento, que não teria iniciado antes devido à insuficiência de recursos financeiros, conforme explicita.

**Tatiana:** 23 anos, solteira, estudante de Psicologia. Residente no interior de São Paulo. Diz ter se interessado por esta experiência de grupo devido a oportunidade para conhecer a proposta de atendimento e também aproveitá-la para autoconhecimento.

### 3.2. Instrumento

Aos grupos formados via Internet foram empregadas as regras fundamentais<sup>5</sup> do método psicanalítico, que são: *associação livre*, que consiste na tarefa do sujeito expressar tudo o que pensa, imagina e experimenta dentro da situação e que, nesse caso, transforma-se na fala livre de grupo, implicada na liberdade que é dada ao sujeito para falar livremente a respeito do outro no grupo; e a regra da *abstinência*, em virtude da qual a psicóloga e as pessoas do grupo se absterem de qualquer relação social dentro e fora da situação grupal, sob o propósito de preservar as relações fantasmáticas e simbólicas, e da psicóloga também se abster de trocas verbais quando essas escapassem às experiências vividas pelo próprio grupo (Anzieu, 1993). Foram empregadas regras complementares a respeito do dia da semana e do horário para a realização da experiência, planejada para o período de seis meses.

À psicóloga coube informar ao grupo o seu estatuto, formular as consignas e oferecer ao mesmo o máximo de liberdade possível para o seu funcionamento e evolução.

---

<sup>5</sup> As regras, em psicanálise, cumprem mais do que organizar o trabalho, “as regras são objeto de investimentos fantasmáticos e de contra-investimentos defensivos, que podem ser interpretados” (Anzieu, 1993, p. 3).

A única tarefa simbólica solicitada foi a fala, além da qual estiveram sob o foco da atenção da psicóloga as expressões faciais e demais manifestações não verbais que pudessem ser visualizadas nas imagens capturadas pelas *webcams*.

Destarte, trata-se de um processo elaborado nos moldes de uma *grupanálise*, “de modo a formular-se sem passado diagnóstico e sem tarefa concreta (sob o parêntese da *abstinência* do condutor), sendo a comunicação o seu objetivo único, e seu exclusivo instrumento” (Leal, 1997, p. 86).

A disposição das imagens na tela dos computadores não resultava da escolha dos participantes que, num *setting* convencional, poderiam escolher suas cadeiras. Mas isso, a nosso ver, não comprometeria a aplicação do proposto instrumento. As imagens se distribuíam na tela de acordo com o número de participantes “presentes”. A mesma distribuição era visualizada por todas, incluindo a visualização da própria imagem.

### **3.3. Suporte Material**

Foram utilizados computadores pessoais conectados à Rede, *software* para comunicação de grupo a distância, *webcams*, fones de ouvido, microfones e um gravador de áudio digital.

### **3.4. Procedimento**

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi apresentado e, posteriormente, aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob o protocolo n° 920/10 (Apêndice A).

Em seguida, foi submetido ao processo de credenciamento de sites do Conselho Federal de Psicologia, conforme previsto na sua Resolução n° 12/2005, um *website* contendo as informações sobre a pesquisa, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, a referida Resolução, que trata do atendimento psicológico mediado pelo computador, o parecer do Comitê de Ética, as condições para participação e as indicações do endereço eletrônico e do número de telefone através dos quais a pessoa interessada em participar pudesse entrar em contato com a psicóloga.

Após aprovação do *website* e obtenção do selo de credenciamento, iniciou-se um processo de divulgação do estudo através do envio de mensagens eletrônicas para organizações, universidades, assim como para particulares, que contribuíram para a divulgação do estudo. Através dessas mensagens (Apêndice B), as pessoas interessadas eram direcionadas ao referido *website* e, dessa forma, podiam comunicar-se com a psicóloga.

Todas as mensagens recebidas pela psicóloga foram respondidas, sempre com a reiteração das informações e demais esclarecimentos em respeito às solicitações. Sendo confirmado o interesse e as condições estabelecidas para participação, era agendada uma entrevista individual, realizada através dos mesmos recursos de vídeo e voz escolhidos para a realização dos grupos.

A entrevista individual tinha por finalidade esclarecer os objetivos bem como o caráter experimental da proposta, verificar os critérios de inclusão anteriormente descritos, coletar os dados do participante, conhecer as motivações para seu ingresso, orientá-lo quanto à importância da atualização dos programas de proteção do computador, como antivírus e *firewall*<sup>6</sup> e demais condutas envolvidas na proteção do computador<sup>7</sup>, e orientá-lo também a respeito da necessidade de realizar sua conexão a partir de um espaço reservado da presença de terceiros, para o resguardo de sua própria privacidade e a do grupo, realizar a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice C), previamente anexado à mensagem de agendamento da entrevista, dirimir eventuais dúvidas sobre as condições previstas no mesmo, e solicitar sua assinatura e envio, por correio convencional ou na forma de arquivo eletrônico.

Conforme acordado com os interessados, os grupos teriam início com a participação de, no mínimo, três e de, no máximo, cinco voluntários. Considerando este limite, novos integrantes ainda poderiam ser acolhidos até

---

<sup>6</sup> Aplicativos que evitam o acesso de *hackers* (conhecedores da informática que tentam acesso indevido às máquinas conectadas à Internet).

<sup>7</sup> Sobre a importância de se evitar a abertura de mensagens de origem desconhecida; não utilização de senhas que remetam à identidade de seu usuário; verificação da segurança de sites antes da digitação de dados pessoais, etc.

que o grupo completasse doze sessões<sup>8</sup>, quando se tornaria, então, um grupo necessariamente fechado.

Após o recebimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinados e a confirmação dos grupos, a psicóloga, novamente em comunicação via mensagem eletrônica, confirmou a data de início da experiência, orientando as participantes quanto ao procedimento de acesso à sala virtual, tal como já havia feito para a realização das entrevistas individuais.

Enquanto se confirmava aquele que se tornaria o grupo A - composto predominantemente por psicólogas - um número maior de solicitações para participação na pesquisa, de pessoas com variados perfis<sup>9</sup>, começou a chegar à caixa de *e-mail* da pesquisadora, configurando uma segunda fase de requisições. O fator da heterogeneidade em relação à profissão das voluntárias que viriam a participar daquele que se tornou o grupo B foi determinante para a decisão de se realizar, dessa forma, dois grupos.

O *software* utilizado permitia à psicóloga proceder como uma anfitriã que convidava as participantes a entrar na sala virtual e ali permanecerem conectadas por áudio e imagem, de modo que pudessem ver e ouvir umas às outras, incluída a própria imagem, durante todo o tempo da sessão, de uma hora e meia. Para isso, eram utilizadas duas senhas: a que a psicóloga operava para a abertura do *software*, e a que ela encaminhava às integrantes, com o *link* de acesso à sala virtual, via mensagens eletrônicas individualizadas e sempre com um dia de antecedência às sessões. A utilização desse *software* dispensava às participantes a necessidade de instalação de quaisquer programas, bastando que tivessem o acesso à Internet e a um endereço eletrônico. Por razões de segurança, ambas as senhas eram renovadas semanalmente.

Com o consentimento do grupo, realizou-se a gravação do áudio das sessões, preservando, dessa forma, a fidedignidade do material que seria posteriormente submetido à análise.

---

<sup>8</sup> Considerando sugestões da literatura para a substituição de desistências precoces (Yalom & Leszcz, 2006).

<sup>9</sup> Creditamos essa variedade nos perfis à publicação de uma entrevista concedida pela psicóloga, abordando o tema terapia online e a proposta da pesquisa que estava sendo divulgada, a um portal de notícias de amplo acesso da Internet.

Complementa-se que caso em algum momento fosse identificada a necessidade de algum tipo de encaminhamento, a psicóloga se responsabilizaria pelas devidas orientações e encaminhamentos, o que não ocorreu.

### **3.5. Análise do Material**

Tendo em vista o propósito de colocar em evidência o sentido latente do material produzido, iniciamos pela transcrição integral das sessões, incluindo todas as informações linguísticas (registro da totalidade dos significantes) e paralinguísticas (anotações dos silêncios e dos aspectos emocionais, como risos, tonalidades da fala, dentre outros).

Cumprida essa primeira etapa, passamos à leitura detalhada do material, sob a proposta de uma *leitura flutuante* (Turato, 2003), visando à formulação das primeiras hipóteses. Essa iniciativa confere com a acepção de Bleger (2003) de que “observar bem é ir formulando hipóteses enquanto se observa”, retificando-as “no momento mesmo em que ocorrem em função das observações subsequentes” (p. 19), com base nos pressupostos teóricos escolhidos para a realização do estudo.

Em seguida, foram realizados recortes das falas das participantes e destacados os fragmentos que fossem representativos das hipóteses e das inferências obtidas, de modo a agrupar elementos que pudessem confirmá-las ou refutá-las. Para essa etapa, foram consideradas as restrições e especificidades definidas por Kaës (2005) para o procedimento de análise do material associativo:

- a *linearidade dos enunciados*, refletida na preservação das sequências associativas, sua organização sintática, sua recorrência, e os elementos que constituíssem o indício de um ponto nodal do interdiscurso do grupo;

- a *sincronia* de certas associações, no registro da simultaneidade de associações, e, sobretudo, sua composição na interdiscursividade, suas transformações e as insistências precedentes de diferentes sujeitos (restrição que se caracteriza por ser a via de acesso aos organizadores estruturais que ordenam as correspondências das associações);

- os *efeitos das ressignificações*, implicando as significações comprometidas no processo associativo.

Feito isso, foi empreendida a interpretação propriamente dita à luz do referencial teórico adotado para a realização deste estudo, buscando ultrapassar a mera descrição dos conteúdos registrados, para apontar os sentidos subjacentes do material produzido.

Acrescenta-se que algumas falas foram destacadas com base no critério da *relevância* (Turato, 2003), por se constituírem ricas em conteúdo a confirmar ou refutar hipóteses envolvendo o tema em estudo.

Na última etapa, realizamos uma reorganização do material, através do procedimento de leitura horizontal, visando aprofundar as discussões, destacando os principais resultados, e, por fim, sugerir proposições para futuros estudos.

Cumpram-se registrar que todo o processo de análise contou com a participação do orientador e de mais duas colegas psicólogas, todos experientes com o citado aporte teórico-metodológico, tendo sido discutido em reuniões regulares do grupo de pesquisa.

Esclarece-se, ainda, que, de todo o material produzido, optou-se por apresentar a análise detalhada de 11 sessões do grupo A, sendo as 10 primeiras mais a última, seguida de momentos significativos do grupo B. Os critérios que nortearam essa seleção do material levaram em consideração, prioritariamente o objetivo do presente estudo de mostrar os efeitos que o dispositivo online é capaz de produzir sobre as associações e os processos psíquicos do grupo assim constituído e, segundo, a riqueza de informações que essas sessões forneceram acerca das vicissitudes da dinâmica grupal online.



## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. Da divulgação do estudo à composição dos grupos

Conforme explicitado no Método, esta pesquisa não previa qualquer restrição quanto ao gênero. Não obstante a isso, o número de voluntários homens foi baixo: apenas dois para cinquenta e quatro mulheres do total de interessados. A razão disso pode estar na forma como o estudo foi divulgado.

Em um primeiro momento, como dissemos, contamos com a colaboração de professores de cursos de Psicologia, graduação e pós-graduação, que divulgaram a proposta junto aos seus alunos. O maior número de mulheres interessadas no estudo pode ter sido um reflexo da notória incidência do gênero feminino nos cursos desta área de formação.

Posteriormente, houve a publicação de uma entrevista concedida pela psicóloga a um portal de Saúde de amplo acesso da Internet. Essa publicação contribuiu para que mais pessoas tomassem conhecimento da proposta e se interessassem em participar, predominando, mais uma vez, as mulheres.

É possível que a prevalência do gênero feminino esteja associada ao fato de a divulgação ter alcançado dois ambientes predominantemente ocupados por mulheres. Os reais motivos para essa diferença de gênero entre os interessados, no entanto, ficarão para futuros estudos.

Outro dado de destaque são os motivos pelos quais alguns voluntários não puderam ser incluídos na experiência. Uma das razões foi a falta de disponibilidade do voluntário em qualquer período do dia (manhã, tarde ou noite), inclusive finais de semana, ocupado com atividades de trabalho e/ou estudo. A expectativa de parte desses voluntários era a de que pudessem ser atendidos via mensagem eletrônica, de forma que poderiam escrever à psicóloga a qualquer hora. Outros, pelas mesmas razões, tiveram expectativas de que pudessem ser atendidos de madrugada.

Há um senso comum, refletido em alguns desses pedidos, de que a Internet rompe com as barreiras de espaço e de tempo. Como se o uso da Rede dispensasse a necessidade do tempo real que o seu usuário dispõe. Esses resultados corroboram as observações de Fortim e Cosentino (2007) sobre a fantasia do interessado de poder ser realmente atendido em qualquer

horário, inclusive em horários pouco prováveis de consultório e de outras instituições, como se todo e qualquer conteúdo da Internet estivesse ali pronto para ser acessado a qualquer momento.

Em menor número, porém também notórios em sua demanda, alguns voluntários apresentaram a expectativa de que pudessem ser atendidos de forma absolutamente anônima, sem sequer aceitar expor a identidade à psicóloga e firmar o termo de consentimento, o que denota um forte sentimento de desconfiança.

Entre os demais que não puderam participar, houve voluntários que desistiram por não dispor dos recursos de vídeo e voz, necessários à experiência; e outros, que não retornaram à pesquisadora desde a mensagem inicial.

A seguir, a análise das sessões:

## **4.2. Grupo A**

### **Grupo A - Primeira Sessão**

Participantes: Márcia, Paula, Karina, Felícia e Aline.

No horário combinado, o grupo é recebido na sala virtual<sup>1</sup>. A pesquisadora/psicóloga inicia a sessão lembrando as participantes que são voluntárias de um estudo que objetiva caracterizar o atendimento psicológico online, na modalidade de grupo. E enuncia os elementos constantes dessa experiência: a sala virtual, acessada por senha, que seria atualizada e comunicada ao grupo semanalmente através de mensagem eletrônica (*E-mail*)<sup>2</sup>, o horário e a duração das sessões.

Em seguida, apresenta as regras fundamentais que organizariam o trabalho: da liberdade que teriam para falar de si, e também entre si tudo o que pensassem, imaginassem e sentissem na situação; e sobre a posição da psicóloga de abster-se de outras formas de relação com as pessoas do grupo,

---

<sup>1</sup> Conforme os procedimentos já descritos, os participantes acessavam a sala virtual a partir do link e da senha disponibilizados semanalmente pela psicóloga através de mensagem de e-mail.

<sup>2</sup> Link e senha comum, encaminhados individualmente, sempre com um dia de antecedência.

complementando, assim, a definição do enquadre que daria sustentação à experiência.

A psicóloga enuncia ainda que, como regra complementar, questionaria a condição de estarem todos podendo ver e ouvir o grupo, caso houvesse alguma dúvida nesse sentido. Retoma o compromisso firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a necessária discricção de todas quando fora da experiência a respeito das pessoas que ali conhecessem, e esclarece que, em virtude do caráter experimental desta proposta de terapia, qualquer eventual situação que não houvesse sido contemplada em prévio acordo, poderia ser discutida no grupo com base em um consenso.

Um breve silêncio que se segue ao enunciado da psicóloga é interrompido por Márcia:

Márcia: *\_Tenho uma curiosidade de saber quem são as pessoas, o que fazem. Eu tenho curiosidade de saber quem é o grupo. Eu posso até começar falando um pouquinho. (Fala sua idade, que é casada, idade dos filhos, e sobre sua recém-aposentadoria) E estou **buscando coisas diferentes** para fazer... Tinha intenção de começar uma terapia... (Conta que é formada em Psicologia, que nunca atuou). E enfim... É uma **experiência totalmente nova**, gente. Assim, é... Não sou dessa geração high tech. O que eu usava de computador, eu usava para o trabalho... Aquela coisa mecânica, e... **Nunca entrei numa sala de bate-papo, não sei como é que funciona, sei que estou aí com um monte de gente... (Risos). Então, assim... Estou sempre aberta para coisas novas.***

Karina: *\_Você **não parece** ter 46 anos.*

Márcia: *\_Ah... (Risos). Parece mais?*

Karina: *\_Não, bem menos!*

O grupo faz comentários concordando com Karina.

Paula: *\_Bom... Meu nome é Paula (Fala idade, que é solteira, graduanda em Psicologia, que namora há 4 meses, como soube da pesquisa, e que sabe “que ainda não é uma coisa regulamentada” para ser feita profissionalmente, tendo se interessado para saber como funcionaria também a terapia de grupo). **Então, eu estou aqui pra ver... Como vai ser... Entrar em contato com essa experiência mesmo.***

Aline sai da sala.

Karina: *\_Tá... (Conta que tem 28 anos, formada em Publicidade). **Nada a ver com psicologia... (Risos). Mas eu trabalho com Internet há dez anos e trabalho com comportamento do consumidor... Que tem a ver um pouco com psicologia, né? Mas o meu interesse pelo grupo foi ver como funcionaria algo do gênero na Internet** (Fala idade, que é casada há 4 anos e de seu desligamento de uma empresa onde trabalhou por oito anos, para atuar autônoma).*

Felícia: *\_Bom, minha vez, né? (Sorrindo). (Conta ter 23 anos, recém-formada em Psicologia e que estava há duas semanas residindo na cidade de Buenos Aires, para continuar estudos). **E... Sou solteira, não namoro. E acho que é isso...***

Márcia: *\_**Todo mundo da área, então...***

Karina: *\_Menos eu!*

Paula: *\_**Ah, mas você trabalha um pouquinho com isso também, né?***

Karina: *\_Na verdade todo mundo de Psicologia e eu de Internet.*

Risos.

É possível notar nesse início de sessão fenômenos comuns dos grupos compostos por pessoas até então desconhecidas entre si e que são convidados à associação livre. Márcia enuncia sua curiosidade de saber quem é o grupo e diz poder começar falando de si, sugerindo, dessa forma, uma rodada de apresentações. Para Kaës (2011), esse movimento caracteriza um procedimento clássico cuja finalidade vai além do objetivo manifesto de identificar quem fala a quem, ou para fornecer pontos de referência. Diz o autor que “seu objetivo profundo é tranquilizar-se e proteger o ego e o grupo que começa a tomar forma contra a angústia diante do desconhecido, tanto do exterior quanto do interior” (p. 123). Dizer, em meio a risos, que estaria ali com “um monte de gente”, em evidente contraste com a realidade do grupo, teria sido uma forma inconsciente de enunciar essa angústia. Mais do que uma curiosidade, haveria uma necessidade de saber quem seriam as pessoas do grupo.

As associações que se seguem mostram outras maneiras do grupo lidar nesse início de experiência contra o sentimento de insegurança que a nova situação lhes suscita, e que nesse caso é nova em duplo sentido: são pessoas desconhecidas entre si e que nunca experimentaram uma terapia online. Aquilo que é diferente é negado, compensado e amenizado, enquanto uma possível semelhança é valorizada, chegando a ser proposta uma identidade ao grupo. Esse movimento sugere a tentativa de uma *identificação de urgência*, através da qual o espaço interno e o espaço do grupo estariam, ainda que momentaneamente, coincidentes (Kaës, 2011).

Dessa forma, parece que também aqui “o encontro com uma pluralidade de outros, estranhos e ainda não suficientemente familiares, suscita, em cada um, turbulências e incertezas que eles terão de reduzir sob o efeito de vários fatores” (Kaës, 2011, p. 123).

Paula: *\_Eu imaginei mesmo que o perfil de pessoas que iam se interessar, ia ser um pouco assim. **No mínimo uma pessoa que já pensou em fazer terapia ou teve algum tipo de experiência com isso.***

Karina: ***\_Eu nunca fiz terapia!***

Karina, que não é psicóloga e que nunca fez psicoterapia, começa se perceber singular no grupo.

Aline retorna.

Aline: *\_Desculpe! Eu tive que instalar java<sup>3</sup>, um monte de coisa que nesse computador não tinha. Eu achei que ia funcionar, mas acho que tenho que comprar um novo. Desculpa de novo! Acho que estava tendo uma apresentação, né?*

Karina: *\_Só falta você! (Risos).*

Aline: *\_Então, eu nunca fiz terapia online. E fiquei muito interessada como um instrumento de trabalho.* (Conta sua formação, e que estava retomando a carreira em consultório após ter morado dez anos no exterior). *Quando vi a solicitação desse trabalho, achei superinteressante como forma de conhecimento, e como mais uma forma de estar em contato com pessoas... De sair um pouco do isolamento que a gente sente... Meio estrangeiro quando a gente não está na nossa cidade, na nossa terra... Mais ou menos isso. Que mais que posso falar?* (Risos). (Conta que é casada e que tem um filho de 4 anos). *E agora não sei das meninas... (Risos). Fiquei sem saber...*

O grupo ri. Todas se apresentam a Aline, e falam os nomes de suas respectivas cidades.

Aline: *\_Isso é muito legal, né? Eu acho maravilhoso. A gente pode estar do outro lado do mundo e estar em contato. É sensacional!*

Contra a angústia suscitada nesse início de sessão, possivelmente incrementada com a perda de conexão, Aline utiliza-se do recurso da *transformação ao contrário* (Zimmerman, 2001), supervalorizando a experiência, estimando-a “superinteressante, maravilhosa”.

Paula perde a conexão.

Márcia: *\_Acho que um dos grandes **atrativos** é esse. Essa **troca**.*

Aline: *\_Estou com uma mensagem aqui meio maluca. Estou com **medo de apertar e desaparecer tudo**.* (Mensagem de que problemas no seu computador poderiam afetar a qualidade da imagem. Grupo confirma bom funcionamento).

O “medo de desaparecer tudo”, referido por Aline, sugere uma situação peculiar de ameaça, em especial sobre o projeto de ser e fazer corpo de grupo. Fazer *corpo de grupo* significa alcançar uma representação psíquica de uma unidade integrada, um projeto comum e espontâneo de todo novo grupo, de acordo com Kaës (2000). O autor explica:

A representação do grupo como corpo oscila entre uma tentativa de ser-corpo, garantia primeira contra o impensável sentimento de inexistência, e um projeto de reconstruir uma unidade constantemente ameaçada pelos perigos internos e externos encobertos pelo início da existência corporal. Fazer corpo é dar uma forma à existência do corpo ameaçado de fragmentação, a fim de unificá-lo (Kaës, 2000, p. 93).

---

<sup>3</sup> Java é uma linguagem de programação que capacita o funcionamento de programas e aplicativos de computador (Fonte: <http://www.java.com>).

Desse modo, experiências de privação nesse estágio inicial da experiência - quando não há ainda um corpo de grupo integrado – podem ser sentidas como uma ameaça de *aniquilação*, e conseqüente *angústia de fragmentação*<sup>4</sup>.

Karina: *\_Olha, **estou me sentindo meio mal no meio de tanto psicólogo*** (Risos).

Márcia: *\_Ah! Fica à vontade!*

Karina: *\_Acho que eu nunca estive no meio de tantos psicólogos* (Risos). *Psicólogo é do tipo de **pessoa que fica te avaliando, né?***

Aline: *\_Não!*

Felícia: *\_Mas aqui, não, tá?*

Karina: *\_Ah, tá! Eu tenho uma colega que é psicóloga. Não pode falar nada pra ela que, pelo amor de Deus... Que não sei o quê...*

Risos.

Márcia: *\_**Aqui somos todos iguais!***

Karina enuncia a angústia de estar entre “tanto psicólogo”. Ainda que o restante do grupo persistisse negando as diferenças, a real homogeneidade parcial com que foi composto - no que se refere à profissão das participantes – teria contribuído para a dificuldade de identificação de Karina com o mesmo. Disso, teria resultado um sentimento de singularidade que nesse momento da experiência se tornaria ameaçador (Yalom & Leszcz, 2006; Zimmerman, 2000).

A própria ansiedade da psicóloga nesse início de experiência a impede de perceber a angústia que a participante enuncia em meio a risos. Teria sido o momento, no entanto, de pontuar ao grupo o sentimento de insegurança que lhe era comum, o que, por hipótese, poderia contribuir para que esse sentimento de singularidade diminuísse.

A outra parte do grupo segue empenhada na busca por uma *isomorfia*, um estado de ilusão que, diz Kaës (1997), responde a uma necessidade de “aparelhagem do funcionamento do grupo em um único organizador psíquico grupal” (p. 209). De acordo com esse autor, os organizadores psíquicos são arranjos inconscientes, típicos de relações de objeto e determinam o lugar que os membros do grupo ocupam em um determinado momento, e as relações

---

<sup>4</sup> Angústia de aniquilamento (ou de fragmentação) “corresponde à ação da pulsão de morte agindo do interior do psiquismo, ameaçando a sobrevivência do sujeito” (Zimmerman, 2001, p. 34).

presentes no mesmo. Essa tentativa de unificar “todos em uma única massa” (p. 214) destinaria preservá-lo de supostas ameaças.

Para Anzieu (1993) a substituição temporária das identidades individuais por uma identidade grupal é inevitável e necessária. Para esse autor, sem esse primeiro tipo de vínculo, ao qual refere *ilusão grupal*, não há grupo.

Essa tentativa de ser e fazer corpo no grupo trata-se de fato de mais um fenômeno comum dos grupos. O que se torna peculiar desse dispositivo online é o risco de um rompimento abrupto do contato, repercutindo como mais um elemento produtor de ansiedade.

Paula retorna e logo sua conexão cai novamente.

Aline: *\_A Paula está tentando voltar.*

Psicóloga: *\_Estamos percebendo que as conexões via Internet ainda são sujeitas a imprevistos. Como é esse o nosso espaço de encontro, vocês sempre poderão também falar sobre como vivenciam, como se sentem diante dessas interferências da tecnologia.*

Silêncio.

Aline diz que tem que trocar a placa do seu computador, e Paula verbaliza que sua conexão não cairia mais porque teria colocado seu computador no cabo, dizendo “**agora vai funcionar**”.

Em seguida, Paula comenta sua experiência de intercâmbio:

Paula: *\_E fiz um ano do meu curso lá, **pra conhecer**, ter uma visão, **pra ter uma experiência diferente** do que eu poderia ter aqui. Aí foi ótimo, foi muito bom, muito enriquecedor mesmo. Agora, por causa disso, meu curso foi em seis anos, não em cinco, né?*

Aline: *\_É, mas já forma com **outra bagagem**, né?*

Felícia: *\_Bem legal!*

Aline: *\_Acho, assim, **essas experiências que a gente faz às vezes são duras, porque a gente se sente isolado**, tem uma burocracia própria do local que a gente tá, que a gente ainda não conhece, né? **É preciso ultrapassar barreiras**. Isso tudo, né, às vezes dá uma diferença... Fala ‘ah, meu Deus!’. **Dá vontade de desistir, mas depois que você consegue passar, aí te dá uma sensação de conquista**, de... **É bem legal!***

Psicóloga: *\_Vocês estão falando que uma experiência diferente pode trazer uma nova bagagem, que vale à pena ultrapassar barreiras...*

Aline: *\_A Felícia que tá nesse processo de cabeça, né?*

Felícia: *\_É, com certeza! Mas, como você falou, né? No começo, é difícil. Mas acho que precisa também... Acho que tudo isso que a Paula viveu em (nome da cidade) quero viver aqui também. Eu vim não só em busca dos estudos, mas **em busca de muitas outras coisas pra mim. Acho que vai ser uma fase de conhecimentos, de descobertas, enfim... Acho que vai ser muito bom.***

Paula: *\_É, **acho que a ideia é você buscar mesmo. Não só você se fechar no seu cantinho**. Mas, assim, ir atrás das pessoas, né? Um posicionamento diferente de quando a gente já tá no lugar que a gente tá habituado a estar, né? **Quando a gente vai para outro lugar, você tem que ter uma outra atitude, assim, pra você sair explorando o ambiente mesmo, né? E...** Com certeza, morar em Buenos Aires é um passo muito maior do que morar em (nome da cidade) pra quem já mora em (nome da cidade), que são só duas horas e meia de viagem, né? **Mas, assim,***



***depende do que você consegue absorver, do quanto você consegue estar aberto pra tudo, não só pra estudos. Acho que é muito relevante.***

Considerando o momento do grupo, a novidade da experiência e as perdas de conexão já experimentadas, as falas em que as participantes verbalizam que “é preciso ultrapassar barreiras” refletem tanto a identidade que o grupo começava a adquirir - de pessoas que realizaram recentes mudanças em suas vidas, pensando em novas experiências - quanto à disposição que precisariam ter para vencer os próximos desafios que a experiência ainda iria lhes trazer.

O entusiasmo com que referem a oportunidade de uma “experiência diferente” denota a transferência<sup>5</sup> de sentimentos positivos, sentimentos de esperança.

Aline: *\_Então... E a minha história é muito louca. (Conta quando se formou; sobre a instituição onde trabalhou, sua separação do primeiro marido há mais de dez anos, e posterior casamento com outra pessoa que conheceu anos antes da separação). Nós nos conhecemos aqui, eu voltando de um congresso, ele voltando de um trabalho... Nos conhecemos e começou uma história... Durou dois anos... Parei tudo, ele vinha a cada três meses para o Brasil pra poder trabalhar. E a cada três meses eu estava aqui esperando. Só que essa minha história foi me enchendo, eu falei ‘te adoro, vou ter você no coração pro resto da vida como amigo, mas basta, eu preciso de alguém perto de mim, eu quero ter uma relação mais estável. E aí nós encerramos, assim, encerramos a relação, mas a gente tinha contatos, né. Aí eu conheci uma outra pessoa, então foi com esse que nós fomos morar juntos, e nesse período eu me desliguei da (instituição), fui só com o consultório, e ali fiquei. Quando eu me separei desse rapaz que a gente tava morando junto, esse (estrangeiro) nas suas vindas, me procurava sempre, me procurou e soube que eu tinha me separado. Aí ele resolveu resolver a vida dele também, e começou a me procurar, e a gente, assim, tinha um afeto muito grande um pelo outro. E nessa, nós ficamos dois anos com Internet. Ainda não tinha Skype, então, assim, era mensagem (Risos), eu tenho as mensagens guardadas até hoje... Foram duas mil mensagens em dois anos... Eu ia pra lá, ele vinha pra cá... Até que a gente falou ‘vamos ter que tomar um rumo, vamos ter que decidir alguma coisa’. (Comenta a mudança para a Itália e depois a decisão de retornar anos mais tarde, após o nascimento do filho). E a gente começou a pensar de voltar para o Brasil. Fomos tentando percorrer um caminho que deu certo. Eu falei ‘o universo tá conspirando para que dê certo isso’, e a gente veio parar aqui.*

Paula: *\_Nossa... que história!*

Felícia: *\_Legal, viu?*

Karina: *\_E você tem um filho de 4 anos, né?*

Aline: *\_Eu tenho, o (nome do filho). Quer ver a cara dele? (Mostra retrato).*

Seguem-se comentários.

Aline: *\_Márcia! Fala um pouquinho de você.*

---

<sup>5</sup> Em Psicanálise, esse termo significa o fenômeno de transferir para pessoas e situações do presente aspectos da vida psíquica ligados a pessoas e situações do passado.

Márcia comenta sua carreira, sua recente aposentadoria e o desejo de ainda fazer algo que lhe desse prazer, e de talvez ainda mudar-se para uma cidade menor.

Karina fala do prazer que sente em morar numa cidade pequena, do trabalho que deixou há dois meses para trabalhar autônoma, e da perspectiva de ter filhos.

Márcia: *\_Legal! Então, eu também assim... Quero ver se passo a fazer alguma coisa que me dê prazer, que eu goste... E... Achei sua história linda, Aline!*

Paula: *\_Achei bem impressionante. De filme, de novela.*

Márcia: *\_De filme. Vai e volta, vai e volta, encontra. Só de encontrar no retorno de um evento é bem de filme, é bem legal! E é isso, isso é a minha vida prática. Depois vocês vão conhecer mais um pouquinho (Risos).*

Terminando o horário, a terapeuta sintetiza o movimento do grupo nessa primeira sessão, em que iniciaram buscando se conhecer, e as vivências compartilhadas nesse primeiro encontro.

Aline: *\_Eu me senti muito à vontade.*

Márcia: *\_Foi bem legal.*

É notável o envolvimento do grupo com o relato de Aline. Diz Neri (1999) que “todo grupo se constitui em torno de uma ideia messiânica, envolvente e animadora, e em torno de uma pessoa que representa tal esperança” (p. 57). As associações que se seguem ao relato de Aline, envolvendo mudanças, desejos e expectativas, seriam indícios da instalação desse sentimento. O narcisismo individual estaria assim cedendo lugar ao narcisismo grupal, favorecendo um sentimento de igualdade, e o nascimento de um novo grupo (Anzieu, 1993).

## Grupo A - Segunda Sessão

Participam: Márcia, Paula, Felícia e Aline.

No horário combinado, Felícia entra na sala virtual, com imagem congelada. Ela sai e refaz a conexão.

Felícia: *\_ Fui mexer aqui e caiu a conexão. **Não vou mexer em mais nada, em nenhum botão.***

O congelamento da imagem remete ao congelamento do próprio *setting*. Dizer “não vou mexer mais em nada, em nenhum botão”, denota, por um lado, o desejo da participante de se manter nesse vínculo, mas também a ansiedade paralisante diante dessa situação que se revela vulnerável. Não saber ao certo o que poderia vir a romper novamente o contato é paralisante e parece ter suscitado sentimento de culpa na participante.

Considerando que o grupo, na sua evolução, repete o desenvolvimento do indivíduo, partindo de um estado de fraca integração, a privação do contato neste estágio da experiência terapêutica pode ser capaz de suscitar a revivescência de angústias mais primitivas, de maneira semelhante a que sofre um bebê quando é privado do contato de sua mãe (Leal, 1997). Daí também a paralisação.

Felícia conta sorrindo que conseguiu aprovação na Universidade:

Felícia: *\_ **Vou ter que me esforçar porque as matérias não são fáceis.***

Falando do esforço que precisará empreender para superar os desafios da universidade, Felícia refere, de maneira *extratransferencial*, ou seja, através de “sentimentos embutidos nas narrativas de fatos exteriores” (Zimmerman, 2001, p. 136), a mesma ansiedade vivida no aqui e agora da experiência.

Márcia entra na sala:

Márcia: *\_ Bom dia! Só nós hoje? (Tom de apreensão).*

O tom de apreensão na fala de Márcia indica que as faltas das demais participantes não seria um fato sem importância. Essa questão ainda retornará ao longo da sessão.

Aline entra na sala virtual:

Aline: \_ *Desculpa o atraso! Problemas técnicos...* (Risos).

Psicóloga: \_ *Problemas técnicos?*

Aline: \_ *É... Vocês não sabem o que eu fiz agora de manhã para conseguir entrar* (Risos). (Diz não saber onde teria deixado a bateria do seu notebook, e que, por isso, estava no desktop, aberto, com ventilador na frente, para evitar que esquentasse demais). \_ *Espero que aguento o tranco... Por que... Se não, eu vou desaparecer. Eu tinha certeza que estava tudo pronto. Mas tudo bem! Cheguei! Tô morrendo de calor...*

A partir desse fragmento é possível destacar uma das peculiaridades deste dispositivo. A preparação do espaço terapêutico torna-se compartilhada. Cabe a cada um dos envolvidos, terapeutas e pacientes, providenciar que suas máquinas (computadores) estejam em boas condições de funcionamento.

Pensar que estava tudo pronto é também pensar que o *setting* estivesse pronto, ou que as soluções já estivessem prontas, configurando-se, assim, uma posição inicial de *dependência* (Bion, 1975).

Numa provável tentativa de amenizar a culpa pela transgressão à regra do horário, Aline descreve o esforço empreendido para estar com o grupo.

Felícia conta a Márcia e Aline sua aprovação na Universidade:

Aline: \_ *Ah, que legal!*

Márcia: \_ *Parabéns!*

Felícia: \_ *Obrigada! Mas eu tava falando pra ela também das minhas dificuldades, né... Que os professores falam rápido... O idioma tá meio complicado.*

Aline: \_ *É, aos poucos... Faz pouco tempo que você tá aí, né? Daqui a pouco já pegou.*

Márcia: \_ *É mais do dia a dia mesmo, né? Você deve conversar com as pessoas!*

Felícia: \_ *É...*

Márcia: \_ *E você tem tido contatos, Felícia? Tem amigos já?*

Felícia: \_ *Tenho, tenho... Já fiz amizades, sim... Mas... Tem coisas que eu entendo, mas como fala muito rápido... ainda mais teoria, né... Já é complicado em português, imagina em espanhol...* (Risos).

Márcia: \_ *É como se fosse outra língua, né? Porque é uma língua acadêmica.*

Felícia: \_ *É. Pois é... Não vou me precipitar... Mas... Tenho que estudar mais.*

Márcia: \_ *Vai dar certo!*

Felícia traz ao grupo a sua dificuldade com o novo idioma. O grupo a acolhe e mostra tentativas de minimizar esse mal-estar, dizendo que “*faz pouco tempo*” e que “*daqui a pouco já pegou*”. Assim como o grupo próprio grupo que existe há pouco tempo. E aqui também elas precisam lidar com outro idioma, com a “linguística” da emoção, com a “linguagem” do inconsciente. A partir desse conteúdo manifesto, o grupo se mobiliza para lutar contra sua própria ansiedade, em expressões que suscitam a esperança de que “*vai dar certo*”.

É possível compreender esse movimento psíquico do grupo recorrendo a Bion (1975), na sua concepção do *pressuposto básico do acasalamento*, quando o grupo, defendendo-se de ansiedades, investe um sentimento de esperança em uma pessoa, acontecimento, ou ideia que virá salvar o grupo e fazer desaparecer as suas dificuldades.

Aqui, o objeto<sup>6</sup> de investimento torna-se o próprio grupo, no qual, através da fala, no “*conversar com as pessoas*”, as participantes poderão criar vínculo, e serem mutuamente compreendidas. Também uma forma de comunicar, de modo inconsciente, a necessidade de abandonar a atitude passiva.

Paula entra na sala virtual.

Márcia: *\_Olá! Acordou agora, hein?*

Felícia: *\_Bom dia!*

Márcia: *\_Olha a cara dela* (Risos). (Paula parecia de pijama, e atrás dela havia uma cama desarrumada).

Paula diz ter colocado despertador e que acabou dormindo novamente.

Paula: *\_Acordei agora... Ai! Meu Deus! Meio com pressa... Acabei dormindo além da conta...*

Aline: *\_Que inveja!*

Paula: *\_Eu tinha que ter acordado mais cedo, mas ontem acabei dormindo muito tarde. Aí acordei... Não consegui levantar... Aí acordei de novo meio no susto.*

Aline comenta a rotina de acordar cedo, por causa do filho que acorda de madrugada.

Neste fragmento, evidencia-se outra possibilidade de transgressão ao enquadre. Desta vez mostrando que – conforme poderíamos supor – a praticidade de não precisar se deslocar até um consultório, inclusive tendo um

---

<sup>6</sup> Neste trabalho, a palavra *objeto* não deve evocar a interpretação comum de coisa inanimada e manipulável. Em Psicanálise, a noção de objeto é encarada sob três aspectos principais: a) enquanto alvo correlativo da satisfação pulsional, podendo se tratar de um objeto parcial, real ou fantasmático; b) enquanto correlativo do amor ou do ódio, tratando-se da relação da pessoa total com um objeto (pessoa, entidade, ideia, etc) visado também em sua totalidade, e c) no sentido tradicional da filosofia e da psicologia, enquanto correlativo ao sujeito que percebe e conhece (Laplanche & Pontalis, 1996).

computador no próprio quarto, não impede a interferência de outros fatores, como falta de motivação ou resistência.

Paula: *\_Tá faltando um... **Tá faltando alguém, né?***

Aline: *\_Tá! Agora não lembro no nome... É Andréa...?*

O grupo ainda tenta lembrar o nome da participante e sua cidade.

Aline: *\_Meu Deus... Não lembro o nome dela. Dá alguma dica, Carla... (Risos). Mas ela avisou que não poderia participar, tá atrasada, ou não vem...?*

Breve silêncio.

Psicóloga: *\_Como o grupo vivencia, ou o que associam nessa ausência?*

Márcia: *\_É estranho, Carla. Assim... É... **De cara**, a gente olha... O grupo tava menor. Eu entrei, tava só você e a Felícia. A **primeira sensação** que a gente tem é assim: **Ih! O pessoal desistiu!** (Breve silêncio). É a Karina, né? **Ela falou várias vezes semana passada que tava...Incomodada, né...** Não sei se é essa a palavra... com o fato de que só ela não era psicóloga. Então, a primeira coisa que pensei foi que ela... E é engraçado... Foi um **encontro só**, e ela tá **fazendo falta**.*

Aline: *\_Eu não sei assim... Claro todo mundo tem... Imprevisto... **A gente precisa esperar e observar... o comprometimento da pessoa, né?** Não sei... **Se ela se sentiu incomodada, pode ser que ela possa colocar isso para o grupo, porque a gente vai formando vínculo, né, e depois, acho que mais pra frente, fica estranho mesmo, que vai faltar... Falta, né... o complemento. Por enquanto... Falando por mim... Eu ainda, não... Se ela decidiu se desligar, por exemplo... **Ainda tá tranquilo.** Mas é um **comprometimento** que a gente tem, né? Então, assim... Se ela teve um compromisso e a semana que vem ela tá aí de volta, tudo bem. Mas se semana que vem ela também não pode, nem na outra, eu não sei como vai ficar a gestão disso, né...***

Felícia: *\_Eu acho que... **Pelo fato de ser um encontro pela Internet... facilita mais da pessoa faltar...** do que se fosse pessoalmente num **consultório...** e principalmente ter que **pagar**. Mas... **a partir do momento que a gente se compromete** a participar, e assumir com todos os critérios, e a proposta, eu acho que **tem que fazer um esforço**, tem que... Às vezes abrir mão de alguns compromissos... **Flexibilizar mais os horários** pra estar participando. E outra coisa... **Antes de estar ajudando na pesquisa, isso também está me servindo, sabe? Tá fazendo bem pra mim, e é por mim, antes de qualquer coisa.** (Comenta que precisará faltar a duas sessões, justificando). Mas eu **não quero perder**, eu acho que uma sessão perdida é muito estranho, assim, pra mim, porque depois eu vou **ficar deslocada**, assim, sem saber o que falaram na semana passada...*

Aqui é retomada a questão da falta, e é possível notar como a ausência de uma participante mobiliza o grupo, suscitando dúvidas, desconfianças e fantasias sobre o motivo dela não estar ali. Com isso, encontramos mais um fenômeno já conhecido das terapêuticas grupais. Diante desse semelhante modo de reagir, podemos afirmar que as faltas em um grupo terapêutico a distância também “não são fatos sem quaisquer repercussões” (Souza & Scorsonlini-Comin, 2011, p. 30).

As associações que se seguem revelam que mudanças nas configurações do grupo, ameaçadoras à sua existência, são também capazes

de despertar sentimentos persecutórios (Kaës, 2004). Isso, mais uma vez, desvia o grupo de sua tarefa, fazendo-o funcionar sob outro pressuposto descrito por Bion (1975), o *pressuposto básico da luta e fuga*, quando o grupo, conluiado, mostra atitudes defensivas contra uma situação que lhe representa uma ameaça.

Vale destacar a peculiaridade da hipótese oferecida por Felícia para explicar a ausência de Karina. Para ela, a falta teria sido em razão de o encontro ser pela Internet, sugerindo que, por isso, tornava-se mais fácil faltar, comparando ao consultório convencional, onde as sessões seriam pagas. Felícia atribui ao próprio dispositivo um possível motivo para a falta de Karina. Reitera, como o fizera no início da sessão, que é preciso esforço, sem atribuí-lo dessa vez a uma representação externa. Mantendo-se, porém, ainda em um nível lógico, numa clara forma de defesa, visto que a sessão tinha um horário fixo, não sendo os horários, portanto, que precisariam ser flexibilizados.

Em seguida, talvez como uma forma de compensar a própria ausência já programada, Felícia refere bem-estar na experiência e o desejo de não perder as sessões.

Márcia: *\_Bom... **Quero dar uma defesa aí, porque... Claro, eu também me programei pra esse dia. Na quinta-feira, eu não marco nada pra esse horário. Mas é o que a Aline falou, podem acontecer muitas coisas nesse caminho. Pode acontecer com qualquer um de nós. Se for alguma coisa com o grupo, a gente pode tentar dividir... Como a Felícia disse, vamos usar isso em nosso benefício, né? Também... Acho que até em primeiro lugar em nosso benefício, né? Até tem hora que é difícil, né, não dá pra dizer o que está sentindo... Mas, claro, acho que esse grupo aqui tá compromissado, tá programado para estar aqui toda quinta-feira.***

Todas as participantes do grupo fazem um gesto de assentimento com a cabeça.

Diante de todas essas angústias suscitadas pelas faltas que ameaçam a existência do grupo, Márcia traz outras possibilidades, capazes de instilar sentimentos de esperança. Lembrar que fatores externos também podem interferir no desejo de estar com o grupo parece desnutrir a fantasia do abandono. Dessa forma torna-se possível pensar que é de fato um grupo compromissado, e que em breve poderão superar os obstáculos e poder falar dos sentimentos. Assim, o grupo se organiza novamente em movimento de *acasalamento* (Bion, 1975).

Paula: *\_Eu só **fico pensando se doze sessões não é um tempo muito longo para o grupo ter essa flexibilidade, sabe?** De repente tá acontecendo alguma coisa muito intensa no grupo, e uma pessoa sai. Não seria melhor que uma pessoa nova não entrasse? (Breve silêncio). Mas não sei, né... Não dá pra saber o que vai acontecer... Mas, não sei, **acho que ainda dá...***

Psicóloga: *\_Não sabemos se Karina não virá mais.*

A vivência da falta coloca em questão o prazo anteriormente acordado, nas entrevistas prévias individuais, a respeito da possível entrada de um novo integrante. A possibilidade de uma entrada posterior parece representar o risco de se ter que reviver os mesmos sentimentos persecutórios que nesse momento obstaculizam a tarefa do grupo. Isso mostra que no grupo online mudanças reais ou hipotéticas na sua configuração podem se tornar igualmente ameaçadoras (Foulkes & Anthony, 1967).

E para não conluiar com o grupo na fantasia do abandono, a psicóloga intervém no limite de pontuar a realidade: a de não saber se Karina retornaria ou não, visto que a sua falta não foi comunicada.

Aline comenta da própria experiência de já ter ingressado num grupo já existente.

Aline: *\_Eram nove ou dez pessoas, e já tinham tido dois ou três encontros. E, assim, eu entrei... Tranquilo, fui bem recebida... Uma **grande parte desse grupo não está indo mais** (Risos), e agora ficamos em cinco. Então, no início acho que pode ser... Mas, depois, já em processo, pra pessoa entrar, né... e acompanhar tudo que foi vivido... Porque **depois as coisas vão aprofundando, né... Os vínculos se estabelecendo...** fica complicado... **Alguém entrar, assim, de fora...** dá uma... (Risos) chacoalhada... Não sei... acho que o tempo mesmo vai dizer se depois de um certo tempo não se entra mais. Mas eu tive essa experiência da entrada posterior, e fui bem aceita. Pode ser também que tenha um grupo (Risos) com muita resistência, né? Tudo é possível...*

As falas do grupo sugerem a fantasia de que a partir do momento em que houver vínculo haverá uma homeostase. A abertura representa uma ameaça, mobiliza sentimentos persecutórios.

A psicóloga observa a imagem de Márcia congelada. Perguntada, Márcia diz que para ela as imagens e o áudio estão normais.

Márcia: *\_Preciso comprar um computador novo.*

Aline: *\_Quem sabe a gente ainda faz uma compra coletiva (Risos).*

Brincam com a ideia de fazer um **consórcio**.



A brincadeira é também uma forma de amenizar a angústia. “Consórcio” remete a uma ideia de compromisso. O grupo busca a sua integração.

Aline volta a falar dos problemas do seu computador:

Aline: *Eu não aguento mais pegar, desmontar tudo, levar... **Eu tenho que chamar alguém que venha aqui em casa.** (Fala que pode ser a placa ou outros problemas do computador). *Esquenta demais. Agora ele tá... tá um esqueleto, todo aberto... Eu falei: eu vou radicalizar (Risos), porque **não vai poder me deixar na mão.****

Márcia: *E a Felícia? Tá muito quietinha!*

Felícia: (Risos). *Estou tranquila. Graças a Deus, meu computador não está dando problema. No começo da sessão de hoje travou um pouco o vídeo, mas eu liguei novamente, aí deu certo. Mas é um problema, né, computador?*

Aline: *O problema é que a gente gosta de usar, ele é ótimo; facilita a vida pra caramba. Só que assim... **ele devia vir com um técnico junto** (Risos), portátil, que **quando você tiver precisando, aperta o botão, ele sai e resolve tudo.** Eu até já fiz curso, mas se você não ta ali sistematicamente utilizando, você esquece, né?*

Com a vulnerabilidade do equipamento, as transgressões ao enquadre e o incômodo despertado pela ausência de uma participante, o grupo se mostra paralisado e dependente.

Paula: *Felícia, como está a vida aí em Buenos Aires? Tá muito complicada? Mudar de país, assim... Eu fiquei 'gente, como que ela muda pra Buenos Aires, assim, **de uma hora pra outra?***

Felícia: *Então... **O bom é que eu não moro sozinha, né?***

Paula: *Ah, tá...*

Felícia conta que morou com tios desde seus dezoito anos, quando sua mãe faleceu, e que planejou ir para Buenos Aires assim que seu tio foi transferido para lá.

Felícia: *Pra continuar meus estudos, pra aprender uma nova língua... E é bom que eu moro com ele, é uma boa companhia. Mas, também, que nem eu falei no começo do grupo, eu consegui entrar na (Universidade), pra fazer umas matérias para depois fazer o mestrado. E tá complicado, porque **os professores falam muito rápido... Ainda não estou fluente na escuta, nem na fala, mas... Mas é isso. Estou feliz, acho que com o tempo isso vai melhorar. Mas não é fácil, realmente não é fácil. O bom é que eu tenho o apoio da minha família, dos meus amigos, então isso me conforta...***

A hipótese é a de que, de maneira extratransferencial, o grupo – tendo Felícia como porta-voz - esteja questionando o tempo da terapia, se será suficiente para o desenvolvimento do vínculo e para que haja mudança psíquica. Como afirma Anzieu (1993), as regras, em psicanálise, cumprem mais do que organizar o trabalho, “as regras são objeto de investimento fantasmático e de contra-investimentos defensivos” (p. 21).

Paula fala que também tem vontade de morar fora e de sua dificuldade em decidir que área seguirá da profissão.

Felícia: *\_Acho que todo mundo passa por isso...*

Paula comenta que está aguardando a oportunidade de um estágio e que isso poderá ajudar em sua decisão).

Paula: *\_Aí no caso **se eu conseguir**, infelizmente **vou ter que sair do grupo**, mas eu só vou ficar sabendo em maio (sendo que nos encontrávamos na última semana de abril). Então, estou aguardando pra ver, assim, como que vai ser.*

Silêncio.

Como dizem Foulkes e Anthony (1967), “os silêncios representam uma importante comunicação no grupo e o terapeuta deve se dedicar a compreender seus muitos significados distintos” (p. 215). Dentre os significados possíveis, manifestava-se a ansiedade e também a surpresa do grupo diante do anúncio de Paula, que há pouco compartilhava da perspectiva de comprometimento com a tarefa proposta.

Aline: *\_Não vai dar pra conciliar, né? Você vai ter que ficar lá...*

Dentre as diferentes maneiras como um grupo terapêutico pode reagir à saída de um membro (Foulkes & Anthony, 1967), neste caso essa possibilidade é vivida com um sentimento de perda.

Paula explica que o estágio ocuparia os horários da manhã, quando também acontecia o grupo. E fala do medo de terminar a faculdade sem decisão de carreira.

Felícia comenta ter vivenciado situação semelhante no final do seu curso, meses antes, e que compreende o que Paula estaria sentindo.

Felícia: *\_Mas... **Vão surgir...** Algumas ideias, alguma oportunidade pra você.*

Felícia identifica-se com Paula pela relação de semelhança nas experiências de final de curso. Essa forma de identificação introduziria um novo caminho para o vínculo. Por outro lado, dizer que algo vai surgir remete ainda à posição de *dependência*.

Aline: *\_E também **não há garantia** de que alguém que já saiba exatamente o que, quer, não mude de ideia no meio do caminho, né? (Risos).*

Felícia: *\_É! (Risos).*

O riso, nesse momento, seria uma forma de dar expressão à ansiedade diante de todas essas ameaças à existência do grupo (Foulkes & Anthony, 1967).

Aline: *\_Acho que o importante é você **ir percebendo aonde que você se sente bem**, daquilo que você está estudando... Ou daquilo que você tá vivenciando... (...). A gente quer fazer tanta coisa, o tempo inteiro. Tem que ir devagar... (Comenta como evoluiu sua carreira). **As coisas foram se encaixando quase... Não vou dizer sozinhas porque eu dava os meus passos, né?***

A fala de Aline expressa a necessidade de o grupo tornar-se ativo, sair da posição de *dependência*.

Márcia: *\_Eu só queria dizer... Como eu falei da outra vez, eu não pude seguir a carreira. E voltar agora tá sendo muito difícil. Então eu queria falar pra Paula, pra Felícia... **Traça um caminho... Se lá na frente vir que não é esse, volta pra trás... né?** Muda no meio do caminho... Eu até queria aproveitar o grupo pra vocês me darem alguma dica, onde eu começo uma pós-graduação... **Eu comecei esse ano como se fosse o último ano da minha vida.** Preciso aproveitar pra fazer as coisas agora, e fazer a coisa correta.*

É possível notar nas falas acima a ocorrência do fenômeno da *ressonância*, termo proposto por Foulkes e Anthony (1967) para designar a existência de uma comunicação inconsciente entre os sujeitos na produção de diferentes enunciados de mesmo significado afetivo.

Aline: *\_Acho que sei como você se sente, como se tivesse fora de uma **roda de samba**, né? Eu fiquei fora da clínica dez anos. Cheguei na Itália, tudo diferente... Apesar de ser minha cultura de base, a gente tá vivendo aqui, é outra história. (...). **Primeiro você precisa conhecer o sistema de vida, a cultura.** (...). Cheguei há dois anos e estou batalhando pra entrar de novo. (...). **Escolhi morar aqui, então eu tenho que encontrar soluções aqui.** (...). E se a gente acha que tudo acontece em São Paulo, **quando a gente abaixa o preconceito e se permite conhecer as pessoas, a gente vê que não é bem assim, que a gente tem um certo espaço.** (...). Então, é assim, Paula, a gente vai trilhando o caminho. (...). Pra coisa dar certo, a gente tem que gostar também pra fazer bem feito, né? Mas é assim às vezes. Não é tão retinho o caminho. **Então, não se assuste, e vai trilhando o seu, prestando atenção pra ver como ele vai ser.***

Ocorre outra experiência de identificação. Com isso, o grupo começa a compartilhar afetos, dando início a narrativas pessoais.

No nível latente, essa fala também expressa a percepção do grupo de que conhecendo umas às outras e podendo experimentar esse ambiente, poderão se tornar um grupo ativo.

Felícia perde a conexão.

Paula verbaliza ter esperança de que algo como estão falando lhe aconteça.

Paula: *\_Mas, ao mesmo tempo, dá muito medo, né. Você não sabe o que tem pela frente...*

Aline: *\_É que agora talvez as coisas **não estejam claras**. A partir do momento que você começa, a partir do momento que você começa o **primeiro contato**, as coisas vão pipocando aqui e ali, e **o leque vai se abrindo**. Com o passar... Acho que tem uma certa dose de **ansiedade**. A coisa precisaria estar pronta. **Mas é assim, uma construção**.*

Psicóloga: *\_Penso que vocês podem estar falando de uma construção também aqui, do grupo.*

Silêncio.

Aline: *\_Eu tava pensando agora com meus botões, não agora... Mas antes mesmo... **A questão da distância, como será que rola a questão da afetividade, né?** Quando a gente tá presente, tem a questão do... **Eu sou muito...** (Risos) também foi o caminho que eu escolhi pra trilhar, né? De estar muito em **contato**, de estar muito **perto, próximo...** Essa é a minha abordagem. Então, eu falo, **como será essa... Esse vínculo** (ênfase), né? Creio... Daquilo que **estou percebendo, que a gente tá caminhando** e acontece de uma **forma diferente**, mas acontece. A gente vai **estreitando laços**.*

Psicóloga: *\_De uma forma diferente?*

Aline: *\_É... **Na medida** em que a gente vai se abrindo, vai colocando as **questões mais pessoais**, acho que a partir daí que vai dar o... A liga (Risos). E se um dia a gente resolver **se encontrar vai ser muito legal**.*

Risos.

Paula: *\_Nunca te vi pessoalmente, mas te conheço (Risos).*

A psicóloga comunica o término do horário, e que aguarda o grupo para a próxima semana.

Ao final da sessão, fica mais evidente a dúvida quanto ao tipo de vínculo que as participantes poderão estabelecer. Por outro lado, as identificações produzidas favorecem a representação do grupo como um objeto bom.

## Grupo A – Terceira Sessão

Participam: Márcia e Aline.

Na véspera dessa sessão, Karina, em resposta à mensagem de encaminhamento da nova senha, comunicou à psicóloga que estava se desligando do grupo devido a uma nova proposta de trabalho.

A angústia mobilizada em Karina na primeira sessão ante a singularidade da formação profissional das demais participantes, todas psicólogas (formadas ou em formação), nos leva a acreditar que esse fator da homogeneidade parcial com que grupo foi constituído tenha contribuído para sua decisão. Isso reitera que os tradicionais critérios de heterogeneidade ou de homogeneidade (Brofman, 2008; Osório, 2007; Zimerman, 2000), conforme descritos na introdução deste trabalho, devem ser considerados para a composição dos grupos terapêuticos, inclusive grupos terapêuticos online.

Antes da sessão, Paula e Felícia também comunicaram a falta, igualmente através de retorno à mensagem e encaminhamento da nova senha, ambas alegando motivos acadêmicos.<sup>7</sup>

No horário combinado, Márcia entra na sala virtual.

Márcia: *\_Bom dia! Estamos só nós hoje? (Tom de apreensão).*

A ausência das outras pessoas do grupo é recebida com ansiedade por Márcia. Foulkes (1976) e Kaës (2000) colocam que mudanças na configuração do grupo, como nessa condição de ausência das demais participantes, interferem no seu funcionamento psíquico, favorecendo a revivescência de angústias mais primitivas.

Psicóloga: *\_Como você se sente nessa ausência, Márcia?*

Márcia: ***\_A gente cria uma sensação de que a Internet dá proteção, né? Eu acho que até dá. Mas, assim... Nessa experiência que a gente tá tendo, eu sinto como se a gente tivesse junto. Assim... Eu acho que a questão de visualizar a outra pessoa, como a... A Karina, ela levantava, saía, ia pegar alguma coisa..., voltava... pegava um cigarro... Assim, ela tava muito inquieta. A Felícia... ficou também no primeiro dia quietinha... Na dela, né? Mas tem também a questão da disponibilidade interna, né? Que a gente tá falando da possibilidade de não comparecer. Então, assim, se eu não estou bem, não é porque estou na Internet***

<sup>7</sup> Conforme explicitado no método, as comunicações por mensagens eletrônicas sempre se davam de forma individual, entre a psicóloga e cada uma das participantes.

**que isso vai fazer eu me sentir bem.** Não tá bem mesmo... Acho que é um caso assim...

Márcia constata que o uso da Internet com os propósitos terapêuticos não impede a mobilização de ansiedade. Não existe proteção apenas pelo fato de se estar na Internet. A nosso ver, é essa similaridade de fenômenos, reverberando nas mesmas ansiedades e tensões peculiares dos primeiros estágios de uma terapêutica grupal (Foulkes & Anthony, 1967; Kaës, 2011) que repercute na sensação do estar junto, referida pela participante.

Márcia: *\_Vou falar de uma coisa que aconteceu no grupo... No primeiro dia que a gente se apresentou, a Paula... **Me chamou atenção** a Paula falar que namorava uma moça. Assim... Me chamou atenção **primeiro por um lado positivo**, porque eu falei: caramba! **Primeiro grupo, primeira reunião... Ela colocou isso de uma maneira tão tranquila...!** Mas não posso dizer pra você... A gente fala, assim... ah, é normal.... E eu acho que é normal mesmo! Mas **por que aquilo me bateu**, então, se é normal? Depois comentei com uma pessoa, sem dizer, claro, de onde era, e falei: pessoa bacana, nova, bonita... citou um relacionamento homossexual. E aí a pessoa me falou: Tá vindo! Você é muito preconceituosa (Risos), 'Porque... é assim, essas coisas acontecem, é normal!. **Isso me deu uma sacudida...***

Psicóloga: *\_E o que sentiu?*

Márcia: *\_Assim... Eu achei ela muito corajosa... Na exposição que ela teve... Acho que um sentimento de **admiração, pela coragem dela falar** aquilo naquele momento, e... **Também das pessoas ouvirem aquilo naquele momento**, como se fosse...*

Dizer “naquele momento” mais uma vez denuncia o desconforto inicial com a pluralidade (Kaës, 2011).

Márcia: *...Como se fosse!? Olha o tom, né? (Risos). É normalíssimo! É como se ela tivesse... Tava todo mundo falando de gato, cachorro, papagaio... De repente, ela... 'Namoro uma moça, ela tem um cachorro...'. Tranquilíssima, né... Eu achei... Achei bacana... Mas causou uma certa estranheza porque acho que a gente ainda... Sabe aquela coisa que você sabe que existe, mas... Ainda não é claro, né? **Não é aberto...** E quando você vê alguma coisa assim na rua, nos lugares públicos, eu não sei... Sempre tem alguém que critica... Você olha aquilo, **escuta crítica...** Acho que isso tá... Acho que ainda tá meio que clareando nas cabeças, né? E assim... eu tenho dois meninos, e eu tento passar algumas coisas prá eles sem esse preconceito. É muito difícil... Porque eles trazem... Eles estão naquela idade de 'você é gay, você é boiola! Você é não sei o quê...'. Eu falo 'gente! O que é isso? Em primeiro lugar, vocês sabem do que estão falando? E, em segundo lugar, o que é o ser gay? É gostar de outro homem? Qual o problema?'. **Parece que a gente já nasce com essas coisas, né?** É bem complicado... **A cabeça da gente tem que ser muito boa.** Então, não adianta aquela coisa 'ah... eu não tenho preconceito', mas, lá no fundo, existe, né?*

Psicóloga: *\_Márcia, você disse que parece que a gente já nasce com essas coisas. Penso que isso pode ter relação com o fato de a homossexualidade já ter sido realmente pensada como algo fora do normal. Não faz muito tempo que deixou de ser classificada como doença. Acha que sua reação pode ter esse sentido?*

Márcia: *\_É... Existia e existe ainda o preconceito, né?*

Nessa intervenção a psicóloga transgride o enquadre, não se abstendo do lógico e oferecendo uma intervenção característica de uma orientação. Sua própria ansiedade na situação a teria impelido a intervir dessa maneira, acabando por desviar-se da oportunidade de explorar qualquer outro significado associado à experiência relatada pela participante.

Em todo grupo terapêutico pode existir a situação do integrante que se depara com a necessidade de reavaliar seus conceitos que, em outro contexto, onde não houvesse envolvimento emocional, talvez continuasse tratando determinados assuntos como proibidos ou repulsivos. Dessa forma, o grupo online também pode ter essa similaridade com um trabalho presencial no aspecto de trabalhar temas que vão além das questões mais individuais e conscientes (Brofman, 2008; Foulkes & Anthony, 1967).

Aline entra na sala virtual.

Aline pede desculpas pelo atraso. Conta que mais cedo conversava com o pai pela Internet. Teve vontade de perguntar a ele como estava se sentindo. Sentiu-se impedida por nunca terem conversado sobre sentimentos. Diz que sua preocupação era saber como ele estaria elaborando o luto. Visivelmente emocionada, conta que sua mãe falecera fazia três meses.

Psicóloga: *\_Aline, talvez você também queira falar dos seus sentimentos.*

Aline chora. Diz que teve que ser muito prática quando a mãe faleceu. Conta que sempre manteve contato com os pais no período em que esteve fora do país. Em conversas por vídeo na Internet, aos poucos foi percebendo que a mãe apenas aparecia ao lado do pai, sem participar das conversas. Afirma não se arrepende das escolhas que fez e que a levaram a viver distante, mas que sofreu com essa distância. Acompanhou de perto o último mês de vida de sua mãe, já internada em uma UTI. Diz que sabia que seria uma despedida. Conta detalhes desse período.

Este fragmento denota os primeiros efeitos da função *contínente* do enquadre proposto ao grupo. A instauração de um espaço, ainda que virtual, mas de aceitação e de escuta, configurou o amparo necessário para que a participante pudesse expor a sua angústia.

As proposições de Foulkes (1976) e de Kaës (2011) a respeito dos efeitos das mudanças de configuração do grupo, anteriormente assinaladas, nos permite afirmar que a falta das outras pessoas do grupo reativou em Aline a angústia da perda.

Márcia fala da necessidade de cuidar de sua mãe e de suas dificuldades nessa tarefa. Única filha mulher, caçula de quatro irmãos e aposentada, diz tentar estabelecer limites em relação às demandas da mãe, que mora só e que se queixa de suas visitas rápidas. Comenta que sua mãe também estaria apresentando problemas de memória.

Aline: *\_Minha mãe também tinha isso... (Lembra como surgiu e evoluiu a doença de sua mãe, e dos cuidados que foram necessários).*

Márcia: *\_E outra coisa... Ela sempre bateu no peito: eu moro sozinha! Eu não quero ninguém perto; não quero morar com nora, com ninguém! Só que agora, assim... A gente percebe que ela tá com medo, né?*

Aline: *\_Claro...*

Márcia: *\_A doença dela piora à noite. Até a médica falou porque piora à noite, porque à noite é a fantasia do medo, né? O que pode acontecer à noite? É tudo, né? Esses dias eu tava falando com a minha cunhada, que porcaria de expectativa de vida a do brasileiro, né? Não do brasileiro, da humanidade como um todo, porque, gente! Viver... depois... Assim, né? Ah! Pelo amor de Deus... A gente tem que viver bem... Essa é uma das coisas que me mobilizam, né? Eu vejo a minha mãe... **Eu sei que a gente é meio que espelho de mãe, né... Ah, eu queria ser tanto diferente... Chegar aí numa idade... Não digo melhor de saúde, porque a saúde dela é melhor que a minha, mas de cabeça, né? Não colocar tanta caraminhola na cabeça, uma rigidez de conceitos... Bom, enfim... A gente vai ter realmente um trabalho aí, um caminho a percorrer.***

Aline: *\_Sim... E obviamente que **as coisas não são tão encaixadas e quadradas como a gente vê nos livros**, né? São tantas as variáveis, tantas as coisas que influenciam... Mas, assim, se a gente faz um... Se tentar ver historicamente, ou... O quanto será que existiu o Alzheimer, e não se reconhecia...*

Márcia: *\_É, **dar o nome, né?***

Psicóloga: *\_Me parece vocês estão falando que há outras coisas ainda por serem nomeadas, compreendidas, reconhecidas... E me parecem motivadas a prosseguir nessa jornada.*

Aline e Márcia sorriem.

Termina a sessão.

Nessa sessão, Aline e Márcia identificaram-se através das experiências com suas mães. A identificação entre os membros de um grupo é reconhecidamente um fator favorável à sua evolução. A forma como as participantes expõem as suas angústias denota nesse momento o desejo de serem reconhecidas em seus conflitos, um movimento característico dos estágios iniciais de um novo grupo (Foulkes & Anthony, 1967; Kaës, 2004).



## Grupo A – Quarta Sessão

Participam: Felícia, Aline e Márcia.

No horário combinado, entram na sala virtual as participantes Aline e Felícia.

Felícia diz estar com sono e Aline conta ter acordado novamente de madrugada, ao chamado do filho.

Diz Ferenczi (1919/1988) que o sono dentro de uma sessão analítica<sup>8</sup> pode significar um estado de tensão psíquica que estaria transbordando para o corpo. Para Winnicott (1954/2000), pode ser um sinal de retraimento do relacionamento consciente com a realidade externa. Para Foulkes e Anthony (1967), pode ser a expressão da dificuldade do sujeito de entrar em contato com seu mundo interno. Esse aspecto de *resistência* é a hipótese mais provável para o sono enunciado pela participante neste início de sessão, conforme indicaria a sequência das associações.

É possível ainda notar como apenas uma fala ou frase dita no grupo pode reverberar na fala do outro, denotando o processo da *interdiscursividade do grupo* (Kaës, 2005).

Em seguida, Márcia entra na sala:

Márcia: *\_Bom dia people!*

Todas se cumprimentam.

Aline: Comenta que falava de seu filho.

Márcia: O que ele aprontou?

Aline conta que o filho vinha chorando no caminho à escola.

Aline: *\_Me preocupa porque eu vivi isso quando eu era pequena. Eu não ficava na escola. Eu chorava que meus pais tinham que ir lá me buscar de volta. (Comenta a casa onde morou até os oito anos de idade, com pais, avós, tios e primos mais velhos, e que devido rotina de trabalho da família, era cuidada mais por uma tia). Então, assim, eu acho que a minha base segura... (Risos), não sei... deve ter sido muito capenga (Risos), porque eu sentia uma insegurança desgraçada. (Faz comentários sobre a estrutura da escola, referindo-a improvisada). Nossa... Isso eu lembro direitinho... Chorava que eu não queria ficar lá de jeito nenhum. Então... Eu falo... Me pega nesse sentido.*

Silêncio.

---

<sup>8</sup> Tendo em vista este trabalho ser desenvolvido nos moldes de uma sessão analítica (vide Método).

Aline traz a sua preocupação com o filho, algo que a remete ao próprio passado, introduzindo um novo movimento no grupo. Do ponto de vista transferencial, é o grupo quem também está se adaptando, superando a fase inicial característica do encontro com uma nova pluralidade (Kaës, 2011) e podendo trazer agora a primeira queixa, envolvendo, nesse caso, temas como a separação e o medo de sofrer.

Psicóloga: *\_O que a fala da Aline traz para o grupo?*

Silêncio.

Felícia fala de sua experiência de ter trabalhado em uma escola infantil, dizendo que as crianças sempre se acalmavam depois que as mães saíam.

Aline lembra o filho reagindo de maneira semelhante três anos antes, quando se adaptava à escola.

Aline: *\_Então é nisso que eu tô achando estranho, esse retrocesso. Se alguém me fala: Aline, todas as crianças passam por isso estatisticamente (Risos), ia compreender, né? Tô brincando... Mas eu tô querendo evitar sofrimento mais do que qualquer coisa.*

Felícia: *\_Claro, tem toda razão.*

Aline: *\_Acho que porque eu passei por isso... Senti o quanto dói... (Risos).*

Entrar nessa nova fase, no entanto, para falar da realidade interna, das fantasias, dos desejos e dos sentimentos, parece também mobilizar ansiedade e, a partir dela, resistências. Por isso o sono inicial, o silêncio e a resposta ainda em nível lógico ao questionamento da psicóloga a respeito de possíveis associações ao relato de Aline.

Márcia: *\_Então... Eu vou falar um pouco da minha experiência de mãe... Eu sempre me culpei muito (ênfase) de ficar longe dos meus filhos. Os dois foram prá escola muito pequeno, um ano, um aninho e meio... E o pequeno tinha essa reação, ficar chorando, dizer: não quero ir... E é engraçado, Aline, que ouvindo você falar... Assim, a hora que você fala: ah, não quero que ele sofra porque eu tive uma experiência lá trás... né? **Sabe que eu nunca tinha pensado nisso?** Na verdade, a professora falava prá mim: Márcia, você vai, ele fica bem. O que você tá passando prá ele que não deixa que ele fique bem? Claro que não falava com essas palavras. Mas, assim... A carga que a gente deposita neles... A gente já vai meio que ansioso. Será que vai chorar hoje? Será que... né? Um monte de serás... E quando a professora disse... Aí eu chegava do trabalho, perguntava como tava o (filho). Não! Fica tranquila! O (filho) tá bem. Mas você não ficava... Não é possível... Felícia, a mãe pensa assim: eles estão mentindo prá mim!*

Risos.

Felícia: *\_É verdade.*

Márcia: *\_Eu falava, não, não é possível... (...). E agora você falando, Aline, nossa...! Quando eu tava na escola... Olha que engraçado... **Me veio um insight aqui** que é isso mesmo... **Eu também era muito assim...** Eu também ia prá escola com aquele sentimento de que... Eu era diferente. Eu sempre fui mais quieta... Mais na*

*minha... E isso é motivo, né, de... Tudo que é diferente, chama atenção, né, dos demais. Eu lembro de uma festa junina... das primeiras festas... minha mãe fez meu vestido, me arrumou linda, e pronto. Pronto filha, você tá pronta pra ir pra festa. Me largou lá e eu fiquei na festa sozinha. Gente, aquilo prá mim foi um sentimento de abandono! Eu não consegui ficar. Voltei prá casa, né? Chorando, chorando e chorando... E eu nunca fui de falar o que tava acontecendo, né? E minha cunhada, que na época ela namorava o meu irmão, ela falou: não, vamos lá, eu vou com você. E voltou comigo. Fiquei lá mais um pouco, mas aí já não tem o mesmo sabor... Aí você fica ali... participou de uma experiência... e que não foi boa (Chora). Então, assim, acho que isso mobiliza a gente mesmo. Mobiliza para o resto da vida. Então, isso que você fala, Aline, do meu pequeno eu sinto muito isso. Ele é muito parecido comigo, e... então é isso mesmo, não quero que ele sofra, né? A mãe tem essa coisa, né, de achar que não vai deixar o filho sofrer. E não é assim, ele precisa sofrer, ele precisa vivenciar algumas coisas, prá fortalecer... Enfim, prá crescer, né? A gente passou por isso, e estamos aí... Mais ou menos, né...?*

Risos.

As experiências que as participantes compartilham em relação aos filhos reativam lembranças das próprias infâncias. As falas livres do grupo sensibilizam as participantes. Além do compartilhamento de suas experiências, elas se solidarizam e buscam solucionar esses estados emocionais.

O *insight* de Márcia resulta de um dos fenômenos mais conhecidos das terapêuticas grupais, denominado por Foulkes e Anthony (1967) de *espelho*. Assim, como numa sala de espelhos, cada integrante do grupo entra em contato com aspectos de sua própria imagem social, psicológica e corporal, podendo também estabelecer, através desse processo, relações entre presente e passado.

A nosso ver, esse é um dos fenômenos que favorecem o funcionamento do grupo como um “agente que permite processar as informações e experiências necessárias para incentivar as mudanças” (Bechelli & Santos, 2002, p. 390).

*Aline: \_Não, eu tô... Porque a gente acaba falando com as pessoas, né, comentando... (...) E tinha uma senhora que é psicóloga também, falei: ah, o F., tá nessa fase, assim... Ela é uma pessoa de um temperamento muito forte. Ela: “observa na escola! Porque os meus dois filhos sofreram bullying...”. E assim... com aquela força... E eu... Você vai, assim, se dando conta que de repente aquilo vai entrando em você, né?*

*Felícia: \_É.*

*Aline: \_Vai entrando, vai crescendo. Aí... Antes de chegar em casa... Liguei para o meu marido e falei: escuta, vamos almoçar juntos, porque daí a gente conversa? Ah, tá vamos... Aí, na hora do almoço a gente começou a contestar, filtrar melhor toda aquela carga que eu tinha recebido, né? Porque essa é a experiência dela, não é a experiência minha. E também não sinto tudo isso. Eu, pelo menos, sou uma pessoa que sinto muito a coisa no... (respira fundo).*

Márcia: *\_Na intuição, né?*

Aline: *\_Sinto no meu corpo. E eu não sinto isso da escola. (...). Então, acho que é isso, estou tentando ficar tranquila nesse sentido. Não sei se estou passando isso prá ele. Estou me sentindo preocupada, isso sim. Tanto que eu falei prá ele: a mamãe tá preocupada, quer saber o que está acontecendo, e estou conversando. Não sei... Pode ser que isso seja ansiedade? Não sei... Vocês que estão me escutando... estão me sentindo... podem me dizer. Estou falando que não, mas posso estar (Risos). Mas não vou tomar providências em cima de fantasia, de jeito nenhum!*

Conforme observa Leal (1997), a partir da instituição do modelo de *comunicação livre-circulante*, os membros do grupo vão se movendo espontaneamente em busca de limites e/ou fronteiras do seu próprio processo, como parte do caminho do autoconhecimento, através do intercâmbio no grupo. A fala de Aline representa esse movimento no grupo.

Márcia: *\_Carla, a Paula faltou de novo? Ela se desligou do grupo?*

Psicóloga: *\_Como é vivenciada essa falta hoje?*

Márcia: *\_Ah, tranquilo prá mim. Normal, eu acho...*

Aline: *\_Prá mim também não atrapalha, não.*

Felícia: *\_Ah... Não sei... Eu me incluo nessa... Ah... Eu não gosto de faltar, realmente me incomoda de não participar. Eu! Eu, Felícia, assim... Agora... Entrar outras pessoas prá mim também é tranquilo. E... Conforme vai passando o tempo, a gente vai criando um pouco mais de vínculo, né? Tipo... Vai conhecendo, vai acostumando com as pessoas, aí se a pessoa sai, vai ficar meio estranho, assim, vai sentir um pouco de falta, mas... (Risos).*

Aline: *\_Acho que tem... Tudo tem o tempo, né? Se falta uma vez ou outra, não é isso. Mas daqui prá frente, entrar outra pessoa, aí começa a ficar esquisito, porque você já vivenciou, já falou, né? Você vai falar uma coisa, a pessoa já sabe do que você tá falando (Risos), e aquela que entrou... Naquele momento, ainda não... Precisa do aquecimento, né? Que a gente já tá fazendo há muito tempo. Aliás, a gente já fez, né? A gente já tá aquecido, já tá com o motor aí funcionando, então é esquisito. Então acho, assim, esse é o momento de entrar outra pessoa, se tiver que entrar, né? Mais prá frente vai ficar estranho. Depois, quanto mais a pessoa... Mesmo que a pessoa não tenha saído, mas quanto mais a pessoa falte, ou não apareça, o vínculo também não se forma muito, né? E aí se ela vai embora, não sei se faz muita falta (Risos), porque acho que faz falta quando a gente forma um vínculo (Risos), creio.... E quando não forma a gente fala: ah, que pena que não participou, mas não fica aquele... Não fica aquele buraco, né?*

Márcia: *\_Verdade!*

As mudanças, reais ou fantasmáticas, ainda representam uma ameaça ao grupo. A possibilidade de um novo integrante é aqui representada como uma ameaça em potencial. Isso mais uma vez não difere das possibilidades de um grupo convencional (Foulkes & Anthony, 1967; Neri, 1999).

Aline: *\_Principalmente por causa da distância também. Se fosse presencial, talvez se criasse... Ou colaborasse para uma **vinculação diferente**.*

Psicóloga: *\_Diferente?*

Aline: (Risos) *\_Não sei... Agora que eu falei que eu tô... (Risos) parando prá pensar (Risos). Eu falei assim... Será que se a gente tivesse vivenciando isso presente, ali de corpo presente... esse vínculo... Por exemplo, a Paula, né? Não veio a semana passada... não veio hoje... Ela pode estar tendo algum problema com o computador (risos), né? E não tá conseguindo entrar... Pode ser isso... A gente não sabe. Mas, então... Voltando na questão da presença, não presença... Eu não sei, assim... Porque as minhas experiências até agora foram de presença, né? De fazer o grupo presente, e se a pessoa falta, a pessoa sai, dá um certo... Ai!, né? Ficou faltando uma pessoa ali. Agora, assim... Na distância, eu acho que o vínculo, quanto mais vai passando o tempo, a gente vai compartilhando... Mais através da fala, né? Da experiência... de sentir o outro... Aquela sensação da presença... Eu sou muito sensação (risos), por enquanto não tem, né? Essa proximidade física... Então, talvez ajude a gente a não sentir essa falta da pessoa. Até um certo ponto (falando pausadamente). Depois que você já compartilhou... Depois que você já... trocando... aí, sim, eu acho que... Por exemplo, a semana passada estávamos eu e a Márcia, né? Então, assim, acho que foi uma troca, **um início de troca, tão... tão grande**, que eu acho que se a Márcia falta... (Risos) eu vou sentir a **falta** dela (risos).*

Márcia: *\_É verdade!*

A experiência de construir um vínculo a distância é uma novidade para as pessoas desse grupo, o que parece contribuir para suscitar dúvidas quanto às possibilidades e à especificidade desse vínculo. No entanto, levantamos a hipótese de que seria intolerável ao grupo pensar que uma participante simplesmente não queria mais estar ali. Melhor pensar que a distância atrapalhou ou que o computador não funcionou.

Márcia: *\_A Felícia é quietinha.*

Felícia: *\_Não... Eu fico escutando, pensando, refletindo, lembrando... Mas tá sendo muito bom prá mim. Ouvir essas coisas, me faz lembrar também de algumas... Faz eu refletir sobre outras... Estou quieta, mas estou trabalhando também (Risos). Não... Mas... Eu acho que, assim... Quanto... É... A diferença que eu consigo perceber bastante que quando a gente fez o primeiro dia... que tinha quatro, né? Quatro ou cinco... pessoas... é que não dava prá falar muito, e... cada uma falava um pouquinho... E hoje, como tem só nós três, a gente consegue falar mais... Acho que dá prá fazer uma troca acho que melhor até. Não sei... Entrar mais nos assuntos... Estender um pouco. Não sei... Eu percebo isso. Eu gosto mais.*

Márcia: *\_Tem o temperamento mesmo das pessoas, né? Num grupo maior, se a pessoa é mais reservada, ela tem mais dificuldade... De achar o espaço, né? (...). Porque assim... A Aline fala muito, gente!*

Aline ri muito.

Márcia: *\_Fala...? Se a gente tá em silêncio, é ela que quebra esse silêncio, né?*

Felícia: *\_É!*

Márcia: *\_Ela tem esse dom. Parece que o silêncio a incomoda, né, Aline? (Risos).*

Aline: *\_...É que me vem alguma coisa, eu falo: Opa! Deixa eu aproveitar!*

Márcia: *\_Deixa eu falar! (imitando Aline).*

Risos.

Márcia: *\_Eu, eu participei muito de dinâmica de trabalho. Eu sempre fui... Não sei, eu considero que eu sou meio termo, assim. Eu não sou a que fala mais, e também não ou de ficar quieta. Eu tento encaixar alguma coisa... buscar meu espaço... Estar falando alguma coisa... Agora... A Felícia é super quietinha, né? Tá falando aí, ela tá pensando...*

Felícia: (Risos). *\_Claro!*

Márcia: *\_Mas é mais tranquila, né?*

Felícia: *\_Ah, sim. Eu...*

Márcia: *\_Assim como as outras meninas também, né? A Paula é mais tranquila, a Karina, nossa, né, ficou com medo (Risos).*

Risos.

Neste fragmento, o grupo começa a perceber como cada uma ocupa o espaço da sessão. Márcia enuncia seu mal-estar diante do silêncio de Felícia e o falar mais frequente de Aline. Felícia, numa aparente tentativa de minimizar o incômodo que o seu silêncio provoca, valoriza a oportunidade de escutá-las, e, em contradição ao seu silêncio, diz que no grupo reduzido “a gente consegue falar mais”.

Para quem fala muito ou para quem se cala, a fantasia é a mesma: desconfiança nas próprias capacidades (Foulkes & Anthony, 1967). Nesse momento, o grupo como objeto, estaria investido de sentimentos ambivalentes.

De acordo com Yalom e Leszcz (2006), “o silêncio nunca é silencioso. Ele é um comportamento [diríamos uma manifestação], e como qualquer comportamento no grupo, tem um significado no aqui e agora como uma amostra representativa da maneira como o paciente se relaciona com seu mundo interpessoal” (p. 314).

A diferenciação no grupo marca uma mudança em relação ao polo de funcionamento, de isomórfico para homeomórfico, caracterizado “pela diferenciação entre os espaços individuais e o do grupo, entre o grupo interno e o grupo externo, mas também entre os próprios sujeitos membros do grupo” (Kaës, 2011, p. 130). Essa mudança poderia constituir um caminho para o acesso às versões subjetivas das fantasias produzidas na experiência grupal.

Em seguida, Márcia comenta ter levado sua mãe ao médico, trazendo novas associações ao grupo:

Márcia: *\_Nossa, você tem que ver que fofa... Tomara Deus que continue assim.... Uma médica super boazinha! Ficou com a gente mais de uma hora... Tentando... Difícil para um médico, né, pegar um paciente de mais de oitenta e cinco anos?*

Felícia: *\_É...*

Márcia: *\_Né? E ter que conhecer a história dele... Então, gostei bastante. (...). A médica falou: é a primeira vez que a senhora vem aqui, então não sei dizer se esse é o padrão da senhora... Até isso é difícil prá eles, né, saber como essa mulher funciona... (...). Aí foi contando as coisinhas dela... e ela, mais prá frente ela perguntava: como a senhora faz? a senhora sai? (...). Até a médica falou: nossa, mas tudo é a Márcia. Tem mais alguém?. Então, enfim... Gostei bastante, que é isso que a gente espera de um geriatra, né? Um médico completo, né? E é o que ela falou: olha, um geriatra não vai tratar só da pressão da senhora, só das pernas..., vai tratar disso também, mas vai ver, né, o que a senhora pensa... vai ver outras coisas, né? Estou animanda. Porque é duro, né, quando você faz um trabalho, faz... Aí de repente pensa, meu Deus! E agora?*

Márcia, trazendo essas experiências subjetivas, fala – como já o fizera na sessão anterior - da importância da escuta e do acolhimento. Do ponto de vista transferencial, trata-se de uma transferência positiva em relação à psicóloga que também fica ali mais de uma hora a escutá-las.

Considerando as demais observações sobre os movimentos grupais até o momento assinalados, é possível que, no nível inconsciente, o grupo como um todo, tendo Márcia como porta-voz, estivesse preocupado com os cuidados que poderiam ter aqui, nessa terapia.

Márcia: *\_...E a minha mãe tem uma carga em cima de mim, que é uma coisa de louco. Nós somos em cinco... éramos em cinco. Eu perdi um irmão tem dois anos. (...). Mas, assim, tudo sou eu, entende? Então, agora comigo em casa, na cabeça dela, eu ia parar de trabalhar e ficar só em função dela, né? E a gente não faz isso, né? A gente tem tantas outras coisas; quero estudar, sei lá, fazer uma atividade... Não quero parar totalmente. (...) E tem aquela coisa social da filha mulher. Caçula e mulher, a única mulher dos filhos. Porque a gente se cobra, né? Ao mesmo tempo que fala: eu tenho que ter espaço, eu tenho que ter a minha vida... ela tem que entender isso... A gente também fala: poxa vida, né? Se eu não fizer, quem vai fazer, né?. Aí você vai... Vocês me entendem!*

Felícia pergunta a Márcia se a mãe dela mora longe, se a visita com frequência, se tem netos, e o que a sobrecarregava nos cuidados da mãe.

Márcia: *(...). \_De tudo. Tem uma carência ali que alguém tem que suprir, né? (...). Mas toda hora que você conversar com ela, ela vai dizer assim: a Márcia... quase não tem tempo de vir aqui... Quando ela passa, ela passa correndo... Sabe? Ela tá sempre com essa frase. Às vezes, eu tô lá, ela fala: nossa! A gente tem tanta coisa prá conversar, mas você não tem tempo...*

Felícia: *\_Uhum...*

Márcia: *\_Eu falo: mãe, a gente não tem tempo prá conversar, vai falando, né, tô aqui, aproveita que eu tô aqui. Às vezes parece que eles querem é que a gente fique o dia inteiro. Não dá, né? A gente tem coisas da gente prá fazer, e também não tem muita paciência, né? (...). E essas coisas é a gente mesmo, mulher que entende, né? Os meninos não entendem...*

Felícia: *\_Tudo isso que você falou é muito parecido com o que eu vivo com a minha avó. Só que a minha avó tem uma filha, né, que é minha tia, a única filha dela, só que quem fazia isso era eu, do que você faz, na verdade em relação a... a atenção... a ficar junto... a conversar... A minha irmã e a minha prima são mais*

*afastadas. Não tinham tanta paciência como eu acho que eu tinha com ela. Falo tinha porque agora estou longe, né? Mas tá difícil prá mim, porque eu acabei... Não sei se acabei tomando isso como uma responsabilidade prá mim, mas... É complicado... Chega uma hora que sobrecarrega mesmo.*

Márcia também faz perguntas sobre a avó de Felícia.

*Felícia: (...). \_Quando eu chegava... antes de eu chegar... Invés dela ficar feliz, ela falava assim: ah, que pena que você só vai passar o final de semana... (...). Até estou evitando de ligar prá ela toda semana, porque toda vez que eu ligo é muito complicado... porque, além de tudo, ela sente muita saudade e chora. Eu também fico muito mal, porque eu também sinto saudade, fico preocupada com ela... (...). Mas é exatamente do jeito que você tava falando. A gente faz o máximo que a gente pode, mas prá ela é muito pouco.*

*Márcia: \_É... Primeiro reclama. Invés de falar: nossa! Que bom que você vai passar o final de semana! Ah... só vai ficar o final de semana?... (mudando a voz).*

Risos.

*Aline: \_Aí não dá nem prá curtir aquela presença, né? (Risos).*

Para Kaës (2011), todo grupo se utiliza de *organizadores socioculturais*, que são os “esquemas de figurabilidade e de significação construídos socialmente por intermédio do trabalho da cultura” (p. 121). Uma das funções desse organizador, diz o autor, é possibilitar ao grupo a sua autorrepresentação, sua autoidentificação, diferenciando-se dos demais grupos. As participantes desenvolvem essa identificação em torno das estruturas familiares e, notadamente, na semelhança das demandas que elas vivem.

As participantes falam ainda sobre a demanda que sofrem na questão do tempo. A hipótese que fazemos é a de que, transferencialmente, estariam se questionando, mais uma vez, se o tempo de que dispõem no grupo será suficiente para elas. Nessa perspectiva, o grupo estaria, a um só tempo, lidando com as exigências do mundo externo e as do mundo interno.

Por outro lado, a fala de Márcia parece ter disparado outro movimento no grupo, fazendo-o entrar propriamente na tarefa, levando as participantes a falarem de suas experiências subjetivas.

*Márcia: \_É...! Legal isso que você tá falando porque (fala do distanciamento dos filhos em relação à avó). \_Até entendo... A gente também passou por isso de não querer ir na casa da avó, da tia... Mas tem dia que eu não negocio. (Breve silêncio). E é muito bonito esse carinho por sua avó.*

*Felícia: \_Ah... É muito forte. Comigo ela conversava sobre muitas coisas, do particular dela... (...). E agora comigo longe... A gente começou a ter esse vínculo de conversar... dela falar bastante coisa dela... Ela era muito, muito apegada a minha mãe. A gente morou com ela. Deixa eu resumir mais ou menos a história prá vocês entenderem... Conta que morou em cidade do interior do Estado com mãe, pai e a avó*



até os seus dezoito anos de idade, quando faleceu sua mãe, mudando-se em seguida com irmã para casa de tios em São Paulo, retornando com frequência nos finais de semana para visitar a avó.

Felícia: *\_E agora eu vim prá cá. Então, eu tô... eu tô... muito... sei lá... preocupada... com ela, em questão disso também. Ela é uma pessoa que eu amo muito. E... e é isso. Então eu me sinto, assim, não responsável... Como ela sempre me fala: ah, você é uma pessoa que... a única pessoa que eu consigo conversar, que me dá bastante atenção... que fica comigo... que me entende... Eu acabo pegando muito isso prá mim, sabe? Dela estar bem, dela não estar doente... (Chora). E é difícil porque eu sei que outras pessoas... minha irmã... minha prima... e minha tia, não sei se elas vão conseguir fazer o que ela gostaria, o que eu conseguia fazer prá ela. E eu fico preocupada que ela fique doente novamente.*

Psicóloga: *\_Algumas coisas não podem ser resolvidas por simples escolha. Tenho a impressão que é disso que vocês estão falando.*

A intervenção da psicóloga é feita com a intenção de acolher tanto Felícia quanto o grupo, todas visivelmente emocionadas.

Aline diz que seu pai também lhe cobrava mais atenção, tendo questionado sua mudança de país e, depois, ao retornar, a sua opção de morar em outra cidade.

Aline: *\_Então, assim... Eu não me culpo, sabe por que? Eu não sei se é egoísmo, se não é... Mas eu fico pensando assim... Cada um fez uma escolha de vida, né? Eles fizeram a escolha de vida deles... E hoje eu tô fazendo a minha... Não posso condicionar a minha vida a deles. Eu posso, sim, estar presente. Fisicamente quando dá... (...). E virtualmente, sempre! (...). Ou seja, eu nunca deixo de ter contato. E ir propondo prá ele: você não precisa ficar sozinho; você pode vir prá cá, a gente pode arrumar um esquema... (...). Tanto que agora que ele poderia vir prá cá, ele escolheu, por medo... do que for... de sair... de perder a referência... Ele tá escolhendo ficar. Porque... essa escolha motivada por n questões que são mais fortes àquela de vir prá cá. Então... Eu não posso me sobrecarregar com todas as escolhas que eu deveria fazer na cabeça dele, né? Não posso. Ou a pessoa tem isso dentro de si, essa disposição do encontro... da mudança... Ele não tem! Agora quando eu for prá lá em junho vou tentar explorar pessoalmente como ele está se sentindo. Entrar um pouco mais nessa história de como ele está se sentindo.*

Felícia: *\_E você é filha única, Aline?*

Aline: *\_Eu sou. Super única (Risos).*

Risos.

Aline: *\_Então, claro, essa cobrança toda fica tudo em cima de mim, né? Se a minha mãe sentiu muito a minha ida há mais de dez anos atrás, ela não me cobrou. Ela: vai ser feliz, vai viver a tua vida. Ele já não... Você vai me abandonar... (alterando a voz). Já com as malas prontas, escutando isso!*

Psicóloga: *\_Vocês fazem referência à mãe, à avó, ao pai, falando de todas essas exigências, essas demandas, e comentam o fato da distância. Como aqui, vocês também moram longe, eu questiono se isso não traz dúvidas, angústias...*

Márcia: *\_É... E às vezes quando a gente escolhe uma coisa, a gente tá abrindo mão de um milhão de outras.*

Termina a sessão.

Nos últimos fragmentos dessa quarta sessão, as participantes questionam se a psicóloga, com essa pluralidade de participantes e à distância, poderia dar conta das necessidades e dificuldades do grupo. Elas questionam o que poderão de fato receber em troca nessa experiência que sabem tratar-se de uma pesquisa.

É possível notar o amparo que o próprio grupo proporcionou para as participantes falarem das inseguranças nos vínculos. Esse mútuo reconhecimento no grupo caracteriza o que Zimerman (2001) denominou *vínculo do reconhecimento*, “vital para a manutenção da *autoestima* e a construção de um definido sentimento de *identidade*” (p. 430).

## Grupo A - Quinta Sessão

Participam: Márcia, Aline e Felícia.

No horário combinado, entram na sala virtual Felícia e Márcia. Aline chega em seguida.

É possível notar que Márcia trocou sua *webcam*, promovendo uma sensível melhora na resolução de sua imagem. Isso reflete nas primeiras manifestações do grupo nesse início de sessão:

Felícia: *\_Mudou de câmera, Márcia?*

Márcia: *\_Mudei (Risos). Agora dá prá enxergar, né? Me escutam também melhor, né?*

Felícia: *\_Sim, está ótimo!*

Aline entra na sala virtual.

Márcia: *\_Todo mundo tá pontual hoje, né?*

Aline: *\_Tá todo mundo aí já! (Risos).*

Márcia: *\_Opa!*

Aline: *\_Márcia, comprou outra câmera?!*

Márcia: *\_Computador novo! Meu marido falou: semana que vem você já vai de nova câmera. Falei: Opa!*

Aline: *\_Que delícia!*

Márcia: *\_Tava ruim, hein?!*

Risos.

O grupo se mostra satisfeito com a novidade. Segundo Kaës (2004), a disposição face a face do *setting* grupal mobiliza a revivescência de experiências emocionais que tiveram sua origem nas primeiras ligações de objeto, experiência denominada por ele de *face a face materno primário*. Nesse sentido, a câmera nova, melhorando a qualidade do contato, teria levado o grupo inconscientemente a se organizar em torno de uma imago<sup>9</sup> materna boa (Kaës, 2000).

A experiência salienta mais uma vez a importância e a peculiaridade da preparação do *setting*. As variações não passam despercebidas. Podem trazer satisfação, como efetivamente ocorreu no grupo, ou frustrar, caso houvesse uma piora da qualidade.

---

<sup>9</sup> “A imago é um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o sujeito considera ao próximo: é uma sobrevivência imaginária de tais participantes (imago materna, paterna, fraterna) da situação familiar e social” (Kaës, 2000, p. 120).

Aline: *\_Eu continuo com o meu computador velho. Tá aberto, com o ventilador na frente. É tão louco... (Risos). A fonte tá superaquecendo. Então pensei: vou trocar o processador... Cada um fala uma coisa diferente. (...). Sei lá, não entendo nada disso... Vocês veem, todos esses dias eu tenho aberto a tampa lateral, e ligo o ventilador na frente dele, e funciona que é uma maravilha. Eu falei: **prá quê que eu vou trocar um negócio que tá funcionando.** Então, estou fazendo um teste. **Daqui a pouco eu vou trocar a fonte e vamos ver o que vai dar.** Por enquanto, vamos tocar... (Risos).*

Márcia: *\_Compra um bom ventilador, né, Aline? (Risos).*

Todas riem.

A possibilidade de experimentar mudanças na maneira habitual de pensar ou de se comportar provoca ansiedade e uma reação que age na contramão desse processo, à qual se denomina *resistência* (Foulkes, 1976). Ao questionar “por que trocar um negócio que tá funcionando”, após ter acabado de reconhecer a necessidade de reparos, Aline estaria expressando uma tentativa de afastar da percepção uma necessidade de mudança psíquica.

Vale destacar que a seleção de *mecanismos de defesa* em situações grupais geralmente é “um reflexo não apenas da personalidade do indivíduo, mas também da situação do grupo em determinado momento” (Foulkes, 1976, p. 113).

Aline conta que o filho não tem mais chorado no caminho à escola:

Aline: *\_Não adianta também ficar procurando agulha em palheiro, prá ver o que causou o quê. A gente não vai controlar nada mesmo. (...). **Ele quer ficar lá, mas quer a minha presença.** Então... Tudo bem, né? (Risos). (...). E agora com o trabalho, com a exigência que tá aumentando, talvez ele esteja sentindo que eu não estou só prá ele. Ele tá compreendendo melhor, porque já vai fazer quatro anos... Então, tudo isso junto... Mas a vida é assim... Agora tá tranquilo.*

Ao falar do filho é possível que, de maneira *extratransferencial*, Aline, como porta-voz, estivesse se referindo ao aqui e agora da situação grupal. Ainda questionando como elas seriam cuidadas no grupo, sem a presença física da psicóloga, ou uma necessidade de ressegurar que ela continua ali atenta ao grupo.

Aline: *\_Vi o vídeo, Márcia, que você mandou através da Carla.<sup>10</sup>*

<sup>10</sup> Vídeo que Márcia encaminhou à psicóloga, um dia após a sessão anterior, com a solicitação de compartilhá-lo com o grupo. O vídeo conta uma anedota em que um garoto, ao ver o seu avô sendo expulso de casa, pede-lhe um pedaço do cobertor que levava consigo, explicando ao pai (autor da expulsão) que guardaria aquele pedaço para quando chegasse a vez dele, seu pai, ser também expulso de casa.

Márcia: *\_Não é lindo?*

Aline: *\_É uma coisa muito verdadeira, né?*

Felícia: *(Comenta que não conseguiu abrir o arquivo). \_Fala do quê?*

Márcia comenta o vídeo.

Márcia: *\_Então... Pegou naqueles dias, né? Falei: Nossa... Tem coisa que vem assim, e pega bem no calo, né? Mas achei interessante. A gente tem falado tanto de velho... De relações... Achei bem legal.*

Psicóloga: *\_Como foi pra vocês essa experiência de compartilhar esse vídeo fora da sessão?*

Márcia: *\_Assim... Nesses dois últimos encontros, a gente falou muito de relações... Filhos... Pais... Dessa responsabilidade que fica da gente cuidar dos mais velhos... E, na verdade, a gente só vê a parte ruim disso, né? Que é pesado... Que não é fácil... E acho que a mensagem tem esse intuito de fazer a gente pensar mesmo, né?*

O vínculo do reconhecimento conquistado na sessão anterior teria favorecido esse gesto, a nosso ver, criativo no grupo. Considerando as fases de desenvolvimento do grupo terapêutico, propostas por Foulkes e Anthony (1967), ele entra nesse momento em uma fase intermediária, também chamada de *fase de integração*, quando o grupo passa a se reconhecer como tal.

Após algumas falas em que comentavam o vídeo, um ruído irrompe-se no áudio. Aline perde a conexão e o problema persiste por quase dois minutos, interferindo, mais uma vez, na dinâmica do grupo:

Márcia: *\_Essa tecnologia... Tem muita coisa da tecnologia que a gente não sabe... mexer, né?*

Estando Aline já de volta ao grupo, e cessado o ruído, a psicóloga pergunta:

Psicóloga: *\_Como vocês estão vivenciando aqui no grupo essas dificuldades com a tecnologia?*

Aline: *\_Tirando esse inconveniente... Porque foi acontecer justamente antes do grupo... na iminência do grupo começar...*

Aline queixa-se de ter havido a privação do contato “na iminência do grupo começar...”, isto é, na iminência do grupo retomar suas experiências subjetivas introduzidas na última sessão.

---

Aline: ...*Tirando isso, tranquilo... porque... você tendo um bom programa, os pacotes aí prá abrir vídeo... (...). Eu acho sensacional, porque coloca a gente em contato com pessoas... de qualquer lugar do mundo, né? Então, eu acho um recurso... sensacional... prá encurtar espaço. Eu, acho que já falei, adoro estar na presença, estar junto, de... Mas... se você não pode, então é um recurso muito legal, muito bom. Inclusive, eu tava pensando agora, que você tava falando da experiência do grupo, tava pensando na minha paciente, que ela teve AVC, então agora que ela tá começando a sair, tá da cadeira de roda... Então é sempre um empenho grande fazer ela sair de casa, e esse recurso é genial, né? Ela pode ter contato... Pode estar trabalhando as coisas dela deitada na cama!*

Márcia: *\_Eu sou super a favor! Eu acho que... A tecnologia tá aí, né gente? Tá em tantos ambientes, né? Acho que falta mesmo entrar nessa nossa área. Tem vários questionamentos... Um monte de regra... Essa experiência estou achando muito (ênfase em "muito") legal, né? **Você vê o outro. Você vê uma pessoa falando, e você se vê na pessoa, fala: poxa vida, eu também faço isso. Achei muito legal.***

Mais uma vez, Aline, como já teria feito no início dessa experiência, parece utilizar do recurso da *transformação ao contrário* (Zimmerman, 2001) como forma de compensar as frustrações que a mesma tecnologia, "sensacional", é capaz de suscitar.

Por outro lado, o vínculo já existente permite que as participantes pensem sobre as potencialidades do dispositivo e também as potencialidades do próprio grupo como um agente terapêutico.

Aline: *\_É, bem legal. (Breve silêncio). (Comenta participar de um grupo de formação). E é legal que você... o grupo te cutuca, né? As pessoas trazem coisas diferentes... Então você fica mobilizada muito mais... Ali, direto (Risos) do que quando você tá sozinha.*

Márcia: *\_É...*

Aline: *\_Quando você tá sozinha... Tem o terapeuta, tudo bem... mas você tá ali com os seus... botões, né? O grupo é bem legal.*

Márcia: *\_Na individual, chega uma hora que você se trava, né, naqueles problemas que são maiores. Se cutuca em um lugar que você não quer que seja cutucado, que tá mais complicado, você se fecha, né?*

Aline: *\_É!*

Márcia: *\_E o grupo de repente trabalha isso de uma outra maneira... Você tá contando uma coisa... Você tá falando de uma vivência... **Nem parece, mas cutuca alguma coisa, e depois você vai pensar...***

Felícia: *\_É... **Concordo!** (ênfase).*

Aline: *\_Mas também a gente pode pensar nisso, que se o cutuco for demais a gente foge do grupo (Risos). Porque o grupo... solicita, sim.*

Márcia: *\_É mesmo.*

Aline: *\_Você tá ali como se tivesse nas relações, né?*

As participantes estabelecem comparações entre as modalidades de terapia, observando como o grupo estrutura e organiza suas relações, e as diferentes contribuições que o mesmo pode trazer para o autoconhecimento.

Como diz Kaës (2000), o grupo que inicialmente despertava sentimentos de insegurança, passa a ser representado como uma envoltura que oferece mais segurança e satisfação aos seus sujeitos.

Nessa condição, as participantes comunicam o desejo de serem tratadas de suas questões psíquicas, mas também a dificuldade que ainda há nesse processo, sendo necessário “cutucar”, mas com cuidado.

A forma enfática com que Felícia reage à sugestão de Márcia de que o grupo tem o potencial de fazer pensar remete à observação de Foulkes (1976) de que o “paciente silencioso pode beneficiar-se terapêuticamente observando e identificando-se com outros membros do grupo em sua participação e suas interações” (p. 175).

No intuito de incitar o grupo a explorar essa questão no aqui e agora da experiência, a psicóloga questiona:

Psicóloga: *\_E como tem sido essa possibilidade aqui?*

Felícia: *\_Eu gosto da proposta. Acho super diferente. Pra mim é tudo novo. Eu nunca fiz terapia em grupo, muito menos pela Internet. Enfim... Só que quando dá alguma coisa de errado, realmente, eu fico... não gosto. Acho que quebra algo... algo que tava fluindo, aí parou assim. Ou a imagem para de funcionar... Ou eu caio... Como aconteceu uma vez, eu não consegui retornar... Então, assim, não me agrada isso. Coisa que no presencial não ia acontecer. Mas... Para algumas situações, acho muito boa a proposta, muito boa.*

Segundo as palavras de Felícia, a Internet pode se tornar um objeto facilitador para o trabalho terapêutico, porém envolvendo alguns riscos que não existiriam em um atendimento presencial. A privação do contato decorrente do congelamento da imagem<sup>11</sup> ou da perda de conexão teria sido angustiante, de fato.

Aline: *\_Quando caiu agora, o primeiro momento foi: Ai! Preciso voltar logo! Daí falei: Aline, caiu, elas já sabem, vai com calma, faz tudo o que você pode fazer (Risos) e vai voltar rapidinho. Porque, assim, dois minutos a mais, dois minutos a menos... não vou perder... Então, assim, eu fui fazendo, e aos poucos deu certo. Então, **acho que serve pra trabalhar também a ansiedade** (Risos).*

Silêncio.

Neste momento da experiência a privação do contato suscita uma reação diferente daquela observada no decorrer dos primeiros movimentos do

---

<sup>11</sup> Segunda Sessão.

grupo. O inconsciente que naquela ocasião produzia *angústia de fragmentação*, enunciada no medo de “desaparecer”<sup>12</sup>, agora produz *angústia de castração*. Isso significa que, no início, enquanto não havia a representação de um corpo de grupo, as ameaças ao projeto de ser e fazer corpo representavam uma ameaça de aniquilamento. Conforme diz Kaës (2000), é possível sentir-se castrado, isto é, ter a vivência do limite e da impotência, mas não a ameaça de ser aniquilado, somente quando o grupo passa a ser psiquicamente representado como uma unidade integrada.

Psicóloga: *\_Percebo o grupo em silêncio.*

Aline: *\_Estou pensando na correria, de tudo que a gente arruma prá fazer (Comenta fisioterapia que terá que fazer por dor na perna). Sinto falta de tirar uma semana de férias, sozinha... sem marido, sem filho... Para um lugar, assim... Uma ilha. Não levar nem roupa... Ficar de biquíni o dia inteiro... Descalça... De preferência com alguém que cuide de tudo prá mim. E ficar lá, sem livro, sem nada. Só eu... E o mar. Nenhuma comunicação, nada. Sinto falta...*

Depois das falas sobre as perdas de conexão, as participantes falam do cansaço psíquico, manifestando o desejo de afastar-se da realidade exigente e frustrante, e retornar ao espaço onde não havia exigências, o espaço homeostático representado pelas *fantasias intrauterinas*. De acordo com Kaës (2000), “a fantasmática intrauterina assinala o desejo de retornar ao útero para escapar da realidade exterior, intranquilizadora, e a defesa oposta a esse impossível retorno” (p. 112).

Márcia: *\_Não dá prá fazer?*

Aline: *\_Nesse momento, não. E uma semana... É pouco (Risos). (Fala de uma viagem que estaria programada). Mas o que eu queria era outra coisa. Pisar na água... Se quiser, dorme.... Se não quiser, não dorme... Sabe essas coisas assim? Não parece, mas são dez anos... (Conta como foi a busca por um novo trabalho na Itália). Quando eu mudo, vou para um lugar novo, para uma situação nova, eu quase acho que me anestesia um pouco, prá poder me adaptar, poder ver como estou sentindo as coisas (Fala das demandas do filho e do esforço para refazer carreira no Brasil). Acho que é isso, essa necessidade de descansar, de sair um pouco (Breve silêncio). Eu adoro cozinhar. Sabe como? Eu convido alguém prá vir aqui em casa, e faço com o maior prazer. Eu invento coisas... Que nós vamos nos reunir; vai ter alguém... Outra pessoa... Eu gosto de ir prá cozinha, preparo a coisa com gosto. Mas fazer comida todo santo dia, é um trabalho que é peso.*

---

<sup>12</sup> Primeira e segunda sessões.



A fala de Aline expressa uma oscilação do grupo entre assumir uma posição ativa e retornar ao seu funcionamento inicial, marcado pela *dependência*.

Psicóloga: *\_O que o grupo associa com isso que a Aline está trazendo?*

Silêncio.

Aline: *\_Eu posso fazer uma complementação... (Risos). Eu sou uma pessoa, assim, que gosto muito de estar em contato com os outros. Jogar conversa fora... Falar de coisa séria também... Basicamente ter um contato. E acho que isso que pega um pouco. Porque, assim, **tantas mudanças...** Você vai se afastando das pessoas. **Fica difícil fazer vínculos.** Você conhece muita gente. Mas, assim, ter pessoas com as quais fazer trocas, ser amigo... Vai ficando mais... enxugadinho, né? A gente não vai tendo um círculo social amplo. Então, eu acho que eu sinto muita falta disso. Talvez... Se eu tivesse esse outro lado prá me suprir, que é importante prá mim... Eu não sentia tanto o peso do dia a dia. Outro dia eu tava **refletindo** sobre isso...*

Há uma confiança na potencialidade terapêutica do grupo e um desejo de avançar no trabalho de se autoconhecer, porém tantas interrupções inesperadas trazem insegurança e inibem esse desenvolvimento.

Márcia: *\_Eu queria dizer que esse grupo tem essa característica, né, de **pessoas em nova fase da vida.** A Aline... Morando num lugar novo, **tentando se adaptar.** A Felícia... nossa! Pior ainda, né, Fê? Outro país, outra cultura...*

Como diz Foulkes (1976), “o grupo procura atingir um equilíbrio entre as ansiedades de seus diferentes membros” (p. 104). Para isso, Márcia resgata uma identidade comum, de “pessoas em nova fase de vida (...) tentando se adaptar”. No aqui e agora, o grupo está tentando se adaptar a uma nova fase.

Constituiu-se, assim, um espaço interno do grupo, chamado por Anzieu (1993) de *invólucro*, que possibilita também a existência de um espaço temporal, compreendendo a origem e as buscas do grupo.

A fala de Márcia ressalta outro aspecto deste dispositivo online. Como se trata de um grupo de pessoas, o encontro à distância possibilita o encontro de diferentes culturas, e a possibilidade de experimentar como pensam outros países, outros povos. Dessa maneira, a nosso ver, o grupo online poderá ainda refletir sobre uma diversidade de novas experiências, num aprender com a experiência, como diz Bion (1962/1991).

Felícia: *\_Além de tudo, tem o idioma.*

Márcia: *\_Que é a língua, né, que une as pessoas, aproxima as pessoas, né?*

As participantes estão falando do inconsciente que aproxima as pessoas.

Márcia: *\_E a própria Karina tinha comentado, né? (...) Sentindo-se culpada por aquelas horas sem trabalhar... Eu, tô aí, recém aposentada... Tentando encontrar meu caminho... Olha que engraçado, sente falta de outras coisas, e tenta justificar “não, não é que eu não gosto do meu filho...”. Uma culpa por querer ter um momento, né? E acho que não é nem de um momento só, né, Aline? Pelo contrário, acho que você tá precisando de companhia (Risos). E uma semana não dá prá largar marido e filho? (...). A gente acha que só a gente cuida, só a gente sabe fazer as coisas... E não é verdade! Pega um dia, nem que seja um dia, deixa os dois em casa, vai andar na praia... Vai tomar uma água de côco... Eu tenho ido ao parque duas vezes por semana. (...). Daí eu chego, vou lavar roupa, cuidar da casa... Faz parte da vida, também. Não dá prá largar mão de tudo. Mas são duas horas da semana que eu falo: Não! Esse momento é meu! Se eu não lutar por ele, ninguém vai lutar por mim. E eu percebo na sua fala, Aline, que você precisa não de ficar sozinha, mas de gente. Você fala muito, né, que você gosta de contato... de encontrar... Deve ter aí uma academia... Um lugar onde você vai ver gente, vai conversar... Oh eu fazendo a terapia dela... (Risos).*

Neste fragmento, o grupo procura compreender as suas próprias necessidades afetivas, outro fenômeno bastante conhecido das terapêuticas grupais (Foulkes & Anthony, 1967; Ribeiro, 1981; Neri, 1999; Terzis, 1999; Zimerman, 2000).

No nível transferencial, as participantes estão falando também da importância desse espaço como um lugar que possa retirá-las da formalidade, do compromisso com o exterior, para se autocompreenderem e poderem realizar fantasias, desejos e outros conteúdos reprimidos (Anzieu, 1993; Kaës, 2000).

Aline: (Risos). *\_Não, mas é um espaço que me falta mesmo.*

Psicóloga: *\_E, lembrando, a ideia é essa mesmo, que vocês possam utilizar deste espaço para falar do que sentem, experimentam; trocar impressões, reflexões...*

Márcia: *\_E eu senti isso do **grupo**, né, **de pessoas passando por uma fase de mudança**, né? Mudança brusca.*

Aline: *\_É*

Para Kaës (2000), “não há grupo que não esteja, como o corpo, marcado pelo desejo do outro para sua identificação e para sua identidade” (p.

103). Todo grupo, diz o autor, tem sua marca própria. Márcia enuncia a marca desse grupo.

Essas qualidades do grupo de se autoperceber apontam para a condição denominada por Neri (1999) de *presença de grupo*. A esse respeito, o autor esclarece:

Não me refiro à presença física e mental das pessoas do grupo, que *certamente são essenciais* [itálicos nossos], mas com este termo quero dizer que é necessário que no grupo tenha se criado um ponto de referência, que uma certa qualidade das emoções tenha se firmado e que uma determinada fantasia relativa à existência do grupo tenha se apresentado.... A *presença do grupo* é um dos elementos que dão forma ao pensamento de grupo, pois todos percebem, quando falam, que estão se referindo não somente uns aos outros (componentes do grupo), mas também a um outro ponto em comum (Neri, p. 128).

A *presença de grupo*, notadamente, prescindiu da presença física, o que coloca em questão a necessidade de *contiguidade do espaço*, até então considerada como essencial para a realização de um trabalho grupal de finalidade terapêutica.

Felícia: *\_No meu caso aqui, ainda não tenho nenhuma pessoa próxima, nenhuma amiga, nenhum amigo. Conheço algumas pessoas já, mas não prá desenvolver tanto ainda. Mas também não faz nem dois meses que eu estou aqui... Estou agora pegando o idioma também...*

Felícia, falando da falta de pessoas no espaço externo, fala da importância do grupo. As participantes necessitam desse espaço para expor as suas fantasias, necessidades e desejos.

Aline: *\_Eu preciso de um **espaço** que é meu, sabe? Eu posso até colocar nesse espaço meu marido e meu filho, mas o meu espaço. Acho que quando eu fui prá Itália, eu vivi muito o espaço dele. Depois, quando eu fiz uma formação (...). (Comenta amizade que fez no curso). Então, aquele era o meu (ênfase) espaço, o contato com ela... Um espaço criado por mim. Se não, eu vivia num outro espaço, o espaço dele. Não tinha muito a minha cara. (Risos). Sei lá... Dá prá entender? Depois eles têm um jeito muito diferente de viver do nosso. Sabe aquele jeito do italiano alegre? A gente só vê nos filmes de antigamente. Acho que ficou no imaginário nosso o jeito de italiano alegre, festeiro... Eles não são nada disso. São contidos, super fechados... São, sim, na forma de se expressar, mas não na forma de se relacionar. Até entre eles.*

Márcia: *\_Igual brasileiro, acho que é difícil, né? A gente já vai agarrando, né?*

Aline: *\_O que eu acho legal aqui é que **a gente tem** um misto tão grande, de tantas culturas. A gente, acho que vai pegando um pouquinho daqui, um pouquinho dali... E a gente faz um bolo, né, que tem um sabor diferente. Acho que por isso também que as pessoas idealizam a gente (...) Acho que o brasileiro é um tanto resiliente. Consegue circular através da adversidade. E acho que isso encanta um pouco.*

Após mais alguns comentários sobre essas diferenças culturais, o grupo percebe a aproximação do término do horário da sessão.

Aline: *\_Eh, Márcia! De novo, falei prá caramba (Risos).*

Márcia: *\_Prá variar!*

Risos.

Psicóloga: Confirma o término do horário e que aguarda o grupo para a próxima semana.

O sentimento de pertencer ao grupo faz emergir, nesse final de sessão, o que Neri (1999) chama de um *espaço de grupo*, um espaço que também não é físico:

Tal espaço não corresponde a um território que possa ser descrito ou percorrido; não coincide com os limites “geográficos” ou organizacionais do grupo. Ao invés disso, trata-se mais de um espaço mental e relacional.... Ou seja, o espaço comum dos membros do grupo é intimamente relacionado ao sentimento de pertencer ao grupo e à ideia de diferenciação entre aquilo que é o grupo e aquilo que não é o grupo (p. 67).

Segundo o autor, é preciso haver esse espaço de grupo para que as trocas de experiências e de impressões entre seus participantes possam se realizar.

Os movimentos do grupo nessa sessão também remetem à concepção de Anzieu (1993) do grupo como um sonho. Para esse autor:

O grupo, como o sonho, é um debate com um fantasma subjacente. Os sujeitos humanos vão aos grupos da mesma forma que, no seu sono, entram no sonho.... O grupo, como o sonho, como o sintoma, é em cada um de seus episódios a associação de um desejo e de uma defesa (p. 69).

## Grupo A – Sexta sessão

Participam: Felícia, Márcia e Aline.

No horário combinado, Felícia entra na sala virtual. Parecendo contente, diz que minutos antes já havia tentado acesso à sala. Comenta que aguarda com ansiedade uma prima que chegará ao final de semana, uma pessoa de quem está distante há dois meses, desde que deixou o Brasil.

Felícia fala da ansiedade do reencontro. Tem o desejo de reencontrar logo a prima e se antecipou ao horário do grupo. Do ponto de vista transferencial, reencontrar o grupo, assim como reencontrar a prima, é reencontrar um objeto bom.

Em seguida, enquanto Felícia falava do entusiasmo com a Universidade e com seu novo ritmo de vida, Márcia entra na sala:

Márcia: *\_Oi, Gente! Cadê Aline? Atrasada, igual eu? (Breve silêncio). Dona de casa, viu, Fê? (Risos).*

Felícia: (Risos). *\_Ah, imagino!*

Desta vez a ausência não representa uma ameaça como nas primeiras sessões. Isso porque já se constituíra a representação psíquica de uma unidade integrada, denominada por Kaës (2000) de *corpo de grupo*. Isso reitera semelhante observação da sessão anterior.

Márcia: *\_Tive que largar tudo aqui (Risos). Parei a limpeza no caminho.*

Felícia: *\_Eu tava falando prá Carla justamente dessa vida de dona de casa (Risos), que no Brasil eu não tinha.*

Márcia: *\_Você também está de dona de casa aí?*

Felícia: *\_Eu vou no supermercado... Às vezes eu faço alguma coisa na cozinha... E eu não fazia nada disso no Brasil. Então, tem sido muito diferente. E está sendo legal também!*

Márcia: *\_Você não fazia, mas você sabe?*

Felícia: *\_Eu só não fazia (Risos). Então... Tinha pouca ideia, só que a minha tia me ensinou... Tentou me ensinar... Minha mãe também me ensinava algumas coisas, mas eu desaprendi, porque eu não fazia, né?*

Márcia: *\_Aprendeu prá hora que precisasse, né?*

Risos.

As participantes falam da mudança de papéis, entre o ser cuidado e o cuidar de si mesmas. No nível inconsciente, elas percebem que elas próprias têm que cuidar de sua “casa” interna. À psicóloga cabe oferecer um espaço seguro onde elas pudessem experimentar o autoconhecimento.

Aline entra na sala virtual.

Márcia: *\_Bom dia, Aline!*

Aline: *\_Bom dia!*

Márcia: *\_Eu tava falando semana passada sobre os meus filhos... Eles estão super folgados. O mais velho é... O que ele puder deixar para o outro fazer, ele deixa, sabe? Ele quer tudo na mão... Comida na mão... O mais novo até me ajuda em alguma coisa, mas... Ah, gente...*

Felícia: *\_Quantos anos eles têm?*

Márcia: *\_15 e 11. E, assim, não tem a ver com não ser mulher, nem nada, por que... Minha sogra criou quatro filhos homens. E, olha! Exemplos de filhos! Com meu marido, eu não preciso me preocupar. Ele lava, passa, cozinha... O que precisar fazer, ele faz. Ele chega de noite, eu já tô no fim da picada. Ele fala: Não! Vai descansar, deixa que eu lavo a louça. Então, acho que não tem a ver de ser homem, tem a ver com a gente. E a gente fica poupando, né? Você tem que ensinar. Eles vão tentar uma saidinha, porque ninguém vai querer aprender de verdade. Não é verdade, Fê?*

Felícia: *\_É.*

Risos.

Felícia: *\_É, se tiver alguém prá fazer, melhor...*

Ao falar dos filhos, *extratransferencialmente*, Márcia, como porta-voz, enuncia a resistência do grupo em avançar para uma nova fase. Esse movimento remete à afirmação de Foulkes (1976) que “mesmo o paciente bem motivado – tanto consciente como inconscientemente – tem em seu interior forças muito vigorosas atuando ativamente contra mudança (p.15)”.

As participantes querem fazer a “faxina”, entrar nas questões emocionais. No entanto, enfrentam sentimentos persecutórios, provocando uma regressão a um nível mais primitivo, onde não se tinha que mudar nada, lidar com exigências ou expectativas. Evidenciam-se, assim, fantasias ambivalentes entre objeto bom e objeto mal.

Márcia: *\_E eles precisam aprender. O meu mais velho também tá falando de estudar fora do país. Imagina a hora que ele tiver lá fora, vai dizer que eu que não ensinei... (Risos).*

Felícia: *\_Mas eu não falo isso, não. O problema é que sempre tinha alguém prá fazer, também me poupavam... porque eu sou um desastre, na verdade. Então, prá mexer com fogo, com faca, sempre me poupavam. “Não! Deixa que eu faço, deixa que eu faço...”. Sempre queriam me ensinar, mas como eu não tinha muita habilidade, então me poupavam. Então, agora eu estou cortando o dedo, me queimando... (Risos).*

Márcia: *\_Oh, Meu Deus.*

Felícia: *... Mas tudo bem. Estou aprendendo*

Risos.

Márcia: ***\_A verdade é que tem outro lado também** que é assim, eu vejo as coisas fora do lugar. Eu falo: gente, vamos pegar isso aqui e por no lugar? Eu falo uma vez, falo duas, na terceira você vai lá e pega, porque aquilo vai te dando um comichão,*

*né? Você quer ver a coisa pronta também, né? Então, eu acho que **é um fator de quem ensina também, né?** O maior, quando ele vem fazer alguma coisa, é isso que você tá falando, ele derruba tudo... Ele quebra coisa... Então, a gente fala: pelo amor de Deus, deixa, deixa...*

Felícia ri.

Márcia: *\_Não tem jeito, só vai aprender quando eu não tiver por perto.*

Felícia: *\_Vai aprender errando.*

Márcia: *\_Errando, é... É a vida, né? É igual a vida, né, Aline?*

Aline: (Risos). *O (filho) vai fazer 4 anos, né? Ele vê os DVDs dele, e ele já aprendeu a mexer no controle... E às vezes ele tá ali deitado, todo gostoso, e ele: mamãe, vem ligar prá mim?*

Risos.

O grupo reflete sobre a dificuldade e a importância de sair da posição de dependência.

Aline: *\_Felícia, como está a vida em Buenos Aires? Já está mais entrosada com a língua?*

Felícia: *\_Sim... Com a língua, com o lugar, está sendo tranquilo, porque, assim, quem morou em São Paulo, qualquer lugar fica fácil...*

Nessa tentativa de sair da dependência, as participantes falam de outra experiência também de adaptação, transferindo as dificuldades do aqui e agora para uma representação externa.

Márcia: *\_E o seu filho, Aline, como está?*

Aline diz que a recusa do filho de ir à escola realmente havia acabado, e que, ainda assim, esteve pensando se não teria sido uma reação dele à perda da avó, apesar de ter convivido com ela apenas esporadicamente.

Aline: *\_Então, assim, eu fiquei pensando que será que essa coisa na morte não ficou meio assim... e veio à tona agora? O que é morrer para uma criança de 4 anos? Complicado, né? Desaparecer! É o que ele tem de registro. Morrer, não vê mais. Então, pensando nessas coisas, a gente pensou que talvez ele esteja elaborando ou tentando elaborar isso agora.*

Márcia: *Pode ser!*

Aline começa a chorar.

Psicóloga: *\_Aline, posso perceber sua angústia e penso que podemos compreendê-la.*

Aline: *\_É muito estranho, porque não está resolvidíssimo, né? Acho que vai ser mesmo aos poucos. Eu tava, segunda-feira... Eu frequento uma academia aqui, né... só de mulheres... E de repente chega uma correndo... Aline, você é psicóloga? Você é psicóloga? Por que? Ah, ligaram, que a mãe da X morreu. Tá... Eu tava lá, e fui até ela. E, sabe, aquele bando de gente. Um... Dá água!; o outro: faz não sei o quê... Falei: dá licença... Peguei a menina, levei para um lugar mais fechado... O que você pode fazer nessa hora? Deixei ela descarregar e dar apoio, só. Não tem... Eu tentei fazer ela falar um pouquinho... prá botar um pouco a coisa prá fora. E ali fiquei uns 40, 50 minutos. Depois chegaram parentes, aí eu deixei ela com uma pessoa e me retirei. (Breve silêncio). É aos poucos... Mês que vem vou a São Paulo, então vamos ver qual vai ser o impacto, de chegar lá... Depois de viver um mês todo esse processo, da hospitalização, do falecimento. **E agora é outra fase, outro momento.** Então... Não*

sei... *Eu sinto que meu pai... Ele pega as fotografias dela... Coloca em porta retrato. Eu tô imaginando chegar lá e encontrar retrato espalhado pela casa inteira, né? Mas, por causa disso... Essa coisa que é meio que a conta-gotas... É que eu tava longe, faz tanto tempo... Que a gente não teve mais esse contato. Então, essa ida, vai ter essa lacuna... Mas acho que é assim, vai ter que ser aos poucos.* (Breve silêncio). *Então, não sei se eu passo isso prá ele de alguma forma. Sei lá, né? Eu também não toco no assunto. Também não sento com ele prá falar sobre isso.* (Chora). *Deixa eu pegar um lenço...* (pega uma caixa que estaria próxima). ***É bom poder falar...***  
Silêncio.

Aline percebe a possibilidade de apoio e pode falar do luto. Como dizem Foulkes e Anthony (1967), “na atmosfera tolerante e protegida do grupo, ela [a pessoa do grupo] pode abandonar a *cortina de ferro* da repressão e expor a sua vulnerabilidade” (p. 213).

No nível inconsciente, é o próprio grupo também abrindo mão do objeto mãe.

Para saber os sentimentos do grupo, a pesquisadora pergunta:

Psicóloga: *\_Como o grupo vivencia isso que a Aline traz?*

Márcia: *\_É tão recente... Três meses é tão pouco tempo... É difícil mesmo. Meu pai morreu eu tinha 14 anos. Eu tenho 46. E eu percebo, assim, 30 anos depois não tá totalmente elaborado. Tem coisa que na hora eu acho que você abafa, né? Não quer sofrer aquilo, não sei... Eu venho de uma família que teve que ser muito forte. E minha mãe, meu irmão mais velho falavam: você tem que ser forte! Não vai chorar! Gente! Como assim, né? Então, sei lá... Acho que você vai... Leva essas coisas prá sua vida, depois, caramba... Vê como é difícil, né? Você se obriga a ter alguns comportamentos... É difícil... Por isso mesmo que a gente tem mesmo que ter abertura prá fazer terapia. Quem dera nós, psicólogos, não precisássemos... **Hoje, fazendo a faxina, pensei: não vou entrar hoje, não vou entrar hoje... Mas tem que fazer...** Até semana passada, no final eu queria falar, mas falei: Ah, não... Já tá no final, não vai dar tempo... (Breve silêncio). *Eu, particularmente, tenho muita dificuldade de falar. No dia a dia, se alguma coisa me magoa, se eu fico nervosa... Quem me conhece, olha prá mim e sabe que eu não tô bem. Mas, assim... Se a pessoa começa a insistir: mas o que você tem? Mas o que você tem? Aquilo vai me dando nervoso. Aí... Aquele negócio que às vezes é até pequeno, mas você fica pensando naquilo, fantasiando... Uma coisa pode ser uma coisinha, e você fazer dela, né... Um monstro. Então, você precisa falar, né? Se você fala prá pessoa: Olha! não gostei disso! E a pessoa fala: Nossa! Desculpa! Foi sem querer... Acabou, né? Aquilo não cresce além daquilo, né? Então, eu preciso trabalhar muito isso. Porque se o outro também me vê calada, pode pensar: Nossa! O que será que está acontecendo? **Mas é uma dificuldade mesmo, de entrar em contato com o que te incomoda, né?****

Através do processo de *ressonância identificatória* (Kaës, 2004), Márcia pode falar agora da própria dificuldade de expressar suas emoções.

Márcia e Aline configuram a cadeia associativa grupal, referindo à dificuldade da nomeação dos próprios sentimentos.



Aline: *\_Interessante que têm coisas que parecem ser tão difíceis, tão difíceis... intransponíveis... E **quando a gente consegue... Nossa! É isso?** Porque a gente cria mesmo uns monstros, né? Acho que **o lance tá na passagem mesmo, em quebrar esse ciclo.** Tentar colocar madeira na roda que tá rodando sempre do mesmo jeito. Parar, e agir de um outro modo. Fácil não é mesmo até quando a gente enxerga isso. Quando a pessoa não enxerga, é mais difícil ainda. E é um movimento de esforço mesmo, de falar: Não! Pera aí! Vamos lá de novo! (...). Tem coisas, realmente, que ficam marcadas, ficam fortes. Imagina... Aos 14 anos de idade... Isso não dever ter começado, né? Aos 14, por que... se a tua família tem essa característica, isso começou de quando você nasceu. Provavelmente, os teus avós passaram para os seus pais, né? E você vai ter que fazer um esforço prá não ter que passar para os seus filhos... Imagina, você recebe a notícia da morte do seu pai e junto com ela: olha, mas você não vai chorar! Ah! (Simula um engasgo).*

Márcia: *É...*

As participantes se conscientizam da existência de uma realidade interna que produz essas angústias, dificuldades e conflitos, cujos conteúdos eram até então projetados no mundo externo. Começam a diferenciar o que é externo do que é interno. Há um *insight*.

O reconhecimento e o apoio no grupo que percebe partilhar de conflitos de mesma natureza fortalecem o sentimento de *pertencimento* ao mesmo e, por conseguinte, a coesão grupal. Esses fatores “são muito importantes na criação da atmosfera adaptada para a livre expressão individual. São os fatores indispensáveis para que os fatores analíticos [como elaboração das transferências e das resistências] possam entrar em ação” (Pisani, 2005, p. 39).

Aline: *\_Obviamente que não fizeram de propósito. Mas foi, assim, um modelo que eles receberam e que eles repassaram. E é isso que a gente faz! O meu pai... Ele é, assim, todo duro, rígido. Emocionalmente... Demonstrar emoção, prá ele é uma coisa... complicadíssima! E é como eu sou... Eu aprendi isso... E dá-lhe terapia, né? Porque eu, quando eu era menor, eu acho que eu não... Não é que eu tinha dificuldade de... Eu chorava até demais... (Risos). Demonstrava até demais. Mas acho que ficou tudo meio confuso... Porque você não tem referenciais claros, do que é uma coisa, do que é a outra... Então, eu me sentia, assim, confundida. Eu não sabia se eu tava sentindo o quê, porque eu não tinha modelos claros prá mim. Meio complicado, vocês sabem... Daí a gente vai fazendo um trabalho depois, né... De garimpo.*

Márcia: *\_Haja, né? Haja trabalho depois...*

Aline: *\_Ah, mas, olha, se eu parar prá pensar, **melhor se eu tivesse... Melhor se a gente tivesse tido modelos mais saudáveis**, né? Mas, assim, independentemente... Ainda bem que a gente conseguiu fazer o percurso que a gente faz. Já pensou morrer com a mesma problemática? (Risos). Então, legal, a gente fez um percurso, fez uma escolha... Seja ela... A gente é aquilo que a gente consegue ser, né? **O importante é a gente não ficar parado**, prá gente poder melhorar... as nossas relações... Ter consciência disso e tomar atitude! Acho que isso é que é legal. E, depois... Depois é depois (Risos). Mas a gente poder ter força prá poder fazer as*

*transformações, chegar lá na frente e falar: legal, gostei! (Breve silêncio). Não é que esse espaço se dá assim, né... **Tem todo um amaciamento que é esse, né?** Esse é todo um processo que a gente vai amaciando prá poder chegar lá na frente, né?*

Conforme Kaës (2004) a identificação no grupo “desempenha um papel central: garante a inclusão de cada um num ‘estar junto’, por um traço que cada um tem em comum” (p. 133).

Aproximando-se do final da sessão, o grupo cria expectativas positivas para poder esperar pelo próximo encontro, evitando, dessa maneira, angústias de separação (Leal, 1997).

Felícia: *\_Márcia, eu vi o vídeo do Zezé<sup>13</sup>. Fiquei emocionada. Muito lindo.*

Márcia: *\_É, aquilo lá é prá gente pensar, né?*

Silêncio.

Psicóloga: *\_E como vocês vivenciaram esse compartilhamento fora da sessão?*

Felícia: *\_Ah, eu gostei! Acho que enriqueceu a sessão. Fez lembrar do que a gente tava falando, refletir mais também. Gostei.*

Aline: *\_Às vezes, a vontade de encontrar, né? É uma forma da gente ampliar... (Risos), ampliar esse contato.*

Felícia: *\_A gente acaba se envolvendo, né?*

Márcia: *\_Acho que seria muito legal se a gente mantivesse esse contato mesmo fora do grupo, né? Sei que não podemos nesse momento, talvez porque pode influenciar de alguma maneira, mas depois, né?*

Aline: *\_Ah, sem dúvida!*

Márcia: *\_Já tá todo mundo olhando o relógio, né?*

Risos.

Aline: *\_Passa rápido, né?*

Márcia e Felícia concordam.

Aline: *\_Você fala: uma hora e meia! Mas passa rápido.*

A psicóloga confirma o término da sessão e a possibilidade da entrada de uma nova integrante na próxima semana.

Agora que o grupo se sente integrado e começam a falar das dificuldades, as participantes questionam se haverá tempo para o trabalho psíquico.

O reconhecimento e o apoio encontrado refletem no desejo compartilhado de eternizar o grupo.

---

<sup>13</sup> O mesmo vídeo comentado na sessão anterior.

## Grupo A – Sétima Sessão

Participam: Aline, Márcia, Felícia e Luana.

No horário combinado, Aline, Márcia e a nova integrante do grupo, Luana, entram na sala virtual.

Após os cumprimentos e a retomada das regras pela psicóloga, Aline inicia dizendo:

Aline: *\_Então... Estou curiosa! Quero saber da Luana. (Risos). Quem é a Luana, o que ela faz, onde ela tá... **Principalmente, né? Onde ela tá** (Risos). Porque **cada uma que tá aqui é de um lugar diferente do Brasil.***

Uma das peculiaridades deste dispositivo é, sem dúvida, a possibilidade de reunir pessoas de localidades distintas sem que nenhuma delas tenha migrado, ou talvez sequer visitado, a cidade, o estado, ou até mesmo o país onde se encontram as demais pessoas do grupo. Nesse ambiente *desterritorializado* (Lévy, 2005), saber desse local físico denota uma necessidade de obter dados concretos e objetivos a respeito da existência do outro.

Por outro lado, o “aqui” que é referido por Aline corresponde não apenas ao espaço da sala virtual, mas, mais especificamente, ao espaço psíquico relativo ao grupo que havia se constituído, o *espaço de grupo* (Neri, 1999).

Luana tenta falar, mas não era possível escutá-la. É orientada pela psicóloga a verificar as configurações do microfone.

Aline: (Risos). *\_Márcia, sua cara tá muito engraçada (Gargalha).*

Márcia: *\_Desculpa, **Lu!** É que é assim, você tem um sotaque que eu tô aqui pensando... Será que ela é do Rio? Será que é mais prá cima? (Risos).*

Aline: *\_Ou ela tá em São Paulo...*

Márcia: *\_São Paulo não é... Onde você tá, Lu?*

Luana conta a cidade em que nasceu e da mudança quando ainda era pequena.

Márcia: *\_É uma loucura, né? O sotaque mineiro com carioca vira um monte de erres, efes, xises...*

Risos.

Luana: *\_É verdade...*

Márcia: *\_**Oh, Lu...** Eu sou de (nome da cidade). Mas também vim prá São Paulo com um ano... Por isso não tenho nada de sotaque mineiro.*

A participante Felícia entra na sala virtual e todas se cumprimentam.

Felícia: *(Para Luana) **Você estava se apresentando?***

Márcia: *\_Ela tava tentando... A gente não deixou ainda...*

Risos.

É possível notar, uma vez mais, como mudanças na configuração do grupo interferem na sua dinâmica. Esse movimento diante de uma nova integrante confere com o que Foulkes e Anthony (1967) denominam *reação ao estrangeiro*. De acordo com esses autores, o recém-chegado “reativa a intranquilidade passada e desafia a familiaridade presente com a sua singularidade” (p.220).

Foulkes (1976) diz que “a introdução de um novo membro em um grupo já existente tem quase sempre a probabilidade de causar uma *reação-G*<sup>14</sup> envolvendo certa expressão de ansiedade” (p.122).

A forma como cada grupo enfrenta esse estado de intranquilidade pode variar conforme a sua própria natureza, o quanto seus integrantes estariam preparados para a chegada da nova pessoa, das qualidades pessoais da recém-chegada, entre outros possíveis fatores. O comum recai na necessidade do enfrentamento, “seja pela assimilação ou pela exclusão” (Foulkes & Anthony, 1967, p. 220).

A forma como Márcia chama Luana, pronunciando apenas a primeira parte do seu nome, “Lu”, minimiza esse estado de desconhecimento e a aproxima do grupo. Essa forma de chamar, junto aos risos e brincadeiras, é também a forma que o grupo encontra para amenizar a ansiedade diante da nova situação.

Aline: *Uma coisa interessante nesse grupo. Até quem entra aqui é itinerante. Morou aqui... Foi prá lá... Virou prá cá... (Risos). Todo mundo tem essa característica.*

Conforme diz Kaës (2011), o polo isomórfico, correspondente à busca de um espaço psíquico comum e indiferenciado, reaparece cada vez que o grupo se vê confrontado em seu *espírito de corpo*. A proposta de uma identidade comum, nesse momento em que lidam com a entrada de uma nova pessoa, seria um indício dessa modalidade de aparelhamento.

Além disso, Aline destaca o fato de estarem fisicamente em espaços distintos, mas com a atenção voltada para um lugar comum: a vivência grupal

---

<sup>14</sup> Forma como o autor denomina as circunstâncias que, para ele, são especiais e exclusivas da modalidade de terapia grupal.

delas. “Aqui”, novamente, significa o espaço interno do grupo, que se reflete numa *presença de grupo*, isto é, “uma constelação de fantasias, emoções, sentimentos, pensamentos” (Neri, 1999, p. 132).

“Itinerante” é também o próprio grupo, na consideração de que estão nele com o propósito de sair da realidade externa para entrar na realidade interna; para se perceberem, se autocompreenderem.

Luana comenta mudanças frequentes de cidade em virtude de transferências de local de trabalho do marido.

Márcia: *\_E muda muito?*

Luana: *\_Muda, muda bastante. Já fiz umas doze mudanças.*

Márcia: *\_Nossa...*

Nas falas acima, o grupo se questiona sobre a possibilidade de enfrentar novas mudanças.

Aline: *\_Você está muito quieta, Felícia!*

Felícia: *\_Entrei depois. Acordei... Hoje eu tô devagar, viu? Mais ainda...*

Márcia pergunta a Felícia se estava frio em Buenos Aires.

Márcia: *\_Dá uma preguiça, né? Na gente...*

Felícia: *\_Nossa... Não dá vontade de fazer nada.*

De acordo com Neri (1999), a chegada de um novo membro não se caracteriza por uma simples assimilação. O grupo sofre um processo de desestruturação e reestruturação que o recoloca na “retomada do fenômeno do estado grupal nascente (espera, esperança, ansiedades persecutórias, despersonalização)” (p. 158). Com isso, no nível psíquico, é o grupo quem precisaria ser reaquietado.

Márcia: *\_Fala, Lu!*

Luana tenta falar, mas uma vez mais não foi possível escutá-la.

Márcia: *\_O fone dela acho que tá igual o que era o meu. Você escuta?*

Luana acena que sim.

Márcia: *\_Então, vamos tocando a vida...*

Aline: (Risos). *Vamos tocando e largar ela lá, enquanto ela vai regulando*  
(Risos).

Márcia: *\_Queria te ouvir, mas não ouço...*

Luana ainda tenta reconectar o microfone. Tenta falar, sem sucesso, e **sai**.

Aline: *\_Sumiu!*

Márcia: *\_Ela ainda vai aprender a lidar com isso... (Risos).*

Todas riem.

Aline: *\_Márcia, você fez uma cara quando ela começou a falar... (Muitos risos). Muito engraçado... (Risos).*

Seguem comentários sobre a possível origem de Luana.

As falas de Márcia e Aline expressam uma tentativa de descontração, com a função de minimizar a ansiedade. Pensar que a participante poderia não conseguir acertar a sua conexão talvez se tornasse persecutório.

Márcia: *\_E aí, Fê? Tá sempre quietinha...*

Foulkes e Anthony (1967) e Zimerman (2000) sugerem os distintos significados para as atitudes silenciosas no grupo. Pode indicar, nesse caso, uma forma de resistência, no sentido de uma proteção contra o acesso a sentimentos difíceis de serem tocados, reconhecidos e/ou compartilhados.

De acordo com Zimerman (2000), a hipótese de se tratar de uma característica de inibição da participante não invalida a possibilidade de que ela mantivesse atenta, interessada e se sentindo de fato componente do grupo. Essa vivência seria, inclusive, mencionada pela própria participante ao final da pesquisa.

Por outro lado, esse silêncio mais constante de uma das participantes representa uma figura persecutória no grupo.

Felícia: *\_Tá frio aí em São Paulo?*

Márcia: *\_Não, tá frio não. (Falam mais do tempo).*

Pesquisadora: *\_Me parece que a entrada de uma nova pessoa mudou também o clima no grupo.*

O propósito dessa intervenção da pesquisadora era estimular o grupo falar dos sentimentos e das vivências mobilizadas com a mudança na sua configuração, pela entrada de uma nova participante.

Aline fala do filho, que acorda no final da madrugada, pedindo leite. Diz que não adianta não fazer; não adianta resistir uma semana, e que vai fazer até poder falar que faça ele mesmo.

Márcia: *\_Você me lembrou uma coisa aqui... (Comenta sobre um de seus filhos). \_Ele tem um lema que é assim: não faça hoje o que pode ser feito amanhã, e não faça se o outro pode fazer por você.*

Risos.

Márcia: *\_E eu tô tentando aos poucos...*

Luana volta para a sala virtual.

Márcia: *...ir mudando isso... Porque é difícil também, né? Até a salada dele... Fiz o prato e dei pra ele e falei: agora só falta temperar. O que ele colocou de vinagre...*

Muitos risos.

Márcia: *\_Mas é a **resistência da gente**, né...*

Através dos filhos, Aline e Márcia expressavam de modo *extratransferencial*, ou seja, através de “sentimentos embutidos nas narrativas de fatos exteriores” (Zimerman, 2001, p. 136), a resistência do próprio grupo diante da mudança, e a dificuldade de adaptação que estariam enfrentando nessa nova configuração.

O grupo também mostra a capacidade que tem de interpretar as suas próprias atitudes, um fenômeno bastante observado nos grupos convencionais (Foulkes & Anthony, 1967; Foulkes, 1976; Neri, 1999; Ribeiro, 1981; Terzis, 1999; Zimerman, 2000).

Aline: *\_A Luana consegue escutar? Consegue falar?*

Luana: *\_Oi. Ouvindo eu estou. Vocês me ouvem agora?*

Grupo responde que sim.

Luana: *\_Pois é, mas a imagem agora tá um pouco escura não tá?*

Aline: *\_Acho que é porque a luz está atrás. Mas se o som está funcionando... tá bom!*

Márcia: *\_Quer se apresentar, Lu?*

Luana: *\_Troquei de computador pra ver se ajuda. Mas podem continuar.*

De acordo com Foulkes e Anthony (1967), “o estrangeiro, no grupo humano, sente o embaraço de sua condição até que se perceba aceito e possa misturar-se aos que o cercam” (p. 220).

Aline: *\_A gente estava só trocando umas ideias... (Risos), aparentemente muito superficial (Risos). A gente pode interromper, não tem problema não. (Breve silêncio). Então... Eu estou em (nome da cidade) do ES.*

Luana: *\_Ah...*

Aline: *\_A Felícia está na Argentina...*

Luana: *\_Na Argentina...?! (Demonstrando-se surpresa).*

Felícia: *\_Sim...*

Luana: *\_Que bacana! Argentina, Minas, São Paulo, interior de São Paulo...*

Felícia: *\_Fala um pouquinho de você, Lu?*

Luana: *\_Então... Eu faço terapia online com um psicólogo de (nome da cidade), eu uso o vídeo, a câmera e não tem problema. (Grupo parece se surpreender com essa informação). Acho estranho porque ficar dando essa interferência. O dia que eu fiz a entrevista com a Carla, não teve problema nenhum. Prá vocês está normal o vídeo e a voz?*

No embaraço de ser nova no grupo, Luana busca esclarecer que não tem culpa pelas falhas na comunicação. E talvez para compensar o seu status de recém-chegada, fala da experiência que já tinha de terapia online.

Márcia: *\_Está tranquilo, Lu. Agora está dando pra escutar. O vídeo agora tá um pouco escuro, mas é a posição que você tá. O som parece que tem um pouco de delay<sup>15</sup>, mas pouco, normal.*

Aline: *\_Aqui, está chegando normalmente.*

Felícia: *\_Aqui, também.*

Com a possibilidade de escutar Luana, significando para o grupo a oportunidade de superar a nova situação de desconhecimento, os demais problemas técnicos são relevados.

Luana: *\_A Aline é a única que eu consigo ouvir com clareza.*

Márcia: *\_É que a Aline fala muito (Risos).*

Aline: *\_Olha! (Risos).*

Márcia: *\_Aline... Muito e em bom tom! E tem a Felícia, que é quietinha demais... Lu, quantos anos você tem?*

Luana: *\_Tenho 28.*

Seguem-se apresentações, e perguntas à Luana, se é casada e se tem filhos.

Para sair da angústia mobilizada pela nova situação, o grupo precisa obter informações a respeito da nova integrante. A provável fantasia é a de quanto mais informadas sobre quem seria essa nova pessoa, melhor preparadas se sentiriam para lidar com as inevitáveis diferenças (Foulkes & Anthony, 1967; Kaës, 2011; Neri, 1999).

Luana: *\_Eu sou casada há quase nove anos. Completaria nove anos em novembro desse ano.*

Márcia: *\_Nossa... Casou nova!*

Luana: *\_Tava com 19 anos.*

Aline: *\_Ah, mas no meu primeiro casamento, casei com 22...*

Luana: *\_Você agora está no segundo casamento?*

Aline: *\_É... Oficial, sim. (Risos). Casei com 22, me separei com 23... (Risos).*

Luana: *Nossa...*

Aline: *\_Eu queria fazer mudanças, mas acho que... não tinha maturidade para mudar nada, e saí de uma para entrar na outra, entendeu? (Comenta segundo relacionamento e, em seguida, como conheceu e reencontrou o atual marido). \_Resumindo... (Risos). \_Se não eu falo demais, acabo monopolizando (Risos).*

Márcia: *\_Aline, eu falo que você fala demais, mas acho bonita essa sua história!*

Felícia: *\_Ah... Eu também acho!*

Márcia: *\_Não é, Fê! Ah, tão linda! (Risos).*

<sup>15</sup> Termo técnico que é utilizado para designar o retardo de sinais em meios eletrônicos.



Felícia: *\_Parece de filme, novela... (Risos).*

Aline: *\_Mas a gente precisa resgatar tanta coisa, sabe...? Que com o dia a dia... Com tanta preocupação... Com tanta mudança... A gente sente que tem essa ligação forte... Por que... Foi uma coisa muito intensa... **Nós nunca perdemos o fio do contato... Confiança que um tem no outro...** Mas, assim... Com o trabalho... Com as preocupações... A gente acaba meio que... Sabe...? Entrando naquela rotina...*

O significante nessas falas é a mudança. Através do processo associativo, de maneira transferencial, e tendo Aline como sua porta-voz, essas falas expressam a necessidade do resgate da confiança que tinham começado a sentir no grupo.

Márcia: *\_Virou a história, né?*

Aline: *\_Virou a história que todo mundo tem, né? (...). Às vezes a gente começa uma discussão. Não discussão... Não é briga... Porque, assim, primeiro tem a **questão da língua**. E por incrível que pareça, por mais que se conheça a língua, existem expressões, né... (Comenta recente episódio de mal entendido em conversa com o marido). E a gente **tenta... Ajustar...** Estar mais atento ao que o outro está falando. Assim, dessa forma, tentando falar mais claramente mesmo... (...). E eu também tenho que rever, né... Lógico... Também sou chata... Às vezes a coisa tem que ser do jeito que eu quero... Então vamos lá redimensionar isso...*

Márcia: *\_Conto de fada é tão mais fácil, né, Aline?*

Aline: *\_Ah, é... (Breve silêncio). Mas acho legal quando a gente consegue fazer esse movimento. Mas eu sinto que a gente precisa... De um tempo mesmo... Sem interrupção... Porque, não adianta... quando tem um filho pequeno...*

Ao falar da vivência com o marido, Aline se refere também ao aqui e agora da situação grupal, dizendo que é preciso um tempo sem interrupção para que possam prosseguir com a tarefa, sem um filho pequeno no meio, isto é, sem a entrada de novos estrangeiros.

Márcia: *\_Comunicação é mesmo uma coisa complicada. Você fala A... Chega do outro lado, bate de um jeito... E quando você nem fala?*

Felícia: (Risos). *\_É... (Breve silêncio). É... Muito complicado língua. Às vezes você tá falando, eu não entendo... Ou às vezes pensa uma coisa e é outra... Porque não domina muito, assim, o sentido... Enfim, tem várias coisas, né...*

Márcia: *\_Semana passada a gente falou alguma coisa disso. O quanto é pesado, né... Na hora que você tá com aquela **carga emocional** dentro de você, aquilo é **um monstro**, né? **E na hora, né, que você consegue passar isso pra fora...** Que nem a Aline falou, que às vezes é pequeno... Não é pequeno... Era grande às vezes, né? Mas **a dificuldade da gente traduzir isso**, e conseguir falar... Nossa...! **Faz uma... Uma guerra...***

Felícia: *\_É...*

Essas falas expressam que a dificuldade do grupo é com a “linguagem” do inconsciente, que não tem gramática, que não tem razão. Somente quando

começarem a compreender essa linguagem é que poderão se sentir mais seguras e menos angustiadas.

Luana: *\_Estão me ouvindo?*

O grupo responde que sim.

Luana: *\_Eu queria comentar que estou um pouco calada aqui, porque como eu fiquei aqui no escuro e o problema que tá dando no áudio hoje, então **estou quieta para não atrapalhar**. Mas a partir da próxima sessão, acho que eu vou ser uma concorrente da Aline aí, dominando a sessão.*

Márcia ri.

Felícia: *\_A gente está escutando!*

Luana: *\_Parece que o retorno tá atrasado. As coisas que eu falo demoram um pouquinho...*

Aline: *\_Aqui tá chegando legal.*

Felícia: *\_Aqui também.*

Luana: *\_Então... Como eu tava falando na minha apresentação... Sou do Rio. Me considero de coração, porque desde pequena fui pra lá... Tenho 28 anos... Sou casada há quase nove... Tenho uma filha de cinco meses. Chama (...). Que mais...? Eu falo quase nove porque a gente tá num período de quase separação... Mas... Vocês estão **me ouvindo bem**?*

O grupo responde que sim.

A fala de Luana expressa o seu desejo de se integrar ao grupo, mas ela parece ainda precisar saber se será realmente aceita.

Luana conta que soube da pesquisa procurando por terapia online na Internet, e que poucas semanas antes já tinha começado também um processo individual.

Luana: *\_E é superinteressante como que funciona, como que evolui. Eu sou até suspeita prá falar, mas o meu esposo, eu conheci ele pelo computador, pela Internet. Então, não dá prá acreditar que o mediador, o computador, possa atrapalhar, né? Não... É só um mediador mesmo! Nada mais do que isso! (...). Então, eu venho participar aqui com vocês já por acreditar... Acreditar em terapia online. Acho que é um mecanismo que funciona muito.*

Dizer que já tem experiência e confiança no processo pode ser interpretado como uma forma de Luana ainda buscar compensar seu status de recém-chegada no grupo.

Luana: *\_E, como no meu caso... A cidade aqui onde eu moro, eu não me sentia à vontade de procurar um face a face. Eu não queria encontrar com a minha terapeuta por aí. Então, por aí vocês veem como já funcionou pra mim, né? Como foi importante ter essa opção. Porque se não fosse essa opção do virtual, pode ser que eu nunca procurasse psicólogo, ainda que precisando mesmo procurar. Então, acho que a gente tem que ter alternativas mesmo, né? Pra gente procurar aquela em que a gente vai poder melhor comunicar.*

Pelo que diz Luana, o “melhor comunicar”, nesse caso, significa sentir-se em condições de comunicar, por acreditar que não conseguiria fazê-lo em presença física, em especial a um terapeuta da mesma pequena cidade. Isso complementa a enumeração dos possíveis motivos, listados na introdução deste trabalho, de por que um paciente pode se interessar por terapia online. E provoca também a questão do uso da Internet como um anteparo contra o contato direto.

Após algumas falas em que as demais participantes perguntavam à Luana a respeito de sua formação e trabalho, Luana pergunta à Felícia o que ela fazia na Argentina. Ao saber que Felícia era psicóloga, Luana diz:

Luana: *\_Ah, interessante! Psicologia é meu sonho de consumo. Futuramente... Nem quando eu tiver bem velhinha, eu pretendo fazer o curso, sabe? Nem é pra seguir como profissão, não. Mas por eu gostar mesmo! Acho um curso muito interessante.*

Felícia: *\_É... A gente é tudo suspeito aqui, viu? (Risos).*

Márcia e Aline riem.

Luana: *\_Todas? (Breve silêncio). Só você e a Carla, né?*

Márcia: *\_Oh, Deus... (Risos).*

Felícia: *\_Não... (Márcia e Aline rindo).*

Luana: *\_A Márcia e a Aline é também da área da Psicologia?*

Márcia e Aline, rindo, balançam a cabeça confirmando.

Felícia: *\_Mas não se assuste! Aqui a gente não atua!*

Luana: *\_Nossa... Entendi... Mas... interessante...! Nossa...! Então o meu caso vai ser... muito bem atendido...*

Felícia: *\_Não...*

Aline: *\_Não, **aqui estamos todas no mesmo barco** (Risos).*

Márcia: *\_Eu sou formada, mas não atuo, viu Luana? Sou formada há muito tempo, mas não atuo.*

Luana: *\_Entendi. A Aline também não atua, né?*

Aline: *\_Atuo.*

Psicóloga: *\_Como vocês vivenciam essa diferença?*

Luana: *\_Eu me sinto analisada pelos quatro ângulos (Risos). Brincadeira, brincadeira... Mas, assim... Na verdade, eu acho até bacana. E vocês vão entender melhor depois quando eu contar a minha história, sabe? Talvez eu vou ter oportunidade de ser muito ajudada por todas, né? Claro que vai ser uma opinião pessoal de cada uma, mas também inclui certo conhecimento que tem da área, né, da Psicologia. Então... Na verdade, eu acho bem interessante estar com quatro pessoas da área. Acho bem bacana!*

A psicóloga avisa do término do horário e todas se despedem.

Nesse fragmento, elas não precisam ser iguais, basta que estejam “no mesmo barco”. Isso indica que, nesse final de sessão, o grupo já alcança uma

reestruturação, não sentindo mais seu *espírito de corpo* ameaçado, podendo funcionar através do *polo homeomórfico* (Kaës, 2011), tolerável às diferenças.

Para Luana, o fato das demais participantes serem psicólogas viria apenas a somar para a compreensão de seus conflitos. Finalmente, o grupo é novamente investido como um objeto bom.

## Grupo A - Oitava Sessão

Participam: Luana, Márcia, Felícia e Aline.

No horário combinado, Luana, Márcia e Felícia entram na sala virtual.

Após os cumprimentos, Felícia pergunta a Luana se ela consegue ouvir:

Luana: *\_Sim! Hoje eu ouço, hoje eu falo, e acho que vocês me veem também!* (Risos).

Márcia: *\_Então, vamos embora... Bora lá... Seguir a vida.* (Breve silêncio).  
*Bom, Lu, então, hoje você pode se apresentar direito.*

Luana diz onde vive e qual a sua cidade de origem. E Felícia pergunta:

Felícia: *\_ Você gosta daí? Como que é? Você sente falta do Rio?* (Risos).

Antes da chegada de Luana, o grupo constituíra sua identidade em torno de “pessoas em uma nova fase de vida (...) tentando se adaptar”<sup>16</sup>. As participantes, tendo agora Felícia como porta-voz, anseiam por saber se Luana compartilha dessa identidade. Isso facilitaria sua assimilação ao grupo, que ainda revive sentimentos persecutórios diante dessa nova situação de desconhecimento.

Luana: *\_ Então, viver numa cidade que te proporcione condições de uma vida estável, em termos de médicos... em termos de estudo... e que não seja tão violenta, me agrada mais, que é o caso da cidade aqui. Você tem mais tranquilidade, entendeu?*

Quando Luana comenta que a cidade onde vive não é violenta, é como se quisesse tranquilizar o grupo, comunicando que ela não veio para “violentá-lo”.

Márcia: *\_Eu ia falar da gente se apresentar pra ela, né? Ela também tá chegando, e... Conhecer um pouquinho aí do grupo, né? Que a gente já tá desde o começo. Posso eu... O que eu vou falar de mim...?* (Risos). (Apresenta-se como na primeira sessão).

Silêncio.

Luana: *\_A Márcia parou de falar, ou cortou?*

Aline ri.

Márcia: *\_Parei.*

Aline: *\_Agora eu e a Felícia vamos tirar no palitinho pra ver quem fala* (Risos).

---

<sup>16</sup> Ver quinta sessão.

Para adaptar-se à nova configuração, o grupo repete o movimento observado na primeira sessão, quando a apresentação não tinha apenas o propósito de identificar quem falava a quem ou fornecer pontos de referências, mas “tranquilizar-se e proteger o ego e o grupo que começa a tomar forma [ou, nesse momento, adaptar-se a uma nova forma] contra a angústia diante do desconhecido” (Kaës, 2011, p. 123).

Márcia: *\_Gente, vou atender o telefone porque ele não pára de tocar. Só um minutinho (Levanta).*

As condições do *setting* convencional dispensam as regras em torno da permanência do paciente na sessão. Na situação online, o paciente está em seu próprio ambiente físico, geralmente sua casa, sendo necessária a adaptação das regras do contrato terapêutico para o trabalho via Internet.

Aline: *\_ Então eu vou falar de mim enquanto a Márcia volta. A Márcia já me conhece... (Risos). (Fala da carreira e sobre a adaptação na nova cidade). Ainda vai demorar muito para eu me aposentar... (Risos). **E estamos aqui nesse calor... Felícia! Vou ficar quieta!** (Risos).*

De acordo Ferenczi (1919/1988), o calor, tal como o sono ou outras determinadas manifestações físicas durante a sessão, pode ser a expressão de uma tensão psíquica transbordando para o corpo. Os risos e as hesitações nesse início de sessão reforçam essa hipótese.

Felícia comenta a recente mudança para Buenos Aires para estudos, e Luana pergunta se ela está gostando da experiência.

Felícia: *\_Muito! Cada dia...mais! Mas eu **sinto muita falta** da minha família, então **isso às vezes atrapalha um pouco, dá vontade de voltar**. Apesar que... (Sorrindo, diz que recebeu a visita da prima). *Então, não posso reclamar muito porque eu não fico muito tempo sem vê-los. Mas... É complicado. Porque o máximo que fiquei longe até hoje foi um mês. A gente é muito apegado, então... Isso às vezes atrapalha um pouco, porque eu também sou muito apegada à minha avó.**

Felícia fala da dificuldade da mudança, da separação, e que isso às vezes atrapalha o aproveitamento da nova experiência. Como uma porta-voz, Felícia verbaliza a própria dificuldade de adaptação do grupo a todas essas mudanças.

Em seguida, Aline comenta que está sem a imagem do grupo:

Aline: *\_ Aparecem só os nomes. Eu escuto, mas só não vejo o vídeo.*

Luana: *\_ Às vezes acontece isso comigo também.*

Aline: *\_ Eu vou tentar desligar e entrar de novo. Vamos ver o que vai acontecer.*

Psicóloga: *\_ Como é para vocês essa experiência de ficar sem a imagem? Como se sentem?*

Luana: *\_ Eu não tô nem incomodada, porque como... a imagem vai e volta, mas **o áudio permanece, fica tranquilo.***

Felícia: *\_ Na minha imagem acontece isso de sumir também. Só que eu clico para minimizar, depois eu abro de novo a tela, e volta a imagem.*

Luana: *\_ A minha não volta dessa forma, não. Ela volta por si só. Mas não influencia aqui pra mim, não. É que **pela voz** eu estou identificando quem tá falando quando a imagem some.*

As falas de Luana e Felícia parecem minimizar os problemas tecnológicos. Havendo continuidade da voz e, portanto, da fala, a ausência da imagem teria menos importância. Entretanto, levantamos a hipótese de que esse posicionamento do grupo de não questionar ou reclamar as falhas tecnológicas pode ter alguma relação com o fato da experiência ser isenta de honorários.

Aline e Márcia retornam, e Luana diz que quer comentar um assunto. Fala de uma consulta ao psiquiatra, que lhe sugeriu procurar terapia para auxiliar no tratamento que ela já fazia com remédios, e conta a forma como ele teria reagido ao saber que ela fazia terapia online<sup>17</sup>:

Luana: *\_ ...E aí ele usou de alguns argumentos técnicos de lá... prá me convencer de que eu deveria procurar um profissional face a face... porque... o resultado é melhor... Que não existe uma transferência... Ele chamou de transferência... Falou de Lacan... Falou de Freud... E que tem coisas que realmente se perdem na terapia online, e que a face a face permite essa troca... essa questão da observação... do corporal... a questão do ambiente, que ele chamou de setting... Enfim... Um monte de argumento...*

De acordo com o relato de Luana, o psiquiatra tenta convencê-la a desistir da terapia online, lançando mão de argumentos baseados em um modelo teórico/técnico de atendimento tradicional. Tal recomendação representa um posicionamento comum entre os profissionais da área da saúde

---

<sup>17</sup> Referindo-se a outra experiência de terapia online comentada na sessão anterior, que ela iniciara antes de seu ingresso ao grupo.

mental, uma vez que a modalidade de atendimento online ainda não foi reconhecida no Brasil, e, acima de tudo, por tratar-se de uma opção pouco estudada, com alcances, portanto, desconhecidos.

É possível pensar que a própria dúvida da participante quanto aos possíveis alcances desse formato de trabalho tenha motivado o compartilhamento desse questionamento.

Luana: \_ *...Só que eu, particularmente, já devo ter feito... Eu não lembro se já cheguei numa vinte sessões... Mas eu particularmente gostei muito da terapia online, entendeu? Eu me identifico muito com o psicólogo... Que eu acho que é muito importante, né? Que às vezes você vai no face a face e não se identifica com o psicólogo. Aí não tem jeito, né? Então, assim, acho que essa identificação é importante... E acho que ele me entende, que ele me ajuda... Eu já tive uma experiência face a face anteriormente. O motivo que eu procurei não chegava nem perto do problema que me levou a procurar agora, e acho que isso também tem outro peso, outra medida, mas... eu posso comparar esse virtual com o face a face, porque eu já tive contato uma vez, e eu vejo muito resultado. (...). Ontem, em retorno com o psiquiatra, ele voltou a me cobrar essa questão de eu começar a terapia face a face. Ele acha que eu devo interromper a minha terapia virtual e iniciar uma terapia face a face.*

Essa experiência subjetiva de Luana corrobora a observação de Zimmerman (2004) quanto ao aspecto mais importante da aliança terapêutica: “O que representa para o paciente estar *dentro* do processo para o qual ele contribui” (p. 129).

O que Luana está denominando “identificação” está relacionada à experiência de se sentir reconhecida em suas dificuldades por um terapeuta que se mostrou comprometido em ajudá-la.

Luana: \_ *Só deixa eu falar um pouco pra vocês saberem a gravidade do problema que eu tô passando, **pra ver também com que peso vocês veem isso**, porque antes de começar a fazer a terapia com esse psicólogo, eu tinha procurado na Internet mesmo... Não vou me lembrar o nome da empresa. Mas tem vários psicólogos, você preenche uma ficha, tenta explicar ao máximo o problema que você tá vivenciando, aí eles vão avaliar. Se o problema que você tiver passando for plausível de ter... **Se eles acharem que dão conta de fazer esse atendimento virtual**, eles prestam o atendimento. Caso eles achem que o seu problema demanda uma terapia face a face, eles não pegam o caso. E aconteceu comigo. Eu busquei contato, e eles falaram que no meu caso, devido a situação que eu tava passando, eu não deveria fazer o virtual, deveria procurar o face a face. E realmente falaram que estão preocupados com a saúde do paciente, que não adiantaria fazer com eles, que não teria o resultado que teria no face a face. Bom... Daí eu encontrei esse outro psicólogo, que, enfim, atendeu.*



O usuário comum não sabe que a terapia online não é regulamentada no país, assim como não sabe da carência de estudos em torno desse tema. A falta desses esclarecimentos pode levar o solicitante à conclusão de que seria a gravidade do caso que definiria a possibilidade do atendimento online.

Luana: *...Aí falando um pouquinho do problema...*

Luana conta que há três meses teria descoberto que o marido a traía com “inúmeras” mulheres que ele contatava em bate-papos na Internet. Desconfiada, ela própria criou um perfil falso, e um encontro chegou a ser agendado. Conversou com várias das mulheres com quem ele teria se encontrado, no propósito de reunir provas antes de conversar a respeito com ele. Fala da conversa que tiveram depois, quando ele assumiu a conduta e lhe revelou um caso “que se diferenciava”, com uma pessoa que já visitara a família. No dia seguinte à conversa, o marido da outra a procura para contar o que havia descoberto e avisar que processaria o seu marido. Considerando que seu marido e o outro casal trabalhavam na mesma empresa e o risco de perda do emprego devido a esse escândalo, Luana disse ter sido racional, fingindo não saber de nada e sugerindo que pensassem nas famílias, e nos próprios filhos, que dependiam daquele emprego. Conta ainda, que, em seguida, ela própria orientou ao marido que reencaminhasse todos os e-mails para uma nova conta, a fim de que não fosse descoberto. Dessa forma, ela soube qual teria sido o número de mulheres, o que a assustou. Diz pensar em separação, mas que continua a morar na mesma casa por não querer tomar qualquer atitude “com a cabeça quente”. Por esse motivo, decidiu procurar ajuda.

Márcia, Aline e Felícia parecem comovidas com o relato.

Luana: *\_ ...Aí quando eu encontrei a Carla, eu comentei que o motivo porque eu tava procurando a terapia online porque eu queria, porque eu precisava... mas não queria procurar nenhum psicólogo aqui na minha cidade, porque... como eu falei, eu sei que existe sigilo profissional, tenho conhecimento disso, **mas eu não me sinto à vontade, numa cidade pequena, de expor tudo isso...** Eu não me sentiria à vontade. Não funcionaria pra mim fazer o face a face aqui na cidade, entendeu? Ia a qualquer momento encontrar com a psicóloga no mercado... ou na... enfim... não me sentiria bem. Então, eu optei pelo online.*

Depois da frustração que Luana sofreu em seu vínculo matrimonial, a distância parece representar para ela uma forma de se proteger de uma nova frustração, e, dessa forma, ter o controle sobre o vínculo.

Psicóloga: *\_ E o grupo? Como vocês estão escutando isso que a Luana está trazendo?*

Aline: *\_Eu... Fico admirada com a capacidade dela de organização... de raciocinar e de tentar ser o mais prática possível... Em uma situação como essa... Minha vontade é de falar, Luana, como você está se sentindo... nisso tudo? Apesar, né, da sua capacidade organizativa aí, né, de tentar compreender, e faz da melhor forma. Afinal de contas, tem uma filha... Situação concreta, né? Você tá sozinha...*

*Numa cidade fora do teu contexto... familiar... tudo isso. Mas como é que você está se sentindo?*

A fala de Aline confirma a comoção do grupo, despertando a necessidade de saber se o grupo compartilha do mesmo sentimento, o que poderia diluir a angústia.

Silêncio.

Luana: *\_Então... Aline... É... Na verdade, eu estou me sentindo, assim... De certa forma aliviada porque, assim... Eu até ia comentar do que contribuiu para eu estar do jeito que eu realmente estou... (Comenta que através de leituras e em conversas com a ex esposa do marido, conseguindo contato com ela na Internet, diz acreditar que poderia ser algo compulsivo).*

Luana: *\_E a única forma que eu tenho de entender tudo isso é pensando que ele seja realmente uma pessoa doente, que ele precisa realmente de tratamento. Por que... caso contrário, fica difícil pra mim, entender tudo isso que se passou. É... é... é uma situação assim... de achar que... na verdade, eu não tive culpa... O problema não fui eu... entendeu?*

A culpa revela-se mais importante e dolorida que o ato de traição do marido. Contra esse sentimento, Luana *racionaliza*.

Aline: *\_Lu, como é que você o conheceu? Eu não lembro se você contou isso.*

A pergunta de Aline explicita o desejo do grupo em saber como Luana constrói seus vínculos, possivelmente como uma tentativa de descobrir como ela estabelecerá o vínculo com o grupo.

Luana: *(...). Então, a gente ficou três meses [na Internet]. Você começa, né... Você adquire vínculo, como eu adquire aqui com vocês a partir desse momento que a gente tem esse contato. (...). Foi esse virtual que foi determinante mesmo pra gente evoluir com a relação, entendeu?*

Em um processo de comunicação inconsciente, Luana percebe a necessidade do grupo.

Márcia: *\_Lu, o que ele fala pra você agora? Depois que você descobriu tudo... O que ele fala... Vamos separar?*

Luana diz que o marido não quer se separar, mas que para ela está difícil entender o que está acontecendo, e que ela fica avaliando o que o marido quer.

Aline: *\_E você, Luana? Você quer se separar?*

Luana: *\_Oh, Aline. Na verdade, assim... Querer, querer separar... Eu não gostaria de me separar, né? Mas eu confesso que eu não vejo outra saída a não ser separar. (...). Eu não sei se eu tenho estrutura emocional pra superar isso, entende?*

Aline: *\_Eu imagino...*

Luana: *\_Não que eu queira me separar, porque a gente sempre se deu bem. Então, assim, tá sendo tudo muito confuso, por isso eu estou tentando fazer a coisa*

*devagar. (...). Mas desde depois do nascimento da minha filha que a gente não tem vida de marido e mulher, ou seja, cinco meses. Em todo esse tempo a gente não teve nenhuma relação. Então, assim, estou amadurecendo a ideia. Até porque se for a síndrome segundo eu andei lendo, e segundo o que o psicólogo comentou dessa questão dele não sentir culpa pelo que ele fez, eu acredito que ele vai continuar fazendo, né? Aí eu teria que adotar postura de ter que aceitar tudo isso. Seria a única forma de conseguir continuar com o relacionamento.*

*Aline: \_Provavelmente... (Breve silêncio). \_Eu... Nesse momento nem vou te falar como psicóloga, vou te falar como mulher... Eu no seu lugar, já tava com a mala pronta, longe... Eu não aguentaria essa situação. Muita coisa, muita coisa... (Breve silêncio). Agora... Quanto às tuas razões para você optar pela terapia online, elas existem, né? A questão da cidade ser pequena... E depois acho que, assim, o que você tem que avaliar é o que você já falou, você tem um vínculo bom com o teu terapeuta. Tá surtindo efeito? Tudo isso tem que ser avaliado. Óbvio que pessoalmente se poderia trabalhar outras coisas. Se, de repente, prá você, estar na presença, ia gerar um desconforto tal, porque você não sabe se você vai encontrar a pessoa... O que vai acontecer... Sei lá... Continua do jeito que você tá.*

A experiência subjetiva de Luana ressoa no inconsciente das participantes, suscitando fantasias da desconfiança, da traição, e prováveis dúvidas em relação aos seus próprios vínculos e no aqui e agora do grupo.

*Psicóloga: \_ E aqui? Como é que vocês estão se sentindo aqui?*

*Silêncio.*

*Aline: \_Olha, acho que o impacto chega, sabe? (...). Eu não suportaria! Imagina! Eu sou mais do tipo de jogar tudo para o alto, cair fora, depois eu vou ver o que eu vou fazer. (Breve silêncio). É claro que no meu caso eu teria a casa do meu pai pra voltar. Não sei no caso dela, né?*

No grupo, um tema comunicado por um participante desperta nos demais as suas próprias associações sobre o mesmo tema, o que pode contribuir para novas reflexões para as pessoas do grupo (Brofman, 2008).

Felícia pergunta a Luana se para evitar o constrangimento de encontrar com a psicóloga, ela já teria pensado em procurar um terapeuta em alguma cidade próxima. Luana responde que não considerou essa possibilidade porque tem também a filha de poucos meses em casa.

*Luana: \_Mas, por que...? Você acha que seria relevante procurar um profissional face a face fora da cidade se o motivo fosse só o constrangimento de fazer na cidade?*

Felícia diz que se está surtindo efeito, então que não há motivo para procurar fora.

*Felícia: \_ ...Mas se está acontecendo tudo isso, e o motivo fosse só mesmo do fato de ser uma cidade pequena... Das questões mais de se encontrar... acho que sim, poderia ser numa outra cidade... Por que não? Mas acho que está sendo super válido... Acho que... depende muito da forma como você cria o seu vínculo. Porque,*

*prá mim, Internet é um pouco mais difícil do que face a face, pessoalmente, entendeu? O vínculo demora mais pra se estabelecer. Eu comecei a reparar nisso. Mas não que não se forma... Forma... Mas demora mais um pouco. Eu tenho **várias questões** que prá mim é muito **difícil de ser trabalhada**, e mesmo pessoalmente. E eu estou percebendo que **pela Internet está demorando mais ainda**. Não... não que não seja eficaz... Prá mim **acho que o tempo seria maior de ser trabalhado**. E eu acho, sim, que pode ter transferência pela Internet... Não sei se como se fosse pessoalmente, né? Mas eu acho, sim, que pode ter uma transferência.*

A dificuldade relatada por Felícia contraria a ideia comum de que a Internet favorece a autoexposição, proposição também defendida por Suler (2004). Para Felícia, é justamente o contrário, ou seja, a distância pode dificultar a autoexposição. Apesar disso, ela acredita que um tempo maior - provavelmente se referindo a um maior número de sessões em relação a essa experiência que é limitada no tempo - possa compensar essa dificuldade de autoexposição, o que denota uma transferência positiva com a experiência.

Márcia: *\_ Às vezes até, né... a questão do grupo, né?*

Felícia: *\_ Sim...*

Márcia: *\_ Acho que num atendimento individual isso tende a acontecer mais rápido, né?*

Felícia: *\_ É...*

As participantes atribuem ao atendimento grupal as dificuldades para evoluir na tarefa. Paradoxalmente, em sessão anterior<sup>18</sup> elas apontavam as potencialidades do grupo como um agente terapêutico. Consideramos que esta seria uma forma do grupo expressar seu desconforto com todas as mudanças e incertezas enfrentadas até aqui.

Márcia: *\_ Com relação a nossa experiência, Carla, assim... Eu confesso que eu **tenho algumas resistências**, porque... Já teve vários assuntos aqui, e eu queria falar alguma coisa, e **dá receio**... Dá mesmo! (...). A Aline já falou várias vezes da história de vida dela. E da última vez, falei: nossa, Aline! Eu acho a sua história tão bonita! Mas eu não tive coragem de dizer porque... Na verdade, eu tenho uma pessoa... (...). **E eu não consigo deixar de ficar mexida com o relato da Luana hoje** (começa a chorar), porque é assim... Na verdade, **essa história voltou na minha cabeça**... Assim, eu estou me sentindo a vilã da história, entendeu? (...). Na verdade, quando você fala, Lu, que seu marido foi atrás de... Sei lá, de aventura... ou de outros relacionamentos... Eu me senti um pouco culpada. Culpada porque essas fantasias... eu vejo que nem são tão fantasias... Entendeu? É uma pessoa que me deu uma coisa forte, que ele sente por mim também, e a gente não consegue viver isso. Então, assim, é que... É tão difícil, gente! É tão difícil julgar, né? Porque, Lu, aqui, te ouvindo agora, né... Como a Aline falou... Gente! Esse sentimento de traição... Você convive por nove anos com a pessoa e descobre que ela fazia tudo isso... Então, assim, é... A*

---

<sup>18</sup> Quinta sessão.

*primeira reação é essa, né? De sentir traído... Agora... Procura **tentar olhar**, né... **O outro lado...***

A partir do relato de Luana, Márcia se identifica com o papel da traidora, o que a deixa angustiada. Pedir para “olhar o outro lado” é pedir para que o grupo reconheça o seu sofrimento nessa condição.

Com isso, o grupo começa a pensar e a compreender esses sentimentos que foram vivenciados em outro momento, em outro espaço.

De acordo com Ribeiro (1981), “o impulso de se autorrevelar, provocado pelo sofrimento, tem um alto valor terapêutico. A necessidade de se compreender e compreender os outros termina criando uma maior abertura na solução dos próprios problemas” (p. 41).

*Márcia: \_ ...Porque, assim... Eu estou me sentindo do outro lado agora, entendeu? Como seria hoje... se o meu marido descobrisse? Eu sou uma pessoa que tenho carinho, um carinho de muito tempo. Então, assim... Eu não sinto... Eu não sinto que eu o traio, porque não tem nada a ver com ele, eu não faço isso prá magoá-lo... Mas esse sentimento existe. Então... Não sei... **Ouvindo isso aqui e agora...** E eu sei o que você passou, Lu. Eu namorei um rapaz durante cinco anos, e era apaixonada (ênfase) por ele. O relacionamento terminou quando eu também descobri que ele tinha uma outra pessoa. Isso é uma coisa que magoa muito a gente. Fere muito a gente, né? Eu acho que essa coisa da fidelidade é uma coisa muito complicada. (Chora muito).*

Lembrar-se do sentimento de pessoa traída aumenta a angústia em Márcia, que se vê agora no lugar do marido, e nos possíveis sentimentos que essa descoberta causaria a ele.

*Psicóloga: \_ Posso perceber a sua angústia, Márcia.*

Nesse momento, a psicóloga também se sente angustiada. Teve dúvidas se conseguiria oferecer a necessária continência ao sofrimento da participante naquela condição de distância física. Em reflexões posteriores, compreendemos que, contratransferencialmente, a psicóloga sentiu-se como uma traidora frente às participantes, posto que o prazo determinado da experiência adequava-se ao cronograma da pesquisa e não, necessariamente, às demandas do próprio grupo.

*Márcia: \_ Muito difícil...*

Psicóloga: *\_Acho que você está falando de um conflito. De um lado, esse sentimento, esse desejo, e, de outro, um julgamento que a faz se sentir culpada e angustiada, talvez sem ter tido oportunidade ainda de compreender o sentido desse desejo.*

Silêncio. Márcia com cabeça baixa.

Luana: *\_Márcia...*

Márcia: *\_Oi...*

Luana: *\_Então, exatamente o que a Carla falou, prá diferenciar essa questão da culpa. No caso do meu esposo... Porque, assim... Cada caso é um caso, né? Por exemplo... Cada traição também tem um peso, né? Essa história é muito... Na verdade, eu vou ser sincera, o tempo todo eu fico procurando entender o que está se passando até com ele, porque eu tenho um carinho enorme por ele. E independente da gente se separar, eu acho, assim... Ele é o pai da minha filha... E além dele ser o pai da minha filha, ele tem um papel importantíssimo na minha vida, de pessoa mesmo que eu admiro, que mesmo com todo o ocorrido, essa admiração não foi jogada por terra. Eu confesso a vocês que não, porque a gente viveu coisas muito mais intensas que isso, né? Geralmente, a gente tende a pegar um fato ruim e apagar todo o fato bom que existiu, né? A gente tende a ter esse comportamento pessimista. Mas, assim, eu consigo separar isso, entendeu? Ele tem um papel importante na minha vida. E é justamente por esse papel que ele tem, que eu me preocupo com ele, entendeu? (...).Acreditem, à medida que eu caí de cabeça e comecei a investigar tudo, não foi só pra ter respostas... Não foi assim... sendo egoísta e querendo ter respostas que decidissem a minha vida... que me isentasse de culpa... Foi também pra entender ele. Aliás, em vários momentos, eu pensei muito mais nele do que em mim (...). Você não explicou exatamente, não entrou a fundo do que se passou, mas tem diferença, né? Porque a gente tá chegando no mérito de avaliar se existe culpa no que ele fez. E a gente começa a perceber que não existe culpa, né? Até porque como que ele começou a manter um relacionamento de um ano, que foi uma coisa mais intensa, com essa mulher paralela ao meu relacionamento? Ele confiava prá ela coisas do dia a dia dele, da mesma forma que ele fazia para comigo. Complicado, né? É um caso diferente. É um caso específico.*

Como diz Anzieu (1993), no grupo “uma fantasmática circula entre os membros; é ela que os reúne, tanto na sua coesão operante como na sua angústia coletiva” (p. 54). E entra em cena o que o autor denomina de *invólucro grupal*, que contém os pensamentos, as palavras e as ações. Esse *invólucro* tem a função de estabelecer uma interface entre o dentro e o fora, cuja função é limitar, conter e proteger. Dessa forma, o grupo se protege da fragmentação, e tal como uma mãe protetora, ajuda a transformar em pensamento o que está carregado de afeto.

Brofman (2008) coloca que a manifestação emocional de afetos reprimidos promove vínculos de apoio no grupo, o que torna favorável o desenvolvimento terapêutico do mesmo.

Psicóloga: *\_ Me parece o grupo começa a abrir um espaço emocional para poderem se compreender e compreender também o outro, e de poder refletir ao invés de julgar.*

Aline: *\_Concordo.*

Termina a sessão.

## Grupo A – Nona Sessão

Participam: Márcia, Aline e Luana.

No horário combinado, as participantes Márcia, Aline e Luana entram na sala virtual.

Após os cumprimentos, Márcia nota a falta de Felícia. Em resposta à pergunta direta a respeito dessa ausência, a psicóloga informa que Felícia avisara e que, quanto ao motivo, o próprio grupo poderia perguntar-lhe depois.

*Márcia: \_Bom... Eu queria dizer que foi muito bom falar da última vez, aquelas coisas... Parece que eu fiquei mais inteira, sabe? Parece que estava faltando... um pedaço. (Breve silêncio). Eu achei a Fê mexida também. Aquele dia ela comentou que ela não conseguia... Não tava conseguindo falar, né? Talvez seja isso, talvez ela esteja repensando aí algumas coisas que não tá dando conta, né? Acontece, né, da gente não dar conta. De tratar... de falar... Difícil mesmo, né?*

Do ponto de vista individual, sentir-se “mais inteira” significa que Márcia pôde entrar em contato com os sentimentos, pensamentos e desejos até então rechaçados, reconhecendo-os como uma parte de si mesma. Com essa aceitação, a participante tem condição de refletir sobre os mesmos, e não mais apenas atuá-los.

Do ponto de vista grupal, essa mesma fala denota um sentimento de maior integração da participante ao grupo, corroborando a observação de Bechelli e Santos (2005) de que a revelação de dados pessoais no grupo promove no indivíduo esse sentimento de integração.

Em seguida, por um processo de identificação, Márcia sugere um motivo para a ausência de Felícia. Conforme já discutido, mudanças na configuração do grupo tendem a favorecer a revivescência de angústias mais primitivas, angústias persecutórias, representando uma ameaça à integridade do grupo (Kaës, 2000). Desta vez, no entanto, a ausência de Felícia permite que Márcia verbalize a ansiedade experimentada por ela e pelo próprio grupo como um todo na sessão anterior, considerando que, como diz Kaës (2011) aquele que expressa o que ocorre no grupo torna-se “o porta-palavra de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo” (p. 33).

*Aline: \_Eu fiquei refletindo um pouquinho a respeito daquela pontuação final que a Carla fez, né, Márcia? A respeito do teu relato. Porque, assim, no teu caso, né?*



*Tem muito sentimento. E acho que realmente não dá prá julgar. Claro que não dá prá julgar, porque os sentimentos da gente, sabe... E você tá dividida, né? Tem tantas coisas assim... Tá tudo ali dentro. É diferente, é diferente... Não dá. Não tem comparação.*

*Márcia: \_É difícil, né? Porque, assim, é... A sociedade ainda nos cobra alguns padrões de comportamento, que quando você está numa situação dessa, é muito complicado, né? É... Tem o teu sentimento e tem o julgamento. Na verdade, assim, **por que eu não coloquei para o grupo antes?** Porque você tem medo do julgamento, né...? (...). É complicado, né? **Essa coisa da... da sociedade.** Eu acho que no caso da mulher, nossa... Muito mais, né? A gente tem ainda **aquela coisa que o homem pode tudo, e a mulher não.***

A fala de Márcia faz referência ao elemento da *transubjetividade*, um espaço psíquico influenciado por valores do macro contexto social que constituem um conjunto de imaginários compartilhados pela ampla sociedade e que atravessam a experiência do sujeito, antecipando significados às suas vivências (Kaës, 2011).

Quando Márcia explica o porquê de não ter revelado antes ao grupo, ela também está expressando o sentimento de aceitação e respeito experimentado por ela no momento em que o fez. Como diz Foulkes (1976), “a atmosfera e o clima familiar-familiar proporcionados pelo grupo de terapia facilita a experimentação e expressão de sentimentos de transferência” (p. 109).

E, devido às mesmas interferências transubjetivas, o grupo valoriza o aspecto afetivo da experiência relatada por Márcia, isolando da consciência os conteúdos mentais que poderiam fazer referência à sexualidade e à traição.

*Aline: \_Eu acho que nós temos os filhos, né? E aí que nós pensamos quatro, cinco, seis vezes. Essa é a questão. Quando a gente está sozinha, né? O casal, fica mais fácil... Entre aspas... mas é mais fácil, né? Não tem terceiros envolvidos. Agora, quando se tem filhos, aí se pensa muito mais mesmo. É mais difícil dar passos, e tal.*

*Márcia: \_E, assim... O (marido) é um super, supermarido. Ele fala assim, que se eu não tivesse me casado com ele, talvez não tivesse me casado com ninguém, por que... Sabe? Ele é exemplo mesmo de pessoa... De bom caráter... Sabe? De tratamento com os filhos... Só que aí no teu coração, você não manda... Quisera eu escolher, ah eu quero amar de paixão, né? É difícil... Às vezes a gente não dá conta de mexer com algumas coisas. Aí você vai deixando... Você vai cobrindo... Você vai deixando ali debaixo do pano... Mais cedo ou mais tarde, isso volta, né? Porque a gente precisa dar conta das coisas. Isso é em todos os sentidos. Então não sei também se vai ser agora... Eu estou vivendo um momento acho que... de muito pensar mesmo. Acho que essa mudança da minha vida... Eu encerrei uma atividade profissional, uma carreira aí de trinta anos, e estou prá pensar um monte de coisa, né? E esse monte de coisa, claro que vem, vem um sentimento, vem o questionamento desse meu casamento de vinte anos, né? Poderia estar melhor? Acho que tem um monte de coisa, você começa a pensar... Caramba... Mais da metade da minha vida já passou. O que eu vou fazer com a outra metade? Estou mesmo vivendo esse*

*momento de questionamento... (...). Acho que é o momento também que eu estou aberta. (...). E eu quero aproveitar esse momento mesmo prá tratar algumas coisas... De tentar melhorar, né? Tentar fazer dessa segunda metade da vida uma coisa mais tranquila.*

A oportunidade de perceber que os outros têm as mesmas fantasias minimiza em Márcia o sentimento de pessoa ruim. Essa é, sem dúvida, uma das grandes vantagens do dispositivo terapêutico de grupo (Foulkes, 1976; Brofman, 2008). No grupo, pelo fenômeno da *ressonância*, o relato de um membro é capaz de reativar, nos demais membros, sentimentos, fantasias inconscientes e identificações com aquela pessoa ou com aquele personagem. Esse processo facilita a remoção das resistências. Sentindo-se menos temeroso e menos angustiado, o sujeito tem condições de recuperar seu movimento psíquico e poder refletir sobre a experiência vivida.

*Luana: \_ Eu tenho uma curiosidade... Desde o princípio, quando eu entrei no grupo, deu prá observar que a Aline... Não sei... Talvez ela me corrija se eu tiver errada... Mas ela parece ter se sentido muito à vontade no grupo desde sempre, né? Ela é muito espontânea, ela fala, ela não parece ter muito... muito... Como que eu vou colocar? **Muito pudor** com relação a isso, né? Falar, expor o que ela tem que expor. Então, ela passa a ideia de que ela teve esse... Como que eu coloco? De que esteve à vontade no grupo desde sempre. Embora eu não tenha percebido isso com relação a você e com relação à Felícia também. (Imagem congela).*

De acordo com Foulkes (1976), no decorrer da terapêutica de grupo, cada membro procura moldá-lo em uma direção que atenda às suas próprias necessidades. Luana deseja poder expressar sem resistências os seus pensamentos, desejos e sentimentos, inclusive os negativos ou ambivalentes, mas, para isso, precisa conhecer como pensam as demais participantes e poder avaliar os riscos de sua autoexposição (Bechelli & Santos, 2005).

*Aline: \_ Travou.*

*Luana sai da sala virtual.*

*Aline: \_ Daqui a pouco ela volta...*

É possível perceber ao longo dessas sessões como as tensões e ansiedades deflagradas diante dos problemas com o instrumento de comunicação (perda de conexão ou os problemas no áudio ou na imagem) vão se atenuando. Para Carlino (2010) isso se deve à habituação ao uso desse

meio de comunicação. Além disso, reiteramos a hipótese de que a representação psíquica de uma unidade integrada, um *corpo de grupo*, tal como o denomina Kaës (2000), gerando um sentimento de vínculo, teria contribuído para essa tranquilização.

Aline diz que se sente bem, e que estava refletindo sobre a história de Luana:

Aline: *\_Eu acho que... Essa história da Luana deu uma mexida. Só que eu preciso estar atenta. Eu tava refletindo sobre isso... De como eu coloco. Porque é uma coisa muito pesada, né?*

Luana volta.

Luana: *\_Oi, voltei. Até onde vocês me ouviram?*

Aline: *\_Até onde você tava falando de mim. (Risos). E eu estava meio que começando a responder, falando, assim... Claro, eu já tenho muitos quilômetros rodados de terapia, né? Tanto individual, como participação em grupo... É o meu trabalho... Então, eu me sinto de certa forma à vontade, né? Lógico... Num primeiro momento a gente fica mais... vamos conhecer as pessoas! Depois você vai estabelecendo vínculos, laços... Que isso vai te dando mais confiança e tranquilidade pra você se expor, pra colocar as coisas, né?...*

Em um processo de comunicação inconsciente, Aline percebe o sentido da questão de Luana, e responde como ela também poderá sentir mais confiança no grupo.

Aline: *\_...E estava colocando também, assim, o teu caso, o teu contato da semana passada, me deu uma mexida! Eu falei prá você na semana passada. Eu falei: nossa! Eu estou surpresa, né? Com a tua capacidade de se organizar mentalmente e até ajuda-lo, né? Porque se fosse assim, eu? Se fosse eu no teu caso, eu não sei... o que teria acontecido né? Descobrimos todas essas coisas. Isso me mobiliza muito! E é quase como se tivesse fazendo uma repercussão em mim, prá dizer... Ham! Luana! Faz alguma coisa! (Risos). Mas isso é meu! Né? Não é teu. Mas, assim, o que vem pra mim... Me incomoda! Eu fico... **Me mexendo na cadeira.** Era isso que eu queria falar.*

A fala de Aline denota uma transferência negativa. A racionalização de Luana a deixa ansiosa e inquieta, e ela verbaliza essa inquietação, dizendo que fica “se mexendo na cadeira”. Na dúvida em saber se essa expressão não verbal era capturada pela *webcam*, ela foi verbalizada, resultando numa ênfase ao conteúdo que a participante desejava comunicar.

Márcia: *\_Lu, você quer concluir sua pergunta? Você achou que eu não estou... Me sentiu mais inibida, vamos supor assim, né? Mas você quer concluir?*

Luana: *\_Quero! Então... Aí, na verdade, eu ia comentar a respeito, assim, você achou que o fato de eu ter... é... colocado a minha história... que... assim... Não é uma história... Vamos colocar assim... comum... Ou que pudesse... Acho que é bem mais fácil pra mim, colocar a história, como eu coloquei, porque, acho que quando você está na situação, entre aspas, de vítima, você se... É mais cômodo falar, né? Você sente acolhida pelas pessoas... (...). Mas no caso dele, por exemplo, se ele tivesse aqui tendo que falar, talvez ele tivesse o mesmo receio. Porque ele não saberia como as pessoas julgariam ele, né? Então, eu tô querendo perguntar o seguinte, se o fato de eu ter exposto, se isso te deu essa abertura, se colaborou para que você pudesse expor isso que estava já há algum tempo te incomodando, e que você tinha tanta vontade de falar, mas, não sabia por onde começar... talvez...*

Do ponto de vista individual, Luana quer mostrar à Márcia que não a julgou, provavelmente para se proteger contra o próprio sentimento de culpa que ela estaria evitando experimentar dentro de sua relação conjugal. Do ponto de vista do grupo, representa uma tentativa, inconsciente, de preservar o corpo grupo de ameaças de ruptura.

Márcia: *\_É, Lu. Acho que sim... Assim... O teu relato nos mobilizou! Isso é fato, né? É... Eu também quero dizer que assim... Acho que você está muito lúcida! Claro que você está em tratamento psiquiátrico também, quer dizer, está tomando alguma coisa... Eu já fiz esse tratamento. Ele dá uma segurada muito legal, mas... Vocês veem aqui, assim, eu choro a cada dois segundos, né? Isso é característica minha, é... Eu sempre fui muito chorona (voz embargada). E... Quando eu tenho que tratar de coisas assim mais... Que me tocam mais mesmo, é difícil... Choro, desabo mesmo... Acho que é a maneira que eu tenho de colocar algumas coisas pra você que às vezes eu não consigo falar, né? Agora, assim... É... Assim... Eu estava me sentindo à vontade no grupo. Eu acho que **esse grupo, a gente já tinha até comentado, ele tem uma característica de...** De pessoas que tem coisas em comum, né? Assim... A Aline trouxe a perda da mãe... Que era um relacionamento difícil... Eu estou vivendo um relacionamento assim com a minha mãe... já idosa... Quer dizer, você começa já a pensar nessa perda, né... A gente começa a trabalhar algumas culpas... E vê o outro lado também, que é difícil mesmo. (Breve silêncio).*

Conforme Kaës (2004):

A busca por uma unidade suficiente é perceptível na fase inicial do grupo, mas ela é retomada cada vez que os movimentos de divisão ou de diferenciação o ameaçam (. . .). A construção de um corpo individual e grupal unificado, integrado e coesivo é uma das saídas para lutar contra essas angústias (p. 134).

Márcia: *\_Então, Lu, o que é que me mobilizou enquanto você falava... Num determinado momento, você falava... É... (com lágrimas nos olhos). Você tem alguma coisa a mais pra me dizer? Aí, ele te traz um relacionamento que você não sabia com aquela colega de trabalho. Daí você fala assim: nossa! Mas ela é casada! Ela veio na minha casa, ela viu a minha filha... Não foi isso?*

Luana confirma balançando a cabeça.

Márcia: *\_Então... Todo o teu relato, assim... é... Eu acho muito difícil... Assim... Estava fazendo o raio do curso... Gente! Tem muita coisa nessa Internet aí! Então, assim, a gente trabalhou conteúdos pesados também, sabe? De fetiches... de vício, de pornografia na Internet... De relacionamentos também de compulsão, né? E aí você trabalha aquilo, com exemplos, você fala nossa! Existe! **Mas na hora que você pega um caso real, sempre é mais difícil, né? Uma pessoa que está aqui, está entrando no nosso grupo, tá vivendo isso nesse momento... né? É outro jeito pra gente tratar. Acho que nos mobiliza mesmo.***

A fala de Márcia expressa a experiência do vínculo nesse relacionamento à distância. Havendo vínculo emocional, ou havendo afeto, tudo o que o grupo traz torna-se vivencial o que, de outro modo, seria apenas informativo. Isso reforça a tese de que o vínculo, em certo sentido e com determinados propósitos, prescinde da presença física para se realizar. Em outras palavras, distância física não implica, necessariamente, distância afetiva.

Márcia: *\_...E, assim, como eu disse também na quinta, eu já tinha tido vontade de falar... Às vezes que a gente falou de coisas... A Aline traz sempre a história dela aí... com essa pessoa que foi, e que voltou... ficaram dez anos juntos... E que me remetia a essa pessoa que eu tenho esse sentimento. E realmente eu sempre tive muita vontade de falar, e não falava. Naquele dia, na quinta, na verdade, quando você me passou, acho que o que bateu mesmo foi assim, aquele conflito, né? A hora que você falou dessa pessoa, eu me senti essa pessoa. **Falei, caramba, eu também sou assim!** Eu também sou casada! Eu tenho o meu marido... Eu tenho os meus filhos... É claro que num outro contexto... Eu entendo isso... No meu caso é sentimento... É recordação... A gente não é... Não é uma coisa que eu conheci ontem, e que quero viver uma aventura. Não! Eu tenho uma história com essa pessoa, a gente já viveu uma relação e, por algum motivo lá trás... A gente era muito jovem... A gente não investiu. Na verdade, assim, acho que era imaturidade dos dois. A gente deixou a coisa acabar... sem entender porque estava acabando, né? E foi isso que mobilizou, Lu, eu tava dizendo assim... Bateu essa... Essa... Acho que essa culpa... né? Aí eu tive que dividir isso com vocês, entendeu?*

A fala de Márcia mostra outras das peculiaridades do dispositivo terapêutico de grupo. Nele, a pessoa se depara não apenas com a sua própria situação de vida, mas também com as dos demais integrantes, com a possibilidade do outro lhe trazer recordações ou evocar conflitos, levando a pessoa a compartilhar experiências ou vivenciar sentimentos que tentava evitar (Bechelli & Santos, 2005; Foulkes, 1976).

Luana: *Então... É tão interessante, né? Porque cada caso é um caso. Por exemplo, como eu tive vários contatos, conforme eu falei, dessas mulheres que no caso do meu marido se relacionou, umas pela Internet, teclando, outras por troca de e-*

*mail...outras por telefone... E essa X, em especial, que eu realmente conhecia, né? E que tive contato pessoalmente. Cada caso é um caso, né? Porque cada uma delas teve um peso nisso tudo, né? Todas as outras que eu não conheci pessoalmente, o peso delas foi praticamente igual. Eu achei, assim, que elas foram vítimas, que elas compraram aquilo que o meu marido vendeu. Ele se dizia uma pessoa solteira... Apresentou um perfil interessante. Agora, no caso da outra, né? Que sabia de toda a situação, eu confesso que a princípio eu fiquei um pouco assim... na verdade, meio estarecida mesmo, né? Pela coragem dela de ter vindo na minha casa, pego na minha filha e tudo. Isso num primeiro momento... Mas confesso que posterior à situação toda, eu entendi o seguinte, que ela... Porque, assim, eu não conhecia ela muito, mas como eu já tinha tido contado com ela, mulher tem muito esse feeling, né? De captar, assim, mais ou menos a áurea da outra, né? (Risos). Pelo menos acho que eu tenho um pouquinho disso...*

Márcia: *\_Verdade...*

Luana: *\_Sabe, você olha prá pessoa e você capta. Você sabe se a pessoa... você sabe se ela é pirigueti mesmo... vou usar um termo popular aí... E, assim, a impressão que eu tinha dela não era essa. Então, eu comecei a entender também que algum motivo, alguma força maior levou ela a ter esse relacionamento com o (marido). É claro que eu não sei dizer regida por que força foi essa, mas, enfim, talvez também por problemas no relacionamento dela, incertezas... qualquer coisa que seja, e por isso ela se envolveu com ele.*

É possível observar, no fragmento acima, uma *cisão da transferência* (Terzis, 1999), quando as transferências positivas recaem sobre os objetos internos ao grupo, enquanto as negativas sobre o mundo exterior, em especial, nesse caso, sobre a figura masculina, a quem fica atribuída a culpa pelos conflitos. No nível individual, isso evita o contato com sentimentos dolorosos, como o sentimento da exclusão. Em outro nível, é o narcisismo do grupo que é também preservado.

Luana: *\_E hoje eu me pego, assim, dividida entre a hipótese de separar e a de não separar. Eu me pego em conflito, com a mulher que pensa do jeito que a Aline falou, sabe? De mulher traída... Eu penso às vezes em ser impulsiva e agir por esse impulso da traição, e de ir embora... de não perdoar, né... porque foi muita coisa... Tem muita coisa prá diluir. Está sendo ainda... Mas, ao mesmo tempo, eu me pego lembrando coisas da minha infância, tipo família, a importância que a família tem, que eu não tive uma família consolidada, uma família com laços ajustados, e a falta que isso fez na minha vida. Às vezes, eu me pego pensando se... Que ele é um excelente pai pra minha filha, entendeu? Apesar de tudo, ele é um excelente pai. Então, às vezes eu me pego pensando se eu vou tirar da minha filha uma oportunidade que eu não tive de ter uma família... estruturada... com pai e mãe... Por isso que eu penso, talvez... Claro, com ajuda do remédio também...*

Neste fragmento, Luana mostra o que representa ainda para ela esse vínculo, justificando a possibilidade de não se separar.

Aline: *\_Luana, posso te interromper só um minuto? Você está falando uma coisa aí, né? Que é assim... A oportunidade de dar prá tua filha a oportunidade de uma família estruturada?*

Luana: *\_Certo.*

Aline: *\_Você acha que é estruturada?*

Luana: *\_Pois é, Aline... É complicado, né? Na verdade, deixa eu tentar explicar em que ponto eu me refiro de estruturada....*

Aline: *\_Só queria te dizer, assim, que você tá falando da minha reação como mulher traída. É diferente, por exemplo, eu descobrir que o meu marido está com uma relação com uma outra pessoa, e aí eu vou chegar pra ele e vou tentar falar: o que que tem de errado que aconteceu isso? O que em nós não está dando certo, que você está tendo um relacionamento fora? Vamos tentar investigar isso? Ou sim... ou não... sei lá... Vai depender do outro, da contraparte. Mas se eu descobrir que o meu (ênfase) marido antes de mim, e durante, teve novecentas (ênfase em “novecentas”) pessoas... Não existe... Prá mim, tá? Não existe! Não existe! Por que... Eu fui mais uma das novecentas, provavelmente! E estou só de corpo presente! Isso prá mim... Eu falando... Claro, Luana, cada um faz o que acha que tem que fazer...*

De acordo com Foulkes (1976), “as maneiras como a transferência se manifesta podem variar durante o ciclo de vida de um grupo. Suas manifestações mudam à medida que os indivíduos mudam na situação de grupo. Pacientes diferentes podem mesmo assumir papéis transferenciais diferentes no grupo” (p. 111).

Questionar se a família é estruturada denota uma *associação reativa* (Foulkes, 1976) por parte de Aline à verbalização de Luana. De acordo com o autor, “as diferentes pessoas no grupo permitem a cada paciente reagir a uma ampla variedade de estímulos de transferência” (p. 108). A associação de Luana fez Aline pensar numa possível traição também no seu casamento.

Para o mesmo autor, momentos de tensão no grupo podem ter a utilidade de desarticular mecanismos de defesa que até então mantinham o grupo afastado da realidade. A perplexidade, nesse sentido, pode abrir caminho para reflexões que conduzem o grupo para respostas mais integradas.

Luana: *\_O que você falou é certo, Aline. E, assim, eu venho pensando em tudo isso, entendeu? Se realmente é estruturado, ou não, né? Mas assim... É complicado porque, por exemplo, eu entendo o que você tá falando... Na verdade, há um ano, antes de eu ter conhecimento disso tudo, uma amiga minha muito próxima, ela passou por uma situação de traição... de simples traição. (...). Ele se envolveu com a secretária, e ela descobriu. E ela ficou muito transtornada... queria separar... queria prejudicar o marido na época... Foi assim, foi aquela reação realmente de impulso, né? Foi totalmente reativa, queria fazer e acontecer... Aquele momento de raiva... Enfim... E depois acalmou. Aí ela resolveu que ela não queria separar, que ela queria continuar. Hoje ela continua com ele. Ela se diz muito bem resolvida com a decisão que tomou... Só ela pode dizer, né... Mas ela transmite isso prá gente também. Mas aí*

*o que eu tenho muito medo, Aline, é exatamente disso. Exatamente de tomar uma decisão precipitada, sabe? E depois me arrepender dessa decisão pelo resto da minha vida. Eu concordo com você que é complicado chegar prá ela [filha] e falar que o pai dela saiu com não sei quantas... e tudo mais... e que por isso eu me separei, né? No caso, seria um argumento pra eu me separar... Mas às vezes me pego pensando, será que eu quero falar isso pra ela? Será que eu preciso expor essa situação prá minha filha?*

A oferta do espaço para que falem de seus pensamentos e sentimentos favorece ao grupo discutir, compreender e alcançar um processo de elaboração. O próprio grupo se alimenta através do pensamento, através dos apontamentos que as participantes fazem. Elas começam a elaborar, entrando em contato com a realidade e ponderando as consequências.

Conforme afirma Foulkes (1976):

O processo de grupo é um emaranhado tecido de empurrar e puxar, de ódio e de amor, de agressão e passividade, de frieza e calor. Todas essas diferentes direções emocionais servem ao propósito de fortalecer a coesão terapêutica do grupo. As reações emocionais de um grupo de terapia podem produzir um clima terapêutico que permita resolver e atravessar conflitos (p. 104).

*Luana: \_(...). As coisas vão acontecer no momento certo, sem eu precisar me precipitar. Porque esse tempinho que eu tô ficando aqui, que eu tô ruminando a respeito disso tudo, tá me permitindo, assim, amadurecer mais a ideia, e quando acontecer, de separar ou não separar, ou recomeçar... Seja de uma forma ou de outra, com a cabeça erguida, com força e com certeza de que realmente foi uma decisão tomada em cima de muito amadurecimento, e não precipitadamente.*

*Psicóloga: \_Me parece que o grupo hoje está trazendo essas experiências emocionais que vivem com desconforto para que possam ressignificá-las.*

*Aline: \_Acho que, sem dúvida, a história da Luana é uma história que causa impacto. Não dá pra ficar indiferente...*

*Márcia: \_Mas é isso mesmo, Carla. A gente tem pré... conceitos, né? Se me acontecer isso, eu vou fazer assim. Se me acontecer de outro jeito, eu vou fazer assado... E a hora que a coisa acontece que a gente vai tratar, né? Como que você vai vivenciar... Isso mesmo. Agora eu acho... Tenho sentido que, assim... A gente tá falando aqui bastante também de julgamento, né? A Luana já falou várias vezes... Eu falei... E o quanto que a terapia nos direciona também prá isso, né? Assim, a gente precisa viver algumas coisas, alguns conceitos, e... Acho que a gente julga o tempo inteiro, né? A gente julga o cabelo da mulher que está loiro que não combina com ela..., a gente julga a roupa inadequada... E a coisa é muito mais profunda, né? Não é assim superficial, né? (Breve silêncio). Oh, Lu... Eu não sei se eu vou assim te cutucar... É... Eu acho que você está aí, assim, mobilizada... Mas... me bate, a hora que você começa a falar, e foi uma coisa que ficou também na minha cabeça, essa tua filha de seis meses no meio disso tudo, né... Não sei... Se você quiser falar um pouquinho disso... Como foi a gestação dessa criança... Porque foi bem no meio, né, Lu?*

*Luana: \_Desculpa, Márcia. Repete de novo que deu uma cortada.*

*Márcia: \_Tá... Se você não quiser falar, não tem problema, tá?*



Nesse momento do grupo, recorrer a uma regra social, solicitando licença para perguntar, é também uma forma de defesa, para preservar o vínculo ameaçado pelas diferenças.

Márcia: *....Mas, assim... Me bate o que ficou também da quinta-feira, do teu relato, foi, assim... Essa tua filha nascendo exatamente nesse teu momento de conflito, né? Então, assim... Se você pudesse falar um pouquinho da geração dessa criança... Como que foi... Vocês já estavam programados prá vinda dela... Ou veio sem querer... Enfim... Que você falasse um pouquinho disso.*

Márcia demonstra querer entender como é capaz de pensar a pessoa traída.

Luana diz ter sido uma escolha:

Luana: *\_Eu achava que eu tinha o direito... Eu estava no relacionamento há quase nove anos... de ter um fruto desse relacionamento, que seria minha filha, porque eu queria guardar isso desse relacionamento. Porque, conforme eu falei, eu volto a repetir... Eu, assim, acho que o relacionamento que eu tive com ele, foi algo muito intenso, muito bacana, e eu queria ter algo mais... Como é que eu vou falar? Mais eterno... Mais eternizado disso tudo. E eu queria realmente muito ter uma filha, um filho... E ele também queria (...). Então, a gente concretizou algo que ambos tinham vontade. Confesso a vocês que quando eu descobri que eu estava grávida... Ela veio realmente rápido. E o novelo veio se desfazendo em seguida. Então, quando eu descobri... Na verdade, eu fiquei superfeliz e tal, mas eu fiquei um pouco assustada, porque uma coisa é você idealizar uma separação, outra coisa é você imaginar que aquilo pode se concretizar de fato, né? E aí eu comecei a ficar com medo, porque, nossa... com uma filha pequena, como é que eu vou fazer... Enfim... Aqueles tipos de preocupações mesmo de quem é mãe. E ele, a reação dele de quando eu descobri e falei prá ele, nos primeiros três meses ele ficou bem apático. E acho que até em função da vida de duas personalidades que ele vivia, né? Mas, assim, depois ele passou a participar ativamente da gestação, e é assim até hoje. Então, foi programado, sim. Não foi nada prá pensar em prender relacionamento. Não acho que filho prenda relacionamento de forma alguma. Foi algo mesmo de idealização pessoal. É algo que eu vou levar para minha vida toda, e que eu não me arrependo. Talvez se eu tivesse deixado prá tê-la um pouquinho depois, eu não a tivesse.*

Silêncio.

Luana: *\_Márcia, deixa eu fazer uma pergunta, uma curiosidade também. Se você não quiser responder, por favor. Você acha... Na sua cabeça, você idealiza a possibilidade de você ficar com essa pessoa que você tem esse sentimento mais forte? Como que você se pega pensando nessa situação? De certa forma, nesse triângulo, né, em termos de sentimento que você tá vivenciando, como você se pega pensando a respeito disso? Igual que você falou, que pensa no seu casamento de vinte anos, pensa na pessoa boa que é o seu marido. Mas, enfim, você idealiza a possibilidade de ficar com essa outra pessoa? Como que você vê tudo isso que você está vivenciando?*

Agora é Luana quem quer saber como pensam as mulheres que traem os maridos.

Márcia: *\_Eu idealizo, Lu. Eu acho que se a gente não ficar junto agora... que ele é casado também... Acho que um dia a gente vai ter que voltar a viver isso, entendeu? Eu acho que nesse momento nenhum dos dois está preparado prá assumir o fim do casamento... Eu tenho dois filhos, ele tem duas filhas. É muita coisa em jogo, entendeu? Tô aí te ouvindo falar e tentando entender... A gente fala, cada um é um mundo, mas é muita coisa em jogo, né? Você tá falando aí das duas coisas, do teu conceito mesmo de família. Enfim, acho que tem tantos... tantas idealizações... vamos dizer assim... Assim, claro, também não me casei prá me separar. Os meus filhos estão aí... É uma cobrança... Até por isso que acho que te perguntei da tua filha, porque, assim, filho! Nossa! Como mobiliza a gente! Então, acho que se fosse hoje somente eu e meu marido, talvez a minha posição fosse diferente. Eu ia largar tudo e viver essa coisa que eu estou vivendo, entendeu? Mas eu tenho dois filhos. E aí é mais duas coisas prá você pensar, e como que eles vão lidar com isso, né? Eu imagino se de repente acontecesse alguma coisa de a gente chegar num ponto e falar: bom, eu vou me separar, então, porque apareceu essa outra pessoa. Acho, por exemplo, que meus filhos seriam contra. Meus filhos ficariam a favor do meu marido. Então, é... É muito difícil. Mas, assim, a minha fantasia... Vamos dizer assim... que é o que eu tenho vivido, na verdade... Eu queria viver isso. Queria... é... viver essa paixão! Viver... Nem sei até onde iria... né... Que futuro teria... Enfim...*

Luana quer conhecer o lugar da amante e, assim, ter mais recursos para lidar com seu casamento. E Márcia fala do contrato do casamento, que tem certas regras, dentre elas manter o vínculo até a morte e que, por isso, não é fácil quebrar esse contrato, falando também da representação que a família tem para ela.

Luana pergunta sobre o tempo de relacionamento e Márcia conta que namorou essa pessoa na adolescência e que foi um relacionamento que durou pouco porque brigavam muito. No entanto, ele tinha se tornado amigo da família e sempre esteve por perto. Anos mais tarde, já adultos e ele já casado, chegaram a se encontrar e conversar sobre o sentimento que ainda existia entre os dois. Em pouco tempo, ela conhece seu marido e logo se casa. Desde então, ela sempre teve notícias, através da própria família com quem o ex-namorado manteve o vínculo. Diz que por conta disso muitas vezes sonhou com essa pessoa.

Márcia: *\_Sonhos, assim, sem uma história. Você está dormindo e você vê a imagem da pessoa. E aquilo por vezes me incomodava bastante. Até que teve uma semana que eu sonhei com ele vários dias seguidos. E uma das decisões que eu tomei a partir do meu aniversário do ano passado pra cá, eu decidi que eu ia fazer*

*terapia, eu decidi que eu tinha algumas coisas prá tratar, e eu decidi, assim, que eu preciso começar a falar pras pessoas algumas coisas...*

Márcia fala de sua motivação para a terapia e também expressa a superação da fase inicial de desconfiança, o que a inibia a falar de si mesma. Nesse momento, percebe-se uma transferência positiva no grupo, que se torna um espaço possível para falar e solucionar esses conflitos, essas traições e essas idealizações. Márcia parece ter encontrado um espaço para ser reconhecida e poder elaborar esses conflitos.

*Márcia: ...Então, com ele, por exemplo, eu acho que faltou a gente falar sobre o relacionamento da gente, porque que não deu certo, porque a gente ficou intransigente, porque os dois foram tão imaturos na época... Porque, assim, do sentimento o que realmente ficou, que ficou aí no ar. Não é uma coisa que, ah... foi um namoro de criança e acabou e tal. Não. Eu penso... Eu penso com carinho, eu penso com um sentimento, com uma coisa gostosa, entendeu? E eu queria dizer, isso prá ele. Daí um dia eu acordei, falei é hoje! Passei a mão no telefone e liguei pra ele. Olha, é a Márcia, assim, assim... E ele já me recebeu daquele jeito que a gente gosta de ser recebida! Poxa, que saudade! Quanto tempo! Eu também penso em você... A gente precisa se encontrar... Precisa conversar.... Conversa de quem não se vê há algum tempo, né? E aí, na minha cabeça, eu falava: não! não precisa! Falei prá ele: olha, eu realmente gostaria de me encontrar com você porque tem algumas coisas que eu gostaria de estar te dizendo, de coisas que eu sinto e que ficaram aí nesses anos, e tal. E aí passou. Isso foi numa quinta-feira. Na minha cabeça, na minha fantasia também... porque, a gente tem, né? Eu sempre... Eu sempre achei, não... As pessoas sempre diziam que ele era extremamente apaixonado por mim. Então, eu imaginei assim, bom, liguei! No dia seguinte, ele vai me ligar, e tal. E isso não aconteceu. Não aconteceu no dia seguinte, não aconteceu no outro, não aconteceu no outro... Mas passaram alguns dias e aí ele me retornou. Na verdade, ele me mandou uma mensagem de celular, dizendo que ele tinha ido num lugar onde a gente viveu quando era pequeno... Na época quando a gente namorou, que a gente era novo, e que tinha feito muito bem prá ele rever as pessoas daquela época, mas que ao mesmo tempo tinha aumentado a saudade, o desejo de me ver. Enfim, aí a gente começou uma coisa assim, de se falar sempre, falar todo dia, de mandar mensagem. E... E isso tem dois meses, gente. Eu não fico nenhum dia sem falar com ele, sem receber uma mensagem. Às vezes, dentro da pequeníssima possibilidade que a gente tem, a gente consegue se ver, e... e é isso. É isso que eu estou vivendo. Um conflito enorme. Tem dia que eu acordo, eu falo: isso não vai dar certo. Já que não vai dar certo, tem que terminar já. Então, eu me proponho a não ligar, não escrever... a não ver mais... Mas é difícil.*

Márcia fala do namoro, da vontade de voltar no tempo que era somente prazer. As participantes vêm para esse encontro grupal para experimentar revivescências, fantasias e desejos do passado. Do ponto de vista transferencial, o namorado é o próprio grupo, que dá liberdade para vivenciar

as fantasias, os desejos até então reprimidos. Isso denota a segurança que agora elas encontram para poder elaborar os seus sentimentos.

Luana: *\_E como que você consegue, por exemplo, pensando nesses dois meses, apesar de ser algo que data de trinta anos, como que você consegue administrar, por exemplo, o seu relacionamento com seu esposo? Porque, eu não sei, né? Acho que mulher é muito romântica. Então, uma vez que você se pega pensando e tendo esse contato com ele, como que fica o seu relacionamento com seu esposo? Você não fica diferente? Ou você tenta pelo menos não ficar diferente? Como que você administra isso?*

A fala de Luana expressa novamente a vontade de compreender a mente do traidor.

Márcia: *\_Eu tento, Lu. Mas é... Eu acho que é difícil. Assim, a gente tem a sensação... E a gente é de sensação... mulher... O (marido) sente que tem alguma coisa no ar. Claro que você tem aí o sentimento de culpa e tal. Você acha que o outro sabe, né? Mas eu acho que, fora isso, tem uma coisa assim de que tem uma coisa no ar, tem alguma coisa diferente. Na verdade, o meu relacionamento com meu marido é um relacionamento de vinte anos. Então, já não é aquela coisa de meu amor, meu benzinho, né? Embora ele seja muito mais carinhoso que eu. E isso independente desse momento, assim. Sempre ele é mais, ele vem, ele me abraça. Ele é que diz que me ama. Eu costumo dizer que aqui em casa a gente é trocado, sabe? Eu faço o papel do homem, ele faz o da mulher, porque ele lembra de data... Sabe? Ele tem a data do namoro e tem a data do casamento. Todo mês ele fala: ah, hoje é dia dez, hoje é dia vinte e nove, e tal. E se não fala durante o dia, ah! Saí sem falar! Ele me liga, me manda mensagem... Então, assim, ele é mais... mais afetuoso, eu acho, né? E eu sempre fui assim mais seca. Mas você não tenha dúvida, Luana, que é muito difícil. Fim de semana, então, é uma tortura, né? E final de semana é momento de família, né? Então, realmente tem sido bastante difícil. É uma coisa que você se questiona mesmo. O que eu vou fazer com tudo isso? Vamos botar no saco de novo e guardar?*

Márcia demonstra não ter consciência do motivo por que procura outra pessoa, e expressa a dificuldade de investir no seu vínculo conjugal.

Luana: *\_Vocês já ouviram a história do... Não sei se eu vou saber contar na íntegra... A história de um casal, um casal de velhinhos, e o homem, acho que na beira da morte, quando ele tava quase falecendo, ele virou prá mulher, a mulher pegou e falou assim... Nas vésperas dele falecer, ela falou assim... Eles dormiam um do lado direito e o outro do lado esquerdo. Aí ela pegou, nas vésperas dele falecer, pegou e falou assim: amor, será que essa noite eu poderia dormir do lado direito? A gente poderia trocar? Você dormir do lado esquerdo e eu dormir do lado direito? Aí ele pegou e falou assim... Ele ficou todo feliz com a proposta que ela fez, e pegou e falou assim: claro, você pode dormir do lado esquerdo. Aliás, eu vou te falar uma coisa que eu nunca te falei, que eu nunca tive coragem de te falar. Ela falou: o que? Ele falou: nunca gostei de dormir do lado direito. Eu sempre quis dormir do lado esquerdo.*

Grupo ri.

O grupo percebe a importância do diálogo e da falta dele em seus relacionamentos. Os risos representam uma forma de defesa contra a angústia ao se darem conta da falta de intimidade em seus vínculos.

Psicóloga: *\_Vocês estão falando do quanto é necessário num vínculo conjugal ter essa abertura para escutar, para expor, falar das emoções e dos desejos.*

Luana: *\_Acho que isso acontece muito no relacionamento, a gente vive a vida inteira tentando imaginar o que é melhor pro outro. Aí a gente abre mão de algo que é importante pra gente porque a gente acredita que a gente tá fazendo o melhor pra pessoa que tá do lado da gente, e às vezes a gente se pega descobrindo que, na verdade, aquilo que a gente abriu mão, na verdade era algo que a se a gente não deixasse de abrir mão, a gente estaria, ao contrário do que a gente pensava, agradando a pessoa que está do lado da gente, né? Então, assim, de repente vale a pena você pensar nisso, né? Claro que há todo um contexto a ser avaliado, né? Saber se essa pessoa que você está nesses trinta anos, ausentemente e agora há dois meses mais presentemente, corresponde na íntegra tudo isso que você sente, né? Claro que tudo são dois pesos e duas medidas, né?*

Aline: *\_Claro. Salvaguardadas as devidas proporções... Acho que a gente sempre tem que estar atento, presente... Por que... A gente tenta fazer uma coisa achando que é melhor pro outro, aí é complicado. A gente precisa tomar muito cuidado, né? Não é uma questão de egoísmo, né? É uma questão de coerência interna... E não é fácil, porque falando, teoricamente é tudo muito simples, né?*

O grupo discute sobre a necessidade de estarem atentas às próprias necessidades, aos próprios desejos.

Márcia: *\_E imagina você viver uma coisa que você não está com a pessoa, e que, na minha cabeça, se ele faz comigo, vai fazer com outras também. Ele mesmo me fala assim: você precisaria me conhecer pra confiar em mim.*

Psicóloga: *\_Acho que vocês estão falando da confiança que alcançaram no grupo para poder falar, pensar e elaborar essas dúvidas e inseguranças que hoje são vivenciadas nesses vínculos.*

Sorrisos, em silêncio. O grupo se despede com mensagens de boa semana.

É possível observar a evolução do grupo ao longo da sessão. Inicialmente, através do mútuo reconhecimento, transformam os problemas pessoais em problemas de grupo, passando pelo investimento do narcisismo grupal, e, posteriormente, ao discutirem os problemas vividos, abrindo espaço para ressignificações.

## Grupo A – Décima Sessão

Participam: Márcia e Aline.

No horário combinado, a participante Márcia entra na sala virtual.

Após alguns segundos de silêncio, Márcia diz que sempre teve dificuldade para falar de si mesma e verbaliza a experiência de ter sido acolhida pelo grupo, em especial na sessão em que revelou seu envolvimento extraconjugal<sup>19</sup>.

*Márcia: \_Falar de mim sempre é difícil, Carla. **Seja pessoalmente, seja na Internet, é difícil. Mas falar sempre é bom, né? Dá uma tranquilizada. Na verdade, você se sente também acolhida, né? Por que... As pessoas... Parece que entendem... Demonstram isso na feição. Você olha para as pessoas assim, você vê... A Aline, ela é superemotiva também... Eu sinto uma afinidade muito grande com ela, sabe? É bacana.***

Segundo as palavras de Márcia, não foi o fato de estar na Internet o elemento facilitador para sua autoexposição, mas, sim, a experiência de se sentir compreendida pelo grupo.

Conforme já discutido em sessão anterior<sup>20</sup>, as relações especulares dentro do grupo podem reavivar no sujeito experiências emocionais que tiveram origem em suas primeiras ligações de objeto (Kaës, 2004). O grupo representado como uma imago materna boa permitiu a Márcia sentir-se acolhida e ter sua ansiedade aliviada.

Sendo a aceitação a palavra chave do grupo terapêutico, a tolerância encontrada ajuda os participantes a expressar seus sentimentos e compreender a necessidade de ouvir e ser ouvido. Também favorece a percepção de que não são os únicos com dificuldades e muito de sua angústia e culpa pode ser de fato aliviada (Foulkes, 1976).

Um aspecto importante da experiência de se autorrevelar é que ela contribui para que o grupo se desarme, isto é, as defesas tornam-se menos necessárias. Ao ouvirem a história do outro, os demais participantes do grupo tendem a se sentir mais seguros para também mostrar o que sentem, pensam, vivenciam ou vivenciaram. Isso ajuda a criar um vínculo de proximidade e

---

<sup>19</sup> Oitava Sessão.

<sup>20</sup> Quinta Sessão.

cumplicidade entre as pessoas do grupo, facilitando uma comunicação mais livre.

A fala de Márcia reitera que, apesar das limitações, o atendimento online não perde os elementos da comunicação não verbal quando são utilizados os recursos de vídeo e voz.

A especial referência de Márcia quanto às feições nos remete a Pachuk e Zadunaisky (2010) na comparação que os autores fazem dessa evidência às imagens de primeiro plano dos filmes de Ingmar Bergman, em que, paradoxalmente, as expressões faciais são percebidas com maior evidência, em relação às condições presenciais.

Em seguida, Aline entra na sala virtual. Após os cumprimentos, Márcia pergunta sobre Felícia, que faltara à última sessão. A psicóloga se antecipa em informar às participantes que Felícia avisara dias antes da necessidade de faltar ainda mais algumas semanas, e da possibilidade de até mesmo de não poder retornar ao grupo<sup>21</sup>.

Márcia: *\_Pena, né, a Fê sair... Já tava há um tempo, né?*

Aline: *\_Já estava há um tempo?*

Márcia: *\_É... A gente já tava bastante tempo, né, com a Fê. Nós três éramos sobreviventes! (Risos).*

Aline: (Risos). *\_É verdade.*

Psicóloga: *\_ Como vocês vivenciam hoje essas ausências no grupo?*

Aline: *\_Ah, não sei... Depende... Porque, assim... Se existem questões de horário de aula, é meio complicado, porque ela tem um compromisso lá. Talvez ela não tivesse grade horária completa... Sei lá eu... E aí fica complicado mesmo, não tem como, tem que optar. E como ela tá do outro lado, lá prá baixo, fora do país, prá fazer esse curso, é normal que ela saia. Não tem outro jeito.*

Márcia: *\_É...*

As participantes parecem fazer um “pacto” não explicitado de não falar sobre o sentimento que essa separação desperta, e que representa uma ameaça à continuidade do grupo. Trata-se do *pacto denegativo* descrito por Kaës (1997), uma espécie de conluio inconsciente entre pessoas do grupo para não entrar em contato com um conteúdo que desejam evitar. E para evitar o contato com esses sentimentos, utilizam-se da *racionalização*.

---

<sup>21</sup> Felícia retorna ao grupo na décima sexta sessão.

Aline comenta que se assustou quando viu que faltavam vinte minutos para o início da sessão, e que tinha ainda várias tarefas domésticas. Deixou coisas prá depois para não se atrasar ainda mais.

Márcia: *\_Eu também. Eu estou aqui, o feijão tá na panela cozinhando (Risos). Eu saio dez e meia daqui e tenho consulta às onze. Saio, pego os meninos na escola... Quinta-feira é bem corrido mesmo.*

As ausências e as saídas de pessoas do grupo são, de fato, uma ameaça à sua continuidade, pois se as componentes o abandonam, o grupo deixa de existir. Contra essa possibilidade, as participantes reafirmam o compromisso com o horário, sinalizando o esforço que assumiram para estar no grupo.

Aline: *\_É, hoje até que está mais tranquilo prá mim. Mas é sempre assim, uma coisa engatada depois da outra. Agora que o (filho) está mais tranquilo também... Eu que deixei ele na escola... Tenho deixado... Aí ele falou: olha, mamãe, eu vou ficar sem chorar (Risos). Eu falei: ah, que lindo!*

Márcia: *\_Você sabe que você tá falando isso, eu estou lembrando... Eu perdi meu pai, eu tava ficando mocinha, tinha quatorze anos. E... Lá em casa sempre foi assim, a gente tinha que ser muito forte, sabe?*

Aline: *\_Eu lembro que você falou.*

Márcia: *\_Então, você vê... Com quatorze anos, eles vieram me dar a notícia e eu não podia chorar, né? Olha, o papai morreu, mas não chora. Gente! Como assim, não chora, né? E eu tinha, assim, já uma consciência com quatorze anos. Então, eu estou aqui pensando no teu filho, né, Aline? O que será que passa nessa cabecinha?*

Aline: *\_Pois é...*

Márcia: *\_Essa coisa de vai embora, não vê mais. É difícil, né?*

Aline: *\_É difícil concretizar isso, né? E depois, assim, ele entrou no velório, ele viu minha mãe deitada. Ele foi lá e deu um beijo nela! Entendeu? Eu fiquei assim, né? Eu falei: nossa, ele vai ficar impressionado! Que nada! Assim... Aparentemente, ele lidou numa boa. O que ele introjetou eu não tenho a mínima ideia. (...). Mas é mesmo uma incógnita. Como que ele elabora a perda, né? A pessoa sumir...*

Márcia: *\_Eu fico pensando, assim, acho que nem a gente elabora, né? Você lidar com aquilo naquele momento da melhor maneira possível prá você conseguir viver, né? Você conseguir continuar a tua vida. Então, o que você faz com isso? Aonde você joga? E depois isso volta... Não sei... Acho que a criança não entende essa coisa de ir e não voltar. É muito concreta, né? Então, ela tem que por isso numa caixinha guardada lá, né? E depois viver de novo, não sei... (Breve silêncio). (Toma um copo de água). Eu aproveito esse momento pra beber água porque eu não bebo água (Risos).*



Conforme já explicitado em sessão anterior<sup>22</sup>, Foulkes (1976) e Kaës (2000) colocam que mudanças na configuração do grupo, como nessa condição de ausências e de mais uma possível perda, interferem no seu funcionamento psíquico, favorecendo a revivescência de angústias mais primitivas, angústia de separação, e que aparece no tema abordado pelas participantes.

Aline: *\_Márcia, como é que você está?*

Márcia: *\_Estou bem, Aline. Indo... Vamos indo, né bebê?*

Aline: *\_Difícil, né...*

Márcia: *\_É difícil... Eu digo que eu estou bem hoje, né? Hoje é quinta. Segunda eu tava péssima. Essa semana foi cruel... Tudo aquilo que eu falei, né? De viver essa coisa... De viver duas coisas juntas... De estar num lugar, querer estar no outro... Sabe? É muito complicado... E acho que fim de semana é o termômetro. Semana passada foi muito corrida pra mim... A gente nem conseguiu se ver... Então a gente entrou no fim de semana com aquela expectativa... Enfim... Aí você começa a fantasiar umas coisas... Começa a fantasiar pro mal... Não sei como é que se chama fantasiar pro mal... Mas... Começa a pensar umas coisas... E foi difícil, muito difícil. Mas agora tá tudo bem.*

Aline: *\_Que bom! Tem pessoas que conseguem tirar essas coisas de letras, né? Eu acho que **eu sou muito parecida com a Márcia**. Eu... Viver com isso, pra mim ia ser muito complicado, muito complicado... Também, quando eu entro num negócio, eu entro inteira, né? Então...*

Márcia: *\_Esse é o problema...*

Aline: *\_Isso é tão difícil separar.*

Psicóloga: *\_Em quê você se sentiu parecida, Aline?*

Aline: *\_É... Nesse sofrimento. Me identifico... Que prá mim... Se eu tivesse na situação dela, eu **também estaria sofrendo**. Talvez até deixasse transparecer. Prá mim é muito difícil... fingir que não tem outra coisa dentro... Por exemplo, na relação com meu marido... De tentar não demonstrar... Pra mim, acho que sai pelos meus poros... Eu... Fica um pouco na minha cara o que está acontecendo. Se eu estou bem, estou bem; se eu estou mal, estou mal. Com coisas intensas, né? Lógico que com coisas menores...*

Márcia: *\_Claro.*

Aline: *\_...Você disfarça. Mas, assim, coisas muito intensas e fortes, não é fácil não.*

Novamente, nas falas acima, observamos o fenômeno da *ressonância*. O relato de um membro é capaz de reativar nos demais sentimentos, fantasias inconscientes e identificações com aquela pessoa ou com aquele personagem. Esse processo dilui os sentimentos negativos, facilitando a remoção das resistências. A identificação no grupo favorece o processo associativo, na expressão dos sentimentos, dos desejos e das fantasias.

---

<sup>22</sup> Terceira Sessão.

Quando Aline diz “eu sou muito parecida com a Márcia”, dirigindo-se diretamente à psicóloga, é como se solicitasse um amparo, visto não conseguir achar saídas por si mesma, colocando-se numa posição de *dependência*.

Márcia: *\_Eu acho que essa é a grande diferença entre o homem e a mulher, né? Porque assim... Esse moço fala que me ama. Na segunda-feira, a gente terminou (Risos). Porque, assim... Domingo ele mandou uma mensagem, aquilo chegou truncado, eu entendi outra coisa... Aí, na segunda-feira, eu fui já soltando os cachorros pra cima dele...*

Márcia verbaliza a fantasia da diferença entre os sexos (Kaës, 2000), dizendo que a mulher é mais impulsiva. Antes de decodificar a mensagem, ela atua.

Márcia: *\_Aí ele falou: olha, fica difícil, né? Você não confia em mim..., e blá, blá, blá... Aquela conversa... Ele falou: vou te dar um conselho, vai viver tua vida. Cê tá aí, tá com tempo, a gente não consegue se ver, fica esse puta sofrimento.... Puta! Aí deu uma baqueada, porque eu falei: meu Deus do céu! E agora, né? Eu não quero... Mas você não quer perder... Aí me bateu aquele desespero... E eu falei assim... Até lembrando do que a gente comentou semana passada da Lu, né? Durante esse tempo que eu tô vivendo isso, são dois meses já; eu pensava assim: bom... Se em algum momento ele falar que não me quer, né? Por algum motivo der a entender isso, largo, saio correndo. Não vou procurar, não vou ficar em cima. Aí acontece o fato, você fala: meu! Não é assim, né? Não é assim... Vamos conversar, vamos rever isso... Então, essa é a diferença. Aí você quer falar, né? E você quer que o outro fale também, e você quer ouvir. Aí a gente mete os pés pelas mãos mesmo. Acho que é muita intensidade que a mulher tem... A mulher tem, e umas tem mais ainda, né?*

Lidar com situações de ansiedade através do confronto ou da evitação, significa agir sob o pressuposto básico da *luta e fuga* (Bion, 1975), que é a maneira com a qual o grupo lida nesse momento com as frustrações.

Aline: (Risos). *\_Mas acontece também que é uma situação onde não dá prá... Não tem onde depositar... Porque se você tem como confrontar... Você vai prá realidade... Confronta... Limpa o que tem que limpar... Vai ficar o que tiver que ficar...*

Márcia: *\_Verdade.*

Aline: *\_É diferente quando a gente confronta, né? Estabelece a relação... Mesmo com quem a gente convive, pode ser uma caixinha de surpresa, então imagina com aquele com quem a gente não convive... Na nossa cabeça... Eu fico imaginando um monte de coisa... Do que poderia ter sido feito... Que poderia dar certo... E não colocar em prática. Acho que não é completamente fora da realidade, mas não poder viver de fato, acho que alimenta um sonho, um desejo que nem sempre... Pelo amor de Deus! Pode ser que dê super certo, mesmo não vivendo cotidianamente. Como eu disse... Eu também não vivi isso. Eu vivi em pedacinhos, né? Diferente de você ter um namoro, que você pode se encontrar... pode sair... pode ver como que a pessoa é com*

você... É diferente. (...). Eu sei que não é fácil... Não é fácil, não. A gente fazer escolha é sempre complicado.

Márcia: *\_Você idealiza... Você só vê o lado bom, por que... Claro, eu vejo ele pouquíssimas vezes. Quando eu vejo, eu deixo todos os problemas de lado, né? Você é... uma maravilha! E ele também! Então, o dia a dia é complicado. A rotina não é fácil, né? (...). Racionalmente... minha decisão seria parar com isso, continuar tocando a minha vida como ela tava... e pronto, né? Mas eu sinto que ainda preciso dar um tempo, entendeu?*

O fragmento acima revela o que Neri (1999) denomina *função terapêutica do pensamento de grupo*, quando o grupo contribui para tornar pensável uma experiência que naquele momento o sujeito, tomado pela angústia, não é capaz de elaborar sozinho.

Aline: *Bom... Também você tem um histórico anterior dessa relação, né? Você já namorou com ele...*

Márcia: *\_Eu acho que é só por isso... Eu acho que eu não entraria nessa, de conhecer alguém... Não sei... Posso até estar enganada... Mas, eu acho que não. Acho que a questão aí é o que não foi vivido antes... A gente teve outras oportunidades de retomar isso, sabe? (Verbaliza outros momentos desse relacionamento). Agora, assim... O que me frustra... Eu não sei se eu teria coragem de largar tudo pra ficar com ele, mas eu não sinto nele essa coragem, entendeu?*

Aline: *\_Eu... Quando eu me separei do meu primeiro marido, eu entrei em contato com uma solidão assustadora. Minha, né? Uma vivência forte minha! A questão não era: estou me separando dessa pessoa! Pode ser que naquele momento pudesse ser qualquer pessoa que tivesse indo embora. O sentimento era meu. Foi forte, intenso, e eu, como característica, eu não sou de ficar fechada, chorando. Eu busco amigos... Busco pessoas... Eu preciso estar falando... conversando... pondo prá fora... E me engajei num grupo muito legal, que acho que foi o ponto crucial da minha reelaboração, um grupo de voluntárias... Não sei se vocês conhecem (nome da entidade). (...). Então eu fui saindo daquela condição de tristeza que eu estava, e fui reavaliando as coisas ao meu redor... Eu não imaginava a minha vida assim, não (Risos). A minha ida pra Itália... Levei três caixas... Além dos meus livros, as minhas coisas eram o meu ponto de referência. Estava indo para um lugar onde eu não tinha nada... (Comenta algumas experiências dessa época). Ih, minha filha... Eu tenho histórias pra contar... que não acabam, viu?*

A fala de Aline expressa a esperança de que, tal como na sua vivência grupal anterior, aqui elas também poderão encontrar ainda novos significados para suas experiências. Isso denota uma tentativa de *acasalamento* (Bion, 1975), com a finalidade de aliviar a angústia nesse final de sessão.

Márcia: *\_Você se doou muito, Aline. Você não pensa nisso?*

Aline: *\_É... Mas eu também recebi bastante, né? Porque, no fundo, a gente se doa, mas eu abri mão de muitas coisas... Mas nesse abrir mão, eu também ganhei outras. Uma vez... Eu me lembro uma frase de um terapeuta meu, com questão a*

*filhos... Porque eu não me via mãe de jeito nenhum... Era uma sensação que se eu fosse... A gravidez... O cuidar da criança... É como se eu fosse perder um tempo precioso do meu trabalho... do meu investimento nas minhas coisas... Aí eu fiz essa verbalização, falei: nossa! Mas eu vou perder muito! Aí ele falou assim: mas você já parou pra pensar no que você vai ganhar? Toin...! (Risos). E ficou, né? Na hora não fez muito sentido. Mas aquilo ficou...*

Psicóloga: *\_Me parece que as faltas no grupo hoje levaram vocês a falar das perdas, e dessas inseguranças nos vínculos, mas começam a pensar também em outros significados para essas experiências.*

Márcia: *É... Dá pra pensar.*

O grupo chega ao final da sessão buscando amenizar e compensar os conteúdos mobilizadores de angústia. Essa tendência favorece a coesão grupal e estimula a busca de alternativas para os problemas enfrentados.

## Grupo A – Sessão 24 (Última Sessão)

Após analisarmos as dez primeiras sessões do grupo A, destacaremos algumas das associações produzidas em sua última sessão, tendo em vista a particularidade desse momento de término. Uma sessão de despedida, que caracteristicamente evoca reações emocionais específicas (Foulkes, 1976).

Apenas uma das participantes – Aline – encontra-se na sessão. Faltou Felícia, que comunicou posteriormente à psicóloga ter tido problemas no computador. Márcia e Luana deixaram o grupo sessões antes. Luana, após a décima oitava sessão, alegando retorno à faculdade; e Márcia, após a vigésima primeira sessão, devido a problemas domésticos. Apesar da participação individual, é a experiência grupal o principal foco da sessão.

Aline inicia a sessão falando do término da experiência:

*Aline: \_É chato, né? Porque a gente acaba habituando. E é **gostoso de ter o encontro... Poder trocar... Falar... É um espaço que prá mim vai fazer falta.***

A participante fala de uma experiência grupal positiva. O uso da palavra “encontro” denota o vínculo emocional que a experiência nesse espaço “desterritorializado” (Lévy, 2005) foi capaz de suscitar. O sentimento é de perda.

O tema perda reflete nas associações seguintes, mostrando que essa separação reativa na participante outras perdas, que podem ser perdas mais recentes, ao alcance da lembrança, ou mesmo perdas mais primitivas, produzidas pelo inconsciente (Kaës, 2000). Após se lembrar mais uma vez de sua mãe, Aline verbaliza como seu pai estaria se organizando e se recuperando do luto. Dessa forma, de uma maneira *extratransferencial*, Aline refere como ela própria estaria se recuperando dessa perda. E falar disso nesse momento de final de experiência é também uma maneira de elaborar a perda do grupo. Partindo dessa compreensão, a psicóloga pontua:

*Psicóloga: \_Aline, da mesma forma como você está falando do seu pai se organizando, se recuperando... Penso que você está dizendo também de como você mesma poderá se recuperar.*

Aline faz um gesto de consentimento com a cabeça e passa a referir lembranças de sua infância, resgatando momentos prazerosos que teve com seu avô materno. Esse retorno a uma época em que a participante sentia prazer em relação ao vínculo indica outra maneira inconsciente de tentar minimizar a atual angústia de separação. E em meio às lembranças, Aline refere um passeio que fazia com o avô:

*Aline: \_E quando a gente estava mais ou menos no meio do caminho, ele começou a se sentir mal. Ali ele falou: “Olha, não tô me sentindo bem, vamos voltar pra casa”. Aí a gente pegou um taxi e retornou. Aí ele chegou, tirou a roupa, dobrou tudo, pôs na cadeira, deitou na cama... morreu.*

Quando Aline comenta sobre a morte digna e tranquila do avô, ou seja, uma separação sem turbulências, acreditamos tratar-se de mais uma elaboração para minimizar esse sentimento de separação.

Na sequência, Aline verbaliza planos para seu futuro profissional e pessoal:

*Aline: \_(...). Colocar um colorido diferente... Trocar coisas... Jogar coisas velhas fora... Colocar coisas novas... (...). E sinto que nesse momento eu preciso esvaziar coisas, sabe? Preciso ficar mais tranquila... Preciso de férias... Vou prá praia com meu filho... Ficar com ele... Fecho o consultório, por que... quem vem em janeiro? Então, eu dou uma parada generalizada. Fecho tudo e vamos embora. (Breve silêncio). Mas às vezes eu fico enrolando por medo, sabe? Fico pensando: será que eu vou dar conta? Será que vou conseguir fazer isso? E aí fico enrolando...*

A ilusão de prazer que surge é mais um recurso para minimizar a angústia de separação. Ao pensar se dará conta ou não, inconscientemente Aline estaria questionando se seria esse o momento para o término da terapia.

*Aline: (...). É nesse sentido que vai fazer falta as nossas conversas... A gente vai falando... Vão surgindo ideias... E eu também tava lembrando sonhos, né? Na época que eu tava fazendo terapia com o X... (...). Foi muito engraçado que quando eu encerrei o meu processo com a minha terapeuta anterior, eu precisava de uma supervisora, ela me indicou uma supervisora, eu fui lá e vi o X descendo pelas escadas. Falei: gente, que vontade de fazer terapia com esse homem! Foi uma coisa visceral, né? E eu não falei pra ela, mas eu sonhei (Risos), e era quatro de dezembro. Interessante, né? Fim de ciclo... Aí, praticamente eu quase não trabalhei desligamento com ela. Eu falei, sei lá, eu vou lá e vou falar com ele e vamos ver o que vai dar. Então, eu marquei com ele, e uma noite antes eu sonhei. (...) Sonhei que eu tinha feito uma cirurgia no coração, e agora eu ia fazer uma cirurgia no rosto. E aí, o médico, ele tá na parte de cima da casa. Ele não fala diretamente, mas fica meio que implícito, ele*

*fala: sobe que eu vou te ver lá. E eu tô sozinha na parte de baixo. E aí eu falo: nossa! Eu acabei de fazer uma cirurgia no coração, e preciso fazer uma outra. Ele vai me deixar subir essas escadas sozinha? (Risos). E quando eu tô subindo, eu vejo um outdoor bem grande pela janela de vidro, que é uma mulher negra com seios de fora... Nossa! Isso aí para um junguiano é um prato cheio de símbolos. E aí eu fui, puf! Ele não podia não me aceitar com todo esse material (Risos). E aí a gente acabou ficando oito anos e meio juntos trabalhando. Tenho um calhamaço de sonhos escritos, e lembrava tudo! Tudo! Depois que eu parei a terapia, aí começaram a ficar muito escassos. (...). É engraçado, parece que eu sinto falta disso, sabe? (Começa a chorar). Desse contato, desse espaço que era meu. Eu sinto muita falta disso. Que foram momentos tão importantes... Tão importantes pra mim. (Breve silêncio). Acho que essa sincronicidade da Felícia não vir... (Risos) foi pra mim.*

A negra com seios de fora representa nesse momento a matriz grupal, que mostra ser capaz de realizar fantasias e desejos de suas integrantes, reiterando a analogia proposta por Anzieu (1993) entre o grupo e o sonho, ambos como um espaço para a realização dos desejos.

As operações cirúrgicas referidas no relato do sonho remetem à “cirurgia” psíquica que foi introduzida. Mudar o rosto é transformar a personalidade. O medo de ter que subir a escada sozinha recém-operada e tendo que realizar uma nova cirurgia expressa a angústia de separação vivida pela participante e o seu desejo de prosseguir em terapia, adquirir maior consciência de sua subjetividade. A nostalgia atribuída à experiência anterior é a nostalgia que a participante atribui a esse trabalho, denotando a realização de uma experiência positiva.

Psicóloga: *\_Aline, você já tinha comentado, Você tem possibilidade de iniciar uma nova terapia na sua própria cidade?*

A psicóloga, sentindo a angústia da participante, precipita-se em indagar a possibilidade da participante dar continuidade ao seu processo terapêutico com um novo terapeuta.

Aline: *\_Sim, tenho. Não vou fazer agora porque já está tão perto do final do ano... Quando eu estou sozinha, eu acho muito chato, muito triste. Então, quando eu tenho um grupo. Nossa! Parece que cresce, né? Reaviva, você discute... Você troca... É tão bom... Que eu tô nesse processo de... Tô no grupo de (nome do grupo)... Depois, quando acabar esse, tem grupo avançado. Então, dá pra entrar num outro grupo. Então, assim... Estou construindo. Sinto até, intuitivamente, que ali vai ser o canal, sabe? O (marido) que fala pra mim: Aline, pra você acho que falta você encontrar o seu verdadeiro caminho (Risos). Acho que sim... Que estou em busca. Já estou em busca faz tanto tempo...*

A participante valoriza a experiência grupal. E pensar na possibilidade de um novo grupo é, mais uma vez, uma maneira de compensar essa perda atual.

Psicóloga: *Então, você está me falando de novas esperanças, novos caminhos, novas expectativas?*

Aline: (Silêncio). *\_Pensando agora... É como se eu tivesse percorrendo uma estrada... Sou eu que estou escolhendo... (...). E, assim, querer voltar para a terapia é querer trabalhar um pouco dessas coisas comigo. De liberar energia para as outras coisas fluírem, né? Se não eu fico presa num círculo que... que não é nem uma espiral que vai indo, mas fica ali parado, dando volta, sem sair do lugar (...). Muita coisa dá pra caminhar sozinha, mas eu preciso dessa troca. Eu sinto essa necessidade por questão... minha, sei lá eu... Ou por questão o próprio trabalho mesmo. Eu prefiro fazer trocas. Eu acho mais rico. Em grupo também porque escutar o caso de outra pessoa, pode te dar um insight do teu... Então, acho legal isso.*

Aline faz uma analogia do processo terapêutico como uma estrada, com um caminho tortuoso que precisa ser percorrido para poder alcançar *insight*, realizar elaboração, poder se conhecer cada vez mais, conscientizar-se dos movimentos emocionais e dos fenômenos produzidos pelo inconsciente. Faz também uma analogia do processo grupal com uma espiral, que evolui.

Psicóloga: *\_Me parece que a estrada ou a espiral também acontecem aqui no grupo.*

Aline: *\_Aqui... Deixa eu te dizer... A Márcia... Quando a gente faz vínculo, a gente fica mais à vontade pra falar. Não sei... Por exemplo, se a Márcia estivesse aqui... Ela também tava se abrindo, falando dela... Então, a gente se sente mais tranquila pra falar das coisas da gente também. Então... Eu acho uma pena que ela tenha saído, porque acho que foi uma perda... A gente tava trocando (fazendo um gesto como que desenhando um círculo no ar). As outras, eu não sei... Porque foi tão pouco o contato... Pouquíssimo. A Felícia teve um pouco mais, porque ela ficou um pouco mais... voltou depois. A Luana... Mas, assim... Acho um pecado a Márcia não ter continuado, acho que seria interessante. Mas pra mim foi bom. Foi uma experiência muito boa, muito válida. Mas, assim... A Márcia tava falando da questão do casamento dela... Tava se abrindo... Então, assim... Uma pessoa que te coloca as coisas, você se sente mais à vontade pra falar das tuas também, né? Talvez se sinta menos observada (Risos). (Breve silêncio). *Esse foi meu único pesar, a Márcia ter saído.**

Ao imaginar como Márcia estaria reagindo caso estivesse também presente à sessão, Aline reitera a importância do vínculo emocional para que as pessoas no grupo possam falar de si.

Se no início o grupo provoca inseguranças, uma vez vencidas as barreiras, o mesmo grupo pode se transformar num facilitador para a



expressão dos sentimentos, fantasias e desejos. Por isso que as saídas de pessoas do grupo são significadas também como momentos de perda.

Diferenciando-se do processo terapêutico individual, no término de um processo grupal, o participante se separa não de um único objeto transferencial (terapeuta), mas de múltiplos objetos de transferência, representados pelas demais pessoas do grupo; e separa-se, ainda, de um terceiro objeto, que é o grupo como um todo, que fora transformado em um invólucro capaz de conter os pensamentos, as palavras e as ações (Anzieu, 1993).

A especial referência que Aline faz de Márcia denota que, para Aline, Márcia tinha características que se tornaram mais salientes à sua percepção, em virtude da identificação desenvolvida entre elas. Dessa forma, Márcia tornara-se, para Aline, a principal figura no grupo para a convergência de suas ideias e fantasias inconscientes (Bechelli & Santos, 2006).

*Aline: \_Mas... Eu acabei trazendo minhas coisas... falando... trabalhando certos aspectos, então pra mim foi legal. (Silêncio). A gente entra, né... Pelo menos comigo acontece assim... É um espaço que a gente entra... e quando a gente sai... parece que fica um vácuo, uma coisa... (Risos).*

A participante ri para aliviar a angústia.

*Aline: \_...A hora que fecha, você fala: nossa! Eu tive uma experiência no (nome do país), que eu fui fazer lá um workshop chamado "morte renascimento". (...). A gente fez uma imersão... Nós ficamos praticamente dez dias lá, eu ainda fiquei dois dias antes pra ficar conhecendo a cidade... E depois nós fomos pras montanhas e ficamos fazendo... trabalhando com os índios lá... fazendo todo um trabalho de aprofundamento... Gente! Quando tava pra vir embora, eu não consegui mais me imaginar entrando em São Paulo. Sair daquela dimensão prá entrar em São Paulo... (Respira fundo levando a mão ao peito). Nossa! Acho que vai me dar um choque... Como tivesse saindo... sabe? Fazendo um nascimento mesmo. Mas, sei lá... (Rindo), um nascimento ao contrário. Porque sair daquele estado e prá chegar em São Paulo e levar uma pancada na cabeça, né? Nossa... Mas foi muito, muito estranho. Até você se readaptar... Claro, acontece rápido, mas o primeiro momento, **até você sair do avião... até então, né? Você tá saindo de lá... Você dentro com tudo aquilo. De repente você sai, aquele aeroporto... aquele monte de gente... falando na tua cabeça... Você fala "Ah, meu Deus! Credo, nossa..."**. Que coisa doida.*

A representação do grupo como um corpo, reiteradamente constatada nas pesquisas de Kaës (2000), é reproduzida nesta fala de Aline: "até você sair daquele avião... (...) Você dentro com tudo aquilo". O avião seria uma metáfora

de uma envoltura corporal, produzida pelo grupo, estabelecendo os limites dentro-fora. Sair dessa fronteira angustia.

Da mesma forma como o grupo representado como corpo não está dentro nem fora do sujeito, o avião não está no céu nem na terra, mas num espaço transacional (Oliveira et al., 2011). E a terapia é como uma viagem; quando termina, cada um parte para o seu próprio destino.

Psicóloga: *\_Penso que aqui você está falando de um espaço que não é físico, mas de um espaço psíquico, e de uma viagem que teria feito a esse espaço psíquico, também aqui nesta experiência que hoje termina.*

Aline: *\_É. Exato. (Breve silêncio). E pra mim sempre teve uma carga de investimento grande quando eu fiz e participei. Sempre. (Emociona-se). E agora a gente tá no fim (Risos). Não dá pra ficar chorando. Mas é que é isso, me mobiliza muito. (Breve silêncio). Questões muito significativas, então é por isso.*

Psicóloga: *\_E pelo que você está me dizendo, parece ter sido bom tocar nessas questões.*

Aline: *\_Sim, sim. (Breve silêncio). Que não é tristeza, nada disso. Mas é um percurso de vida feito... **que ainda precisa ser sedimentado** (Risos). É isso.*

Encerrando a sessão, despedimo-nos.

As falas de Aline refletem o sentimento positivo de convivência no grupo virtual. O grupo foi vivenciado como um espaço para reflexões, como um local no qual se abrem novas possibilidades.

Embora haja um tom de tristeza nas falas, associado a esse sentimento de perda, nota-se um movimento de apropriação e interiorização do grupo como objeto bom.

A internalização da boa imagem do grupo auxilia à participante não apenas superar esse momento de separação, mas é algo que ela levará para além da experiência vivida nessa viagem. A viagem termina, porém deixando boas lembranças e novas reflexões.

A psicóloga também ficou sensibilizada com esse término. Houve investimento afetivo de ambas as partes.

### 4.3. Grupo B

Na **primeira sessão**, logo após a apresentação das consignas pela psicóloga<sup>23</sup>, a participante Débora faz a proposta para a realização de uma rodada de apresentações. Dessa forma, o grupo B inicia com a mesma manifestação produzida pelo grupo A, utilizando-se de um recurso clássico, segundo Kaës (2011), cuja finalidade vai além do objetivo manifesto de identificar quem fala a quem, para atender ao objetivo profundo de “tranquilizar-se e proteger o ego e o grupo que começa a tomar forma contra a angústia diante do desconhecido, tanto do exterior quanto do interior” (p. 123).

Realizadas as primeiras apresentações, em que cada uma diz o nome, a idade e a cidade ou país de onde está falando, uma das participantes faz a seguinte indagação:

Tatiana: *\_Eu quero fazer uma pergunta geral... Todo mundo aqui costuma usar **webcam** com **amigos**, ou... **estranhos** na Internet?*

Todas respondem que não.

Regina: *\_Assim... Eu gosto de conversar... **com pessoas que eu conheço**, por motivo profissional. Mas, assim... Essa coisa de ficar entrando, conversando, namorar... Esse tipo de coisa, não. **Eu não gosto de expor minha vida assim**, entendeu? **Eu aceitei esse trabalho por... por conhecer a seriedade dele**, entendeu? Porque, se não, eu não teria aceito. Não é do meu perfil conversar com estranhos sobre qualquer coisa.*

Tatiana comenta que às vezes utiliza o MSN e a webcam para conversar com amigos, e que recentemente esteve visitando alguns sites para conhecer pessoas de fora do país.

Tatiana: *\_Tem uns **sites** que são bem **ruins** prá isso. Tipo... **pessoas abusam das imagens...** Mas tem **outros** que eu conheci, que não, que as pessoas estão lá **prá conversar mesmo!***

Débora faz um gesto de assentimento com a cabeça.

Tatiana: *\_E, às vezes, eu entro com a finalidade de conhecer a pessoa mesmo. **Por mais estranho que às vezes possa parecer...** Então, isso prá mim é **um pouquinho mais familiar...** Mas não que eu faça isso toda vez.*

Débora: *\_ Eu acho **ótimo** esse negócio de **usar a webcam**. E uso a câmera prá falar com a minha família no Brasil... de vez em quando... Mas acho um recurso ótimo.*

---

<sup>23</sup> Tal como feitas ao grupo A.

***Eu não tenho problema de me expor, não*** (Risos). *Mas acho que é também uma questão de idade. Eu já tenho 43 anos. Eu acho que as pessoas mais jovens... Não é preconceito, nem nada... Já começaram desde cedo com essa prática de estar mostrando o rosto na Internet, não usam mais telefone, ficam falando com os amigos... Eu não uso mais porque não tenho o hábito mesmo.*

Conforme citado na introdução deste trabalho, existe um imaginário ainda prevalecente na sociedade de que os vínculos via Internet seriam caracteristicamente frívolos. Talvez por isso as participantes tenham sentido a necessidade de demarcar que não estão aqui para cometer “abusos”, mas “prá conversar mesmo”, desenvolver um vínculo de confiança e poder falar de si mesmas.

A verbalização de Débora quanto a não ter problema para se expor, atribuindo essa condição à “questão de idade” - tendo em conta que ela é a participante mais velha do grupo - pode ser interpretada como uma compensação pela falta de experiência em relacionamentos via Internet, que a mesma participante acredita terem os mais jovens. A compensação das diferenças é uma das formas de se lidar contra o sentimento de insegurança que a nova situação suscita (Kaës, 2011).

Na sequência ainda da primeira sessão, Débora, que mora há seis anos nos Estados Unidos por razões do trabalho do marido, fala da saudade que sente do Brasil. Afirma estar se sentindo triste, “meio deprimida”, e associa esse sentimento ao fato de estar morando naquele país. No Brasil estariam as coisas boas:

*Débora: ... Estando aqui nos Estados Unidos, eu olho para o Brasil, sabe como aquela coisa que a grama do vizinho tá sempre mais verde? Eu acho o Brasil um paraíso, eu acho os brasileiros... Olha, eu fico falando, tenho vontade de chorar... (emociona-se), eu acho os brasileiros as coisas mais maravilhosas do mundo. Eu acho que a gente é mais solto... Eu acho que a gente é mais legal... Então, é isso. Essa é a minha história. Estou supercarente... A minha mãe vem me visitar sempre que ela pode. Tem sido duas vezes por ano. Mas eu estou meio infeliz aqui. Eu amo meus filhos, eu amo meu marido, a gente se dá super bem, mas eu sinto muita falta do meu país.*

Deflagrando-se o *interdiscurso grupal*, constituído por enunciados sucessivos ou similares das pessoas do grupo e definido por uma lógica grupal (Kaës, 2005), Regina refere estar morando há sete anos em São Paulo

também por razões de trabalho, mas que jamais quis morar ali, e que nunca escolheria São Paulo como a sua cidade:

Regina: *...Mas, assim, eu penso em transformar isso, entendeu? Então, nesse sentido que você tá falando, **a gente fica às vezes meio deprê mesmo.***

Fabíola fala da mesma vontade de morar em outro lugar. No seu caso, de sair da casa dos pais. Refere ser uma pessoa muito quieta, “envergonhada demais”, e que os problemas relativos à timidez levaram-na a suspender a faculdade no último semestre e a buscar ajuda psicológica, referindo ainda ter iniciado terapia individual há alguns meses:

Fabíola: *\_E, assim... Um pouquinho do que eu escutei de vocês, eu achei muito legal a experiência de cada uma. **Vi que não é só a gente que tem aqueles pontos tristes, né?***

Débora: *\_Opa!*

Regina: *\_Todo mundo, viu Fabi?*

Fabíola: *\_**Dá pra gente se entender melhor.***

A evidência de desejos e de sentimentos parecidos começa a compor a identidade do novo grupo, favorecendo a expectativa das participantes – tendo Fabíola como porta-voz – de que nesse grupo elas poderão “se entender melhor”.

Tatiana questiona Fabíola a respeito de como seus pais teriam reagido à sua decisão de suspender a faculdade e fazer terapia. Fabíola responde que seus pais não reconhecem suas dificuldades e que não acreditam em terapia. Regina fala de experiência semelhante com seus pais, e Débora lembra como sua mãe reagiu na primeira vez em que ela pensou em buscar terapia, quando tinha 19 anos:

Débora: *\_A minha mãe também achou, que... imagina! Você não precisa disso, vai ter amigos, vai sair, vai trabalhar... e tudo se resolve. Mas a gente sabe que, por mais que eles estejam bem intencionados. Não é por aí, né? **A gente precisa de ajuda, sim.***

Segundo o modelo dos organizadores psíquicos proposto por Kaës (1997), o movimento do grupo de se articular com as semelhanças, como que procurando homogeneizar sua realidade interna, e uma concomitante

desvalorização do exterior, “é o momento do primeiro *pacto denegativo* grupal” (p. 187), uma espécie de conluio inconsciente entre pessoas do grupo para não entrar em contato com conteúdo que desejam evitar, conforme já explicitado.

Na sequência, Vânia refere nunca ter feito terapia, e que se interessou em participar do grupo de pesquisa visando o autoconhecimento. Fala da cirurgia que sofreu há seis meses para a retirada de um câncer de intestino, motivo pelo qual também suspendeu a faculdade. Conta que é o segundo câncer que ela sofre. Terminou há pouco tempo a quimioterapia e atualmente aguarda por exames, com a expectativa de poder voltar à faculdade “e continuar a vida”. Conta ainda que atualmente praticamente não sai de casa, devido a uma sonda que utiliza em virtude de uma fístula desde a última cirurgia.

Débora indaga Vânia:

Débora: *\_Você procurou ajuda psicológica, como todos nós. Você acha que você está triste assim mais por causa dos tumores, dos problemas de saúde, ou você é assim que nem eu? Desde muito nova... sem nenhum motivo aparente...Eu sempre fui dada a ser muito triste.*

Vânia: *\_Não estou triste. Assim...é claro que eu fiquei triste, mas, assim, consegui superar. Às vezes sinto um pouco de raiva, ser tão nova e ficar doente, né?*

Débora: *\_Uhum.*

Vânia: *\_Tenho medo. Às vezes eu penso: será que vou ficar boa? Será que vou morrer? Essas coisas... Mas eu procuro não pensar nessas coisas. Quando vem esse pensamento, eu começo a pensar em outras coisas, e... Procuro pensar que vou ficar boa... essas coisas.*

Débora: *\_Com certeza! Não... A minha pergunta foi... Você... foi por causa desses dois eventos... no ovário e na bexiga, que você procurou ajuda, ou você sempre teve uma tendência... assim, pelo jeito você nunca teve uma tendência muito forte de ficar triste... de ficar deprimida... foi a doença que detonou?*

Vânia: *\_Ah, não sei... Acho que, assim, eu sempre tive altos e baixos. Assim... quando eu era muito nova, eu tive uma adolescência meio louquinha...me envolvi com drogas... Não sei... Eu nunca procurei pensar por esse lado... Eu nunca... Quando eu fico triste, eu não quero ficar triste, entendeu?*

Débora: *\_Estou aqui nos Estados Unidos, me sentindo sozinha... com 3 filhos pequenos... aos 43 anos de idade... mas eu posso dizer que esse é um evento que detonou essa tristeza que eu ando vivendo agora, longe do meu país, longe dos meus amigos, longe dos meus familiares, mas como eu disse pra vocês, eu tive que procurar ajuda psicológica desde muito novinha. Aquela coisa... os eventos acontecem, seja morar nos Estados Unidos, longe de todo mundo, seja você estar solitária, agora... se... se você é mais ou menos fortalecida, você aguenta. Assim... Vira e mexe eu estou muito triste, e muito deprimida... muito chorosa... com alguma coisa, algum evento detona isso. Mas não é que eu cheguei aqui aos meus 43 anos, que eu era ótima... e de bem com a vida... e fazia muitos amigos... e só agora nos Estados Unidos que eu tô mal. Eu sempre fui meio dada a ser deprê, sabe? (...). Aí, eu fiquei pensando, foi isso que detonou... ou desde muito cedo sempre teve problemas, assim, de depressão... problemas que não estão ligados... a algum problema físico?*

Vânia: *\_Não. Assim... eu sempre tive vontade de fazer um tratamento psicológico, não por tristeza, mas em busca de autoconhecimento, entendeu?*

Débora: *\_Ah, tá certo.*

Vânia: *\_Sobre ficar triste, quando eu fico triste eu não quero ficar triste, entendeu? Mas não por esse motivo. Não é tristeza. É mais autoconhecimento, e eu... por um acaso... eu entrei no site da UOL e vi esse estudo, essa pesquisa... terapia online. Aí eu resolvi buscar. Mas não é por depressão, não.*

Débora: *\_Aham.*

Vânia: *\_Depressão, acho que eu nunca tive na verdade.*

Regina: *\_É normal que você tenha picos de tristeza. O que você está passando é um momento difícil. Todas as pessoas já passaram, homens, mulheres... crianças... E seja com a doença que você tá vivendo... ou com outro tipo de doença... Só... que assim... tristeza faz parte da nossa vida, o que não pode é ela sedimentar, né? É por isso que quando a pessoa tá depressiva, ela tem que se tratar, porque a tristeza... ela pode chegar, faz parte da nossa vida, mas ela não pode ficar.*

Um grupo recém-constituído tem dificuldade de reconhecer as individualidades. A tendência é negar as diferenças, como, nesse caso, as participantes parecem negar que Vânia possa realmente não estar deprimida, ao menos triste.

Do ponto de vista dos princípios de funcionamento do aparelho psíquico grupal, tal como os descreve Anzieu (1993), o grupo começa regido pelo *princípio da indiferenciação* (denominado por Kaës de tendência à *isomorfia*): “indivíduo e grupo, uma mesma realidade, um mesmo combate; ou ainda: o grupo engendra o indivíduo que engendra os grupos” (Anzieu, 1993, p. 203). A ilusão de um espaço psíquico comum e indiferenciado promove a representação psíquica do grupo como um corpo, “garantia primeira contra o impensável sentimento de inexistência” (Kaës, 2000, p. 93).

No final da primeira sessão, Tatiana verbaliza a ideia que havia tido do grupo:

Tatiana: *\_Bom... eu fui ouvindo todo mundo, e fui guardando o que eu queria falar. O que vocês falaram... O que cada uma falou foi superinteressante. Assim... cada uma com uma história. E... e tocante, assim... e profundo, lógico. Eu falei: meu Deus! Acho que eu vou ser a que menos tem coisa prá falar, mas nunca é assim, né? (Comenta que por conta de brigas constantes com o namorado, perdeu cinco quilos em seis meses; atualmente recebendo atendimento psiquiátrico e tomando antidepressivo). \_E... Eu gostei do grupo. Quando eu entrei... eu estava olhando... Você já faz uma imagem das pessoas, fica pensando o que aquela pessoa vai falar e o que a pessoa é. Aí você vai ouvindo... Nossa! Não tem nada a ver com o que eu pensei... Mas também tem a ver... Tipo, por exemplo, a Débora, ela chegou, ela começou a falar... eu pensei: nossa! Ela parece ser mais aberta, mais extrovertida, tudo, e aí ela falou da tristeza... Então, é bem irônico... (...). A Vânia também... falando do problema de saúde... Você nunca vai imaginar, né? São coisas que surpreendem, por mais que seja de todo mundo, de dificuldades que passam; outras mais, outras*

*menos, mas você se surpreende. A Fabíola também, quando ela falou da depressão, da faculdade... A Regina... Então, cada história que eu ouvi de vocês, eu fui pensando assim... sobre isso... sobre mim... Bom... é isso mais o que eu queria falar.*

Através do processo de identificação, o movimento prevalecente no grupo B em sua primeira sessão reiterou uma tendência dos primeiros encontros de grupo, e notadamente dos primeiros encontros de um grupo terapêutico: o de fazer “fazer a passagem da série ao conjunto, da pluralidade coletiva ao agrupamento” (Kaës, 1997, p. 209).

Na **segunda sessão**, estando “presentes” as cinco participantes, Vânia inicia perguntando como todas teriam passado a semana. Logo em seguida, a conexão sofre oscilações, provocando cortes intermitentes no áudio e nas imagens, que comprometem a comunicação do grupo. Essa interferência perdura por quase cinco minutos. Quando restabelecida a comunicação, Vânia refaz sua questão.

Em resposta à indagação de Vânia, Fabíola começa a contar que por conta de sua timidez teria arrumado problemas no trabalho, ao ter se recusado participar de um momento festivo na empresa, e que teria ouvido mais tarde um de seus colegas chamá-la de “pessoa estranha”. Diz que gosta de estar com as pessoas, mas que prefere não participar desses momentos na empresa por não aceitar a ideia de abraçar alguém por “conveniência”, que teria que ser “de coração”. Débora intervém:

*Débora: \_Mas isso não é estranho, isso é convicção que você tem, de não abraçar quem você não conhece muito... Não é que você não consegue chegar, é que você acha que não tem que sair distribuindo abraço e beijo prá gente que você não conhece, não é?*

*Fabíola: \_É... (Sorrindo).*

*Débora: \_É engraçado que a gente sofre às vezes pelo motivo inverso, né? Eu sempre tô me punindo justamente pelo contrário! Porque eu sou muito (ênfase) expansiva... Muito carinhosa... Eu sou do tipo, assim... me apaixono pelas amizades no primeiro encontro, sabe? Eu conheço alguém, assim, aí eu já acho: pô! Que pessoa legal! Olha! É a minha amiga que eu esperei a minha vida toda! Aí já ofereço tudo. E você sabe que eu me puno depois? Porque eu penso... As pessoas pensam que eu sou retardada. Eu, uma mulher com mais de 40 anos de idade... Assim... Pareço tão ingênua...(Comenta frustrações que sofreu ao revelar segredos a pessoas que ainda pouco conhecia). Mas não é falsidade o meu jeito, sabe?*



As participantes falam de sentimentos de desconfiança, de fantasias de perseguição. Considerando que o grupo se encontra ainda em processo de construção de sua identidade grupal, desse modo ainda frágil, temos a hipótese de que as interferências na comunicação, ameaçando a sua continuidade, mobilizaram as defesas, resistências e essas fantasias que são enunciadas no aqui e agora de uma maneira *extratransferencial*.

Por outro lado, é também possível notar, no fragmento acima, o fenômeno da *ressonância* (Foulkes, 1976), quando um tema comunicado por um participante no grupo é capaz de despertar em outro suas próprias associações sobre o mesmo tema, contribuindo, nesse caso, para a percepção das participantes de como pessoas aparentemente tão diferentes podem viver os mesmos conflitos.

Ainda na segunda sessão e na sequência à fala de Débora, o grupo conversa longamente sobre as experiências de timidez nas situações de primeiros encontros. Depois, todas concordam com a participante Tatiana que, com a convivência e com o tempo, esses obstáculos tendem a ser superados. Assim, a nosso ver, o grupo verbaliza sobre a importância do vínculo que elas precisavam ainda construir entre elas.

Terminando a segunda sessão, Fabíola se queixa de cobranças que sofre de sua mãe, de que deveria ter um trabalho melhor e já estar casada. É possível que, como porta-voz, Fabíola estivesse anunciando a angústia persecutória que predominou nessa segunda sessão. As participantes teriam começado a perceber que o grupo irá igualmente exigir que elas participem e contribuam.

Na **terceira sessão**, estando novamente “presentes” as cinco participantes, Débora inicia dizendo que passou a semana toda pensando em Fabíola. Lembrou de ouvi-la queixar-se de sua mãe, que a critica por não ter um emprego melhor e ainda ser solteira.

Débora: *\_E queria falar como mãe, né? Outro dia... Eu até fico com vontade de chorar...(emociona-se). Ele [um de seus filhos] tava no banho, e ele disse assim: mamãe, ninguém gosta de mim. (...). E, ao invés de eu ser muito carinhosa com ele, é com ele que às vezes eu sou mais severa, porque às vezes eu vejo ele chorando, dizendo que ninguém quer ser amigo dele... Aí eu quero chacoalhar ele, dizer: olha no espelho! Você é uma criança bacana, você é um menino tão inteligente, carinhoso...*

*Mas, assim, ao invés de eu sentar e dizer: filho... Eu faço isso também, mas muitas vezes eu digo: para com isso, (filho)! Eu grito... (...). Então, é isso. Foi por isso, Fabi, que eu pensei em você. Pensei: como as mães podem ser tão horrorosas?*

A fala de Fabíola na sessão anterior notadamente sensibilizou a participante Débora, levando-a a pensar no seu próprio papel de mãe. Essa manifestação corrobora a observação de Bechelli e Santos (2005) de que “o grupo pode ter um participante que tenha um significado especial ou particular para outro membro, que lhe traga recordações de experiências passadas ou de situações atuais ou que evoque seus conflitos” (p. 121). E, conforme já discutido, a autorrevelação provocada pelo sofrimento tem um alto valor terapêutico, além de ser uma etapa fundamental para o processo de mudança.

Na sequência da manifestação de Débora, as participantes falam do vínculo com suas próprias mães. Há queixas, mas o foco principal se revela como uma preocupação em refletir essas relações, fazendo ponderações, buscando igualmente reconhecer as dificuldades desse papel, até Regina enunciar:

Regina: *\_(...). E não tem jeito, mãe erra tentando acertar, eu acho que é isso.*

Segundo Anzieu (1993), no grupo “uma fantasmática circula entre os membros; é ela que os reúne, tanto na sua coesão operante como na sua angústia coletiva” (p. 54). Nesse momento, surge o que o autor denomina de *invólucro grupal*, com a função de conter os pensamentos, as palavras e as ações, estabelecendo uma interface entre o dentro e o fora. Conforme já discutido<sup>24</sup>, é dessa forma que o grupo, tal como uma mãe protetora, ajuda a transformar em pensamento o que está carregado de afeto.

Posteriormente, Fabíola verbaliza que, caso pudesse adivinhar o que o seu relato despertaria em Débora, não o teria feito. Débora contesta:

Débora: *\_Não! O seu relato só me ajudou. (...). E aqui... a gente tem que falar, né? Das nossas tristezas... Das nossas misérias... Que adianta a gente dizer aqui: olha! Tô me sentindo superbonita hoje... Eu tô com 43... mas tô me sentindo com 20... Aliás... Sabe a amiga brasileira que eu briguei no condomínio? Não que eu seja uma pessoa cheia de “mimimi”, que fica só reclamando. Mas eu desabafei algumas coisas*

---

<sup>24</sup> Grupo A, Oitava Sessão.

*pra ela, e tudo o que ela fez foi sair espalhando pra todo mundo e falar que eu tinha mais era que ser feliz... Claro! Até entendo... Tem gente que fala isso na boa: “eu não quero que você sofra”. Mas como? Eu tô sofrendo, eu tenho os meus problemas, né? Você... eu... todo mundo. Então, assim... Obrigada pela oportunidade que você... sem querer mesmo... fazer com que eu trague esse assunto que é tão importante prá mim, aqui prá nossa roda.*

A fala de Débora expressa o sentimento de aceitação e respeito experimentado por ela no grupo. Essa manifestação nos remete novamente a Foulkes (1976), na observação de que “a atmosfera e o clima familiar-familiar, proporcionados pelo grupo de terapia, facilita a expressão de sentimentos de transferência” (p. 109).

Em seguida, Fabíola diz:

*Fabíola: \_Desses dias pra cá, eu tenho pensado muito nesse negócio de conviver com as pessoas. Tem muita contradição... É bom e é ruim... é... se fica sem, tá ruim; se fica sempre junto, também tá ruim. E aí eu fico pensando: poxa! Será que existe esse equilíbrio mesmo? Poxa... Um monte de coisa que passa pela cabeça, o que eu mais procuro é esse equilíbrio, pelo menos chegar um pouco perto dele, porque não dá pra viver assim, oscilando sempre, né? Porque daí **a gente acaba com a saúde da gente**, e acaba, sei lá, **até estranhando os outros também**.*

Fabíola verbaliza o desejo de resolver os sentimentos ambivalentes que ela experimenta em relação à oportunidade de estar com o outro, e que, conforme os seus relatos iniciais, fazem-na evitar o encontro. Essa manifestação denota um desejo de maior aproximação com o grupo, favorecido pela identificação que as participantes estabeleceram entre si. Conforme afirmam Foulkes e Anthony (1967), “os pacientes reunidos em grupo põem-se a discutir os seus sintomas individuais e descobrem, naquele momento, ter tanta coisa em comum que a opressiva sensação de isolamento começa a esvanecer” (p. 179).

Do ponto de vista grupal, a fala de Fabíola representa o grupo como um todo que, neste estágio inicial de seu desenvolvimento, tende a sentir sua integridade ameaçada, devido a ameaças internas e externas, produtoras de angústias persecutórias, exacerbadas pela instabilidade no funcionamento do instrumento de comunicação, que, de fato, se torna uma ameaça à continuidade do grupo. Nesse sentido, como porta-voz, a participante Fabíola

enuncia o desejo do grupo de alcançar um estado de equilíbrio, um estado de homeostasia.

Em seguida, o grupo enfrenta cinco minutos de problemas de conexão, sem possibilidade de comunicação durante esse período. Após restabelecida a conexão, a psicóloga pergunta às participantes como elas teriam vivenciado esse momento em que perderam o contato com o grupo. Débora diz:

*Débora: \_ Eu passei a semana... Cada dia que eu venho aqui, eu falo... Aliás, hoje é o melhor dia pra mim porque eu tive oportunidade de falar coisa do fundo do meu coração, mas eu passei a semana inteira já pensando... espero que os terapeutas, os psicólogos... os psicanalistas... todas as correntes, não tenham preconceito com esse tipo de coisa. Eu sei que o tratamento frente a frente... é claro que é ótimo, né? A Carla poderia estar vendo como estou com as minhas mãos... como é que eu me comporto... tudo... Mas, assim, pra quem tá longe, pra quem não pode sair de casa por algum motivo... ou pra quem está em outro país, que dificulta arrumar terapia... **gente! Isso é maravilhoso.** Então, prá mim tá sendo ótimo. (...). A imagem sumir de vez em quando... a voz ficar cortada de vez em quando é pinto pra quem está se sentindo, assim, sozinha... isolada... e meio deprê mesmo, como eu.*

Tatiana, Vânia e Regina fazem comentários concordando com Débora.

*Fabiola: \_Prá falar a verdade, achei a ideia um pouco estranha no começo, mas... essa semana eu tava pensando: **caramba! Muita gente fala mal da tecnologia, mas de repente a gente percebe que ela pode te dar muito! Mas muito mesmo nessas horas.** Tá sendo muito válido, muito legal.*

*Débora: \_Tem até uns que fazem por e-mail. Quando eu fui procurar terapia na Internet, até consultei o Conselho Nacional de Psicologia, eu até pensei na hipótese de fazer por e-mail, porque tem uns psicólogos que oferecem dessa forma. Eu acho que é válido. Mas aqui, assim, **olhando pra você... prá meninas... prá todo mundo... sabe? Assim... em tempo real... Nossa! É muito bom isso!** Eu tô muito... Bem... você tira aí que eu tô... tô me sentindo muito sozinha, tira um pouquinho da euforia, né? (Risos). Por que.... já pensou? A pessoa tá sem poder falar, e depois arruma um espaço pra poder falar assim... e eu tô achando a experiência excelente!*

Todas riem.

Desviando-se da indagação da psicóloga, as participantes fazem um “pacto” não explicitado de não falar sobre o sentimento que a interrupção da comunicação teria despertado, seja angústia, raiva, ou qualquer outro sentimento negativo. Reação semelhante a que teve o grupo A quando a psicóloga indagava as participantes sobre como vivenciavam a saída de pessoas do grupo<sup>25</sup>. Trata-se, mais uma vez, do *pacto denegativo* descrito por Kaës (1997). Tendo em vista o mesmo propósito, o grupo utiliza-se do recurso

---

<sup>25</sup> Grupo A, Décima sessão.

defensivo da *transformação ao contrário* (Zimmerman, 2001), supervalorizando a experiência; o mesmo mecanismo utilizado pelo grupo A após experiência semelhante de perda de conexão em um momento ainda introdutório da experiência<sup>26</sup>.

Os comentários que as demais participantes fazem, concordando com a verbalização de Débora, ilustram o fenômeno denominado por Foulkes (1976) de *carambola*, caracterizado pelo reflexo de um contágio emocional que acontece no grupo quando em condição de tensão emocional.

Vale notar que o comentário de Fabíola de que “muita gente fala mal da tecnologia” confirma o aspecto particular de insegurança experimentado por esse grupo de morfologia inédita. Por outro lado, quando complementa dizendo “mas de repente a gente percebe que ela pode te dar muito! Mas muito mesmo nessas horas”, traz a perspectiva de quem está experimentando e se beneficiando dessa proposta, ao que Débora reitera, valorizando o aspecto de se ter a imagem e a voz em tempo real.

No início **da oitava sessão**, à exceção de Regina que havia comunicado a sua ausência, todas as participantes enfrentam dificuldades com o vídeo em decorrência de falhas no programa utilizado para a comunicação do grupo, o que repercute nas primeiras manifestações:

Débora: *\_Ah, eu queria que vocês me vissem!*

Vânia: *\_Ah... agora eu apareci! Oh, o meu cabelo já tá grande, gente! (Risos).*

A reação das participantes à privação inesperada das imagens novamente nos remete às observações de Kaës (2004) a respeito dos efeitos das relações especulares dentro do grupo terapêutico. Nele, os sujeitos reexperimentam relações emocionais que tiveram sua origem nas primeiras ligações de objeto, repercutindo em semelhantes estados de angústia ou satisfação.

Na sequência, Vânia diz:

---

<sup>26</sup> Grupo A, Primeira Sessão.

Vânia: *\_Eu tenho uma boa notícia pro grupo! Semana passada eu falei pra Carla<sup>27</sup>. Vocês não estavam. Agora vou dar pra vocês. Eu estou curada! Eu fui ao médico...*

Débora: *\_Meu, Deus! Que coisa maravilhosa!*

As demais participantes também manifestam expressões de contentamento.

Vânia: *\_É... Nossa! Eu fiquei feliz, muito feliz! Já agradei muito a Deus. Foi muito bom, e foi um alívio! Foi... nossa! Magnífico!*

O desejo de Vânia em compartilhar a boa notícia denota o seu sentimento de pertinência ao grupo. A reciprocidade demonstrada na alegria com que as demais participantes recebem a notícia sugere a existência de um vínculo afetivo no grupo.

Na sequência, Vânia pergunta a Débora como teria sido à viagem ao Brasil na semana anterior para visitar a sua mãe que se encontrava hospitalizada. Débora verbaliza a respeito dessa visita e fala da angústia de ter encontrado o irmão e a cunhada envolvidos com drogas, da impotência que está sentindo diante dessa situação, do desconforto de ouvir seus pais negarem que o problema seja tão grave e acusarem-na de exagerada. Débora, visivelmente emocionada, descreve em detalhes o quanto abandonada encontrou a casa do irmão e o descuido do casal com os filhos. O grupo parece acompanhar com atenção ao relato de Débora. Após vinte minutos durante os quais apenas Débora falava, a psicóloga pergunta ao grupo como ouviam ao relato de Débora, a fim de favorecer que as demais participantes trouxessem ao grupo as suas associações. Fabíola é a primeira a responder:

Fabíola: *\_Olha, assim... Eu nem queria interromper essa fala toda da Débora. Eu senti que está sendo muito bom prá ela, colocar tudo pra fora, entendeu?*

Vânia: *\_Ah... Eu também achei melhor deixar ela falar. É bom, né? Às vezes a gente botar pra fora, se sente um pouco melhor. (...). Só o jeito dela estar falando, vai entender, talvez, conseguir lidar com essa situação, que é muito difícil, complicado.*

Débora: *\_Aliás, eu monopolizei o tempo hoje, né, meninas?*

Vânia: *\_Que isso?*

Fabíola: *\_Não!*

Débora: *\_Só eu falei hoje!*

Vânia: *\_Mas foi bom ouvir.*

Fabíola: *\_Foi bom.*

Vânia: *\_Não foi bom, mas...*

---

<sup>27</sup> Na sessão anterior (sétima sessão), devido os problemas com o sistema de comunicação, três participantes não conseguiram acesso à sala virtual.

Débora: *\_Eu sei, no sentido de...*

Tatiana: *\_É importante... dividir isso com a gente, no caso... E você parece ser uma pessoa que gosta de compartilhar...*

Débora: *\_Obrigada, meninas! Obrigada, Carla! Acho que se não tivesse essa terapia, sobretudo essa semana... Carla, escreve aí na tese que... prá todo mundo fazer mais terapia online, que dá certo.*

O grupo se mostra empático ao relato de Débora e justifica acompanhá-la em silêncio por reconhecer sua necessidade. De acordo com a fala de Tatiana, o grupo também se sente valorizado nessa oportunidade de escuta e acolhimento. São experiências que fortalecem a coesão grupal (Foulkes, 1976).

É interessante notar que Débora, a participante que já buscava pelo atendimento online antes que tivesse conhecimento da pesquisa, pelo desejo de realizar terapia em sua língua materna, é quem parece tomar mais a palavra, aproveitando cada oportunidade. Essa atitude da participante denota o sentido de uma tentativa de permanecer em um contato ininterrupto com o grupo, com a finalidade de satisfazer suas necessidades afetivas. Há uma parte de Débora e outra do próprio grupo, que apoia suas falas seguidas e longas, da mesma forma como se observa na fusão mãe-bebê (Leal, 1997).

Em seguida, a conexão é interrompida, assim permanecendo por quase dois minutos. Restabelecida a comunicação, Tatiana pergunta por Fabíola, que está sem a imagem. Fabíola comenta:

Fabíola: *\_Chegou uma mensagem prá mim que por causa da velocidade da minha Internet a chamada tava sendo afetada, daí onde eu pensei comigo: então é melhor tirar o vídeo, daí tirei o vídeo. Foi assim que consegui voltar sem travar.*

Tatiana: *\_Por falar nisso, quando eu fui falar na semana passada e **travou, eu fiquei com muita aflição**. Nossa! Eu tava tão contente que eu ia falar... (Risos). Aí de repente ninguém tava me escutando... Ai, não acredito! **Agora estou com um computador melhor**. Mas a semana retrasada eu ia falar, o que você tava falando, Fabíola, de entrar no grupo... não saber se ia aparecer na sessão, ou não... Cada semana tem uma coisa nova, né? Vai ser sempre uma coisa nova e a gente, estando melhor ou pior, mais feliz ou menos feliz, sempre vai ser bom. Eu acho que sempre é bom, e, por exemplo, semana retrasada eu adorei mesmo o grupo, todo mundo tava junto se falando... deu certo... Hoje também... Eu gostei da Débora ter, assim, se aberto, falado bastante coisa pra gente... desabafado... isso é bom...*

O fortalecimento do vínculo facilita a expressão dos sentimentos bons e ruins. Com isso, a participante Tatiana pode falar da frustração causada pela interrupção da comunicação que acontecera na sexta sessão, quando, após os primeiros minutos, a conexão caiu e não mais se restabeleceu. Dizer que “agora estou com um computador melhor”, que “sempre vai ser bom” e

novamente dizer o quanto foi bom ouvir Débora, são, a nosso ver, formas da participante investir nesse vínculo constantemente ameaçado.

Fabiola: *\_Nossa! Tava até pensando aqui comigo, ver a Débora desabafar assim, nossa! Meio que fez bem até prá mim. Sabe quando você percebe que a pessoa tira aquele peso que tava dentro dela? Daí... Não sei... Meio que indiretamente...*

Tatiana: *\_Quando a gente compartilha, a gente vê que não é só a gente que tem problema, né?*

Fabiola: *\_É!*

Débora: *\_Ah, meninas, vocês são maravilhosas!*

Tatiana: *\_Eu também adoro! Vocês todas do grupo!*

Débora: *\_Monopolizei todo o tempo do grupo, e vocês aí com essas palavras de carinho... Obrigada, mesmo! Foi muito bom!*

Tatiana: *\_Também achei bom. E, nossa! Tô pensando várias coisas prá falar... Bom... Sendo minha primeira experiência com grupo terapêutico, eu gostei pra caramba, achei bem legal, e o número de pessoas ideal também.*

Débora: *\_Nossa... eu ia perguntar justamente isso. Eu nunca fiz terapia em grupo, e eu fiquei superreceosa no começo. Eu falei: nossa! Será que vai dar certo juntar pessoas tão diferentes? E não sei o quê... Será que não fica aquela coisa meio que caótica, cada um querendo... Não sei se esse **grupo** é que tá dando supercerto, foi **supervencedor**, ou se... terapia em grupo costuma dar certo assim. A gente tem diferenças tão diferentes, idades tão diferentes, e... e a gente fala cada uma das suas mazelas... dos seus problemas... Eu tô impressionada. Eu tinha preconceito com terapia em grupo no sentido de eu achar que a coisa devia ser muito difícil de evoluir, porque tava cada um lá com seu problemão...*

Essas falas mais uma vez ilustram os reiterados investimentos narcísicos realizados por esse grupo constantemente ameaçado pelas falhas no sistema de comunicação. O tom é de um entusiasmo exacerbado, denotando a emergência de um estado de *ilusão grupal* (Anzieu, 1993), um mecanismo que, ao promover no grupo a sensação de ser um ótimo grupo, responde a um desejo de segurança, de preservação da unidade egóica ameaçada.

Na **nona sessão**, estando “presentes” Débora, Regina, Fabiola e Tatiana, Débora inicia dizendo:

Débora: *\_Bom... Hoje... Hoje eu que não posso falar, né? Por que ocupei todo o tempo, Regina, na semana passada, falando das minhas misérias.*

Regina: *\_Que bom! Porque quando a gente fala das nossas misérias, a gente cresce e o grupo também, viu?*

Tatiana: *\_É verdade!*

Regina: *\_Então, vamos deixar a Tatiana falar porque até agora ela falou muito pouquinho...*

Fabiola e Tatiana riem.



Tatiana: *\_A Fabíola também!*

As participantes manifestam uma preocupação com relação à distribuição do tempo da sessão. A verbalização de Débora soa como um pedido de desculpas. Visto que a proposta é a de que o grupo trabalhe com liberdade de expressão, essa preocupação com a divisão do tempo denota que nesse momento circula no grupo uma ansiedade de natureza persecutória.

Em seguida, Débora diz:

Débora: *\_É, a Fabíola também! Será que ela é amiga da Carla, e a Carla botou ela aí só prá observar a gente?*

Tatiana ri.

Débora: *\_Brincadeira, viu Carla? (Risos). Mas será que a Fabi não é uma espécie de assistente?*

Fabíola: *\_Mas, por quê?*

Débora: *\_É que a gente está falando que você mais observa do que fala. Aí eu vim com essa brincadeira...*

Fabíola: *\_Não, não... é... Poxa... estava demorando pra alguém notar isso.. (Abaixa a cabeça).*

Débora: *\_Ai! Desculpa!*

Grupo ri.

O tom é de brincadeira, mas a atitude de Débora em relação à Fabíola pode ser interpretada como um ataque à participante mais silenciosa que, nesse momento, representa a figura persecutória. Os risos denunciam a ansiedade que circula no grupo nesse momento.

Vale, mais uma vez, lembrar que a seleção de mecanismos de defesa em situações grupais geralmente é “um reflexo não apenas da personalidade do indivíduo, mas também da situação do grupo em determinado momento” (Foulkes & Anthony, 1976, p. 113).

Regina: *\_Olha, nada como uma pessoa observadora, e a Débora...*

Débora: *\_Não! Que observadora! Oh, Fabi!*

Fabíola: *\_Então, é...*

Débora: *\_(...) Quando eu tinha lá meus 20 anos, um amigo meu falou assim: oh, Débora, eu sou tímido, cara! Você me expõe muito. Aí quando você falou assim: ah, descobriam... eu lembrei desse meu amigo dizendo isso. Aí você falou, eu senti a mesma coisa que eu sentia com o (amigo). Mas é sem querer, viu, Fabi!*

Ao perceber a repercussão negativa de sua intervenção, Débora reverte a crítica contra si mesma. A lembrança de ter agido de modo semelhante com

um amigo pode ser compreendida como uma forma da participante enunciar que reconhece a timidez de Fabíola, pedindo desculpa para poder preservar o vínculo, e, de maneira mais profunda, preservar o grupo.

Conforme Kaës (2004):

A busca por uma unidade suficiente é perceptível na fase inicial do grupo, mas ela é retomada cada vez que os movimentos de divisão ou de diferenciação o ameaçam (. . .). A construção de um corpo individual e grupal unificado, integrado e coesivo é uma das saídas para lutar contra essas angústias (p. 134).

Como diz Foulkes (1976), “o grupo procura atingir um equilíbrio entre as ansiedades de seus diferentes membros” (p. 104).

Fabíola: *\_Não, que isso! O pessoal fala isso prá mim mesmo, mas eu não ligo, não. É que...*

Débora: *\_Isso é um elogio, né?*

Fabíola: *\_Não, é que é costume mesmo. Com o tempo... Prá falar a verdade, semana passada eu não estava muito legal pra falar, tava numa confusão assim, pra poder organizar as coisas, prá poder deixar sair da boca pra fora, sabe? Então, não tava muito legal pra poder falar, assim. Mas, hoje já tá...*

Fabíola confirma que se tratava de um estado de *resistência* a atitude que Débora entendia como desconfiança. Conforme já discutido, a possibilidade de experimentar mudança na maneira habitual de pensar ou de se comportar provoca ansiedade e uma reação que age na contramão desse processo, a que se denomina *resistência* (Foulkes & Anthony, 1967).

Tatiana: *\_Você tá mais comunicativa mesmo.*

Fabíola sorri.

O grupo se mobiliza para preservar a sua coesão.

Tatiana: *\_A semana passada tava tensa, mas foi boa, eu achei.*

Fabíola: *\_É, foi... Nossa! Foi muito legal. A sensação de ver a Débora poder falar tudo aquilo que tava... Sei lá... Tava dentro dela pedindo por favor pra poder sair... Foi tão bom ver ela desabafando daquele jeito, fez até... Não sei se foi prá todas, mas prá mim... fez até bem pra mim, por que... sei lá... Parecia que aquilo incomodava tanto, precisava sair, precisava tanto que alguém ouvisse, que alguém entendesse o que ela tava sentindo, que ela falou, foi falando... falando... E a gente foi entendendo, e aquilo... parecia que eu também tava deixando um pouco daquilo que me incomodava também sair, e foi uma coisa, assim, que, no final acabou até fazendo bem pra mim, e foi assim... Nossa! Uma experiência legal. Marcou a semana passada.*

Fabiola verbaliza como as experiências de Débora fizeram repercussão no seu mundo psíquico. Mesmo em silêncio, um participante pode se aproveitar daquilo que o outro diz no grupo. “O paciente silencioso pode beneficiar-se terapeuticamente observando e identificando-se com outros membros do grupo sem sua participação e suas interações” (Foulkes, 1976, p. 175).

Por outro lado, o valor que Fabiola atribui à oportunidade de escutar Débora também poderia ser interpretado como uma forma da participante tentar minimizar o incômodo que o seu silêncio pareceu provocar no grupo, conferindo o mesmo recurso utilizado pela participante Felícia do grupo A em determinado momento em que seu silêncio também era apontado<sup>28</sup>. Fabiola, entretanto, ainda mostrará nessa nona sessão como o relato de Débora contribuiu para suas próprias reflexões.

*Débora: \_Nossa, gente! E prá mim foi tão bom! E prá vocês foi bom. Me deram chance de falar tanto... Eu fiquei pensando, as meninas viram que eu tava precisando desabafar, mas... eu fico até comovida de vocês dizerem isso, por que... eu fiquei achando que prá mim tinha sido muito bom. E vocês dizendo que prá vocês foi bom também me escutar... eu fico pensando... eu fico renovando as esperanças que eu tenho com relação ao ser humano... (emociona-se). Porque eu pensei... será que eu monopolizei o tempo? Aí desde a semana passada que vocês estão me dizendo que foi legal ter me escutado, eu fiquei comovida mesmo.*

Na perspectiva da representação do grupo como imago materna, é como se Débora tivesse a fantasia de que apenas ela tivesse se amamentado da mãe grupo. Depois, a partir do momento em que as demais participantes afirmam terem tido benefícios com essa escuta, o sentimento de perseguição experimentado por Débora é minimizado. Ela toma consciência de que era uma percepção subjetiva. A realidade é que as outras se identificaram com o seu relato.

*Tatiana: \_Porque acho, também, que às vezes a gente fica sem conseguir falar coisas da gente.*

*Psicóloga: \_Talvez como se falar significasse um compromisso com a mudança.*

*Fabiola: \_Regina está aí? (A imagem de Regina havia se congelado).*

*Regina: \_Eu estou aqui, gente! E eu tô muito feliz de escutar isso, porque isso é resultado, né? É resultado desse grupo que a gente tá, né? Porque se não tivesse resultado, a gente vir aqui só pra ficar falando da nossa vida, não sei... eu nem taria vindo mais. Venho porque faz sentido. Que nem aquele dia que eu falei que perdi as estribeiras com a minha contadora, foi tão bom poder compartilhar aquilo. Você vai falar pra quem? Prá quem vai dizer só que você tava errada? Qualquer coisa, sem te*

---

<sup>28</sup> Grupo A, quarta sessão.

*ajudar pensar? Então, isso é resultado, e é muito importante. Então, a gente é um grupo que Deus tá realmente abençoando.*

Tatiana reitera o significado do silêncio como um estado de *resistência*. E, Regina, sobre a potencialidade do grupo como um agente terapêutico.

*Fabiola: \_E, assim, prá poder falar uma coisa legal que eu notei da semana passada pra cá, é que, assim... é... eu vi... não sei dizer, mas **eu ouvir a Débora falar significou tanto pra mim** que... Eu, quando eu costumo chegar do serviço, eu entrava pela porta da sala, né? E ia direto pro meu quarto. E, agora, eu entro pela porta da cozinha, e fica direto ali o meu pai e a minha mãe. Poxa! Tenho ficado mais junto ali com eles... Tipo... Escutado um pouco mais o que a minha mãe tem pra falar... e... poxa! Falei... que legal! Eu sinto que eu tenho também esse lado, assim... Esse tipo de deficiência de não escutar muito a minha mãe, e tal. Dependendo do tipo de coisa, não escutar, mas eu sei que ela precisa ser ouvida também. E, poxa! Foi muito legal. Eu comecei a ficar mais ali na cozinha com eles quando chego do serviço, e poxa... muito legal!*

Nesse fragmento, Fabíola confirma que a afirmação que ela fez momentos antes, sobre ter sido bom escutar Débora, não teve apenas a função de minimizar o incômodo que o seu silêncio teria provocado no grupo. De fato, as experiências de Débora fizeram repercussão no seu mundo psíquico.

As demais participantes elogiam a mudança de atitude de Fabíola, mostram-se alegres.

Em seguida, com o intuito de compreender melhor a associação que Fabíola teria feito entre escutar Débora e a sua mudança de conduta em casa, a psicóloga pergunta:

*Psicóloga: \_Fabíola, você poderia falar um pouco mais sobre a relação que você fez entre ouvir a Débora falar e a sua mudança em casa?*

*Fabiola: \_É que é, assim, na hora que a Débora começou a falar, eu senti que era necessidade dela falar, e tipo assim... naquela condição eu me senti como ouvinte... não que as outras não estivessem também como ouvinte, mas eu senti, assim: ela tá falando pra você; você presta atenção! E eu não faço isso direito com a minha mãe. Justamente porque quando ela vem, ela fala muitas coisas que eu não tô a fim de ouvir. Mas tem coisas que é dela mesmo de falar, ela precisa desabafar, porque ela fica o dia inteiro em casa sozinha... não tem com quem falar, aí quando eu chego, ela quer falar do dia todo. Daí eu falei: poxa! Eu escutei uma pessoa que eu conheci na Internet, e todo mundo tá se entendendo. Por que que eu também não posso escutar os da minha casa? E foi isso, assim, que começou a me tocar mais, entendeu? E... Quando começou a sessão hoje que eu lembrei, que eu deixei de entrar pela porta da sala e ir direto para o meu quarto. Ela até sempre falava, poxa! Parece até que não tem ninguém em casa... Você chega, não fala boa tarde, nem isso, nem aquilo... E a partir dessa semana passei a entrar pela porta da cozinha e falo com os dois. E isso prá mim fez muito bem. Me deu aquela sensação: poxa! Você*

*tá evoluindo! Você tá começando a fazer pelos seus também! Então, um pouco essa associação que teve.*

*Regina: \_É o que aconteceu comigo e com a minha família. Enquanto eu estava magoada... Com razão, mas é família... Com razão ou sem razão, é família... E enquanto eu estava magoada e decidida a ficar em São Paulo e não ir pra cidade deles, isso não foi bom. Agora fico nem que for uma hora (...). Aí eu convivo mais com eles, aí você começa a entender porque eles agem de determinada maneira, fica mais saudável, sabe como que é? A gente não pode fugir, a gente tem que enfrentar, porque família, é família. É uma coisa que eu tenho experimentado, Fabi. É muito melhor a gente falar do que a gente não falar.*

As falas acima mostram como a escuta em um grupo de finalidade terapêutica pode contribuir para a sensibilização de seus integrantes. As participantes tomam consciência de certas dificuldades em seus vínculos e iniciam um processo de elaboração dessas dificuldades.

*Débora: \_Eu queria dizer que esse movimento que a gente faz, não só com pai e mãe, mas com amigo também... Por exemplo, eu tenho certeza que a contadora deve ter sido rude com a Regina, deve ter aprontado, eu tenho certeza que os pais da Fabi querem o bem dela, mas de vez em quando fazem isso por caminhos tortos... por que eu sou mãe, eu sou filha, eu sei que ser pai ou mãe não significa que a gente vira santo... Esse movimento que a gente faz... de tentar... de perdoar... de tentar ir atrás da pessoa que magoou a gente... (...). Eu acho bacana a gente fazer esse movimento. Mas eu também não perco de vista que o meu pai foi cruel comigo... Ele nunca me bateu... Nunca sofri abuso físico, mas quando eu virei adolescente, ele começou a dizer que não gostava de mim! (...). Agora eu sei que meu pai é inseguro, que meu pai é problemático... (...). O que estou dizendo é assim, eu fiz o movimento de me aproximar várias vezes na minha vida. Mas a gente não pode perder de vista que o meu pai me magoou, que a minha mãe, nessa loucura que ela nutre pelo meu pai, que ele é o homem da vida dela, e que ela sempre botou ele à minha frente, à frente dos meus irmãos... Eu acho que quando os pais da Fabi dizem coisas que magoam, ela tem que saber que eles estão magoando, que não é por que eles são pais, que oh! Estão sempre certos, que oh! Que eles querem o meu bem... Sabe? Não é porque a contadora agora pediu desculpas... Vocês entenderam o que eu falei?*

Todas fazem um movimento de assentir com a cabeça.

*Débora: \_A gente não pode esquecer que a gente magoa o outro, o outro magoa a gente... A gente faz um movimento de perdoar... de se desculpar... Agora... os outros... não são santos!*

*Regina: \_É verdade... A gente tem que respeitar... Respeitar a nós mesmos...*

*Tatiana: \_É!*

*Regina: \_...Não é porque a gente perdoa que a gente tem que dar a nossa cara a tapa n vezes. Que nem a minha contadora. Eu perdoei, mas estou mudando de escritório. Perdão é uma coisa, e outra é você deixar que a pessoa continue te ofendendo. Mas, às vezes, um pequeno gesto, né?*

Para Foulkes (1976), momentos de tensão no grupo podem ter a utilidade de desarticular mecanismos de defesa que até então mantinham o

grupo afastado da realidade. A fala de Débora, nesse sentido, abre caminho para reflexões que conduzem o grupo para respostas mais integradas.

Fabiola: *\_Assim... Tem pequenas coisas que a gente faz que magoam, assim como tem pequenas coisas que a gente faz que fazem uma diferença enorme.*

Tatiana: *\_Verdade. É tudo pequeno, mas que é tudo grande (Risos).*

Débora: *\_Eu tava pensando aqui... Gestos tão pequenos resolvem tantas coisas, né? (...). Agora eu estou me sentindo a mãe da Fabi, porque eu também fico o dia inteiro em casa, e eu odeio isso... Aí a Fabi falou: eu vou deixar... Eu escutei a Débora, que fica o dia inteiro dentro de casa, e não escuto a minha mãe, que fica o dia inteiro dentro de casa, né? Imagina, Fabi! O quanto não foi legal prá essa tua mãe você escutar ela! E esse pequeno gesto de você escutá-la, que ela estava precisando falar, coitada, imagino que ela tava precisando... De repente, não dá muito trabalho pra você entrar pela porta da cozinha e conversar com ela, e você vai ter mais uma aliada, né? Uma pessoa que te entende mais, do que quando você entra pela sala e vai direto pro seu quarto. Que nem eu... Eu de vez em quando brigo com a minha mãe, que ela me diz coisas..., aí eu digo: quer saber? A minha mãe teve uma vida tão sofrida! Tá pior ainda agora. Aí eu ligo prá ela, acaba me fazendo um bem danado... Faz um bem prá ela também... E se a gente realmente supera esses sentimentos mais baixos que a gente tem, né? Essas coisas ruins, que... coitadinha da gente! Que a gente alimenta... A gente passa por isso e faz esses pequenos gestos, a gente só tem a ganhar. Dá vontade de dizer: amanhã, eu só vou fazer o bem! Eu vou escutar a minha mãe... Eu vou ligar pra aquela minha amiga filha de uma égua, que falou não sei o quê de mim... (Risos).*

Tatiana: *\_É, tem momentos e momentos... Tem hora que dá vontade de fazer tudo bom, e tem hora que dá vontade de fazer tudo ruim. Brigar... Quando a gente tá com raiva, é complicado...*

Regina: *\_Então, mas a gente não pode deixar a raiva vencer a gente. Toda vez que a gente deixa a raiva vencer, a gente fica pior.*

Tatiana: *\_É, isso é...*

Regina: *\_Eu falo pela minha própria experiência. Enquanto eu estava com raiva, eu tava sozinha, e eles lá, numa boa. (...) Acho que estou mais amadurecida, amadurecida afetivamente. Mas, na verdade é a gente que tem que mudar. Se a gente não mudar, o outro não muda. Na verdade, quem muda é a gente, entendeu?*

O processo de elaboração da experiência redimensiona a estrutura defensiva, permitindo integrar os aspectos até então projetados e dissociados.

Débora: *\_A Carla falou uma coisa que eu falei pro meu marido quando ele chegou de noite... Foi na nossa primeira entrevista... Nossa, Carla! Me fez tão bem! Eu estava supertriste, eu estava há dias na Internet procurando essa coisa de terapia online, né? Eu fui até no site do Conselho Federal de Psicologia... Aí tem um monte de gente lá, chamado site cadastrado... que o Conselho autoriza a fazer em nível experimental esse tipo de consulta, porque eu estava, assim, muito mal... Imagina! Três filhos pequenos... Morando aqui nos Estados Unidos... Aí eu tinha me desentendido com duas brasileiras que eu tinha conhecido aqui... por que... eu não achava que elas não eram minhas amigas mesmo... (...). Enfim... eu estava péssima... péssima... Aí eu achei essa pesquisa da Carla, aí a gente conversou, fez a primeira entrevista, aí ela disse que não ia dizer nada porque a gente só tinha tido uma conversa... mas que por todo aquele tempo que eu tava falando, ela sentia que eu tava precisando ser amparada (começa a chorar). Aí quando o (marido) chegou, eu*

*falei: bingo! É isso mesmo! Eu me lembrei disso... Isso foi tão bom pra mim! Por que... Os meus pais não me bateram, a minha mãe não foi uma mãe ruim... Mas, a minha mãe... meio que me negligenciou, assim, sabe? Eu sempre me virei sozinha pra ir bem na escola... que eu sempre fui muito bem, porque eu sempre gostei muito de estudar... (...). E eu já fiz muita terapia... eu já fiz psicanálise... Mas ninguém nunca... bem na hora que eu precisava, falou... olha, eu não conheço... Assim... Pensei que a Carla estava dizendo... Ela não disse com essas palavras, evidentemente, mas ela falou: não conheço as suas amigas... não conheço você... não conheço a sua vida... mas pelo seu depoimento, estou vendo que você está se sentindo só, que você precisa ser amparada. E por que que eu pensei isso, Regina? Por que... Você podia até estar numa de encher o saco das pessoas, né? Querendo evangelizar. E a gente pode chatear as pessoas de várias maneiras... O que importa é que botam na cabeça da gente que pai e mãe sempre vão amparar a gente, sempre quando a gente tá errado, e... e isso que eu pensei, assim, às vezes a gente precisa de colo! Os mais fortes... os mais fracos... A gente precisa de colo! A gente não quer que as pessoas falem o que é a verdade!*

Regina: *\_O que a gente precisa aprender é que às vezes tudo o que a gente precisa é ser escutado.*

Mais uma vez, as participantes falam da importância desse espaço de acolhimento e de escuta.

Em seguida, Fabíola relata um episódio de sua infância. Quando tinha sete anos um tio teria dito para ela não andar na bicicleta da prima porque estava muito gordinha.

Débora: *\_Ai! Filho da mãe!*

Entra em cena o terceiro organizador grupal. Segundo Kaës (1997):

As falhas no contrato narcísico e as fraquezas do *pacto denegativo* puseram em prática outras relações grupais e outras relações singulares com o grupo. A ocorrência da história e a distinção entre o tempo grupal e os tempos singulares marcam esse momento organizador (p. 188).

Cada participante fala um pouco sobre episódios que marcaram negativamente na infância. É um movimento que denota a segurança que agora elas encontram para poder revelar e elaborar os seus conflitos.

Na sequência, Débora pergunta à Fabíola se o incômodo com o peso vem de pressão da mãe, ou de modelos da sociedade. Seguem-se comentários sobre a ênfase da mídia em cima de padrões de beleza.

Após a psicóloga avisar do término do horário, Débora diz:

Débora: *\_Tá ficando cada vez melhor os nossos encontros.*

Fabíola: *\_É, hoje foi superprodutivo. Beijo para todas!*

É possível observar a evolução do grupo ao longo da nona sessão. Inicialmente, lidando com a constatação em relação à distribuição do tempo da sessão, explicitam como experiências pessoais podem ser benéficas às demais pessoas do grupo. Reinvestem na coesão grupal através da aceitação das diferenças; e, ao discutirem os problemas vividos, abrem espaço para as ressignificações.

Segundo Kaës (2011), o reconhecimento e a aceitação de diferenças no grupo marca o avanço de um estado *isomórfico* para um estado *homeomórfico*, caracterizado “pela diferenciação entre os espaços individuais e o do grupo, entre o grupo interno e o grupo externo, mas também entre os próprios sujeitos membros do grupo” (p. 130). O funcionamento homeomórfico permite “as relações de complementariedade e antagonismo” (Kaës, 1997, p. 212) e abre caminho para o acesso às versões subjetivas das fantasias produzidas na experiência grupal.



## **Impressões pessoais da pesquisadora**

Farei, neste momento, algumas observações a respeito de minhas impressões e sentimentos ocorridos durante a realização dessa pesquisa.

Na primeira sessão do grupo A, conforme já descrevi nos resultados, a minha própria ansiedade naquele início de experiência me impediu de perceber a angústia que uma das participantes, em especial, enunciava em meios a risos. Essa percepção ocorreu enquanto eu transcrevia a sessão.

Na terceira sessão do mesmo grupo, havendo uma desistência, duas faltas e um atraso, senti-me angustiada diante do tom de apreensão com que a única participante “presente” naquele momento notou essas ausências. Esse teria sido um dos sentimentos contratransferenciais vivenciados por mim, os quais se referem, de acordo com Laplanche e Pontalis (1996), as reações de natureza inconsciente do analista ao paciente e, mais especificamente, à transferência do mesmo, sendo essa uma experiência de grande importância para um trabalho de base analítica.

Nas demais sessões, após reflexões auxiliadas por meu orientador, consegui discernir melhor a ansiedade e outros sentimentos que o próprio grupo experimentava diante das ausências, das faltas, e outras ameaças a sua continuidade, anteriormente descritas, da minha própria ansiedade na condução de um trabalho de tempo limitado.

Outro momento particular de angústia eu experimentei na oitava sessão do grupo A, na ocasião em que uma das participantes fez uma revelação bastante emocionada. Meu desejo naquele momento era o de que não existisse a distância física. A incerteza quanto às possíveis interferências na transmissão da imagem, que podiam dificultar a percepção de um olhar, a impossibilidade concreta de oferecer um lenço, ou qualquer outra atitude não verbal, teria interferido na fomentação desse sentimento.

Enquanto escutava as sessões gravadas, fui me dando conta do quanto minha atenção esteve interceptada pelos problemas tecnológicos que interferiram na qualidade e na continuidade da comunicação em vários momentos, e de forma ainda mais contundente durante as sessões do grupo B, realizado em horário noturno. Havia uma preocupação constante de minha

parte em saber se todas as participantes permaneciam conectadas, visto que muitas vezes as falhas se davam de forma parcial, nem sempre evidente e de maneira intermitente.

Outros sentimentos que experimentei ao longo dessa experiência não foram diferentes daqueles que um terapeuta é capaz de experimentar em um atendimento convencional. Houve investimento afetivo também de minha parte. Senti-me igualmente sensibilizada na última sessão, interrompendo a experiência porque terminava a pesquisa e não porque houve, em algum momento, um comum acordo com as participantes de que seria esse o tempo do processo terapêutico que fora iniciado.



## CONCLUSÕES

A partir da realização desta pesquisa, foi possível concluir que a dinâmica grupal online é capaz de reproduzir muitas das vicissitudes de uma dinâmica grupal presencial, não obstante algumas limitações e diferenciações. Seguem-se alguns dos fatores que nos conduziram a essa conclusão.

O encontro, embora virtual, com uma pluralidade de outros até então desconhecidos entre si suscitou nos dois grupos estudados a mesma ansiedade e os consequentes movimentos regressivos a fases mais primitivas do desenvolvimento psíquico que experimenta todo novo grupo. Utilizando-se de recursos de defesa característicos, ambos se organizaram a partir do *princípio da indiferenciação*, valorizando as semelhanças e evitando as diferenças, na busca por uma coincidência, ainda que momentânea, entre os espaços internos dos sujeitos do grupo e os espaços de grupo. Dessa forma, as sessões iniciais ocorreram sob a influência do primeiro Organizador Grupal cujo princípio é manter a relação de cada participante com um objeto comum.

Esse processo se instala nas primeiras sessões e, em outros momentos, os grupos se esforçam para mantê-la ou para recuperá-la. Isso ocorre de forma mais evidente na sétima sessão do grupo A, quando o mesmo sofre uma alteração em sua configuração a partir da entrada de uma nova integrante. Esse movimento denota que é também a partir de uma tendência isomórfica que os grupos online se originam.

Os grupos enfrentam ainda outras situações de ansiedade características, quando se deparam com os atrasos, com as faltas, com as saídas e com os silêncios. As instabilidades no funcionamento do instrumento de comunicação, interferindo na dinâmica dos grupos em vários momentos, são adicionadas a essa lista, exacerbando os sentimentos persecutórios habitualmente enfrentados pelos grupos.

Foi possível perceber, no entanto, que as tensões e ansiedades deflagradas diante desses problemas foram se atenuando ao longo das sessões. Nossa hipótese é que o alcance da representação psíquica de um corpo integrado, gerando um sentimento de vínculo, contribuiu para essa tranquilização.

Fenômenos transferenciais foram observados, dentre esses a identificação do grupo à imago materna. Esse resultado, a propósito, quebra a premissa da disposição física circular das terapêuticas grupais até então considerada como uma condição necessária para a evocação dessa representação psíquica no grupo.

Não obstante as faltas, os atrasos e a saída de pessoas (grupo A), foi possível observar a evolução dos dois grupos ao longo das sessões. Inicialmente, através do mútuo reconhecimento, transformando os problemas pessoais em problemas do grupo, pela instauração e fortalecimento dos vínculos, pela aceitação das diferenças e pela abertura de um espaço para a ressignificação dos problemas vividos, conforme ilustram as sessões 8 e 9 de ambos os grupos.

As condições de adesão ou não ao grupo online também não se mostraram distintas das possibilidades de um grupo presencial. Sentimentos de singularidade no grupo, diferenças de idade e de vivências das participantes, bem como a motivação da pessoa para estar em terapia, pareceram interferir da mesma forma nessa questão. A comodidade de estar na própria casa não mostrou fazer diferença nesse aspecto.

Dentre as diferenciações, ressaltam-se as peculiaridades no que diz respeito à preparação e preservação do *setting*. Terapeutas e pacientes tornam-se corresponsáveis na preparação e na manutenção do ambiente terapêutico. Cada um dos envolvidos deve providenciar para que seus equipamentos (computador e demais acessórios) estejam em boas condições de funcionamento, bem como cuidar para que o local físico onde estejam alocados com os seus computadores esteja resguardado da presença de terceiros. Evidentemente, cabe ao terapeuta assumir a função adicional de instruir o seu paciente quanto à importância do sigilo e sobre as providências que deverá tomar para garanti-lo.

Notamos que desde o início a comunicação ocorreu de forma horizontalizada, isto é, de participante para participante, ou de participante para o grupo. Isso é incomum de acontecer nas primeiras sessões grupais presenciais. Na modalidade presencial, a partir do mesmo convite à associação livre, as primeiras comunicações costumam acontecer de forma vertical, ou seja, direcionadas ao terapeuta, e após consideráveis períodos de silêncio.

Levantamos a hipótese de que a experiência online acentua a necessidade inicial de tornar conhecido o desconhecido, de obter dados concretos e objetivos a respeito da existência do outro. É preciso levar em conta, entretanto, que se trata de uma prática de características inéditas no país, sequer regulamentada para outro fim que não o de pesquisa, realizada dentro de um contexto social que ainda levanta dúvidas quanto aos possíveis efeitos nocivos das novas tecnologias sobre as relações humanas. Tudo isso podendo exacerbar esses estados iniciais de insegurança.

Outra importante diferença em relação aos atendimentos presenciais recai sobre a vulnerabilidade do instrumento de comunicação. Ainda que desenvolvimentos nesta área venham oferecendo uma Internet cada vez mais estável, o risco, mínimo que seja, de uma queda de energia, por exemplo, continuará existindo. A perda abrupta da comunicação, como vimos, pode significar um fator particular de angústia, em especial nos primeiros estágios da relação, enquanto não houver instaurado o vínculo.

Essa e outras limitações da corporeidade na comunicação online apontam para a necessidade de adaptações nas questões de manejo. Isso inclui considerar desde a impossibilidade concreta que terá o terapeuta de oferecer um lenço ao paciente que chora.

No entanto, a despeito dessas dificuldades, a instauração de um espaço, virtual, mas de aceitação e de escuta, configurou o amparo necessário para que as participantes pudessem se sensibilizar e expor os seus sentimentos, dificuldades e conflitos, mostrando que é possível prescindir da proximidade física para a realização de um trabalho grupal de finalidade terapêutica. O espaço de grupo independe dos limites geográficos. Por isso consideramos um dispositivo pertinente para a nossa realidade pós-moderna, considerando a intensidade de movimentos migratórios característicos da sociedade atual.

Ressalta-se que a tarefa de conduzir um grupo de finalidade terapêutica, seja presencialmente ou no modo online, requer uma formação teórico-técnica específica. Fazer grupo não é somar indivíduos.

Por fim, esta tese introduz a questão do grupo terapêutico à distância, mas deixa em aberto algumas interrogações que poderão constituir motivo de pesquisas ulteriores. Reconhecendo o potencial terapêutico dos grupos online, indica-se a necessidade de novos estudos que contemplem o aprimoramento

do funcionamento dos sistemas de comunicação à distância, os diferentes tipos de grupo (homogêneos, heterogêneos, abertos, semiabertos, fechados, artificiais e naturais), bem como uma exploração acerca dos efeitos do encontro online de diferentes culturas, e a possibilidade de experimentar, em terapia, como pensam os sujeitos em outros países, outros povos; entre outras possibilidades que a nova ferramenta puder propiciar.





## REFERÊNCIAS

- Abreu, C.N.; Karam, R.G.; Góes, D.S.; Spritzer, D.T. (2008). Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão [Versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 30 (2), 156-167.
- American Psychological Association (1997). *APA statement on services by telephone, teleconferencing, and Internet*. Recuperado em 02 de fev. 2010, de < <http://www.apa.org/ethics/education/telephone-statement.aspx> >.
- Anzieu, D.; Martin, J. (1971). *La dinámica de los grupos pequeños*. Buenos Aires: Kapelusz.
- Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal*. (A. Fuks e H. Gurovitz, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aristóteles (2010). *Ética e nicômano* (De P. Nasseti, Trad.). São Paulo: Martin Claret.
- Asch, S.S. (1991). The influencing machine and the mad scientist. The influence of contemporary culture on the evolution of a basic delusion. *The International Journal of Psychoanalysis*, 18, 185-193.
- Ávila, A.L. (2007). Grupos: a perspectiva psicanalítica [Versão eletrônica]. *Vínculo*, 4(4), 18-26.
- Bach, G.R. (1958). *Psicoterapia intensiva de grupo* (D. A. Ricardo, Trad.). Buenos Aires: Paidós.
- Baños, R.; Botella, C.; Perpiña, C. (1998). Psicopatología y realidad virtual. *Revista de Psicopatología y Psicología clínica*, 3, 161-177.
- Barak, A. (1999). Psychological applications on the Internet: a discipline on the threshold of a new millennium [Versão eletrônica]. *Applied & Preventive Psychology*, 8, 231-245.
- Barak, A.; Wander-Schwartz, M. (1999). *Empirical evaluation of brief group therapy through an internet chat room*. Recuperado em 03 de maio, 2010, de <http://construct.haifa.ac.il/~azt/cherapy.htm>.
- Barak, A.; Hen, L.; Boniel-Nissim; Shapira, N. (2008). A comprehensive review and a meta-analysis of the effectiveness of internet-based psychotherapeutic interventions [Versão eletrônica]. *Journal of Technology in Human Services*, 26(2/4), 109-159.
- Barnett, J.; Scheetz, K. (2003). Technological advances and telehealth: ethics, law, and the practice of psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 40 (2), 86-93.

- Baudrillard, J. (1997). *Tela total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem* (J.M. Silva, Trad.). Porto Alegre: Sulina.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade das relações humanas* (M. Penchel, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bechelli, L.P.C.; Santos, M.A. (2002). Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 10(3), 383-391.
- Bechelli, L.P.C.; Santos, M.A. (2005). O paciente na psicoterapia de grupo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(1), 118-25.
- Bechelli, L.P.C.; Santos, M.A. (2006). Transferência e psicoterapia de grupo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(1), 110-117.
- Bettini, R.V. (2002). *Vínculos pela Internet: Um estudo psicológico*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Bion, W.R. (1975). *Experiências com grupos: os fundamentos das psicoterapias de grupo* (W.I. de Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R. (1991). *O aprender com a experiência*. (P.D. Corrêa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1962).
- Birman, J. (1997). Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível. In Birman, J. (Org.), *Estilo e modernidade em psicanálise* (pp. 221-233). São Paulo: Editora 34.
- Bleger, J. (2003). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. (R.M.M. de Moraes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes.
- Brofman, G. (2008). Psicoterapia psicodinâmica de grupo. In A. V. Cordioli (Org.). *Psicoterapias: abordagens atuais* (pp. 299–316). Porto Alegre: Artmed.
- Brottman, M. (2012). Where of one cannot speak: conducting psychoanalysis online. *Psychoanalytic Review*, 99(1), 20-34.
- Carlino, R. (2010). *Psicoanálisis a distancia*. Buenos Aires: Lumen.
- Conselho Federal de Psicologia (1995). *Resolução CFP nº 002/95 de 20 de fevereiro de 1995 - Dispõe sobre prestação de serviços psicológicos por telefone*. Recuperado em 20 de nov. 2012, de < [site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1995/02/resolucao1995\\_2.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1995/02/resolucao1995_2.pdf) >.

Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução CFP nº 003/2000 de 25 de setembro de 2000* - Regulamenta o atendimento psicoterapêutico mediado por computador. Recuperado em 13 de março 2009, de < <http://www.pol.br/legislacao/pdf/resolucao/003-00.pdf> >.

Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução CFP nº 006/2000 de 16 de dezembro de 2000* - Institui a comissão nacional de credenciamento e fiscalização dos serviços de psicologia pela internet. Recuperado em 13 de março 2009, de < <http://www.pol.br/legislacao/pdf/resolucao/006-00.pdf> >.

Conselho Federal de Psicologia (2005a). *Resolução CFP nº 010/05 de 27 de agosto de 2005* - Aprova o código e ética profissional do psicólogo. Recuperado em 13 de março 2009, de < [http://www.pol.org.br/pol/export/sites/Default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo\\_etica.pdf](http://www.pol.org.br/pol/export/sites/Default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo_etica.pdf) >.

Conselho Federal de Psicologia (2005b). *Resolução CFP nº 012/2005 de 18 de agosto de 2005* - Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP nº 003/2000. Recuperado em 13 de março 2009, de < <http://www.pol.br/legislacao/pdf/resolucao/2005-12.pdf> >.

Conselho Federal de Psicologia (2012). *Resolução CFP nº 011/2012 de 25 de junho de 2012* - Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios eletrônicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP nº 12/2005. Recuperado em 29 de julho de 2012, de < [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Resoluxo\\_CFP\\_nx\\_011-12.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Resoluxo_CFP_nx_011-12.pdf) >.

Cook, J.E.; Doyle, C. (2002). Working alliance in online therapy as compared to face-to-face therapy: preliminary results [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 5(2): 95-105.

Dias, A.C.G.; Teixeira, M.A.P. (2008). Auto-revelação na internet: Um estudo com estudantes universitários [Versão eletrônica]. *Aletheia*, 27(1), 23-35.

Donnamaria, C.P. (2008). Do vínculo virtual ao conjugal: um estudo psicológico. 2008. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Donnamaria, C.P. (2009). Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na Internet. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 75-86.

Eidelwein, K.; Maraschin, C. (2003). O operar de um coletivo na web. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(4), 48-55.

Esparcia, A.J. (2002). La psicología de internet y la psicología en internet. Regulación deontológica y ética de la intervención psicológica a través de internet [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 8(12), 11-23.

Esparza, D.P. (2008). Asesoramiento psicológico en Internet: valoración crítica. *Interpsiquis*, 1. Recuperado em 28 de jan. 2010, de < [http://www.psiquiatria.com/articulos/psiq\\_general\\_y\\_otras\\_areas/internet/34406](http://www.psiquiatria.com/articulos/psiq_general_y_otras_areas/internet/34406) >.

Farah, R. M. (2004). NPPI – Núcleo de Pesquisas em Psicologia e Informática: Serviço de Informática da Clínica-Escola Ana Maria Poppovic. In R. M. Farah (Org.). *Psicologia e Informática: O ser humano diante das novas tecnologias* (pp. 19-23). São Paulo: Oficina do Livro.

Farah, R.M. (2011). As diversas formas da psicologia: a psicoterapia online. In Seminário serviços psicológicos on-line. Recuperado em 22 de nov. 2011, de < <http://www.site.cfp.org.br> >.

Fenichel, M.; Suler, J.; Barak, A.; Zelvin, E.; Jones, G.; Munro, K.; Meunier, V.; Walker-Schmucker, W. (2002). Myths and realities of online clinical work [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 5(5): 481-497.

Ferenczi, S. (1988). Fenômenos de materialização histórica (pp. 131-143). *Escritos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Taurus.

Finkelievich, S. (1998). *Amores virtuales*. Recuperado em 18 de set. 2007, de < <http://www.etcetera.com.mx/1998/273/FS0273.HTM>>.

Fischkin, R.; Fishkin, L.; Leli, U.; Katz, B.; Snyder, E. (2011). Psychodynamic treatment, training, and supervision using internet-based technologies. *The Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 39, 155-168.

Fortim, I. (2011). Discutindo as dimensões do atendimento psicológico a distância: os desafios para a implementação dos serviços a distância. In *Psicologia On Line – CRP/SP*. Recuperado em 07 de out. 2011, de < <http://crpsp.org.br/portal/comunicacao/videos.aspx> >.

Fortim, I.; Cosentino, L. A. M. (2007). Serviço de orientação via e-mail: Novas considerações [Versão eletrônica]. *Psicologia: ciência e profissão*, 27(1), 164-175.

Foulkes, S.H.; Anthony, E. (1967). *Psicoterapia de grupo: a abordagem psicanalítica* (R. Pontual, Trad.). Rio de Janeiro: Pup.

Foulkes, S.H.; Kadis, A.L.; Krasner, J.; Winick, C. (1976). *Psicoterapia de grupo* (A. Arruda, Trad.). São Paulo: IBRASA.

Freud, S. (1988). As resistências à psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad. Vol. 19, pp. 239-250). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). A psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad. Vol. 17, pp. 81-145). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1921).

Furtado, D. (2001). *Acerca de um intento de psicoanálisis via e-mail*. Recuperado em 21 de julho, 2010, de < <http://www.psicologia-online.com/ciopa2001/actividades/29/index.html> >.

Germain, V.; Marchand, A.; Bouchard, S.; Guay, S.; Droin, M. (2010). Assessment of the therapeutic alliance in face-to-face or videoconference treatment for posttraumatic stress disorder [Versão eletrônica]. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 13(1), 29 – 35.

Gilat, I.; Shahar, G. (2009). Suicide prevention by online support group: an action theory-based model of emotional first aid [Versão eletrônica]. *Archives of Suicide Research*, 13(1), 52-63.

Gilliéron, E. (2004). *A primeira entrevista em psicoterapia*. (M.S. Gonçalves, Trad.). São Paulo: Edições Loyola.

Guillén, P.O.; Risco, C.R.; Lavieri, E.I., et. al. (2001). Historia de la ciberterapia [Versão eletrônica]. *Interpsiquis*, 2.

Hall, P. (2004). Online psychosexual therapy: a summary of pilot study findings. *Sexual and Relationship Therapy*, 19, 167-178.

Hanley, T. (2009). The working alliance in online therapy with young people: preliminary findings [Versão eletrônica]. *British Journal of Guidance & Counseling*, 37 (3), 257-269.

Haug, S.; Sedway, J.; Kordy, H. (2008). Group process and process evaluations in a new treatment setting: inpatient groups psychotherapy followed by internet-chat aftercare groups [Versão eletrônica]. *International journal of group psychotherapy*, 58(1), 35-53.

Holmes, J.; Mach S.; Spence, S. (2009). Use of the Internet in the treatment of anxiety disorders with children and adolescents. *Counselling, Psychotherapy, and health*, 5 (1), 187-231.

Houaiss. *Dicionário da língua portuguesa*. Recuperado em jun 2011, de < <http://houaiss.uol.com.br> >.

IDGNow – Site de notícias sobre novas tecnologias. Recuperado em 20 de maio de 2012, de < <http://idgnow.uol.com.br/internet/2012/04/10/numero-de-internautas-no-brasil-chega-a-quase-80-milhoes> >.

International Society for Mental Health Online (2000). *Suggested principles for the online provisions of mental health services*. Recuperado em 10 de março 2009, de < <http://www.ismho.org/suggestions.asp> >.

Jarne, A. (2001). Hacia un código deontológico de la intervención psicológica a través de Internet [Versão eletrônica]. *Anuario de Psicología*, 32 (2), 117-126.

Jedlicka, D.; Jennings, G. (2001). Marital therapy on the internet. *Journal of Technology in Counseling*, 2, 1-15.

Justiça, P.O. (2005). *A ausência do corpo na comunicação online*. Recuperado em 27 de julho de 2008, de <  
<http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=220>>.

Kaës, R. (2000). *El aparato psíquico grupal*. Barcelona: Gedisa.

Kaës, R. (1997) *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo* (J. Souza e M. Werneck, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (2004). *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada* (C. Berliner, Trad.). Aparecida, SP: Ideias e Letras.

Kaës, R. (2005). *La palabra y el vínculo: procesos asociativos en los grupos*. Madrid: Amorrortu editores.

Kaës, R.(2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo* (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Loyola.

Kaplan, E.H. (2000). Rejection of the visual in telepsychotherapy [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 3 (6), 981-987.

King, S.A.; Moreggi, D. (1998). Internet therapy and self help groups – the pros and cons. In J. Gackenbach (Ed.). *Psychology and the Internet: intrapessoal, interpersonal and transpersonal implications* (pp. 77-109). San Diego, CA: Academic Press.

Knaevelsrud, C.; Maercker, A. (2007). Internet-based treatment for PTSD reduces distress and facilitates the development of a strong therapeutic alliance: a randomized controlled clinical trial [Versão eletrônica]. *BMC Psychiatry*, 7(13), 1-10.

Kopel, H.; Nunn, K.; Dossetor, D. (2001). Evaluating satisfaction with a child and adolescent psychological telemedicine outreach service. *Journal of telemedicine and telecare*, 7(2), 35-40.

Laplanche, J.; Pontalis, J.B. (1996). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Leal, M.R. (1997). *A grupanálise: um processo dinâmico de aprendizagem*. Lisboa: Margens.

Leibert, T.; Archer Jr., J.; Munson, J.; York, G. (2006). An exploratory study of client perceptions of internet counseling and the therapeutic alliance [Versão eletrônica]. *Journal of mental health Counseling*, 28, 69-83.

Lévy, P. (2005). *Cibercultura* (C.I. da Costa, Trad.). São Paulo: Editora 34.

Leroux, Y. (2008). Psychothérapies en ligne: histoire, questions éthiques, processus [Versão eletrônica]. *Psychothérapies*, 28 (3), 211-221.

Lieberman, M.A; Winzelberg, A; Golant, M; Wakahiro, M.; DiMinndo, M; Aminoff, M; Christine, C. (2005). Online support groups for parkinson's patients: a pilot study of effectiveness [Versão eletrônica]. *Social work in health care*, 42 (2), 23-38.

Ludmer, M. (2008). La terapia psicoanalítica y su entrecruzamiento con las tecnologías de la comunicación. In Rojas, M.C. *Perspectivas vinculares en psicoanálisis: las prácticas y sus problemáticas*. (pp. 601-607). Buenos Aires: Asoc. Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo.

Marcondes Filho, C. (2001). Haverá vida após a internet? *FAMECOS*, 16, 35-45.

Marot, R.S.V.; Ferreira, M.C. (2008). Atitudes sobre a aprovação da psicoterapia online na perspectiva da teoria da ação racional [Versão eletrônica]. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(2), 317-324.

Marta, R. (2005). O silêncio na comunicação ou a comunicação pelo silêncio: o silêncio na psicanálise. *Psilógos*, 2(2), 22-32.

McKenna, K.Y.A.; Green, A.S. (2002). Virtual group dynamics. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 6(1), 116-127.

Muriel, J.G.V. (2012). Reflexión sobre cómo los psicólogos perciben las intervenciones psicológicas online. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte*, 35, 346-364.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(2), 66-75.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2006). Internet: uma nova plataforma de vida. In Nicolaci-da-Costa (Org.). *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação* (pp. 19-47). São Paulo: Loyola.

Nicolaci-da-Costa, A.M.; Romão-Dias, D.; Di Luccio, F.(2009). Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS) [Versão eletrônica]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 36-43.

Nogueira, A.G. (1998). ...E a coruja voou para a Internet. *REAd*, 4(1), 1-16.

Oliveira, G.P.; Orlandi, M.A.B.; Donnamaria, C.P.; Zago, M.C.; Vicentin, A.; Terzis, A. (2011). Reflexões sobre o 'grupo como um sonho' e a teoria winnicottiana. *Vínculo*, 8(2), 16-22.

Omodei, M.; McLennan, J. (1998). The more I see you? Face-to-face, video and telephone counseling compared. A programme of research investigating the emerging technology of videophone for counseling. *Australian Journal of Psychology*, 50, 109-116.

Osório, L.C. (2007). *Grupoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed.

Otero, C.; Fuks, B. (2012). A Internet e a reinvenção de si. *Polêmica*, 11(2), 193-211.

Pachuk, C. (2008). Vínculo y grupo: Curarse con los otros. II Congreso de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares: 57-64. Buenos Aires: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo.

Pachuk, C.; Zadunaisky, A. (2010). El consultorio virtual: psicoterapias on line. In Pachuk, C. *Psicoanálisis vincular: curarse con otros*. Buenos Aires: Lugar Editorial, pp. 220-230.

Pinhatti, M.M.; Pieta, M.A.M. (2011). *Terapia pela Internet: limites e possibilidades na percepção de psicoterapeutas*. Recuperado em 14 de junho de 2012, de <http://hdl.handle.net/10183/47922>.

Pisani, R.A. (2005). *Elementos de análise de grupo: o grupo pequeno e médio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Prado, O.Z.; Meyer, S.B. (2006). Avaliação da relação terapêutica na terapia assíncrona via internet [Versão eletrônica]. In *Psicologia em Estudo*, Maringá, 11 (2), pp 247-257.

Ragusea, A.S.; Vandecreek, L. (2003). Suggestions for the ethical practice of online psychotherapy. *Psychotherapy: Theory, research, practice, training*, 40 (1/2), 94-102. Recuperado em 28 de março 2009, de < <http://www.danserandkudsen.com/html/ethics.pdf> >.

Ribeiro, J.P. (1981). *Psicoterapia grupo-analítica: abordagem fouldkiana*. Petrópolis: Vozes.

Rochlen, A.; Zack, J.S.; Speyer, C. (2004). Online therapy: review of relevant definitions, debates, and current empirical support [Versão eletrônica]. *Journal of clinical psychology*, 60(3), 269-283.

Romão-Dias, D. ; Nicolaci-da-Costa, A.M. (2012). O brincar e a realidade virtual. *Cad. Psicanálise*, 34(26), 85-101.



Sarmiento, C.M. (2006). Os doze preconceitos mais frequentes dos analisandos em relação ao tratamento grupal analítico [Versão eletrônica]. In *Revista da SPAGESP*, 7(1), 8-16.

Scharff, J. S. (2012). Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. *The International Journal of Psychoanalysis*, 93, 81-95.

Shaw, H.; Shaw, S. (2006). Critical ethical issues in online counseling: assessing current practices with an ethical intent checklist [Versão eletrônica]. *Journal of counseling & development*, 84(1), 41-53.

Simpson, S. (2009). Psychotherapy via videoconferencing: a review [Versão eletrônica]. *British Journal of Guidance & Counselling*, 37 (3), 271-286.

Simpson, S.; Bell, L.; Britton, P.; Mitchell, D.; Johnston, A.L.; Bredner, J.; Morrow, E. (2006). Does video therapy work? A single case series of bulimic disorders [Versão eletrônica]. *European Eating Disorders Review*, 14(4), 226-241.

Soto-Pérez, F; Franco, M.; Monardes, C.; Jiménez, F. (2010). Internet y psicología clínica: revisión de las ciberterapias. *Revista de psicopatología y psicología clínica*, 15(1), 19-37.

Souza, L.V.; Scorsolini-Comin, F. (2011). A ausência dos participantes na grupoterapia e seus efeitos na dinâmica grupal [Versão eletrônica]. In *Revista da SPAGESP*, 12(1), 22-31.

Suler, J. (2001a). Assessing a person's suitability for online therapy: the ISMHO clinical case study group [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 6, 675-679.

Suler, J. (2001b). The online clinical case study group: an e-mail model [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 4, 711-722.

Suler, J. (2002). Myths and realities of online clinical work [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 5 (5), 481-497.

Suler, J. (2004). The online disinhibition effect [Versão eletrônica]. *CyberPsychology & Behavior*, 7 (3), 321-326.

Tantam, D. (2006). Opportunities and risks in e-therapy [Versão eletrônica]. *Advances in psychiatric treatment*, 12, 368-374.

Tate, D.F.; Jackvony, E.H.; Wing, R.R. (2006). A randomized trial comparing human e-mail counseling, computer-automated tailored counseling, and no counseling in an Internet weight loss program. *Archives of internal medicine*, 166, 1620-1625.

Titov, N.; Gibson, M.; Andrews, G.; McEvoy, P. (2009). Internet treatment for social phobia reduces comorbidity. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 43, 754-75.

Turato, E.R. (2003). *Tratado da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.

Turato, E.R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, 39(3), 507-14.

Turkle, S. (1997). *A vida no ecrã: identidade na era da Internet*. Lisboa: Relógio D'água.

Turkle, S. (1999, Dezembro). Fronteiras do real e do virtual. Entrevistador: Federico Casalegno. *FAMECOS*, Porto Alegre, 11, 117-123.

Vieira, E. (2003). *Os bastidores da Internet no Brasil*. São Paulo: Manole.

Weinberg, H. (2001). Group process and group phenomena on the Internet [Versão eletrônica]. *International Journal of Group Psychotherapy*, 51(3), 361-378.

Weizenbaum, J. (1966). ELIZA a computer program for the study of natural language communication between man and machine. *Communications of the ACM*, 9, 35-36.

Wittson, C.L.; Affleck, D.C.; Johnson, V. (1961). Two-way television group therapy. *Mental Hospital*, 12, 22-23.

Winnicott, D. (1954). Retraimento e regressão. In *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Yalom, D.; Leszcz, M. (2006). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática* (C.R. Costa, Trad.). Porto Alegre, Artmed.

Zimerman, D.E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D.E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D.E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Porto Alegre: Artmed.

Zur, O. (2007). Telehealth and the technology for delivering care. In Zur, O. *Boundaries in Psychotherapy: ethical and clinical explorations*. American Psychological Association: Washington, CD, US, pp.133-146.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Campinas, 17 de dezembro de 2010

Protocolo 920/10

Prezada Senhora Carla Pontes Donnamaria,

C/C: Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Psicologia

**Parecer Projeto:** PROJETO APROVADO

### I – Identificação:

**Título do Projeto:** Experiências de Grupo na Internet: uma Investigação Psicanalítica

**Pesquisadora responsável:** Carla Pontes Donnamaria

**Orientador:** Antonio Terzis

**Instituição onde se realizará:** Pontifícia Universidade Católica de Campinas - SP

**Data de apresentação das reformulações solicitadas pelo CEP:** 17.11.2010

### II – Objetivo:

Verificar se o grupo pode ser sensibilizado de seus processos psíquicos inconscientes através da comunicação por Internet.

### III – Sumário:

O projeto irá pesquisar cinco participantes, adultos com conhecimento prévio no uso do computador e das ferramentas de comunicação a distância. Ao grupo formado via Internet serão aplicadas as regras fundamentais características do método psicanalítico de grupos.

### IV – 2º Parecer do CEP:

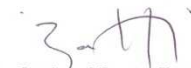
Dessa forma, e considerando a Resolução no. 196/96 item VII.13.b, que **define as atribuições dos CEPs e classifica os pareceres emitidos aos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos**, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 196/96, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores" (VII.13.d). Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP-PUC-Campinas o relatório final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

### V - Data da Aprovação: 17/12/10

Sendo só o que nos cumpre informar, aproveitamos da oportunidade para renovar votos de estima e consideração.

Atenciosamente.

  
Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti  
Presidente do C.E.P.S.H.P  
PUC-Campinas

## APÊNDICE B

### **CONVITE PARA UMA EXPERIÊNCIA DE TERAPIA ONLINE:**

Pesquisadora convida voluntários para uma experiência de atendimento psicológico online.

Trata-se de uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, que visa caracterizar o atendimento psicológico a distância que, neste caso, será realizado em grupo.

Poderão participar até cinco voluntários (com idade acima de 18 anos), desconhecidos entre si, que tenham acesso à Internet a partir de seus computadores pessoais, com a utilização de microfone e webcam, para o acesso à experiência que será realizada em grupo em tempo real (em data e horário a serem combinados em entrevista online individual).

Esta experiência não visa fins psicoterapêuticos, mas poderá contribuir em autoconhecimento.

Todos os interessados participarão de uma entrevista online individual, onde poderão também esclarecer eventuais dúvidas.

A participação nesta pesquisa dispensa a necessidade de instalação de quaisquer programas de comunicação à distância. A pesquisadora encaminhará, por e-mail, um link de acesso, protegido por senha, através do qual somente os participantes confirmados poderão ter acesso à sala virtual reservada à experiência.

Quando da publicação dos resultados desta pesquisa, será mantido o sigilo sobre a identidade dos voluntários e evitados os indícios que possam identificá-los.

Esta pesquisa segue os preceitos estabelecidos na Resolução 012/2005 do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta a prática do atendimento psicológico online com restrições, visto a falta de estudos científicos suficientes acerca dos riscos e benefícios envolvidos nessa prática, e tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob protocolo número 920/10.

Essas informações também podem ser consultadas no site: [www.atendimentopsionline.com.br](http://www.atendimentopsionline.com.br), aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, sob protocolo 514.

Interessados podem entrar em contato com a pesquisadora, a fim de agendar entrevista ou esclarecer dúvidas, através do e-mail: [carlapd@uol.com.br](mailto:carlapd@uol.com.br); do Cel. (19) 9705.0535, ou pelo Telefone: (19) 3201.6045.

O início da experiência está previsto para o mês de abril de 2011.

## APÊNDICE C

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Essa pesquisa, intitulada **Experiências de Grupo na Internet: Uma investigação psicanalítica**, está sendo desenvolvida pela Psicóloga Carla Pontes Donnamaria, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

O objetivo geral deste estudo é verificar os efeitos da virtualidade sobre o atendimento psicológico de grupo realizado via Internet. Os objetivos específicos são: analisar a evolução do grupo mediado pela Internet; alcançar uma compreensão, da perspectiva da psicanálise dos grupos, a respeito das associações assim produzidas e dos processos psíquicos que as organizam, bem como supor possíveis intervenções no contexto da virtualidade.

O grupo terá início com a participação de ao menos três e de no máximo cinco voluntários.

É necessário que o participante possua seu próprio computador com conexão à Internet, fones de ouvido, microfone e *webcam*, e que possa dispor de um ambiente reservado da presença de terceiros.

A pesquisadora fornecerá, via e-mail, um link através do qual o participante terá acesso à sala virtual, onde o grupo, então, se comunicará em tempo real, através dos recursos de vídeo e voz, pelo período ininterrupto de uma hora e meia, sempre às (dia da semana), das \_\_\_\_\_ às \_\_\_\_\_hs, pelo período de seis meses.

A pesquisadora realizará entrevista prévia individual com todos os participantes, e somente os participantes selecionados receberão o link de acesso, que estará protegido por senha que será trocada a cada semana.

Visando ainda o sigilo e a segurança no acesso ao grupo, ao clicar sobre o link fornecido pela pesquisadora, o participante encontrará um quadro onde deverá digitar seu nome ou apelido, conforme combinado na entrevista individual, para que a pesquisadora possa, então, autorizar e confirmar o seu acesso à sala virtual reservada ao grupo.

O áudio das sessões será gravado com o fim de garantir a fidedignidade do material que será transcrito e analisado com a preservação do sigilo quanto aos dados de identificação dos participantes, cujos nomes ou apelidos serão substituídos por nomes fictícios. O material gravado será apagado ao fim da transcrição.

O participante também deve se comprometer com as condições de sigilo, não divulgando o conteúdo das sessões de grupo em nenhuma forma.

A pesquisadora se compromete a seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança do sistema, incluindo o uso de aplicativos de proteção do computador (anti-vírus, antispam e *firewall*), o que é também requerido ao participante.

O participante será imediatamente informado caso ocorra qualquer violação de segurança que comprometa a confidencialidade dos dados.

Considerando eventuais quedas de energia ou na qualidade da conexão, que venham interromper ou comprometer a comunicação, o participante poderá retornar ao grupo assim que restabelecidas as condições para o acesso, ou normalmente na sessão seguinte, caso a dificuldade com conexão ultrapasse o horário reservado ao grupo.

Esta pesquisa não antecipa riscos aos seus participantes, uma vez que o atendimento psicológico de grupo aqui proposto não visa fins psicoterapêuticos, mas que poderá contribuir em aspectos vitais não necessariamente de natureza clínica ou psicopatológica; em função dos cuidados quanto ao sigilo e à proteção do sistema, descritos acima, e em função do compromisso da pesquisadora com a ética.

O participante poderá recusar-se a participar do estudo ou solicitar a retirada de seu consentimento a qualquer momento ao longo da experiência, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo.

A seguir, é reproduzido o texto integral da Resolução 012/2005 do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta a prática do atendimento psicológico mediado pelo computador, tendo em vista tratar-se de uma prática cujos resultados não foram ainda suficientemente comprovados pela ciência.

#### **RESOLUÇÃO CFP N° 012/2005<sup>1</sup>:**

Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N° 003/2000.

O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais,

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo é dever do psicólogo prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimento e técnicas reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional;

CONSIDERANDO que, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da

---

<sup>1</sup> Recuperado de: [http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2005\\_12.pdf](http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2005_12.pdf)

confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional;

CONSIDERANDO o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo sobre a realização de estudos e pesquisas no âmbito da Psicologia;

CONSIDERANDO o princípio fundamental do Código de Ética Profissional do Psicólogo que determina que o psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática;

CONSIDERANDO as Resoluções do CFP nº. 10/97 e 11/97 que dispõem, respectivamente, sobre critérios para divulgação, publicidade e exercício profissional do psicólogo, associados a práticas que não estejam de acordo com os critérios científicos estabelecidos no campo da Psicologia e sobre a realização de pesquisas com métodos e técnicas não reconhecidas pela Psicologia;

CONSIDERANDO que os efeitos do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador ainda não são suficientemente conhecidos nem comprovados cientificamente e podem trazer riscos aos usuários;

CONSIDERANDO o encaminhamento do V CNP – Congresso Nacional da Psicologia – de que o Sistema Conselhos de Psicologia deve continuar e aprimorar a validação de sites que possam prestar serviços psicológicos pela internet, de acordo com a legislação vigente, ainda que em nível de pesquisa;

CONSIDERANDO a importância de atestar para a sociedade os serviços psicológicos que possuam respaldo técnico e ético;

CONSIDERANDO a decisão deste Plenário em 13 de agosto de 2005;

RESOLVE:

## CAPÍTULO I - DO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO

Art. 1o. O atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado em caráter experimental, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

I -Faça parte de projeto de pesquisa conforme critérios dispostos na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la, e resoluções específicas do Conselho Federal de Psicologia para pesquisas com seres humanos em Psicologia;

II - Respeite o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

III -O psicólogo que esteja desenvolvendo pesquisa em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador tenha protocolo de pesquisa aprovado por Comitê de Ética em pesquisa reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme resolução CNS 196/96 ou legislação que venha a substituí-la;



IV - O psicólogo pesquisador não receba, a qualquer título, honorários da população pesquisada; sendo também vedada qualquer forma de remuneração do usuário pesquisado;

V - O usuário atendido na pesquisa dê seu consentimento e declare expressamente, em formulário em que conste o texto integral desta Resolução, ter conhecimento do caráter experimental do atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, e dos riscos relativos à privacidade das comunicações inerentes ao meio utilizado;

VI - Esteja garantido que o usuário possa a qualquer momento desistir de participar da pesquisa, retirando a autorização, impedindo que seus dados até então recolhidos sejam utilizados na pesquisa;

VII - Quando da publicação de resultados de pesquisa, seja mantido o sigilo sobre a identidade do usuário e evitados indícios que possam identificá-lo;

VIII - O psicólogo pesquisador se compromete a seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia reconhecidas internacionalmente;

IX - O psicólogo pesquisador deverá informar imediatamente a todos os usuários envolvidos na pesquisa, toda e qualquer violação de segurança que comprometa a confidencialidade dos dados.

Art. 2o. O reconhecimento da validade dos resultados das pesquisas em atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador depende da ampla divulgação dos resultados e reconhecimento da comunidade científica e não apenas da conclusão de pesquisas isoladas.

Art. 3o. Os psicólogos, ao se manifestarem sobre o atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador, em pronunciamentos públicos de qualquer tipo, nos meios de comunicação de massa ou na Internet, devem explicitar a natureza experimental desse tipo de prática, e que como tal, não pode haver cobrança de honorários.

Art. 4o. As disposições constantes na presente Resolução são válidas para todas as formas de atendimento psicoterapêutico mediado por computador realizado por psicólogo, independente de sua nomenclatura, como psicoterapia pela Internet, ou quaisquer termos que designem abordagem psicoterapêutica pela Internet, tais como psyberterapia, psyberpsicoterapia, psyberatendimento, cyberterapia, cyberpsicoterapia, cyberatendimento, e-terapia, webpsicoterapia, webpsicanálise, e outras já existentes ou que venham a ser inventadas. São também igualmente válidas quando a mediação computacional não é evidente, como o acesso à Internet por meio de televisão a cabo, ou em aparelhos conjugados ou híbridos, bem como em outras formas possíveis de interação mediada por computador, que possam vir a ser implementadas.

Art. 5o. As pesquisas realizadas sobre atendimento psicoterapêutico mediado pelo computador deverão ser identificadas com certificado eletrônico próprio para pesquisa, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia, na forma de selo, número com hiperligação ou equivalente, a ser incluído visivelmente nos meios em que são realizadas, como sites e páginas de Internet e equivalentes.

I - Para efeito do disposto acima, o psicólogo responsável pela pesquisa, que esteja regularmente inscrito em Conselho Regional de Psicologia e em pleno gozo de seus direitos,

dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia via site [www.cfp.org.br/selo](http://www.cfp.org.br/selo), com protocolo em que detalha a pesquisa da forma padronizada recomendada pelo Conselho Federal de Psicologia e pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e após análise e constatada a regularidade da pesquisa, será concedida a certificação eletrônica, devendo o psicólogo notificar ao Conselho Regional de Psicologia toda eventual mudança de endereços eletrônicos e de formatação da pesquisa realizada.

II - A hiperligação nos selos, números ou outra forma de certificado eletrônico deverá remeter ao site do Conselho Federal de Psicologia ou Conselho Regional de Psicologia onde conste o texto integral desta Resolução e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

## CAPÍTULO II - DOS DEMAIS SERVIÇOS PSICOLÓGICOS

Art. 6o. São reconhecidos os serviços psicológicos mediados por computador, desde que não psicoterapêuticos, tais como orientação psicológica e afetivosexual, orientação profissional, orientação de aprendizagem e Psicologia escolar, orientação ergonômica, consultorias a empresas, reabilitação cognitiva, ideomotora e comunicativa, processos prévios de seleção de pessoal, utilização de testes psicológicos informatizados com avaliação favorável de acordo com Resolução CFP N° 002/03, utilização de softwares informativos e educativos com resposta automatizada, e outros, desde que pontuais e informativos e que não firam o disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo e nesta Resolução, sendo garantidas as seguintes condições:

I - Quando esses serviços forem prestados utilizando-se recursos de comunicação on line de acesso público, de tipo Internet ou similar, os psicólogos responsáveis deverão ser identificados através de credencial de autenticação eletrônica por meio de número de cadastro com hiperlink, hiperligação ou outra forma de remissão automática, na forma de selo ou equivalente, desenvolvido e conferido pelo Conselho Federal de Psicologia. Os selos, números ou outros tipos de certificados eletrônicos conferidos trarão a identificação do ano de sua concessão e prazo de validade, a critério do Conselho Federal de Psicologia. As hiperligações ou remissões automáticas dos certificados eletrônicos concedidos deverão necessariamente remeter à página do site do Conselho Federal de Psicologia que conterà o texto integral desta Resolução e também os números de cadastro ou sites que estejam em situação regular, e outras informações pertinentes a critério do Conselho Federal de Psicologia.

II – Para efeito do disposto acima o psicólogo responsável técnico pelo serviço, que esteja regularmente inscrito em Conselho Regional de Psicologia e em pleno gozo de seus direitos, dirigirá requerimento ao Conselho Regional de Psicologia via site [www.cfp.org.br/selo](http://www.cfp.org.br/selo), prestando as informações padronizadas solicitadas em formulário a respeito da natureza dos serviços prestados, qualificação dos responsáveis e endereço eletrônico, e receberá certificação eletrônica do tipo adequado que deverá ser incluída visivelmente em suas

comunicações por meio eletrônico durante a prestação dos serviços validados. O procedimento de cadastro e concessão de certificado eletrônico será sempre gratuito.

III – A Comissão Nacional de Credenciamento de Sites avaliará os dados enviados para a aquisição de certificação, e encaminhará parecer a ser julgado na Plenária do Conselho Regional de Psicologia em que o psicólogo requerente está inscrito.

IV – Da decisão do Conselho Regional de Psicologia caberá recurso voluntário ao Conselho Federal de Psicologia.

V – O Conselho Regional de Psicologia utilizará os dados enviados pelo requerente para verificar e fiscalizar os serviços oferecidos pelos psicólogos por comunicação mediada pelo computador à distância. Na detecção de qualquer irregularidade nos serviços prestados, o Conselho Regional de Psicologia efetuará os procedimentos costumeiros de orientação e controle ético.

VI -O cadastramento eletrônico deverá ser atualizado anualmente junto ao Conselho Regional de Psicologia via site [www.cfp.org.br/selo](http://www.cfp.org.br/selo). Essa reatualização deverá ser sempre gratuita, e o novo certificado conferido trará a data de sua concessão e prazo de validade. Os serviços em situação irregular não receberão a revalidação do cadastramento.

VII – O psicólogo responsável pelo site deverá informar ao Conselho Regional de Psicologia, via site [www.cfp.org.br/selo](http://www.cfp.org.br/selo) alterações no serviço psicológico prestado.

Art. 7o. Caso o Sistema Conselhos de Psicologia identifique, a qualquer tempo, irregularidades no site que firam o disposto nesta Resolução, no Código de Ética Profissional do Psicólogo e na legislação profissional vigente estará configurada falta ética e o site será descredenciado.

Art. 8º. É permitido aos psicólogos que prestam os serviços indicados no

Art. 6º desta Resolução a cobrança de honorários desde que se respeite o Art. 20 do Código de Ética Profissional do Psicólogo que veda a utilização do preço como forma de propaganda.

Parágrafo Único - Caso o psicólogo queria prestar um serviço gratuito, o mesmo deverá seguir o padrão de qualidade e rigor técnico que trata essa Resolução sendo necessário seu credenciamento.

Art. 9º Será mantida, pelo Sistema Conselhos de Psicologia, Comissão Nacional de Credenciamento de Sites que além da avaliação dos sites, apresentará sugestões para o aprimoramento dos procedimentos e critérios envolvidos nesta tarefa e subsidiará o Sistema Conselhos de Psicologia a respeito da matéria.

Art. 10. Para realização do credenciamento de sites de que tratam os artigos anteriores a Comissão Nacional de Credenciamento de Sites terá um prazo máximo de 30 dias para encaminhar sua avaliação ao CRP.

I - Da data de recebimento do parecer da referida Comissão, o Plenário do Conselho Regional de Psicologia terá o prazo máximo de 60 dias para efetuar o julgamento.

II – Da decisão do CRP, as partes terão um prazo de 30 dias a contar da data da ciência da decisão para interpor recurso ao Conselho Federal de Psicologia.

Art. 11. Ficam revogadas as disposições em contrário, em especial a Resolução CFP n.º 003/2000.

Art. 12. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.<sup>2</sup>

\_\_\_\_\_

Ao receber o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por arquivo eletrônico, via e-mail e encontrando-se já assinado pela pesquisadora, o participante deverá assiná-lo, escaneá-lo e devolvê-lo também por arquivo eletrônico ou por fax, de acordo com sua conveniência, anexando uma cópia de um documento de identidade.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos no endereço eletrônico carlapd@uol.com.br ou no telefone (19) 9705.0535, bem como no telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa (19) 3343-6777 ou pelo email comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Carla Pontes Donnamaria  
CRP 06/52902-1

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_  
abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, ciente de que a prática do atendimento psicológico mediado pelo computador não tem seus resultados ainda suficientemente comprovados pela ciência, e tendo o direito de solicitar a retirada de meu consentimento a qualquer momento ao longo dessa experiência sem que isso cause qualquer prejuízo a minha pessoa, concordo em participar desta pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

<sup>2</sup> Brasília (DF), 18 de agosto de 2.005, por Ana Mercês Bahia Bock, Conselheira-Presidente.